LEANDRO LEÃO ALVES

Arte, Arquitetura e Estado: o Palácio Itamaraty em Brasília 1959-70.

Versão original

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de “Mestre em Ciências” no Programa: Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Alves, Leandro Leão
Arte, Arquitetura e Estado: o Palácio Itamaraty em
Brasília 1959-70 / Leandro Leão Alves; orientadora Ana Lucia
Duarte Lanna. - São Paulo, 2019.
158.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de
concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do
Urbanismo.

1. Palácio Itamaraty. 2. Brasília. 3. Arquitetura Moderna
Brasileira. I. Lanna, Ana Lucia Duarte, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <<http://www.fau.usp.br/fichacatalogica/>>

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: ALVES, Leandro Leão

Título:

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

À Fapesp, pela bolsa que viabilizou o elaboração desta dissertação

À Profa. Dra. Ana Lanna, pela orientação precisa, paciente e transformadora; pelo privilégio que é compartilhar desde a graduação.

Ao grupo de orientandos: Amália, Cadu, Thales, Pedro, Otávio, Gabriela e Natália.

Aos Profs. Drs. José Lira, Maria Cecília França Lourenço, Ana Paula Simioni, Paulo Garcez Marins pelo comentários durante as disciplinas

À Profas. Dras. Joana Mello e Sonia Salztein pelas críticas na qualificação

Ao Prof. Dr. Bernardo Pericás pela consulta a seu arquivo particular

Ao Prof. Dr. Eduardo Rossetti, por me receber em Brasília e pelo diálogo desde o início.

Ao Conselheiro Heitor Grafenei, pelos material cedido e pelas indicações preciosas no Itamaraty

À Profa. Dra. Fernanda Fernandes pela disponibilidade e pelos apontamentos durante o estágio docência.

Ao Prof. Dr. Agnaldo Farias, pela generosidade durante a pesquisa na graduação, semestre deste trabalho.

Aos amigos Vitor Próspero e Fabiana Paiva, pela companhia e diálogo nessa jornada.

Ao Trajano Pontes pelo cuidado com a revisão de texto primorosa, pelo auxílio na sistematização das fontes primárias, pelo apoio em tudo.

Aos meus pais e irmão, pelo apoio e por compreenderem minhas ausências.

RESUMO

O Palácio Itamaraty, projeto de Oscar Niemeyer inaugurado em 1970 em Brasília, se mostra como um dos lugares mais potentes da problematização das relações entre a arte e a arquitetura modernas brasileiras, a chamada síntese das artes. Nele há ao mesmo tempo um conjunto diverso de obras de arte integradas à arquitetura, em número, em qualidade e em multiplicidade de suportes. Concebidas em um intervalo de anos praticamente idêntico, provêm de artistas de diferentes gerações e relacionados a grupos distintos tais como, por exemplo: Mary Vieira, Franz Weissmann, Roberto Burle Marx, Alfredo Volpi, Athos Bulcão e Sérgio Camargo.

A síntese das artes será uma das características da arquitetura moderna brasileira, como elemento de projeto – materializado em painéis, murais e esculturas –, mas também como forma de legitimação da arquitetura nacional, em um campo ampliado até mesmo internacionalmente. Na historiografia da arte e da arquitetura, predomina a ideia de integração das artes a partir de uma raiz supostamente homogênea, não apenas estética, discursiva e poética, mas como parte de um circuito de profissionais envolvidos bastante limitado.

É em contraposição a essa pretendida síntese das artes ancorada em uma raiz homogênea que surge o objeto desta pesquisa, o Palácio Itamaraty. Nele há presença de agentes externos às esferas da arte e da arquitetura, destacadamente o diplomata Wladimir Murtinho, cuja atuação é protagonista das definições do Palácio Itamaraty. Assim, esse edifício nos aponta como um momento de clivagem para as práticas da síntese das artes no Brasil, que teve o Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro como modelo e também fonte recorrente de estudos da historiografia canônica. O Itamaraty indica, além disso, a emergência das questões curatoriais e museológicas, colocando o objeto em questão no vértice das questões historiográficas.

Palavras-chaves: Palácio Itamaraty; Brasília; Arquitetura moderna brasileira

ABSTRACT

The construction of Brasília raises important questions about the very foundation of Brazil's modern identity, especially in the fields of art and architecture. The relation between these two, the "synthesis of the arts", is one of the key aspects of Brazilian modern architecture, as it served to legitimate the country's architecture within its borders and abroad. According to Brazilian canon historiography, based on the aesthetic and narrative perspectives and the small number of artists/architects involved, the integration of the arts would have emerged from a supposedly homogeneous movement.

This research focuses on one of the new national capital's buildings, the Itamaraty Palace, headquarters of the Ministry of External Relations, to try to challenge this almost undisputed view of homogeneity. Actually, the building, with its gardens and integrated art, seems to represent a unique ensemble: its almost 20 works of integrated art were commissioned practically within the same period (1965-1969) from artists of different generations and different artistic groups.

From this peculiar object, this research will debate the synthesis – syntheses? – of the arts in the country and challenge the dominant view of one single movement of modern art and architecture in Brazil.

Key-words: Itamaraty Palace; Brasília; Brazilian modern architecture

SUMÁRIO

Introdução	07
SÍNTESE, RUÍDO E CLIVAGEM	
Primeiro capítulo	13
DA GUANABARA À NOVA CAPITAL: 1942-1970.	
Segundo capítulo	52
A CONSTRUÇÃO DE UM PALÁCIO-MUSEU: 1959 A 1970	
Terceiro Capítulo	105
RIO-SÃO PAULO + BRASÍLIA	
BIBLIOGRAFIA	146
APÊNDICES E ANEXOS	157

0. INTRODUÇÃO: SÍNTESE, RUÍDO E CLIVAGEM

A construção de Brasília propõe questões de formações da identidade nacional moderna brasileira, sobretudo nas áreas da arte e da arquitetura. Esta pesquisa surge a partir de uma perspectiva ampliada da formulação da nova capital: além da sua implantação urbana e edificada, também considera o projeto de nação então pretendido.

A relação entre arte e arquitetura, a chamada *síntese das artes*¹, é uma das características definidoras da arquitetura moderna brasileira. Essa prática – materializada em painéis, murais e esculturas – está presente em diversos edifícios da cidade-capital, e revela-se como uma forma de legitimação da arquitetura nacional, tanto internamente quanto internacionalmente.

Na historiografia da arte e da arquitetura brasileiras, prevalece a tese de que a integração entre os dois campos teria ocorrido a partir de uma raiz supostamente homogênea, não apenas dos pontos de vista da estética, da narrativa e da poética, mas também pela ideia de que a integração teria ocorrido a partir de e dentro de um circuito de profissionais bastante limitado.

É em contraposição a esse pensamento vigente – é dizer, essa síntese das artes pretensamente ancorada em uma raiz homogênea – que surge o objeto desta

¹ Nesta pesquisa será utilizado o termo “síntese das artes”, visto que a expressão “integração das artes”, usada por Lucio Costa, imprime uma ideia de soberania da arquitetura sobre as artes plásticas. Sobre essa análise, ver: CAMPOS, 2001, p. 67. Usa-se, no entanto, o termo “arte integrada” de forma a caracterizar obras que estão inseridas em edifícios. Essa discussão será analisada no Capítulo 3.

pesquisa: o Palácio Itamaraty², em Brasília, projetado por Oscar Niemeyer e inaugurado em 1970. Defende-se que as obras de integração arquitetônica na atual sede do Ministério das Relações Exteriores representam, em realidade, um conjunto interessante e singular. Isso porque elas foram concebidas em um intervalo de anos praticamente idêntico (1965-1970) e provêm de artistas de diferentes gerações e vinculados a diversos grupos/correntes artísticas, ao contrário do que se observou em outros edifícios brasileiros construídos na época, os quais até hoje lograram sustentar a visão supostamente hegemônica.

Nesse sentido, contribuíram com obras de integração do Itamaraty os seguintes artistas: Bruno Giorgi, Mary Vieira, Franz Weissmann, Pedro Correia de Araújo, Roberto Burle Marx, Alfredo Volpi, Rubem Valentim, Emanuel Araújo, Victor Brecheret, Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Sérgio Camargo, Maria Martins e Paulo Werneck e Lasar Segall.

Será a partir desse objeto, as obras de integração arquitetônica do Itamaraty, que esta dissertação debaterá a relação entre a arte e a arquitetura, em suas relações espaciais e seus circuitos profissionais. O Itamaraty, aqui, pode ser entendido com um *ruído na interpretação dominante* da historiografia da

² O Palácio Itamaraty e seus Anexos, incluindo seus jardins e suas obras de arte e bens integrados, foi declarado patrimônio federal em 2016 pelo IPHAN, no Processo nº 1550 –T-07. O processo efetua o tombamento individual de 25 obras de Oscar Niemeyer em Brasília, como o Palácio da Alvorada, o Planalto, o Congresso Nacional e o Teatro Nacional. Em 2007, uma série de obras de autoria de Oscar Niemeyer já haviam sido tombadas provisoriamente pelo IPHAN através do Processo nº. 1550-T-07.

arquitetura, assim como Carlos Martins (1987) qualifica a assincronia da Semana de 22.

A aproximação deste objeto se dá a partir da observação desse conjunto singular de obras no Palácio ao após a pesquisa de Iniciação Científica sobre as obras do artista Athos Bulcão em Brasília, realizada entre 2011 e 2013, durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU USP, sob orientação do Prof. Dr. Agnaldo Farias e com bolsa Fapesp.³

Destaca-se um protagonista que não é arquiteto nem artista, o diplomata Wladimir Murtinho. Um dos principais responsáveis pela transferência da chancelaria do Rio de Janeiro para Brasília, Murtinho foi o maestro não apenas das ações políticas, mas também do diálogo com os profissionais e da escolha das obras de arte que permitem caracterizar o edifício como um *palácio-museu*. Assim, esta pesquisa também apontará a fronteira entre a síntese das artes e a o nascente sistema de arte do eixo Rio-São Paulo.

A pesquisa pretende, enquanto objetivo geral, apontar as distintas faces da questão do moderno brasileiro e, em especial, a pluralidade e as disputas subjacentes aos discursos de síntese das artes. Para isso, ela terá como objeto específico as obras de arte integradas ao edifício do Itamaraty e que foram

³ A esta bolsa foi vinculada na época o estágio de pesquisa sob o título “Arte e Arquitetura - o debate sobre a síntese das artes na Europa: a recepção crítica das ideias de Le Corbusier e Fernand Léger”, pela da Bolsa de Estágio em Pesquisa no Exterior Fapesp (BEPE-IC), durante os meses de janeiro a abril de 2013, com supervisão do Prof. Dr. Jacques Leenhardt na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, EHESS.

executadas em um mesmo arco temporal. Conforme se pretende demonstrar, essa diversidade de artistas e grupos artísticos – tão única em Brasília e no país de então – não decorreu da mera passagem do tempo, mas era sim contemporânea e convivia, de certo modo, sob um mesmo campo em comum.

O Palácio Itamaraty pode ser lido como o ápice – mas também, conforme essa pesquisa irá propor, como ponto de *clivagem*⁴ – das relações entre profissionais, dos agentes e dos trâmites que estão por trás de uma ideia que se pretende ser de integração entre arte e arquitetura.

Pode ser considerado o ápice por reunir um a maior quantidade e diversidade de obras de arte integradas à arquitetura, mesmo em um contexto fora de Brasília. Pode, no entanto, ser visto como o ponto de clivagem dessas relações porque como será visto no decorrer desta pesquisa, as obras e os agentes para as relações entre a arte e a arquitetura ao mesmo tempo se relacionam com um grupo consolidado pelos arquitetos modernos cariocas, mas também inclui outros profissionais e diferentes relações institucionais que apontam uma prática

⁴ “clivagem (cli.va.gem) sf: 1 ato ou efeito de clivar; 2 embr cada uma das divisões iniciais do zigoto, 3 gram.gener encaixamento de uma oração relativa com exclusão de um sintagma nominal constituinte da frase relativizada (p.ex.: da matriz ele gosta de poesia, obtém-se é de poesia que ele gosta por extração de poesia e relativização pelo que); 4 miner propriedade que apresentam certos minerais de se fragmentar ao longo de planos paralelos «a c. da mica em lamelas»; **5 (d1970) p.ext.; pol, soc separação, diferenciação ou oposição de grupos sociais ou étnicos (classes, partidos, povos, coletividades etárias etc.); 6 quím o quebrar de uma molécula complexa, como uma proteína, em moléculas mais simples; 7 fig. separação, diferenciação ou oposição entre duas ou mais coisas quaisquer «a c. entre o cinema de autor e o dito comercial»** (DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>> Acessado em 02/02/2019. Grifos nosso)

diversa desse grupo. Entender e expor esse debate, a partir de um objeto bem delimitado, é o norte da dissertação de mestrado desde seu início.

Partindo dessas premissas, foram propostos como ponto de partida alguns objetivos que fossem capazes de estabelecer a multiplicidade do moderno brasileiro:

I. Compreender as relações das obras de arte integradas ao Palácio Itamaraty, seus diálogos e embates travados sob a chave da arte integrada e da identidade nacional.

II. Analisar os diferentes discursos possíveis de sínteses das artes, construídos pelos profissionais, pela crítica e também por pesquisas acadêmicas, além das diferentes formas como tais discursos são apropriados e interpretados a partir das vanguardas europeias.

III. Investigar os circuitos profissionais e sociais em questão. Quais decisões e escolhas são feitas pelos artistas e arquitetos? Como atuam outros agentes no projeto? Quais aproximações e/ou confrontos se estabelecem na construção coletiva de definições para o Itamaraty entre arquiteto, artistas e o diplomata Wladimir Murtinho?

As discussões travadas durante o percurso da pós graduação – nas discussões com a orientadora, nas disciplinas cursadas, nos debates no âmbito do grupo de pesquisa, na participação de eventos científicos, na leitura da bibliografia geral e específica sobre o Palácio Itamaraty e, finalmente, a atividade de pesquisa documental, principalmente no Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores (MRE), permitiram identificar e construir três pontos importantes, pontos esses que estruturam cada capítulo:

1) A compreensão do Palácio Itamaraty e do Ministério das Relações Exteriores enquanto uma grande instituição nacional e a formação de seus espaços ao longo do tempo. A atuação de Wladimir Murtinho como um dos protagonistas da transferência do MRE do Rio de Janeiro para Brasília, aparecendo o diplomata como figura central no diálogo com Oscar Niemeyer para a concepção do edifício enquanto espaço que deveria representar a história e a modernidade brasileira. A participação de um conjunto de diversos agentes na execução do projeto de autoria de Oscar Niemeyer. Além dos artistas citados acima e de Murtinho, merecem destaque os arquitetos Milton Ramos e Olavo Reidig de Campos, o diplomata Luiz Brun, os designers de mobiliário Joaquim Tenreiro, Sergio Rodrigues, Bernardo Figueiredo e Karlheinz Bergmiller, e os designers de iluminação Esther Estiler e Livio Levi.

2) A relação direta do espaço arquitetônico com as obras de arte integradas, algumas das quais podem ser vistas em desenhos técnicos do edifício, inclusive em suas diferentes fases de desenvolvimento. A elaboração de chaves de análises dessas obras.

3) A questão da síntese das artes na historiografia da arquitetura no país: seu discurso, sua prática e sua veiculação. Somado a isso, a relação do Ministério das Relações Exteriores com a compra, a circulação e o fomento às artes visuais, seja pela aquisição de obras, seja pelo patrocínio a artistas e exposições e o diálogo com museus.

A pesquisa de fontes primárias no MRE foi feita em quatro viagens, entre 2017 e 2019. Além do acesso privilegiado ao material, vale destacar a possibilidade de convívio quase diário com o Palácio e as obras de arte, experiência fundamental para a aproximação ao objeto estudado.

1. Primeiro capítulo: DA GUANABARA À NOVA CAPITAL: 1942-1970.

1.1. REFORMAS DA CASA E O NOVO PALÁCIO

Esta seção aborda a construção do novo espaço físico do Ministério das Relações Exteriores em Brasília, bem como a sua mudança enquanto instituição governamental, contemporânea à construção da nova sede para receber o órgão. Começamos pela parte física.

O Ministério das Relações Exteriores, Palácio Itamaraty, está incluído no segundo momento⁵ de projetos do arquiteto Oscar Niemeyer para prédios oficiais de Brasília. Realizado com cálculos estruturais do engenheiro Joaquim Cardozo e do arquiteto Luiz Bustamante, foi concebido, projetado e construído entre os anos de 1959 e 1970, isto é, entre meados do mandato presidencial de

5 Julio Katinsky organiza a obra de Oscar Niemeyer em Brasília em três tempos: 1) “Tempos de Juscelino, tempos de esperança”; 2) “Tempos de Ditadura (1964-1984); 3) “Tempos de José Aparecido”. Ao lado do Itamaraty, Katinsky aponta outras obras desse segundo período: Universidade de Brasília, Palácio do Ministério do Interior (Justiça), Ministério do Exército e o Memorial Juscelino Kubitschek (1991, p. 16). Guilherme Wisnik também classifica o Itamaraty dentro de um segundo momento de Niemeyer em Brasília e descreve: “O edifício do Ministério das Relações Exteriores, conhecido como Palácio dos Arcos, faz parte da segunda leva de projetos feitos por Oscar Niemeyer para os prédios oficiais de Brasília, tendo sido inaugurado apenas em 1970. Diferentemente dos primeiros palácios (da Alvorada, do Planalto e o Superior Tribunal Federal), que se caracterizaram tanto pelo dinamismo recortado de seus apoios quanto pela combinação luminosa entre o mármore branco e os vidros esverdeados, a sede do Itamaraty foi pensada segundo uma configuração mais austera: um rigoroso conjunto de pórticos de concreto aparente em arcadas simétricas, sutilmente coloridos de ocre e marcados por finas faixas horizontais decalcadas das fôrmas de madeira, encerrando uma caixa cristalina de vidro escuro.” (2013, p. 37).

Juscelino Kubitschek (1956-1961) e a os primeiros anos da ditadura civil-militar (1964-1985).

Entre 1959 e 1970, sucederam-se versões do projeto até que se chegasse ao resultado construído. A semente do que viria a ser a nova sede da chancelaria brasileira aparece na edição de 1959 do extenso Relatório do Ministério das Relações Exteriores, forma de sumário das atividades da pasta no referido ano, apresentado ao Presidente da República. Ali, sob o título “Prédio definitivo para o Ministério das Relações Exteriores em Brasília”, a primeira versão do projeto, e a introdução de ajustes que levariam a uma segunda, é descrita nos seguintes termos:

O estudo inicial feito pelo arquiteto Oscar Niemeyer para a sede definitiva do Ministério das Relações Exteriores em Brasília foi examinado pelo Grupo de Trabalho de Transferência para Brasília, que resolveu alterar parte do programa que serviu de base ao seu traçado.

O Serviço de Conservação do Patrimônio elaborou as plantas com o novo programa, introduzindo uma infinidade de pequenas modificações que garantirão um funcionamento perfeito para a sede em apreço.

Todas as alterações feitas receberam plena aprovação de Oscar Niemeyer (MINISTÉRIO, 1959, pp. 271-272)

Esse mesmo Relatório descreve a implantação das instalações provisórias do Grupo de Trabalho de Transferência do MRE para Brasília:

O Ministério das Relações Exteriores ficará provisoriamente instalado nos quatro primeiros andares do prédio do Ministério da Saúde em Brasília.

O Serviço de Conservação do Patrimônio estudou e aprontou o projeto para a instalação da Secretaria de Estado, seguindo, nesse trabalho, a orientação geral do Grupo de Trabalho de Transferência para Brasília e tendo a auxiliá-lo o assessoramento do chefe da Divisão Cultural (MINISTÉRIO, 1959, p. 272)

Em sua primeira sede temporária em Brasília, o Grupo teve atribuições relacionadas não somente ao desenvolvimento do projeto, da construção e da transferência da chancelaria para a nova capital, mas também exerceu tarefas típicas de uma chancelaria, ou seja, assessorando e trabalhando em conjunto com outros Ministérios, a Presidência da República e o Congresso Nacional.⁶

Os primeiros meses de trabalho em Brasília são descritos no Relatório de 1960, ano em que foi lançada a pedra fundamental no terreno reservado ao novo edifício, em 11 de setembro:

Com a instalação do Governo Federal na nova capital, o Ministério das Relações Exteriores transferiu para Brasília diversos de seus órgãos visando a estabelecer um núcleo político-administrativo em função do qual se completaria a mudança. Foram, assim, estabelecidos em Brasília o Gabinete, a Introdutória Diplomática, o Serviço de Relações com o Congresso e criada a Seção de Expedientes.

Nestes setores encontram-se lotados 31 funcionários, sendo 9 diplomatas, 12 administrativos e 10 de portaria.

Além dos encargos específicos de cada órgão, cuidou o Ministério de manter os entendimentos necessários à construção da nova sede,

⁶ Até a transferência definitiva em 1970, a instituição terá suas atividades distribuídas entre Rio e Brasília. Depois disso, a sede carioca será denominada como Escritório de Representação do Ministério das Relações Exteriores, ERERIO.

concorrendo para o lançamento da pedra fundamental do Palácio Itamaraty, realizado em 11 de setembro. O Ministério também se manifestou assegurando as melhores condições de instalação a seus funcionários transferidos, concedendo-lhes facilidades de condução e alimentação, e auxiliando na mudança para as novas residências.

Contatos foram estabelecidos com as autoridades da Prefeitura do Distrito federal, da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, o grupo de Trabalho de Transferência para Brasília, visando a criar as condições básicas para o bom andamento das sucessivas etapas de transferência dos funcionários e das repartições do Ministério ainda no Rio de Janeiro.

O Gabinete assessorou o Ministro de Estado, recebendo dos demais órgãos da Secretaria, que ainda se encontravam no Rio de Janeiro, os vários expedientes, para despacho ministerial e, ao mesmo tempo, fazendo a ligação do Ministério com a Presidência da República e com os outros Ministérios. Por outro lado, coube ao Gabinete transmitir à Secretaria Geral e aos departamentos as determinações ministeriais e os expedientes já devidamente despachados.

[...]

O Serviço de Relações com o Congresso se encarregou da ligação, necessária ao bom andamento dos trabalhos do Ministério, com a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, principalmente tendo em vista o assessoramento que se torna necessário quando se deliberam assuntos referentes à política internacional do país. (MINISTÉRIO, 1960, pp. 213-215)

O trecho transcrito acima revela a complexidade do trabalho realizado pelo grupo pioneiro do MRE em Brasília, não apenas na construção de sua nova casa, mas também junto a órgãos distritais e outros federais, que, neste período, dividiam-

se entre o Rio de Janeiro e a nova capital. Vale destacar ainda as funções de cerimonial e de recepção a inúmeras personalidades estrangeiras que visitaram Brasília nos anos 1960.

O embaixador Wladimir Murtinho recorda-se dos primeiros anos do processo de construção do edifício e transferência para o planalto central:

Porque vejam bem, inaugura-se um 1960 e o primeiro ministério que veio para cá, foi em 69, que fomos nós, os outros vinham pequenos gabinetes que chegavam aqui e voltavam. Ou seja, a pessoa viu, percebeu que só tinha importância o funcionário que estivesse apoiando ao seu próprio ministro. Como os ministros continuavam no Rio de Janeiro, e só vinham despachar com o presidente da República, aqui havia apenas um núcleo. No caso do Itamaraty, nós imaginamos, portanto, a necessidade de fazer algo muito imponente, para conquistar literalmente os nossos colegas.

[...]

Veja bem, em 64 não há um só ministério aqui. Eu estava aqui e passava quatro dias por semana aqui... Voltava ao Rio de Janeiro, onde residia, portanto eu trabalhei de 63 a 69, sem interrupção na construção do palácio, exclusivamente com a finalidade de seguir e eu era também chefe de gabinete? Um pequeno gabinete que havia aqui, eu assessorava o ministro quando ele vinha, e mais do que isso, fazia as relações do Itamaraty com o Congresso. Havia ao longo desse tempo dúvida se o palácio ia ser terminado alguma vez. Veja bem como é longo não? (MURTINHO, 1990, pp. 4-5)

Do ponto de vista da execução da empreitada, os esforços de Murtinho na concretização do novo palácio a partir de 1963, mencionados acima, coincidem com a terceira versão do projeto. É que os estudos de Eduardo Rossetti apontam

três versões sucessivas do estudo preliminar do projeto do Itamaraty (1959, 1960 e 1963). Sobre esta última, Rossetti escreve:

Impressiona constatar que tais desenhos já definem o partido de organização da planta em três partes, com um grande átrio sinuoso e escala helicoidal monumental na parte central; resolvem o sistema de modulação estrutural das colunas, apresentam a predefinição da modulação de toda a planta em 6x6m – denominada “matriz”, que inclui as caixas de circulação vertical. As plantas revelam um tratamento diferenciado, há indicação de vidro com lápis azul no corte, há predefinição do jardim no “terraço” do último pavimento, cujo arranjo de salões em L está prefixado. (ROSSETTI, 2017, p. 27.)

Quando se pensa na construção da nova sede do MRE, é importante ressaltar que a mudança não se restringia ao mundo físico e concreto. Em realidade, trocava-se a vestimenta (o Palácio envoltório), mas, concomitantemente e sobretudo, modernizava-se a própria instituição.⁷

Basta ter em conta que a mudança para a nova capital coincide com uma reforma institucional da chancelaria, que já havia sido iniciada no pós-guerra, em função de aspectos como “*a criação da ONU, o desenvolvimento de suas múltiplas atividades e o início da chamada diplomacia parlamentar*”. (Castro, 2009, p.446). Assim, é necessário entender não apenas o contexto da nova capital, mas também a perspectiva da instituição MRE quando da sua transferência para Brasília.

⁷ Esse tópico será detalhado mais adiante.

A mudança de atuação da diplomacia brasileira está relacionada a uma nova conjuntura da política internacional após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), conforme descreve Flávio Castro:

Em todas as transformações caleidoscópicas ocorridas no período de após-guerra até 1960, a Diplomacia teve um papel fundamental destacado como fator atuante na Política de cada país para a consecução, ou salvaguarda, dos seus objetivos nacionais de caráter permanente.

Para o acompanhamento da evolução da conjuntura internacional, as nações tiveram que ampliar seus órgãos de segurança e de cooperação internacional e reestruturar a organização dos seus respectivos Ministérios encarregados das relações exteriores. Assim, ocorreu com o Departamento de Estado norte-americano, com o *Foreign Office* britânico, com o *Quai D'Orsay* francês, com o *Gaimuchô* japonês, com a *Farnesina* italiana e com tantos outros. (CASTRO, op, cit, p. 446).

A mudança estrutural e funcional da chancelaria pode ser inserida no contexto mais amplo de análise do processo de projeto, construção e transferência do Palácio Itamaray em Brasília. Para os fins da análise empreendida neste trabalho, defendemos o seguintes tópicos neste capítulo, a ser percorrido nos subitens abaixo: (ii) identificação do papel dos principais agentes (BORDIEU, 1996) envolvidos, e (iii) análise da importância do novo edifício na perspectiva histórica do MRE, mas também de Brasília como um todo, enquanto cidade e enquanto capital federal.

,

1.1.1. Entre arquitetos e diplomatas, agentes de construção e transferência

O edifício do Itamaraty é símbolo do que se pretendia como imagem de nação para projeção internacional, dada sua função de Ministério das Relações Exteriores, e um dos palácios mais simbólicos da capital, na visão do próprio Murtinho: “[...] *vejam que a posição do Ministério das Relações Exteriores é toda peculiar, ela está justo na entrada da Praça dos Três Poderes, ou seja, é quase uma portaria. É uma portaria internacional, se assim podemos dizer, da Praça dos Três Poderes [...]*” (MURTINHO, 1990, p. 2)

Conforme defende Rossetti, a autoria do projeto é de Oscar Niemeyer, mas é preciso dar luz e crédito a vários outros profissionais⁸, envolvidos desde o desenvolvimento do projeto do edifício em suas diversas áreas (edificação, jardins e interiores) até a viabilização política e financeira da transferência do órgão do Rio de Janeiro para Brasília. Sobre os profissionais envolvidos, neste trabalho referidos como os agentes (BOURDIEU, 1996) Rossetti aponta:

“Depreende-se a seguinte organização: o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer foi desenvolvido por Milton Ramos, vinculado à construtora [Pederneiras]; Olavo Redig de Campos cuidava dos arranjos internos da planta e da definição dos materiais e acabamentos do palácio; Luiz Brun atuava junto à imprensa, para atizar a curiosidade e acelerar a consecução do projeto arquitetônico; Wladimir Murtinho é o grande responsável pela empreitada dentro da própria instituição, articulando-se com outros diplomatas para cumprir a missão de transferir o Itamaraty para Brasília. Destaca-se sua atuação para

⁸ Vale lembrar do autoexílio de Niemeyer durante parte da Ditadura Civil-Militar e, por isso, a sua ausência no desenvolvimento do projeto. Segundo relatos, mesmo nesse contexto, ele acompanhava seus projetos no Brasil a distância. Ver: Entrevista de Maria Clara Redig de Campos concedida a Américo Freire e Lupita Lippi Oliveira em 22/09/2004, no Rio de Janeiro, p. 138.

mobiliário e equipar o palácio com móveis antigos e modernos, valorizando o design brasileiro e com obras de arte de renome, contribuindo para modernizar a instituição e deixar o palácio apto a representar muito bem o Brasil.

Para tanto, Murtinho articulou o convite a Roberto Burle Marx para elaborar os projetos de paisagismo para os jardins externos e internos do palácio. Além dos jardins, Burle Marx desenhou uma tapeçaria para a Sala Brasília que se integra ao conjunto de grandes obras de arte. Wladimir Murtinho foi também o responsável por escalar artistas e escolher obras que organizariam os novos espaços palacianos. Em afinidade com as soluções de Olavo, comandando toda a instalação e a colocação das obras de arte, mobiliário e tapetes para deixar o palácio impecável.”⁹

Passemos a discorrer sobre os agentes mencionados por Rossetti. Começamos pelo Embaixador Murtinho. Um dos principais responsáveis pela transferência da chancelaria do Rio de Janeiro para Brasília, foi o maestro não apenas das ações políticas, mas também do diálogo com os profissionais e da escolha das obras de arte que permitem caracterizar o edifício como um *palácio-museu*¹⁰.

9 ROSSETTI, 2017, op. cit., p. 34.

10 A designação sede do MRE como um local que dialogava com um espaço museográfico remonta aos tempos em que ela ficava no Rio de Janeiro, antiga capital federal. Sobre o edifício carioca, Gustavo Barroso já escrevia, em 1968: “Daí o ter o Palácio Itamaraty se tornado com o correr dos anos verdadeiro ninho de tradições, uma escola de brasilidade e um acervo de preciosas relíquias a lembrarem fatos e personagens culminantes da vida nacional. É, assim, no bom sentido da expressão, o que pode ser denominado um **Ministério-Museu**” (1968, p. 149. Grifo nosso). Por sua vez, Graça Ramos, ao analisar as obras de arte do Itamaraty em Brasília, qualifica o edifício como um *palácio-museu* (2017, p. 100). Também vale destacar que em 1955 foi criado o Museu Histórico e Diplomático, MHD, como uma unidade do Ministério. O MHD

Trata-se de um personagem que, mesmo não sendo nem artista nem arquiteto, afetará diretamente a escolha das obras do Itamaraty e a construção da identidade nacional manifestada por meio do edifício.

Murtinho nasceu em 1919 em São José, capital da Costa Rica¹¹. Sua família, tanto materna¹² quanto paterna, incluía chefes políticos. O pai, Antônio José do Amaral Murtinho (1885-?), vinha de tradicional família¹³ de políticos do Mato

possui caráter histórico e institucional do próprio Itamaraty. O museu está alocado no edifício do Ministério no Rio de Janeiro. Sobre o MHD, ver: CONDURU, 2013.

11 Dados disponíveis em < <http://www.arpdf.df.gov.br/wladimir-do-amaral-murtinho/>>. Acessado em 12/01/2019.

12 “[...] meu pai foi mandado para a Costa Rica, jovem secretário, e lá ficou cerca de 10, 12 anos. Casou com uma pessoa da Costa Rica, que era, acabou sendo, é... cunhada do presidente da República. E, portanto, meu pai era concunhado do presidente da República e concunhado do ministro da Guerra. E aquilo era uma pequena oligarquia, da qual fazia parte o meu pai”, (MURTINHO, 1998, p. 21.)

13 “MURTINO – Sobrenome. De murtinho, subst. comum – baga de murta, Ver Murta (Antenor Nascentes, II, 209). Família estabelecida em Goiás, com ramificações na Bahia e em Mato Grosso, para onde passou o Dr. José Antônio Murtinho [c. 1822, BA – 1888, MT], médico, que deixou numerosa e importância descendência (onze filhos) do seu cas., c.1884, em Cuiabá (MT), com Rosa Joaquina Pinheiro, filha de Joaquim Duarte Pinheiro, patriarca desta família Duarte Pinheiro (v.s.), do Mato Grosso (José de Mesquita, RIHMT, 1943). Entre os descendentes do casal: I – o filho, Dr. José Antônio Murtinho [1845, Cuiabá - ?], Senador [MG]; II – o filho, Dr. Manuel José Murtinho, Pres. De Minas Gerais [1892] e Ministro do Supremo Tribunal Federal; III – o filho, Dr. Joaquim Duarte Murtinho [07.12.1848; Cuiabá, MT – 18.11.1911], Médico, engenheiro e estadista brasileiro, Bacharel em Matemática e Ciências Físicas [RJ-1870], Senador [MT – 1890 e 1903] Ministro da Viação [1897], no Gov. Prudente de Moraes, e da Fazenda [1898], no Gov. Campos Sales, Vice-Presidente do Congresso Nacional [1905-1906], e nesta qualidade, Presidente do Congresso Nacional [1905]; e IV – o filho, doutor João Cândido Murtinho [03.10.1853, Cuiabá, MT – 18.01.1918, Rio, RJ] que passou para o Rio de Janeiro, onde deixou numerosa descendência, do seu cas., c.1878, na Capela da

Grosso, à qual pertencia também Joaquim Murtinho (1848-1911), Ministro da Fazenda responsável por recuperação econômica observada no governo Campos Sales (1898-1902). O diplomata Rubens Ricupero (1937-) descreve a trajetória de Murtinho no obituário que escreveu sobre ele, seu amigo próximo, em 2002:

Teve a infância errante de filho de diplomata. Apreendeu a velejar na Noruega, adquiriu em escola inglesa o hábito de fazer ginástica ritmada com balizas, falava francês e espanhol como línguas maternas. A adolescência, passou-a no Equador, onde o pai, num rompante de "panache", renunciou à carreira diplomática sem ter um centavo, a fim de tomar o partido local no conflito com o Peru. Jovem, apresentou-se ao cônsul-geral em Nova York, pedindo para ser repatriado. No velho navio do Lóide, em troca de lições de francês, estudou português com um dos oficiais, que lhe ensinou, como se fossem de uso diário, expressões do tipo de "fá-lo-ei, enviou-mo". Desembarcado no Rio, aprovado no concurso do Itamaraty, transformou-se quando encontrou Tuní. Juntos viveram, por quase 60 anos, uma história de amor maravilhosa, no sentido de "mirabilia", algo de inexplicável, milagre que se reinventa a cada manhã. Como todo amor verdadeiro, o deles foi aberto aos outros e atento ao trabalho e ao mundo.

Murtinho chega ao Rio de Janeiro no ano de 1930 e logo é aprovado no concurso de ingresso da carreira do MRE. Casou-se em 1944 com a artista Maria Antonieta Prado Uchôa (1922-2002), mais conhecida como Tuní. Da destacada família paulistana Prado, seus pais eram Flávio Uchôa e Ana Iolanda da Silva

Fazenda do Rio Fundo, em Maricá (RJ), com Alice Alvares de Castro [c.1856, Paris, França – 18.05.1944, RJ] bisneta do major Domingo Alvares de Castro (v.s.), do Rio de Janeiro.” (BARATA e BUENO, 1999, volume 2, p. 1586)

Prado; seus tios, o historiador Caio Prado Júnior e o pintor Carlos Prado. (FORTE, p. 2)

Nas artes plásticas, Tuni teve por mestres Roberto Burle Marx e Fayga Ostrower. Além de se dedicar à gravura, especialmente, trabalhou em instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, entre 1954 e 1961. Ali, participou da organização de exposições e produziu artes gráficas para catálogos¹⁴. Sobre sua produção artística¹⁵, Graziela Forte sintetiza:

Valendo-se de temas ligados às cenas urbanas (favelas) e rurais (etapas da produção do café), Tuni representou passagens bíblicas, além de uma série com bailarinas. Seus primeiros desenhos datam de 1945 e a maior parte das gravuras é do período em que viveu em Paris, no início dos anos 1950. A artista optou pela gravura em metal (suportes em cobre, zinco e latão) e a xilogravura (suporte em madeira). (FORTE, s/d, p. 7)

O casal Wladimir-Tuni transitou pelos circuitos de arte de São Paulo e Rio de Janeiro. Ele próprio foi uma figura importante no diálogo do MRE com as instituições de arte dessas cidades, dado seu cargo como chefe da Divisão

¹⁴ Teve a oportunidade, por exemplo, de organizar em 1957 a exposição Gravuras e Desenhos de (William) Hayter, que havia sido seu professor no Atelier 17, em Paris, França. Ao lado de Maria Helena Flexa Ribeiro e Martha Camargo, participou da montagem da exposição internacional itinerante Arte Moderna en Brasil. (FORTE, s/d, op. cit)

¹⁵ Participou de exposições como: Incisioni e Disegni Brasiliani, em Lugano, Suíça (1955); Grabados Brasileños, em Montevideu, Uruguai (1957); Salon de Mai, em Paris, França (1957), onde recebeu a menção Trés Bien; Exposição de gravadores brasileiros no Museu Rath, em Genebra, Suíça (1959); Graveurs Brésiliens, no Kunstmuseum, em Berna, Suíça (1959). (Forte, op. cit., pp. 5-6).

Cultural no MRE, de 1960 a 1962¹⁶, como conselheiro do MAM RJ, a partir de 1958 (Museu, 1959, p. s/n)¹⁷, e também no Conselho de Administração da Bienal de Arte de São Paulo, a partir de 1969.¹⁸

Passemos agora aos arquitetos. À frente da construção do novo edifício¹⁹, temos Milton Ramos, ligado à construtora Pederneiras²⁰, e Olavo Redig de Campos, funcionário da chancelaria no Setor de Conservação do Patrimônio.²¹

¹⁶ Sobre a Divisão Cultural do MRE, ver: CRESPO, 2006. Esse órgão será tratado no Capítulo 3.

¹⁷ Segundo boletins do MAM RJ, publicados até 1959, além de Murtinho, outros importantes nomes do MRE figuram na administração do museu no período: como presidente, Maurício Nabuco; como membros do Conselho Deliberativo, Assis Chateaubriand, Maria Martins, Walter Moreira Salles.

¹⁸ Disponível em: <<http://arquivo.bienal.org.br>>. Acessado em: 28/02/2019.

¹⁹ Vale lembrar do autoexílio de Niemeyer durante parte da Ditadura Civil-Militar e, por isso, a sua ausência no desenvolvimento do projeto, conforme já mencionado em nota anterior.

²⁰ Em matéria de 1966, são citados outros três funcionários da Construtora Pederneiras: Ayrton Santos, Waldyr Garcia e José Guedes de Abreu. (Correio Braziliense, “Itamarati em Brasília: a sala de visitas do Brasil”, Brasília, terça-feira, 12/02/1966, 1º caderno, p. 3.)

²¹ Somam-se ao rol os membros da equipe de Redig, composta por quatro arquitetos experientes: Carlos Augusto de Camargo, Roberto Scorzelli (AQUINO, 1967 p. 17), Jaime Zettel e Rubens Richers. A eles somavam-se as recém-formadas Blandina Fialho e Maria Clara Redig de Campos, filha de Olavo. Ver: Entrevista de Maria Clara Redig de Campos concedida a Américo Freire e Lupita Lippi Oliveira em 22/09/2004, no Rio de Janeiro, p. 138 Jornais da época também citam Jorge Hue e Athon Bulcão como membros da equipe. No entanto, apesar dessas referências, estes dois últimos são mais bem classificados como colaboradores, visto que Bulcão era funcionário da Novacap e

Ao lado de Murtinho²², esses dois arquitetos, Ramos e Redig, serão as principais figuras da construção do Palácio Itamaraty. Interessante notar as trajetórias desses dois arquitetos, que convergem para a construção da nova sede do MRE após origens e percursos bem distintos.

O carioca Ramos dirige-se ao planalto central em busca de experiência em construção civil logo depois de se formar, em dezembro de 1958, na Faculdade

Jorge Hue era um dos designers de mobiliário que, juntamente com Bernardo Figueiredo (1934-1992), desenharia o mobiliário para o grande Salão de Recepções do Palácio.

Mencionem-se também outros profissionais de design de mobiliário que fizeram projetos sob encomenda para o Itamaraty: Fernando Correia Dias (1892-1935), Aloísio Magalhães (1927-1982), Joaquim Tenreiro (1906-1992), Lívio Levi (1933-1973), Karl Heinz Bergmiller (1928), Sérgio Rodrigues (1927-2014) e Madeleine Colaço (1907-2001). (Grafenei, 2018).

²² Ao lado de Murtinho figuram diplomatas importantes na faceta política da transferência, como Luiz Brun, na articulação entre o MRE e órgãos do Distrito Federal – como a Prefeitura, a Novacap e o Governo de Brasília –; Rubens Antônio Barboza, à frente das negociações com as autoridades fazendárias, o Congresso e o Executivo (Mendes, 1995, p. 44); Maurício Nabuco (1891-1979), que, no cargo de Oficial de gabinete do Ministro Octavio Mangabeira, supervisionou a reorganização do MRE; (Grafenei, 2018).

Dada a complexidade do empreendimento, é possível que um certo número de profissionais não seja contemplado nas memórias do processo de transferência do MRE. Alguns deles aparecem em notícias como esta: *"A Comissão que foi a Brasília examinar o andamento das obras é formada pelos Ministros Vladimir Murtinho, do Gabinete do Ministro Araújo Castro, no Distrito Federal, e João Gracie Lampreta, Chefe de Cerimonial, Srs. Natividade Petit, Jorge Carlos Ribeiro e Pedro Penner da Cunha, e engenheiros Olavo Redig de Campos e Luígio Belo Gomes Matos."* ("Exterior", 1964, p.12.).

Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Integrou-se logo ao corpo de funcionários da Construtora Pederneiras, onde ficou de 1959 a 1967.

Ficou muito conhecido como *arquiteto de canteiro* por causa da expertise adquirida ao longo de sua trajetória na construção civil, tanto no detalhamento quando no acompanhamento de obras. Trabalhando para a Pederneiras, foi responsável pela construção das seguintes obras de Oscar Niemeyer em Brasília: Hospital Distrital (1959), Teatro Nacional (1958-1966); Residência Oscar Niemeyer em Brasília (1962) e Palácio Itamaraty (lançamento da pedra fundamental em 1960, obras entre 1963-1970) (Lima, 2008, p. 49). Durante esta última, será personagem frequente em matérias do jornal Correio Braziliense, como a seguinte, em que ele próprio fala sobre o andamento das obras:

Já estamos na fase das cintas, blocos e levantamento das paredes perimetrais do subsolo, começando assim a sair parte da fundação. Já estamos fazendo as escavações e preparo do terreno para o levantamento do prédio onde funcionará o administrativo

[...]

dentro de um ano estará pronta a estrutura do prédio. O término geral dos trabalhos, depende de uma série de fatores, calculando-se, entretanto, para três anos.

Serão dois edifícios. Um o representativo, constando de salões de banquete, Gabinete Ministerial e Salão de Baile. Será composto de três pavimentos tendo em todo o seu perímetro uma arcada com 12 metros e meio de altura em concreto aparente. O segundo, o administrativo, destinado à parte burocrática do Ministério das Relações Exteriores, é composto de dois subsolos, um pavimento térreo e sete pavimentos,

tendo 160 metros de fachada. A área aproximada de construção de todo o conjunto será de 65.000 metros quadrados. O bloco da frente, o representativo, ficará sobre uma lâmina de água que o circundará.

Os prédios serão integrados por duas passagens. Qualquer automóvel poderá entrar no edifício da Representação até o segundo andar, em um hall que antecederá o salão de festas. Estamos trabalhando diariamente até às 22 horas com turmas revezadas de quase trezentos operários. Após concluído, será sem exagero um dos edifícios mais belos de Brasília, isso dadas as linhas arquitetônicas, ultra-modernas, seguindo os planos como Brasília foi traçada. (Correio Braziliense, “Continuam em ritmo acelerado as obras do Palácio Itamaraty”, Brasília, domingo, 13/10/1963, 1º caderno p. 8)

Ramos, mesmo enquanto arquiteto da Construtora Pederneiras, dedicava-se a projetos próprios, como o Estádio Municipal de Brasília (1964-1966)²³ e a Casa Mínima (1961)²⁴, conquistados em concursos. Abriu (ou oficializou) seu próprio escritório em Brasília em 1967. Sua trajetória insere-se na da geração de jovens

²³ Para o Estádio de Brasília concorrem quatro anteprojetos: Milton Ramos, Renato de Sá Júnior, George Pavetits e Arnaldo Carvalho (Correio Braziliense, “Hoje, às 11 horas, exposição dos projetos: construção do estádio”, Brasília, sábado, 27/06/1964, caderno 2, p. 6)

²⁴ *“Os subprefeitos das cidades satélites de Brasília (Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Gama) já estão de posse de um projeto do arquiteto Milton Ramos, que possibilita aos candangos construir suas casas, dentro dos requisitos de conforto e higiene, com seus próprios recursos e instrumentos. A casa é funcional e moderna, podendo ainda ser acrescida de novas dependências, na medida das necessidades.”* (Manchete, “Pôsto de Escuta”, Rio de Janeiro, 29 de julho de 1961, p. 69.)

arquitetos que atuaram em parceria com Niemeyer em Brasília, como João Filgueiras Lima e Glauco Campello:

Em cada um deles, percebemos uma maior ou menor aproximação a algum princípio constitutivo de sua obra: em Nauro Neves, a disposição volumétrica, hierarquização programática e sua correspondência com a estrutura formal; em Filgueiras Lima, o entendimento pela técnica e tecnologia construtiva; em Glauco Campello uma oposição autoral do partido plástico e uma correspondência rigorosa nas soluções sintéticas.

[...]

A obra de Milton pode ser caracterizada por uma consistente autonomia propositiva, tanto quanto pela notável filiação a Niemeyer em determinados princípios operativos e repertórios formais. (Lima, 2008, op. cit., p. 45).

O circuito de instituições públicas e de construtoras será fonte para seus projetos, como edifícios residenciais, a sede do Instituto Histórico Geográfico do DF (1967-1968) e a casa de Saúde Santa Lúcia (1963-1966). O próprio MRE, sem intermediação da Pederneiras, contratará Ramos para projetos de habitação incluídos no programa de transferência da instituição para Brasília:

"A transferência do ministério das Relações Exteriores está sendo levada em termos para valer. Com a anulação da concorrência da superquadra São Miguel, já o ministro Wladimir Murinho encaminhou à NOVACAP, e a foi aprovada, a contratação do arquiteto Milton

Ramos, que projetará 26 unidades habitacionais, duas escolas classes, um jardim de infância, um setor de recreação, uma igreja e uma banca de jornais." (Cunha, 1966, p. 3)

Ao lado de Ramos, na tríade com Murtinho para a construção do novo Palácio, estava o arquiteto Olavo Redig de Campos (1906-1984). Filho de diplomata e também carioca, passa a residir na Itália com sua família em 1911, onde se forma na Escola Superior de Arquitetura de Roma, em 1931. Neste mesmo ano, retorna à sua cidade natal, onde logo se torna chefe da Carteira Predial da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferrovários da Central do Brasil ("Olavo" in Enciclopedia, 2019).

De 1946 a 1976, dirigiu o Serviço de Conservação do Patrimônio do MRE, no qual é autor, por exemplo, das embaixadas de Washington (EUA), Beirute (Líbano) e do Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistoia (Itália), além de ter coordenado diversas obras e reformas da chancelaria.

Redig foi casado com Maria Letícia Salles (1911-2007), de cuja família se destacam figuras influentes na época, como o jornalista e deputado por Minas Gerais Joaquim de Salles (1879-1962), em "*cuja casa o mundo político carioca ia jogar biriba após o expediente*". (NASSIF, 2001.)

A clientela particular e o circuito social de Redig são a alta sociedade carioca. Seu posto no Itamaraty não deve ser encarado apenas como um cargo público, mas sim como um lugar de prestígio. Ele frequentou corriqueiramente as colunas sociais da época, as festas da diplomacia e, para além do MRE, possuía em seu próprio escritório uma carteira de clientes da elite local. Ficou muito conhecido por suas residências, uma das mais aclamadas sendo a do banqueiro e

embaixador Walther Moreira Salles²⁵ (1912-2001), atualmente sede local do Instituto Moreira Salles, no bairro da Gávea.

Está claro que esses três atores – Murtinho, Ramos e Redig – foram as figuras de proa para a construção do Palácio dos Arcos. No entanto, o percurso acima descreve a complexidade e o numeroso quadro de profissionais – diplomatas, arquitetos, engenheiros, artistas, paisagistas, designers de mobiliário – envolvidos na construção da nova sede. Por meio de membros do Grupo de Transferência, o MRE teve uma atuação direta nas decisões projetuais de seu novo edifício em Brasília, incluindo a definição das obras de arte integradas, algumas das quais concebidas desde a fase projetual e influenciando a própria configuração dos espaços circundantes.

1.1.2. Três escalas: da chancelaria, da cidade, e da capital federal

1.1.2.1. O Palacete do Menino de Ouro²⁶

²⁵ Sobre Walther Moreira Salles e seus laços sociais: *“Seu grande amigo e pessoa que o introduziu na sociedade carioca foi Aloysio Salles [cunhado de Redig] [...] por intermédio de Aloysio, Walther conheceu José Eduardo Macedo Soares, o mais influente jornalista da época, e Horácio de Carvalho, de quem se tornou amigo por meio de sua mulher, Lili de Carvalho. Durante alguns anos, os três casais – Walther e Helene, Horário e Lili e Aloysio e sua mulher – dominaram a noite carioca com seu glamour. E foi na noite carioca que Walther conheceu personagens que foram fundamentais para a próxima etapa de sua vida empresarial.”* NASSIF, Luís. “Banqueiro foi personagem do século 20” [sobre Walther Moreira Salles]. Folha de S. Paulo, São Paulo, quarta-feira, 28/02/2001. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2802200116.htm>> Acessado em 15/01/2019.)

²⁶ *“A origem dessa apelação popular é sobretudo interessante. O primeiro filho de Francisco José da Rocha, segundo Barão, Visconde e finalmente Conde de Itamaraty,*

O Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro, homônimo do seu sucessor em Brasília, pertence ao grupo de edifícios e espaços urbanos que permitem ver a história do Brasil pela lente tripla cidade-política-arquitetura. Faz parte do pequeno número de exemplares de arquitetura residencial urbana do Rio de Janeiro, pertencentes à classe senhorial da Corte do Império, que se transformaram posteriormente em edifícios públicos, como o Palácio do Catete (1862)²⁷ e a Casa da Marquesa de Santos (1827)²⁸.

O primeiro documento sobre a construção data de 4 de junho de 1849, e está conservado na Seção de Documentos da Biblioteca Nacional. Nele, Francisco José da Silva da Rocha (1806-1883), o então segundo Barão do Itamaraty (depois Visconde e Conde), solicita ao Imperador D. Pedro II o serviço e abastecimento de água para o terreno:

Senhor! Diz Francisco José da Rocha, Veador de S. M. a Imperatriz, que possuindo uma grande propriedade na Rua Larga de S. Joaquim, e não tendo nella agoa para os misteres indispensáveis à mesma propriedade, lhe é de absoluta necessidade, que V.

nasceu fraco e doente, correndo mesmo perigo de vida. O pai angustiado prometeu aos Santos de sua devoção que, se ele escapasse e lograsse saúde, daria de esmola aos pobres o pêso da criança em ouro. Eram comuns na época as promessas dessa natureza.” (BARROSO, op. cit., p. 26)

²⁷ Residência Barão de Nova Friburgo (?-1850) com projeto de Gustav Waehneltdt (1830-1873). Em 1896 foi reformado, “segundo uma orientação eclética”, para o uso presidencial. Atualmente é o Museu da República. (CONDURU, 2013, p. 191)

²⁸ Datado por volta do final do século XVIII, entre 1825 e 1826 foi reformado por Pedro José Pézérat (1801-1872) (CONDURU, 2013, p. 191). Já foi o Museu do Primeiro Reinado, e atualmente está previsto o projeto para o Museu da Moda Brasileira: (Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/casa-da-marquesa-de-santos-museu-da-moda-brasileira>> Acessado em 24/02/2019)

Mag.^e se Digne Mandar conceder ao Supp.^e huma pena de agoa encanam^{to}, que vai para o chafariz da Praça Municipal, P.A.V.M. Imp^{al}. Seja servido Mandar conceder a Graça que lhe implora. E.M.M^{ee}. (BARROSO, 1968 p. 23)²⁹

Mesmo sem ser possível indicar a data precisa da mudança da família portuguesa Rocha Leão³⁰ para o Rio de Janeiro, Gustavo Barroso afirma que a

²⁹ Gustavo Barroso esclarece quanto ao pedido, detalhando que a família do Barão do Itamaraty já residia neste sobrado, para onde se endereçou a solicitação. Segundo o autor: *“Óbvio é que ali sempre deviam ter gozado de fornecimento de água suficiente para suas necessidades. A nova pena que o filho solicitava e obtinha em meados dos anos 1849, do recente encanamento da Praça Municipal, certamente se destinava ao palácio que, para sua faustosa residência também conhecida como Largo da Imperatriz, era o antigo Valongo, desembarcadouro de escravos que Gradjean de Montigny urbanizara e continuava a receber melhoramentos.”* (BARROSO, op. cit, p. 25)

³⁰ *“Todos os documentos que se referem ao primeiro Barão do Itamaraty e se encontram devidamente catalogados em nossos diversos arquivos dão-lhe somente os nomes de Francisco José da Rocha. Parece, portanto, que o Leão, constante de outras fontes, ficou sepultado nas águas do Atlântico, quando de sua travessia. E os que reportam a seu filho, aqui chegado na infância, dão-no como Francisco José da Rocha Filho e, mais tarde, Francisco José da Silva Rocha.”* (BARROSO, op. cit, p. 14)

“ROCHA LEÃO – importante família, de origem portuguesa, estabelecida no Rio de Janeiro, que teve princípio em Francisco Rocha Leão (1º) do Porto, que deixou numerosa descendência do seu cas., c.1760, com Ana Maria Rita. Foram pais, entre outros: I – Maria Rosa de São José [1763, Miragaia, Porto – Portugal], que deixou numerosa descendência do seu cas. Aa 15.01.1783, em Miragaia, Porto, com José Francisco Bernardes, tornando-se matriarca desta família Bernardes (v.s.), do Rio de Janeiro; e II – Francisco José da Rocha Leão [1781, Miragaia Porto – 06.07.1853, RJ], comerciante. Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro [1824]. Oficial da Ordem do Cruzeiro [1828]. Oficial da Ordem da Rosa [1831], Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial e Grande Império. Agraciado, sucessivamente, com os títulos [Dec. 13.05.1844] de barão do Itamaraty, e, finalmente, de barão com as honras da grandeza de Itamaraty [28.11.1846]. Deixou numerosa descendência do seu cas., em 1803, no Porto, com sua prima legítima, Margarida Cândida Bernardes [13.04.1786, Miragaia, Porto -], filha de José Francisco Bernardes e de Maria Rosa de São José, patriarcas de uma das famílias

de Bernardes (v.s.), do Rio de Janeiro. Foram pais, entre outros, de Francisco José da Rocha [12.02.1806, Porto, Portugal – 05.07.1883, RJ], negociante matriculado em 1822, grande capitalista e proprietário. Coronel da Guarda nacional da Corte. Membro da Junta Administrativa da Caixa de Amortização, da Caixa Econômica e do Monte Socorro. Comendador da Ordem de Cristo [1841], DOR [1868], Moço Honorário da Casa Imperial. Grande do Império. Agraciado, sucessivamente, com os títulos de barão de Itamaraty [Dec. 17.10.1872] e, finalmente, conde de Itamaraty [Dec. 25.03.1854], visconde com as honras de Grandeza de Itamaraty [Dec. 25.03.1854], visconde com as honras de Grandeza de Itamaraty [Dec. De 17.07.1872] e, finalmente, conde de Itamaraty [Dec. 17.10.1882]. Proprietário de magnífico palacete, á rua mal. Floriano, hoje conhecido por Palácio Itamaraty. Deixou numerosa descendência do seu cas. com sua prima legítima Maria Romana Teixeira Bernardes, que depois de viúva, tornou-se [Dec. 29.06.1887] marquesa de Itamaraty – neta dos citados José Francisco Bernardes e de Maria Rosa de São José, patriarcas de uma das famílias Bernardes (v.s.), do Rio de Janeiro. A título de registro genealógico, registramos a ancestralidade portuguesa do barão de Itamaraty, Francisco da Rocha Leão (1º), do Porto, e de Ana Maria Rita; neto materno de Manuel Francisco da Silva, nat. De Miragaia, que foi cas. a 30.01.1736, Miragaia, com Rita Maria Joana; bisneta, por Manuel Francisco, de Antônio Fructuoso Silva, nat. De Barcelos, Braga, que foi cas. a 26.12.1704, em Miragaia, Porto, com Maria de São Thiago, nat. De Miragaia; bisneto, por Rita de Maria, de Manuel Francisco Afonso, nat. da Feira, que foi cas. a 24.02.1716, em Miragaia, Porto, com Joana Batista, nat. De Miragaia. Terceiro neto, por parte de Antônio Fructoso e de sua esposa, de Antônio Fructoso e Maria da Silva, e de João Coelho e de Maria de Paiva.” (BARATA e BUENO, 1999, volume 2, pp. 1935-36)

mudança certamente teria a ver com a transferência da família real³¹ para o Brasil³², uma vez que Francisco José da Rocha (1774-1853), primeiro Barão do Itamaraty, era militar desse governo.

Natural da cidade do Porto, no bairro, ou freguesia, de S. Pedro de Miraguaia, o primeiro Barão do Itamaraty³³ no Império Brasileiro era filho de Francisco da Rocha Leão e de D. Ana Maria Rita Leão e irmão de Maria da Rocha. Casou-se com D. Maragroda Cândida Bernardes e em 1806 nascia, ainda em S. Pedro de Miraguaia, o futuro Conde do Itamaraty (anteriormente, segundo Barão e Visconde).

³¹ Essa questão remonta às origens do MRE. Logo após a mudança da corte portuguesa para as terras tropicais, foi estabelecido o primeiro ministério em 11 de março de 1808, com o título da pasta de Negócios Estrangeiros e da Guerra. Será após a independência, apenas no Segundo Reinado, em 1842, sob o Decreto no. 135 que estruturou a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros em “um ovo de que nascerão reorganizações futuras” (BARROSO, op. cit., p. 153)

³² A pesquisa documental de Barroso aponta para o primeiro registro da fixação de Francisco José da Rocha no Brasil em 19 de dezembro de 1810, logo depois do estabelecimento aqui da Família Real, em 1808. No Registro Geral das Mercês naquela data consta a sua confirmação em Carta Patente no posto de Capitão da Companhia do Arraial do Senhor Jesus, do Têrço das Ordenanças da Vila de Nossa Senhora do Livramento do Rio das Contas. (BARROSO, op. cit., pp. 14-15)

³³ Dentre os diversos títulos e honrarias recebidos por ele constam: Ajudante da Tropa de Linha da guarnição da Capitania do Ceará (1812), Ajudante de Ordens do Governador da Capitania do Ceará (1813), Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo (1821), Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro (1824, promovido para Oficial em 1828), Major da Ordem de S. Bento de Aviz (1828), Ordem da Rosa (1831), Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial (1841), Barão do Itamaraty (1844) (BARROSO, op. cit., pp. 15-16).

Barroso também supõe que a mudança da carreira militar para a atividade comercial do Barão Itamaraty estaria ligada ao contexto da Independência do Brasil (1822), quando também foi naturalizado brasileiro.

A carreira comercial seria também a de seu filho, Francisco José da Rocha Filho, também conhecido como Francisco José da Silva Rocha. Naturalizado brasileiro na mesma época em que o pai, desde os 16 anos de idade ele já constava como negociante matriculado na Junta Comercial do Rio de Janeiro. Suas atividades seguiram as do pai, café e pedras preciosas, e fizeram “*aumentar e firmar a fortuna de sua casa, bem como lograr belíssima e invejável projeção na sociedade de seu tempo*” (BARROSO, op. cit., p. 17)

Sua posição e importância na sociedade imperial pode ser atestada pela ascensão dos títulos, que suplantaram até mesmo os obtidos por seu pai, até a sua nomeação como Conde de Itamaraty (1882)³⁴. Além disso, quanto à sua atividade de comerciante, foi também membro da Junta Administrativa. A partir dessas duas figuras, pai e filho, Barroso traça um perfil da alta sociedade daquela época:

Desta maneira, durante a Monarquia, entre nós se iam formando e afirmando as tradições de nobreza familiar, destinadas a constituir,

³⁴ Ele foi: Noviço da Ordem Militar de Cristo (1827), Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro (1830), Môço da Imperial Câmara (1840), Môço da Câmara Honorária do Imperial Guarda-Roupa (1844), Oficial Superior da Guarda Nacional e condecorado com a Ordem da Rosa (1845), Veador Honorário da Imperial Casa (1846). Após a morte de seu pai, em 1853, logo recebeu o título de Segundo Barão do Itamaraty (1854) e posteriormente: Oficial da Ordem da Rosa, Comendador (1860) e Dignitário da mesma ordem (1868), Visconde com Grandeza (1872), Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1872) e Conde de Itamaraty (1882). (BARROSO, op. cit., pp 17-18).

como, aliás muitas vezes constituíram, um escol social, agrário, econômico, financeiro, sobretudo diplomático, político e militar, que deu ao velho Brasil Imperial uma feição própria, uma característica peculiar entre as nações republicanas da América Latina. Ele firmou, sem dúvida, seu arcabouço nacional e estendeu sua atuação do tempo do Rei, através do Império, até a República

[...]

Não sendo a nobreza imperial brasileira obra de sangue, mas sim produto das ações individuais criadoras de mérito, não foi, nem podia ser hereditária. Todavia o Monarca, na consciente defesa daquelas tradições que anteriormente assinalamos, em muitos casos, como nesse do baronato do Itamaraty, estendia ao seu filho na qualidade de mercê nova, o mesmo título concedido ao pai. E, sendo necessário, o aumentava. (BARROSO, op. cit., p. 18)

A construção do palacete ocorreu entre 1851 e 1855³⁵, no grande terreno do primeiro Barão de Itamaraty localizado na Rua Larga de S. Joaquim, atual Marechal Floriano, onde já havia um sobrado, local de residência da família.

³⁵ Os autores divergem quanto à data de finalização da obra: Leão Filho (1942, op. cit, p. 5) diz ser 1855; Conduru (2013, p. 190) aponta o ano de 1854, Barroso (op. cit, p. 26) por sua vez apenas contextualiza que no ano de 1953 a obra deveria já estar em fase de conclusão, sem apontar um ano precisamente. A literatura específica sobre a história do Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro levantada por esta pesquisa incluiu os livros: *Resenha histórica e guia descritivo*, organizado pelo próprio MRE em 1942, com textos de J. Sousa Leão Filho e Ronald de Carvalho, e o livro de Gustavo Barroso de 1956, sendo a sua segunda edição de 1968 utilizada nesta pesquisa. Para além desses títulos, há outros cujo foco não é esse edifício, mas que a ele é atribuído um capítulo de caráter historiográfico: Amado Luiz Cervo e Carlos Ernesto Cabral de Mello (2010), Guilherme Frazão Conduru (2013).

Segundo Leão Filho (1942, p.6), não há registro nos arquivos municipais do projeto nem de seu autor, havendo algumas hipóteses sobre a autoria: (i) uma planta vinda da França, de acordo com o *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, escrito por Vale Cabral e publicado em 1882; (ii) autoria do arquiteto brasileiro José Maria Jacinto Rebelo (1821-1871), cujo mestre foi Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny³⁶ (1776-1850), professor da Academia Imperial de Belas Artes, que chegara ao país como integrante da Missão Artística Francesa; (iii) autoria do mestre de obras português José Luiz, com execução segundo diretrizes do próprio segundo Barão.³⁷

³⁶ “Grandjean de Montigny era primo e fora discípulo de Jacques Louis David (1748-1825), pintor especializado no gênero histórico, expoente do neoclassicismo francês e ideólogo da arte engajada durante o regime napoleônico. Em 1799, Montigny fora o vencedor do Prix de Rome, conferido pela École Impériale des Beaux Arts, de Paris, instituição de referência nas artes ao longo do século XIX, aonde posteriormente veio a lecionar. Radicou-se, a partir de 1816, no Rio de Janeiro, onde faleceu. Além de sua residência, construída por volta de 1823, fora do perímetro urbano, na então rural freguesia da Lagoa, hoje no campus da Pontifícia Universidade Católica (PUC), na Gávea, ainda subsistem de sua autoria na antiga capital federal: a atual Casa França-Brasil, antiga Praça do Comércio, levantada em 1820; o pórtico em gnaisse bege do prédio da Academia Imperial de Belas Artes, inaugurado em 1826 e demolido em 1938, quando o pórtico foi remontado por equipe do SPHAN dentro do Jardim Botânico; e um chafariz, de 1848-1849, montado no antigo Rocío Pequeno, depois praça 11 de Junho, hoje na praça Antônio Vizeu, no Alto da Boa Vista. Ao contrário do que já se considerou como estabelecido e ainda é, por vezes, repetido, não foi Montigny o responsável pela introdução do neoclassicismo na arquitetura produzida no Brasil, embora muito tenha contribuído para sua difusão, do alto de seu prestígio de artista francês consagrado e professor acadêmico” (Conduru, 2013, p. 192)

³⁷ Barroso (op. cit., p. 26) esclarece que Vale Cabral colheu suas fontes de forma oral e familiar. Contudo, aponta a hipótese de que após o começo das obras, iniciada pelos fundos do terreno, surgiram dificuldades para se seguir o projeto e com isso a conclusão da obra foi dada a José Maria Jacinto Rebelo. O autor reafirma a probabilidade dessa

A planta do palacete, “*simétrica e harmoniosa, com seus salões dispostos ao redor da escadaria principal, prestava-se de maneira ideal para festas suntuosas*” (LEÃO FILHO, op. cit., p. 6). Sobre as dimensões, o autor destaca:

Como todas as grandes casas do Rio antigo que se prezavam, mesmo dentro da cidade, tinha o Itamaraty a sua chácara típica com luxo de estátuas, vasos de mármore e grande bacia com repuxo, ao centro. A área ocupada pela casa e chácara media 180 metros de fundo por 50 de largo. Do lado esquerdo alinhava-se as cavalariças e cocheiras [...] (LEÃO FILHO, op. cit., p. 8).

Mesmo com todos esses atributos – além de luxuosa decoração –, não há registro de grandes festas no período em que a família o habitou. A única exceção é o grande baile oferecido em 19 de julho de 1870 ao Conde d’Eu pela oficialidade da Guarda Nacional da Corte, da qual o segundo Barão de Itamaraty era Coronel Comandante. Essa festividade, que marcou a sociedade carioca de seu tempo, celebrou o fim da Guerra do Paraguai (LEÃO FILHO, op. cit., p. 7).

A compra da propriedade pelo governo ocorre em 23 de dezembro de 1889, logo após a Proclamação da República, para que fosse a sede da Presidência do Governo Provisório³⁸. Relatos da época descrevem que o edifício estava “*rica e*

hipótese ao relatar a relação familiar de Rebelo, casado com uma sobrinha do segundo Barão, D. Clara Margarida Mayrink, mas também por ser Rebelo o autor da residência *apalacetada* da família Itamaraty no Alto da Boa Vista. (op. cit., pp. 26-28)

³⁸ “O ferimento do Barão do Ladário [em um episódio de tiros na antiga Rua de S. Lourenço durante a proclamação da República, no qual ele foi acolhido no palacete] pusera em evidência o Itamaraty, cujo proprietário falecera em 1884 e que não se

elegantemente adornado e mobiliado, havendo nele as acomodações indispensáveis a um Palácio de Chefe de Estado” (Jornal do Comércio, 30/12/1889, apud. LEÃO FILHO, op. cit, p. 8).

Foi o Itamaraty teatro de graves acontecimentos, de dias de ansiedade, nos primeiros anos do novo regime, nele se realizaram as discussões preparatórias da nova Constituição; decretos capitais do Governo provisório lá foram assinados. Deodoro habitou-o; Floriano viveu no sobrado ao lado, que tinha com o Palácio comunicação interna. Prudente assumiu o governo ainda no Itamaraty abandonado e invadido por populacho curioso de assistir a uma posse duvidosa, e aí ficou morando até a compra do Palácio do Catete. (LEÃO FILHO, op. cit., p. 9)

Em 1897, a sede da Presidência da República é transferida para o então Palácio Nova Friburgo, no largo do Valdetaro, no Catete. Assim, entre a compra, em 1889, e 1897, o Itamaraty sediou os governos de Manuel Deodoro da Fonseca (1889-1891), Floriano Vieira Peixoto (1891-1894) e Prudente José de Moraes Barros (1894-1898). (BARROSO, op. cit., p. 67). Com a mudança da presidência, o Itamaraty é cedido para o Ministério das Relações Exteriores em ato do dia 8 de julho do mesmo ano. A transferência, no entanto, só foi finalizada dois anos mais tarde, em março de 1899.

achava habitado, visto que a Marquesa dava preferência à chácara do Alto da Boa-Vista. Era uma bela casa, em ponto central da cidade, mobiliada com luxo e possuindo ao lado um prédio de dois andares, que poderia se destinar a qualquer dependência dos serviços oficiais da Presidência da República.” (BARROSO, op. cit., p. 42)

As mudanças dos edifícios governamentais não eram ações isoladas. No início do século XX, o Rio de Janeiro passava por um período de grandes transformações socioeconômicas e de reorganização espacial da cidade, então capital federal do Brasil e “o maior centro fabril do país, com uma produção industrial duas vezes maior que a de São Paulo”. (ABREU, 2011, p. 80). As grandes reformas urbanas eram “motivadas, sobretudo, pela necessidade de adequar a forma urbana às necessidades reais de criação, concentração e acumulação do capital.” (ABREU, 2011, p. 59). Conforme aponta Paulo César Garcez Marins:

As vastas reformas urbanas empreendidas a partir de 1903 no Rio de Janeiro pelas ações combinadas dos governos federal e municipal miravam em cheio a liberdade de ocupação dos espaços públicos e privados das áreas mais centrais da capital. Tinham esperança de garantir a transformação social e cultural da cidade, e obter um cenário decente e atraente aos fluxos do capitalismo internacional, tão refreado pelas precárias elites atreladas aos grandes interesses exportadores instalados no governo da União. (MARINS, 1998, pp. 142-143)

No período, a cidade passa por diversas interferências³⁹ estatais no tecido urbano, como a assim chamada Reforma, promovida pelo então prefeito Francisco Pereira, entre 1902 e 1906, “período Haussmann à la carioca”, que

³⁹ Dentre as reformas urbanas do período, vale destacar ainda o mandato do prefeito Carlos Sampaio, entre 1920 e 1922, marcado pelo desmonte do Morro do Castelo, obra que eliminou, às custas de extensas desapropriações, áreas de residência proletária.

contemplou a reorganização socioespacial da cidade, o alargamento de vias e a criação de outras novas, como a avenida Central, atual Rio Branco. (ABREU, op. cit., p. 63)

1.1.2.2. Novas espacialidades para a chancelaria: das reformas, do concurso a Brasília

A primeira demanda do Ministério das Relações Exteriores – na época Secretaria – por novos espaços, no início do período republicano, aparece já em 10 de maio de 1890, ainda no governo provisório, quando na sessão ministerial Quintino Bocaiuva solicitava a aquisição de um prédio conveniente ao órgão. Antes de se instalar no Palácio Itamaraty, em 1899, a chancelaria ocupou três lugares distintos: um casarão na Rua do Passeio, depois o Palacete Bahia, no bairro da Glória, e por fim um sobrado no Campo de Sant’Ana. (BARROSO, op. cit., pp. 54,67).

Guilherme Conduru dedica o segundo capítulo de seu livro *O Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty: história e revitalização* a uma cronologia dos principais acontecimentos do Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro, desde o início da sua construção, em 1851, até a assinatura do convênio com a Fundação Getúlio Vargas para a revitalização do conjunto arquitetônico do ERERIO, em 2010. Dessa cronologia, destacam-se as seguintes melhorias, reformas e ampliações:

1906: Rio Branco encomenda ao pintor Rodolfo Amoedo obras de pintura mural no Palácio.

1908: Rio Branco encomenda ao engenheiro/arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi projeto de edifício, aos fundos do Palácio, para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores.

1912: Ministro de Estado desde 1902, o Barão do Rio Branco falece em seu gabinete de trabalho no Palácio Itamaraty (12 de fevereiro).

1927-1930: Durante a gestão do Ministro Otávio Mangabeira são realizadas obras de restauração e reforma no Palácio Itamaraty.

1927: Abertura de concurso público, organizado pelo Instituto Central de Arquitetos, a pedido do MRE, para a construção de edifício para abrigar as unidades de guarda do acervo documental do MRE. Projeto de Robert Prentice & Anton Floderer é considerado vencedor.

1929: Abertura de concurso público, organizado pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, para obras de decoração escultural da fachada do edifício construído para a guarda do acervo documental do MRE. Nenhum projeto recebeu o primeiro prêmio.

1930: Concluídas as obras de restauração do Palácio Itamaraty, assim como as obras da construção do prédio do Arquivo, Biblioteca e Mapoteca; ambos os edifícios são inaugurados durante cerimônia presidida pelo Presidente Washington Luís (14 de agosto).
(CONDURU, op. cit.)

Entre os anos 1930 e a construção de Brasília, esta pesquisa considera o concurso de março de 1942, para ampliação do Palácio no Rio de Janeiro, como o principal marco dentre as ações de reforma e ampliação. Isso porque o concurso representou a necessidade de remodelação espacial do Ministério como um todo. Além disso, o concurso⁴⁰ ocorreu nos anos 1940, período de Getúlio Vargas (Estado Novo), no qual diversos ministérios foram reformulados

⁴⁰ É levantado como hipótese por outros pesquisadores, como Rossetti, que o termo de referência deste concurso, trazendo as necessidades espaciais e de uso, foram a base para a formulação do programa do edifício em Brasília. No entanto, até hoje este material não foi localizado, inclusive no próprio arquivo do MRE.

e muitas deles ganharam ou finalizaram novas edificações simbólicas no Rio de Janeiro, como o Ministério da Educação e Saúde⁴¹ e o da Fazenda.

No Relatório do MRE de 1942, a promoção do concurso da ampliação do Itamaraty é justificada pelo número crescente de atividades da chancelaria. A comissão julgadora contou com a participação dos Embaixadores Maurício Nabuco e Luiz Faro Júnior, além dos arquitetos Alberto Monteiro de Carvalho, Fernando Nereu Sampaio e Marcelo Roberto. O primeiro lugar foi dado à proposta do arquiteto Henrique Mindlin, seguido pelas do engenheiro-arquiteto Paulo Camargo de Almeida e da firma Cesar Melo Cunha & Cia. Ltda. A apreciação do concurso feita por Nabuco e Faro Júnior atesta o seguinte sobre o primeiro colocado [anteprojeto, nº 6]:

De um modo geral a escolha do ante-projeto no. 6 se baseava em uma série de razões que se podem resumir no seguinte: o trabalho do arquiteto Henrique Mindlin foi o único realizado segundo a técnica que, na opinião de dois dos membros do Juri, é que se impõe hoje em dia e para um futuro próximo. Além disso, a observação detida desse anteprojeto, tornou evidente aos arquitetos membros do Juri que se tratava de um trabalho consciencioso, minuciosamente estudado, revelando a capacidade do seu autor para a execução do projeto definitivo. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Relatório 1942. Seção de Publicações do Serviço de Documentação: Rio de Janeiro, 1942, pp. 87-88)

⁴¹ O Ministério da Educação e Saúde, MES, atual Palácio Capanema, é um dos marcos da arquitetura moderna brasileira, tanto pela sua obra quanto pelo seu processo de projeto sob consultoria de Le Corbusier. Ele será tratado em detalhe em capítulo mais adiante.

É possível estabelecer uma estreita relação entre, de um lado, as questões espaciais do MRE e, do outro, reformas e mudanças das atribuições da chancelaria, da composição de seus quadros de funcionários, de suas atividades políticas, de suas organizações administrativas e burocráticas.

Em 1899, por exemplo, a mudança de sede do Itamaraty foi um dos três marcos da gestão de Olyntho de Magalhães (1898-1902) à frente da chancelaria durante o governo de Campos Salles⁴².

Anos mais tarde, durante a gestão de Oswaldo Aranha⁴³ (1938-1944), período em que foi feito o concurso de 1942 acima mencionado, foi editado o Decreto-lei 791, de 14 de outubro de 1938. Sobre esse decreto, a chamada *Reforma Oswaldo Aranha*, Castro afirma que:

“[...] constitui um marco histórico no processo evolutivo da **organização** do Ministério das Relações Exteriores [nele] [...] fundiram-se uma só as carreiras diplomáticas e consular pois ficou determinado que os trabalhos do Ministério da Relações Exteriores seriam executados por seus funcionários pertencentes ao seu Quadro Único seria o organizado na forma da tabela anexo ao Decreto-lei em referência.” (CASTRO, 2009a, p. 373, grifo nosso)

⁴² A ela, somam-se: (i) a disputa com a Grã-Bretanha pela fronteira da Guiana e (ii) a regulamentação de um Novo Regimento para as Legações e de duas Consolidações, do Serviço Consular e do o Serviço Diplomático, marco da diplomacia na época (CASTRO, 2009a, pp. 187-88). Sobre as regulamentações, ver detalhes em: CASTRO, 2009a, pp. 187-212.

⁴³ No Governo Juscelino Kubitschek, Aranha será nomeado Presidente da Delegação do Brasil junto à ONU, em 1957.

Da *Reforma* de Aranha, vale destacar ainda dois organismos que serão importantes para a futura transferência para Brasília: a criação da Divisão de Cooperação Intelectual⁴⁴ e a elevação do antigo Serviço do Protocolo à condição de Divisão do Cerimonial. (CASTRO, 2009a, p. 369).

Os eventos acima atestam que as questões espaciais do Itamaraty estão diretamente relacionadas com as reformas políticas e estruturais do órgão.

No período da construção de Brasília não será diferente. Para além das questões da transferência da capital federal, havia no MRE um vetor crescente de ampliação, renovação e modernização das estruturas organizacionais, espaciais e de infraestrutura. Sendo assim, entender o que a transferência para Brasília representou para uma instituição longa como o MRE lança luz sobre novas possibilidades de análise da relação Itamaraty-Brasília. Quando discorre sobre o processo de transferência, Castro aponta:

A mudança do Itamaraty para Brasília propiciou a adoção de uma série de medidas destinadas à modernização da sua estrutura operativa. A época foi de um entusiasmo pioneiro, alimentado pela convicção de que se vivia um momento histórico e que se oferecia uma oportunidade única para uma reorganização geral da Secretaria de Estado. (CASTRO, 2009a, p. 540)

⁴⁴ O Serviço de Cooperação Intelectual tinha sido instituído, provisoriamente, na gestão de Pimentel Brandão, pela Portaria de 8 de junho de 1937. (CASTRO, 2009a, p. 369). Esta Divisão será a origem da futura Divisão Cultural do MRE.

Nessa esteira, são fatos importantes no ano de 1961 as melhorias e o aumento das comunicações do MRE entre Rio de Janeiro e Brasília, mas também do sistema entre Secretaria do Estado com as Embaixadas e os Consulados. A rede de comunicação é modernizada e impulsionada, significando um grande avanço de infraestrutura em relação ao período anterior à mudança para Brasília, conforme pode ser visto nas imagens que ilustram a rede:

Neste período inicial, entre 1959 (início do Grupo de Transferência do MRE para Brasília) e setembro de 1961 (mudança de status para Comissão de Transferência), ocorre a breve passagem de Jânio Quadros pela Presidência da República – de janeiro a agosto de 1961 – e a crise política decorrente da sua renúncia, a qual foi seguida pela medida conciliadora do parlamentarismo para que seu vice João Goulart assumisse o cargo, tendo Tancredo Neves por primeiro-ministro.

Durante os anos de projeto, construção e transferência do Itamaraty para Brasília, duas medidas de organização da estrutura do MRE foram importantes marcos: (i) a Lei 3.917, de 1961, promulgada ainda durante o governo de Quadros, na gestão de Afonso Arinos de Mello à frente da Chancelaria; e (ii) o Regimento Interno da Secretaria de Estado (RISE), de 1969.

O primeiro marco, a Lei. 3.917, de 14 de julho de 1961, reorganizou substancialmente o Ministério das Relações Exteriores. Na análise de Campos:

A Reforma do Ministério das Relações Exteriores, consubstanciada na Lei no. 3.917, de 14 de julho de 1961, foi sem dúvida, a mais elaborada reforma havida na organização do Itamaraty. Representou a cristalização de um longo trabalho, de dez anos, de sucessivas

comissões que foram desenvolvendo a ideia da criação de uma nova estrutura para a Chancelaria brasileira com o fim de torná-la mais sensível e atuante em face aos problemas internacionais. (CAMPOS, 2009a, p. 449).

No mesmo ano de 1961, o Decreto no. 6, de 22 de setembro, criou a Comissão de Transferência da Secretaria de Estado e do Corpo Diplomático⁴⁵. O Decreto incluía entre os objetos de estudo e de execução da Comissão a transferência:

- a) da Secretaria de Estado das Relações Exteriores;
- b) das sedes das missões diplomáticas estrangeiras e das residências oficiais dos respectivos chefes;
- c) das residências do pessoal diplomático e administrativo lotado na Secretaria de Estado;
- d) das residências do pessoal diplomático e auxiliar das Embaixadas e Legações estrangeiras. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1 - 22/9/1961, Decreto do Conselho de Ministros nº 6, de 22 de setembro de 1961, p. 8499)

O escopo da Comissão era dado pelo artigo 2º do referido decreto:

⁴⁵ Vale notar que, iniciada em 1959, portanto antes da inauguração oficial da nova capital em 21 de abril de 1960, essa organização era formalizada como um Grupo de Trabalho de Transferência para Brasília.

Art. 2º: A Comissão de Transferência coordenará e unificará os serviços de todos os órgãos administrativos aos quais competem providências relacionadas com o seu objeto, notadamente a Prefeitura do Distrito Federal, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil e as seções competentes do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério da Viação e Obras Públicas, e elaborará um plano, dividindo em etapas anuais, para a execução integral da transferência em prazo determinado. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1 - 22/9/1961, Decreto do Conselho de Ministros nº 6, de 22 de setembro de 1961, p. 8499)

No âmbito do parlamentarismo recém-instituído, Tancredo Neves nomeou o Embaixador Jaime Chermont Lisboa para o cargo de presidente da Comissão de Transferência do MRE. Wladimir Murtinho, chefe do antigo Grupo de Trabalho, a exatos quinze dias da nomeação foi transferido para a embaixada de Tóquio. (IPHAN, 2008, p. 26)⁴⁶

Essas implementações foram acompanhadas de medidas de modernização infra-estrutural do MRE, como o uso de computadores na interface das políticas e

⁴⁶ “[...]o que essa Comissão fez, nunca se soube. Talvez fosse apenas novo lance naquele jogo de aparências. Porém, pode ter sido também uma jogada muito mais sutil, evitando que o homem [se refere a Wladimir Murtinho] que realmente queria e estava preparado para a grande tarefa da mudança fosse afastado da Comissão de Transferência.” (MENDES, 1995, p. 32). De fato, não foram encontrados registros da atuação da Comissão. Os Relatórios do MRE, principal fonte de dados sobre as ações do ministério, não foram encontrados entre os anos de 1962 e 1963. Não há exemplares seus na Biblioteca do MRE no Rio de Janeiro nem em Brasília. Muito provavelmente eles não foram produzidos naqueles anos, mas é necessária uma pesquisa mais a fundo neste assunto para se afirmar precisamente isso.

análises comerciais, realizadas internamente pelo Serviço Técnico de Análise e Planejamento, STAP, em parceria com a Universidade Católica, PUC. (CARNEIRO, 1961, p.3)⁴⁷

Ainda no período do Governo do de Goulart, com o MRE sob a gestão de San Tiago Dantas (1961-1962) há passos fundamentais para a construção do Palácio em Brasília: foi firmado o convênio entre a Novacap e o MRE, a 30 de março de 1962⁴⁸ (IPHAN, 2008, p. 26) e o início das negociações com a Fundação da Universidade de Brasília para a construção e apartamentos para os funcionários do MRE em superquadras pertencentes à UnB.⁴⁹

Como antecipado acima, o segundo marco institucional da organização da chancelaria foi o Regimento Interno da Secretaria de Estado (RISE), objeto da Portaria no. 282, de 24 de outubro de 1969, durante a gestão de José de

⁴⁷ CARNEIRO, Luís Orlando. "Itamarati tem Estado-Maior no Planejamento Político". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, domingo, 24/12/1961, 1o caderno, p. 3

⁴⁸ Deste ano também é documentado em carta a cerimônia de reinício das obras em Brasília: "*Tenho a grata satisfação de informar que às 10h de hoje, com a presença do Ministro Hermes Lima, do Prefeito Ivo Magalhães e outras autoridades, teve lugar a cerimônia de reinício das obras do edifício do Ministério das Relações Exteriores em Brasília.*" (Telegrama recebido pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores do Gabinete de Brasília, 16/11/1962. Arquivo Histórico do MRE).

⁴⁹ "*Tenho a honra de comunicar a Vossa Senhorita que este Ministério está em entendimento com a Fundação da Universidade de Brasília no sentido de ocupar os apartamentos de dias das superquadras que deverão ser construídas em terrenos de propriedade daquela Fundação.*" BARBOSA, Armando Braga Ruy / Conselheiro do Gabinete do Ministro das Relações Exteriores em Brasília [carta] 4/4/1962, Brasília [para] LÉLLIS, Joffre / Presidente do Conselho da Caixa Econômica, Brasília. 2f. Construção de residências / Levantamento de empréstimo. Arquivo Histórico do MRE

Magalhães Pinto (1967-69) à frente da chancelaria durante a Ditadura civil-militar. Castro analisou também o regulamento:

Desde o Regulamento Oswaldo Aranha de 1943 que a Secretaria do Estado não tinha sua fisionomia e as finalidades e atribuições dos seus órgãos tão minuciosamente detalhadas em um Regimento. O aparecimento deste se impunha porquanto desde 1943 que à estrutura organizacional da secretaria de Estado haviam sido acrescidos numerosos órgãos, tornando sua máquina administrativa muito mais complexa, abrangente e sensível aos problemas a ela submetidos (CASTRO, 2009a, p. 519)⁵⁰

Diante da oposição de diversos setores da política e da sociedade contra a transferências dos órgãos públicos para a nova capital, o complexo contexto político da Ditadura e a crise econômica que assolava o país, a demanda de reorganização espacial e de infraestrutura do MRE será um dos fatores – não o único – que contribuirá para a sua efetiva transferência ao Centro-Oeste.

⁵⁰ “Na Administração de Magalhães Pinto, e já na vigência de uma nova Constituição, promulgada a 24 de janeiro de 1967, recrudescer a agitação política, motivando a decretação do Ato Institucional no. 5, de 13 de dezembro de 1968.

Não obstante a atmosfera de tensão no campo da política interna, o Governo determinou diversas medidas administrativas para a descentralização e a melhor estruturação orgânica dos Ministérios e do Itamaraty em particular.” (CASTRO, p. 509).

2. Segundo capítulo: A CONSTRUÇÃO DE UM PALÁCIO-MUSEU: 1959 A 1970

O Palácio Itamaraty, símbolo do que se pretende como imagem de nação para projeção internacional⁵¹, representa o lugar em que o discurso da síntese das artes atuou na capital federal – e inclusive em um panorama nacional da arquitetura – em sua forma mais ampla. Quando comparado a outros espaços no país marcados pela síntese das artes - contemporâneos ou anteriores⁵² –, nota-se que ele abriga um conjunto único de obras de arte integradas à arquitetura. O conjunto é especial por sua quantidade, qualidade, multiplicidade de suportes e, principalmente, pela diversidade de artistas presentes.

Conforme se demonstrará nesta dissertação, essas obras permitem colocar em xeque a ideia de uma modernidade brasileira de caráter único, consolidada pela historiografia canônica⁵³ da arquitetura. Em outras palavras, permitem questionar a construção de uma imagem única, uniforme ou homogênea do que seria o moderno nacional.

⁵¹ Dada sua função de sede do Ministério das Relações Exteriores.

⁵² Tais como o Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, o conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, além dos edifícios institucionais do Eixo Monumental de Brasília (incluindo a Praça dos Três Poderes), além de outros da mesma capital, como o Palácio da Alvorada, o Hotel Nacional e o Palácio Jaburu.

⁵³ Para os fins desta dissertação, entende-se por historiografia canônica a *teia* construída por determinados teóricos, que foram analisados por Carlos Martins (1987), a saber: GOODWIN (1943), MINDLIN (1961), FERRAZ, BRUAND (1981) e LEMOS.

Por esse motivo, é um dos objetos mais interessantes para trilhar o binômio arte-arquitetura modernas brasileiras, e compreender seus enfrentamentos e processos.

Conforme antecipado, o Palácio dos Arcos, inaugurado em 1970, apresenta um dos maiores conjuntos de obras de arte integrada da capital e do país, da lavra de artistas bastante diferentes entre si, a saber⁵⁴:

OBRAS DE ARTE INTEGRADAS - PALÁCIO ITAMARATY BRASÍLIA

ARTISTA	ANO NASC	ANO MORTE	OBRA	ANO	DESCRIÇÃO	LOCAL NO MRE
Alfredo Ceschiatti	1918	1989	<i>Eva</i>	1965	Escultura em bronze fundido, patinado, polido e cinzelado. Dimensões: 1,47 x 0,47 x 0,34 m.	Terceiro pavimento. Salão Nobre
Alfredo Ceschiatti	1918	1989	<i>Duas amigas</i>	1968	Escultura em bronze fundido, patinado, polido e cinzelado. Dimensões: 2,55 x 1,27 x 0,58 m. Datação: 1967-1968	Terceiro pavimento. Salão Nobre
Alfredo Volpi	1896	1988	<i>Sonho de Dom Bosco</i>	1966	Composto por formas figurativas de arcos e triângulos em preto, branco e vermelho, dispersas sobre fundo azul. Dimensão: 3,36 x 4,65 m.	Segundo pavimento
Athos Bulcão	1918	2008	Parede de Mármore	1966	Parede com relevos em mármore branco, cuja textura é de trapézios verticais que se sucedem de forma ritmada.	Térreo. Hall de recepção
Athos Bulcão	1918	2008	Treliça	1967	Treliça divisória composta por montantes verticais e de madeira intercalados por peças de ferro pintadas em vermelho, branco e preto, estabelecendo uma modulação variada. Dimensão: 4,44 x 22,40 metros.	Segundo Pavimento. Sala dos Tratados
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em azulejo	1968	Mural em azulejo	Anexo I. Recepção. 8º andar
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em azulejo	1968	Mural em azulejo	Anexo I. Copa, 8º andar

⁵⁴ Foram consideradas aqui as obras de arte integradas à arquitetura, isto é, aquelas concebidas especificamente para o local ou que tenham uma relação direta com ele. Esta seleção de obras resulta de visitas técnicas e das pesquisas de BRAGA et al, 1997; IPHAN, 2008 e CASTELLO, 2005.

Athos Bulcão	1918	2008	Mural em azulejo	1968	Mural em azulejo	Anexo I. Setor de contatos, 8º andar
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em azulejo	1968	Mural em azulejo	Anexo I. 8º andar
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em azulejo	1982	Mural em azulejo	Anexo II. Lanchonete
Athos Bulcão	1918	2008	Painel em fórmica	1982	Painel	Anexo I. Posto de Saúde
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em mármore branco	1982	Mural com relevos em mármore branco	Passarela entre Anexo I e II
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em azulejo	1982	Mural em azulejo	Passarela entre Anexo I e II
Athos Bulcão	1918	2008	Mural em mármore branco	1982	Mural com relevos em mármore branco	Anexo II. Área de circulação
Bruno Giorgi	1905	1993	<i>Meteoro</i>	1967	Escultura em mármore carrara executada em bloco único de mármore que pesa 4 toneladas. Compõe-se de cinco elementos com curvas conjugadas entre si que criam espaços vazios. Dimensão: 4 metros de diâmetro. Datação: 1966-1967	Espelho d'água, externo
Emanoel Araújo	1940	–	<i>Grande relevo branco</i>	sem data	Relevo em madeira pintada de branco. Dimensões: 2,70 x 11,17 m.	Subsolo. Foyer do auditório
Franz Weissmann	1911	2005	<i>Metamorfose</i>	1958	Escultura em metal composta pela combinação de quadrados com círculos vazados interiormente que se repetem, lembrando uma coluna infinita. Dimensão: 2,54 x 0,99 x 0,67 cm. Datação: 1957-1958	Segundo Pavimento
Lasar Segall	1889	1957	<i>Três jovens</i>	1939	Escultura em bronze, bloco único fundido com pátina. 155 x 83 x 73 cm.	Terceiro pavimento. Jardim do Salão Nobre
Maria Martins	1894	1973	<i>Canto da noite</i>	1968	Escultura em bronze polido, fundida em um bloco único de bronze, patinado em ouro amarelo e polido. Dimensões: 1,70 x 2,03 x 1,22 m.	Terceiro pavimento. Jardim do Salão Nobre
Mary Vieira	1927	2001	<i>Ponto de encontro</i>	1970	Escultura cinética composta por 230 placas de alumínio que se movimentam ao redor de um eixo apoiado em pedestal cilíndrico e criam configurações variadas. A escultura é circundada por 3 bancos executados em 18 blocos de mármore maciço. Dimensão: 1,60 x 1,00 x 0,28 m (desconsiderando-se os bancos). Datação: 1969-1970	Térreo. Hall de recepção

Paulo Werneck	1907	1987	Mural em mosaico vitrificado	1960	Mural em mosaico vitrificado	Anexo 1, 8o andar (último), antigo restaurante e atual Departamento de Administração do MRE. (Rezende, 2018, p. 137)
Pedro Correia de Araújo	1930	?	<i>Revoada dos Pássaros</i>	1968	Lustre esculpido em bronze, prata, com cristais de rocha lapidados. É composto por enorme disco com 110 braços, 1500 kg e iluminado por uma única lâmpada de 1000 watts. Datação: 1967-1968	Terceiro pavimento. Sala Dom Pedro I
Roberto Burle Marx	1909	1994	<i>Vegetação do Planalto Central</i>	1965	Tapeçaria em lã. Dimensão: 4,15 x 2,50 m	Terceiro pavimento. Sala Brasília
Rubem Valentim	1922	1991	<i>Templo de Oxalá</i>	1977	Relevo em madeira recortada e esmaltada de branco. Baseado na representação de objetos simbólicos retirados dos cultos afrobrasileiros.	Subsolo. Foyer do auditório
Sérgio de Camargo	1930	1990	<i>Muro Estrutural</i>	1966	Blocos de concreto e tinta vinílica. Dimensão: 4,45 x 26 m. Datação: 1965-1966	Subsolo. Auditório
Victor Brecheret	1894	1955	<i>Nu deitado</i>	1940 (circa)	Escultura em gesso patinado e polido. Doação da família do artista. Trata-se de molde da escultura em bronze localizada no Largo do Arouche em São Paulo, intitulada Depois do Banho. Dimensões: 1,30 x 2,75 x 0,65 m.	Terceiro. Salão Nobre

A análise aqui empreendida apontará como nomes de gerações e movimentos artísticos tão diversos terminaram por contribuir, com suas obras de arte integradas, para a formação do que outros pesquisadores já chamaram, merecidamente, de um *palácio-museu*⁵⁵. Um conjunto que expõe, defende-se

⁵⁵ A identificação do edifício sede do MRE como um local que dialoga com um espaço museográfico remonta à época passada em que a sede ficava na cidade do Rio de Janeiro, antiga capital federal. Sobre ela Gustavo Barroso descreve: “Daí ter o Palácio Itamaraty se tornado com o correr dos anos verdadeiro ninho de tradições, uma escola de brasilidade e um acervo de preciosas relíquias a lembrarem fatos e personagens culminantes da vida nacional. É, assim, no bom sentido da expressão, o que pode ser

aqui, a diversidade de conceitos e imagens da modernidade brasileira, para além da relativa homogeneidade da Escola Carioca de arquitetura moderna, a qual tem presença tão forte nos edifícios representativos de Brasília.

Este trajeto – os diferentes grupos de artistas presentes no Palácio Itamaraty e em outros conjuntos da modernidade brasileira, as dinâmicas muito únicas do MRE, conduzidas por agentes que operaram ali e lograram formar um palácio-museu, entre outras especificidades, e as relações entre obra de arte e edifício – não é um trajeto simples ou óbvio. A título de organização, propõe-se o seguinte percurso para este capítulo: (i) o cotejamento entre as obras de arte integradas do Palácio Itamaraty e as obras dos demais edifícios de Oscar Niemeyer para Brasília (no Eixo Monumental ou fora dele, contemporâneos ou não), objeto da seção 2.1; seguido da (ii) análise das relações entre as obras de arte integradas e a arquitetura do Palácio, objeto das seções 2.2 e 2.3.

denominado um **Ministério-Museu**” (1968, p. 149. Grifo nosso). Por sua vez, Graça Ramos, ao analisar as obras de arte do Itamaraty em Brasília, qualifica o edifício como um *palácio-museu* (2017, p. 100). Além disso, vale destacar que em 1955 foi criado o Museu Histórico e Diplomático, MHD, como uma unidade do Ministério. No entanto, a criação desse organismo não pode ser considerada um marco para as obras de arte encomendadas ou compradas para o Palácio em Brasília, estando elas sim relacionadas com Oscar Niemeyer, com Wladimir Murtinho, e sobretudo com a Divisão Cultural do MRE, de 1946, como será analisado no Capítulo 3. Já o MHD possui caráter histórico e institucional do próprio Itamaraty. Vale destacar que obras de arte, bustos, objetos históricos e mobiliários foram transferidos da sede do Rio e de outros edifícios do MRE no exterior para compor o Palácio em Brasília. No entanto, é um equívoco alinhar o conjunto de obras de arte e a atividade de compra a encomenda de obras com a existência do MHD. Este está alocado no edifício do Ministério no Rio de Janeiro e se dedica especificamente à memória da diplomacia. Sobre o MHD, ver: CONDURU, 2013.

Ao longo deste capítulo e do próximo, serão analisadas fontes primárias, e estabelecidos laços entre bibliografia nacional e estrangeira sobre temas direta e indiretamente relacionados à construção de Brasília, à transferência do MRE para o planalto central, à síntese das artes, à formação de um acervo (ou coleção) de obras de artes, e ao sistema de arte nascente no país no período.

Como resultado do percurso, deste e do próximo capítulo, será possível apontar o Itamaraty como um momento de *clivagem* para as práticas de síntese das artes no Brasil, que tiveram o Ministério da Educação e Saúde como modelo e também fonte recorrente de estudos da historiografia canônica.

2.1. ARTISTAS DA CIDADE E ARTISTAS DO PALÁCIO

Nesta seção, pretende-se comparar os autores das obras de arte do Palácio Itamaraty com os autores das de outros dos principais edifícios de Brasília. Como resultado dessa análise, será possível falar em dois grupos: *artistas da cidade e artistas do Palácio*.

Entretanto, são necessárias algumas reflexões anteriores sobre a nova capital. A construção de Brasília praticará a integração das artes⁵⁶ como elemento de projeto de edifícios e espaços públicos, materializada em murais, painéis, esculturas, relevos, vitrais e jardins.

A síntese das artes, em seus projetos, suas obras construídas e suas publicações, concretiza-se na produção da arquitetura moderna brasileira, e

⁵⁶ A se destacar a atuação de diversos artistas, notadamente Athos Bulcão, mas também Alfredo Ceschiatti, Paulo Werneck e Burle Marx, entre outros.

reforça vínculos e redes pessoais e profissionais. Ao fazê-lo, confirma sua centralidade e sua importância na constituição do campo da arquitetura moderna brasileira, cujo clímax e, ao mesmo tempo, ponto crítico será o projeto de Brasília⁵⁷.

A importância da relação entre arte e arquitetura na cidade pode ser facilmente percebida pelas 262⁵⁸ obras de arte de Athos Bulcão presentes em seus mais diversos edifícios, de institucionais a residências e equipamentos urbanos. Este dado indica desde a largada que a relação dos edifícios e das obras de arte é uma tônica fundamental para a constituição do espaço e da imagem da cidade, convertendo-se alguns destes encontros em símbolos da cidade⁵⁹.

⁵⁷ “Essa crise [do Movimento Moderno], que terminaria por provocar uma reação mundial contra os preceitos do Movimento Moderno, impregnou todo o projeto [de Brasília], não apenas no nível da construção individual, como também na escala do plano em si”. (FRAMPTON, p. 312)

⁵⁸ Este dado é resultado da sistematização de fontes feita pela pesquisa de Iniciação Científica do autor, “Arte e Arquitetura - o caso Athos Bulcão”, sob orientação do Prof. Dr. Agnaldo Faria e com Bolsa Fapesp durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo na FAU USP. As fontes principais foram o inventário sobre as obras de Bulcão em Brasília, feito pelo IPHAN-DF, e os catálogos da Fundação Athos Bulcão.

⁵⁹ Podem ser apontados como tais símbolos, entre outros, o mural externo do Teatro Nacional Claudio Santoro, os azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima, ambos de Bulcão, além do vitral de Marianne Perretti na cobertura da Catedral Metropolitana, e da escultura conhecida como “Dois candangos”, de Bruno Giorgi, na Praça dos Três Poderes.

No entanto, considerando-se que a extensão da atuação de um artista como Bulcão⁶⁰ é única e particular, e que, para além dele, apesar de um panorama amplo das artes plásticas no período, foi muito restrito o circuito de artistas colaboradores para a capital, pode-se entender a origem de uma ideia de integração entre arte e arquitetura a partir de uma raiz homogênea.⁶¹

É diante deste cenário que aparece, no Itamaraty, uma pouco usual diversidade de artistas. Para esse caráter único dele, podem-se apontar diversas razões. Dentre elas, como já analisado no Capítulo 1, vale reforçar o papel do diplomata Wladimir Murtinho, um personagem que nem artista e nem arquiteto atuante na escolha das obras do Itamaraty. O papel decisivo de Murtinho⁶² pode

⁶⁰ Athos Bulcão era funcionário público desde 1952 no Serviço de Documentação do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, onde se desenvolvia uma série de publicações, inclusive para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sob orientação de Simião Leal. Nesse período, paralelamente, Bulcão também exerce a atividade de decoração, sobre a qual há pouca documentação. Ao ser transferido do MEC para a NOVACAP em 1957, a pedido de Oscar Niemeyer, terá o cargo de técnico de decoração. Por mais que os trabalhos de integração arquitetônica sejam a sua principal contribuição aos edifícios em Brasília, Bulcão deixa claro, em depoimentos, como o trabalho de decoração, ligado à escolha de cores, materiais e mobiliário, é uma prática corrente, não apenas em espaços interiores, mas também em eventos públicos temporários. (Bulcão, 1988, p. 3).

⁶¹ Afinal, conforme será nas próximas seções, a formação do grupo e da relação entre artistas e arquitetos no Rio de Janeiro começou tão cedo quanto o Ministério da Educação e Saúde, nos anos 1930, e veio sendo reforçada desde então, passando por Pampulha e encontrando em Brasília seu apogeu.

⁶² A compreensão do papel de Murtinho na escolha e construção do conjunto de obras que integram o patrimônio artístico do Palácio Itamaraty será essencial para avançarmos na reflexão sobre o triângulo de forças entre museus-arquitetura-arte,

ser considerado prenúncio à atividade de um curador, figura que na época *“ainda se esboça, por vezes parecendo um título honorífico, dada a inexistência da formação e de produção alentada”* (LOURENÇO, 1999, op. cit., p. 31).

Ainda sobre Murtinho e a complexidade da construção do projeto, Eduardo Rossetti analisa:

“É inegável que autoria do projeto arquitetônico é de Oscar Niemeyer. No entanto, a contribuição de Wladimir Murtinho se estende além de sua função oficial designada pelo Itamaraty, empenhando-se pessoalmente para transferir a Casa do Rio Branco para o Planalto Central. Ele formou uma tríade com Luiz Brun de Almeida Souza e Rubens Antonio Barboza para atuarem junto às autoridades locais, fazendárias e do Executivo. Os três diplomatas trabalhavam inicialmente nas salas do Ministério da Saúde, ou seja, ao lado das obras, acompanhando diretamente a rotina do canteiro. Será amparado por tais colaborações nos âmbitos burocráticos e jurídicos, que Niemeyer poderá efetivamente projetar o seu Palácio do Arcos.

[...]

Se a autoria é inquestionavelmente de Niemeyer, os dividendos do grande feito em que o Palácio se consubstancia paulatinamente, precisam ser diplomaticamente repartidos, de acordo com as especificidades de cada um dos colaboradores, desde os

assim como na reflexão sobre as complexas fronteiras entre as noções de acervo e coleção.

arquitetos, até os artistas plásticos, Burle Marx, desenhistas e os engenheiros. ” (ROSSETTI)⁶³

Esse trecho de Rossetti expõe a complexidade do projeto, da construção, das decisões administrativas e políticas e das ações de inúmeros profissionais e agentes, como Milton Ramos e Olavo Redig de Campos, tendo como maestro o diplomata Murtinho, conforme já detalhado no Capítulo 1.⁶⁴

No final dos anos 1960, na medida em que se aproximava o término da construção, as obras de arte encomendadas para o Palácio serão, inclusive, tema de matérias de jornais, não apenas para expor a grandiosidade e a qualidade do edifício, mas também para fazer frente a diversos questionamentos do governo sobre os gastos incorridos⁶⁵. Em reportagem de 1968, o jornal Correio Braziliense, por exemplo, detalha:

⁶³ ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. “A arquitetura do Palácio Itamaraty (1959-1970) “, Nota 3, p. 1. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/ROSSETTI-A-arquitetura-do-Palacio-Itamaraty-1959-1970.pdf/view>>. Acessado em 20 de junho 2017.

⁶⁴ “*Será nas circunstâncias políticas pós-64 em que o projeto e a obra do Palácio do Itamaraty serão implementados. Houve interesse do novo chanceler pelas obras do novo palácio, assegurando a continuidade e a manutenção da equipe de arquitetos, técnicos e funcionários já comandada pelo diplomata Wladimir de Murtinho*” (ROSSETTI, op. cit., p. 2.)

⁶⁵ Aliás, é interessante notar como, ao longo do processo todo, a transferência do Ministério das Relações Exteriores para Brasília e a consolidação da nova capital federal foram temas que encontraram acolhida por parte da imprensa, sobretudo a local. Parecia mesmo haver um esforço de construção de uma opinião pública favorável à transferência, o que também seria útil no convencimento das missões diplomáticas a construírem as novas embaixadas e a transferirem o corpo diplomático .

O Embaixador Vladimir Murtinho enfrentou diversos problemas com relação à decoração de um palácio destinado a servir de cenário às recepções oficiais, não só do Ministério, mas também da Presidência da República. Constituiu-se então, numa **comissão**, sob a direção do arquiteto Olavo Redig de Campos, Chefe do Serviço de Conservação e Patrimônio do Itamaraty, com assessoramento de diversos artistas e decoradores, para escolha dos desenhos e execução de móveis e alfaiaes destinados à nova sede do MRE, e também à compra de obras-de-arte, estas com o assessoramento do Embaixador Joaquim Souza Leão, Ministro Djalma Lessa e Raymundo Castro Maia⁶⁶, **todos conhecidos colecionadores**.

⁶⁶ “Raymundo Ottoni de Castro Maya (Paris, França 1894 - Rio de Janeiro RJ 1968). Industrial, bacharel de direito, mecenas, editor de livros, colecionador de arte. Criado no Rio de Janeiro, Castro Maya, empresário bem-sucedido e dono da Cia. Carioca Industrial, é um defensor do patrimônio histórico, artístico e natural do Rio de Janeiro. Importante colecionador de arte no Brasil, entre os anos de 1920 e 1968 descobre e adquire quase a totalidade dos cerca de 22 mil itens de sua coleção, entre peças de arte, livros e documentos históricos. Seu acervo vai da pintura de paisagem ao abstracionismo, passando pelo impressionismo, fauvismo, cubismo, pontilhismo e surrealismo. [...]”

Em 1948, Castro Maya tem papel ativo na fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ, do qual é o primeiro presidente. Em 1952, funda a sociedade Os Amigos da Gravura. Por meio das sociedades artísticas de que participa, estimula artistas como Lívio Abramo (1903 - 1992), Fayga Ostrower (1920 - 2001), Oswaldo Goeldi (1895 - 1961), Marcelo Grassmann (1925) e Eduardo Sued (1925). Em 1964 e 1965, Castro Maya coordena a comissão organizadora do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, onde também é editor da revista *Rio*, criada para a ocasião. Ele constrói a Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya em 1963, e o Museu do Açude é aberto ao público, em 1964, em propriedade herdada de seu pai. Em 1967, Castro Maya assume trabalho na Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Conselho Federal de Cultura. Em 1972, após sua morte, é aberto o Museu da Chácara do Céu,

[...]

Procurou-se, na decoração do Palácio, dar relevo especial às obras-de-arte e aos móveis nacionais ou especialmente encomendados quadro, móveis, esculturas, tapeçarias e luminárias desenhados por artistas de renome nacional. (MADEIRA, José Vieira. “O preço de um palácio”. Correio Braziliense. Brasília, 16/05/1968, grifo nosso)

O conjunto de obras integradas do Itamaraty permite constatar o quão especial é a integração que tem lugar nesse edifício, sob a perspectiva da variedade de artistas, de gerações distintas e ou vinculados ou associados a grupos artísticos diversos e não exclusivamente ao grupo moderno carioca de Niemeyer e Costa. O trecho acima deixa claro como a obra de arte era um ponto fundamental no Palácio, a ponto de as escolhas não estarem a cargo exclusivamente aos arquitetos nem tampouco somente a Murtinho. Decorre dessa pluralidade de artistas uma pluralidade de imagens e representações sobre o que seria o moderno nacional. Esse é um dos principais pontos desta dissertação.

no Alto da Boa Vista, em propriedade deixada por ele para a Fundação, com projeto arquitetônico de Wladimir Alves de Souza, feito em 1956.

Em 1983, a Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya é extinta, e seu patrimônio passa a constituir os Museus Castro Maya (Museu do Açude e Museu da Chácara do Céu), integrados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan do Ministério da Cultura.” (RAYMUNDO Ottoni de Castro Maya. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214169/raymundo-ottoni-de-castro-maya>>. Acesso em: 14 de Abr. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7)

Para que fique claro como o Itamaraty abriga práticas diversas da síntese das artes, uma primeira análise consiste em compará-lo a outros espaços de Brasília. Começamos pelos edifícios e espaços públicos do Eixo Monumental⁶⁷ e da Praça dos Três Poderes, tanto os prédios principais quanto os seus anexos e jardins, todos eles localizados próximos ao Itamaraty. Obtém-se a seguinte relação de obras de arte integradas à arquitetura⁶⁸:

		Eixo Monumental										
Artistas / Edifícios		Praça dos Três Poderes	Palácio do Planalto	Câmara dos Deputados	Senado Federal	Supremo Tribunal Federal	Panteão da Pátria	Ministérios	Catedral	Teatro Nacional	Torre de TV	Palácio Itamaraty
Artistas colaboradores de Niemeyer	Athos Bulcão		6	10	5	1	1	3	11	6	1	11
	Alfredo Ceschiatti	1		1					3	1		2
	Marianne Perreti			1			1		1	1		
	Bruno Giorgi	1										1
	Roberto Burle Marx											4
	Alfredo Volpi											1
	Paulo Werneck				1							1
	Di Cavalcanti			1					15			
	José Pedrosa	1										
	Carybé			1								
Artistas fora do círculo de trabalho Niemeyer	João Câmara						1					
	Victor Brecheret							2				1
	Maria Martins											2
	Mary Vieira											1
	Franz Weissmann											1
	Pedro Corrêa de Araújo											1
	Sérgio de Camargo											1
	Rubem Valentim											1
	Emanoel Araújo											1
	Lasar Segall											1

Fig. 1 – Tabela quantitativa das obras de arte integradas aos edifícios e aos espaços públicos do Eixo Monumental (incluindo a Praça dos Três Poderes), em Brasília. Fonte: autor.

⁶⁷ No Eixo Monumental, dentro da divisão de setores do plano urbano de Brasília, estão localizados os principais edifícios governamentais, como os Ministérios, o Congresso e o Supremo Tribunal Federal.

⁶⁸ Seleção de obras retirada de: BRAGA et al 1997, de MINISTÉRIO, 2009; de CASTELLO, 2005; IPHAN, 2008; do Relatório final de Iniciação Científica Fapesp do autor e das visitas de campo realizadas em Brasília em 2017, 2018 e 2019.

Essa seleção dos principais conjuntos institucionais evidencia um meio de artistas em constante parceria e que se consolida com as obras de Niemeyer, destacadamente Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti e Marianne Peretti. Na tabela acima, são abrangidos pela chave *Artistas colaboradores de Niemeyer*. Por outro lado, a tabela indica outro grupo de artistas que inauguram na nova capital sua atuação junto ao arquiteto, reunidos sob a chave *Artistas fora do círculo de Niemeyer*⁶⁹.

Se ampliarmos esse cotejamento para abarcar outros dois importantes edifícios de Niemeyer em Brasília à época – o Palácio da Alvorada (1958) e o Brasília Palace Hotel – bem como o Palácio Jaburu (1977), a oposição entre esses dois grupos persiste⁷⁰:

⁶⁹ Existem, por fim, artistas não abrangidos por uma chave nem outra. Sobre eles, não foi possível estabelecer, até o momento, proximidades ou distanciamentos com Oscar Niemeyer à época da construção do Itamaraty.

⁷⁰ Maria Martins é autora da escultura *Rito dos Ritmos*, localizada no Palácio da Alvorada (1957-1958), projeto de Niemeyer. No entanto, não há registros de uma parceria ou colaboração entre artista e arquiteto. Aponta-se, inclusive, que a encomenda teria partido de Juscelino Kubistcheck, no fim dos anos 1950. Ver: **Maciel**. Já Victor Brecheret possui um significativo número de obras de arte em Brasília. Além dessas apontadas na tabela, possui mais três: a escultura *Índia Barthira* (década de 1950) em bronze sobre pedestal de granito que desde 1962 está exposta na entrada do auditório Dois Candangos, na Universidade de Brasília (CASTELLO, 2005, p. 20), e *Figuras de Mulher*, duas esculturas em bronze localizadas no hall de entrada do Ministério da Educação (BRAGA et al., op. cit., p. s/n). No entanto, todas as obras de Brecheret foram aquisições, e não encomendadas exclusivamente para os seus espaços, mesmo porque o artista faleceu em 1955. Até o momento, as fontes bibliográficas e documentais não permitem estabelecer vínculos entre o artista e Niemeyer.

BRASÍLIA E OS NÚMEROS DA OBRAS DE ARTE INTEGRADAS

Eixo Monumental

Artistas / Edifícios	Praça dos Trés Poderes	Palácio do Planalto	Câmara dos Deputados	Senado Federal	Supremo Tribunal Federal	Panteão da Pátria	Ministérios	Catedral	Teatro Nacional	Torre de TV	Palácio Itamaraty	Palácio Alvorada (e Capela)	Brasília Palace Hotel	Palácio Jaburu
Athos Bulcão	1	6	10	5	1	1	3	11	6	1	11	5*	2	
Alfredo Ceschiatti			1					3	1		2	1		1
Marianne Perreti			1			1		1	1					
Bruno Giorgi	1										1			
Roberto Burle Marx											4			
Alfredo Volpi											1			
Paulo Werneck											1			
Di Cavalcanti			1										1	
José Pedrosa	1							15						
Carybé			1											
João Câmara						1								
Victor Brecheret							2				1	2		
Maria Martins											2	1		
Mary Vieira											1			
Franz Weissmann											1			
Pedro Corrêa de Araújo											1			
Sérgio de Camargo											1			
Rubem Valentim											1			
Emanoel Araújo											1			
Lasar Segall											1			

*não foram considerados os objetos litúrgicos e candelabros.

Fig. 2: Tabela quantitativa das obras de arte integradas aos edifícios e aos espaços públicos do Eixo Monumental, Praça dos Três Poderes, Palácio da Alvorada, Brasília Palace e Palácio Jaburu, em Brasília. Fonte: autor.

Conforme demonstrado pelas tabelas acima, podemos classificar as obras integradas do Palácio Itamaraty nesses dois circuitos:

a) artistas que já haviam colaborado com Niemeyer, em Brasília ou projetos anteriores⁷¹, cujas obras são as seguintes⁷²:

- Meteoro, de Bruno Giorgi, 1966-1967.
- Parede de Mármore, de Athos Bulcão, 1966.
- Trelença, de Athos Bulcão, 1967.
- *Sonho de Dom Bosco*, de Alfredo Volpi, 1966.
- *Vegetação do Planalto Central*, de Roberto Burle Marx, 1965.
- *Duas amigas*, de Alfredo Ceschiatti, 1967-1968.
- *Eva*, de Alfredo Ceschiatti, 1965.
- Mural em mosaico vitrificado, de Paulo Werneck, 1960⁷³

⁷¹ São eles os mais frequentes parceiros de Niemeyer em diversas obras, desde o Ministério da Educação e Saúde (1936-1947), no Rio de Janeiro, passando pelo conjunto da Pampulha (anos 1940), em Belo Horizonte, e outros edifícios em diversas escalas e programas. Este circuito consolidou-se na construção de Brasília.

⁷² Dados retirados de: BRAGA et al, op. cit, 1997; Ministério, 2009; e CASTELO, 2005

⁷³ Data de acordo com: Martins, 2008, p. 9,

b) artistas que até então não tinham trabalhado com o arquiteto e que não faziam parte de seu círculo profissional, cujas obras são as seguintes⁷⁴:

- *Ponto de encontro*, de Mary Vieira, 1969-1970.
- *Metamorfose*, de Franz Weissmann, 1957-1958.
- *Revoada dos Pássaros*, de Pedro Corrêa de Araújo, 1967-1968.
- *Muro Estrutural*, de Sérgio Camargo, 1965-1966.
- *Templo de Oxalá*, de Rubem Valentim, 1977.
- *Grande relevo branco*, de Emanuel Araújo, sem data.
- *Canto da noite*, de Maria Martins, 1968.
- *Três jovens*, de Lasar Segall, 1939.
- *Nu deitado*, de Victor Brecheret, 1940 (*circa*).

Concebidas em um intervalo temporal praticamente idêntico (1965-1970)⁷⁵, as obras reunidas nos dois circuitos descritos acima permitem-nos

⁷⁴ Dados retirados de: BRAGA et al., op. cit., 1997; Ministério, 2009.

⁷⁵ A obra Victor Brecheret é datada de 1940, a Lasar Segall é de 1939, e a de Rubem Valentim é de 1977 e a de Emanuel Araújo não possui identificação de data. (Ministério, 2009). Essas quatro obras, mesmo não tendo sido adquiridas ou encomendadas no período da construção, foram consideradas na análise em função da sua intensa relação com o edifício e com as outras obras selecionadas, tal como a proximidade com a de Sérgio Camargo no auditório, no caso de Araújo e Valentim; e com as esculturas do terceiro pavimento, no caso de Brecheret e Segall. Esta última foi doada pela Associação Cultural de Amigos do Museu Lasar Segall em 2001 (Ministério, op. cit., p. 96); a de Brecheret foi doada em 1982 pela família do artista. (Pellegrini, 2000, p. 178). Já a obra de Werneck, claramente integrada à arquitetura pela sua materialidade, é datada de 1960. Vale lembrar que o estudo preliminar do edifício é iniciado em 1959 e a sua versão a ser desenvolvida, a terceira, é de 1963. Assim, essa data claramente corresponde ao projeto do mural, sendo ele feito durante o estudo preliminar ou essa

verificar a variedade de artistas, de gerações artísticas distintas e vinculados a grupos e temáticas diversos no Itamaraty. Sobre associações artísticas, temos, por exemplo, Sérgio Camargo e Franz Weissman, próximos ao Grupo Neoconcreto carioca; Burle Marx, Athos Bulcão e Paulo Werneck, ligados ao circuito carioca de arquitetura; Alfredo Volpi, relacionado ao Grupo Santa Helena de São Paulo, Maria Martins, escultora em diálogo com os surrealistas e dadaístas europeus; Mary Vieira, com obra de caráter cinético; Emanuel Araújo, com obras que discorrem sobre questões político-culturais da herança africana no país.

2.2. A identidade nacional na nova chancelaria

O ministro Wladimir Murtinho, presidente da Comissão de Transferência para Brasília, do Ministério das Relações Exteriores, concedeu ontem entrevista coletiva à imprensa, no Itamarati, rechaçando a recente grita ocorrida no Congresso Nacional, quando parlamentares acusaram o Governo de ter liberado uma verba de 110 milhões de cruzeiros, a fim de que fôssem adquiridos produtos no exterior, para o novo prédio do Ministério em Brasília.

Explicou o ministro Murtinho que no novo Itamarati apenas serão utilizados produtos brasileiros. Fêz então uma ampla dissertação sobre tudo o que foi e está sendo feito em Brasília. Disse que o palácio foi desenhado por Oscar Niemeyer e está sendo executado por Milton Ramos. Os desenhistas dos móveis são os brasileiros Sérgio Rodrigues e Bernardo Figueiredo. Os jardins são de Burle Marx, que

data pode corresponder à década e não a um ano especificamente. Não foi encontrada, nem em fontes documentais nem na bibliografia do artista, a data de construção do mural.

também fez os cartões para as tapeçarias, que serão executadas por Colaço Nicola e Decors. Até os talheres, todos de prata, de formas modernas, estão sendo fabricados no Brasil.

Fêz questão de salientar que “o nôvo Itamarati será eminentemente nacionalista e tropical”. Segundo ainda informações do ministro Murtinho, o governo brasileiro apenas importará para o nôvo palácio alguns tapetes orientais e três quadros, que se relacionam a três históricas cidades brasileiras: Salvador (1628), Rio de Janeiro (1831) e Ouro Preto (1780), os quais se encontram, respectivamente em Madrid, Nova York e Paris⁷⁶. (BARRO, Pedro. “Diplomacia: Tuthill vai aos EUA para relatar crises brasileiras”. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 27/09/1966, p. 4)

Este trecho em matéria de 1966, quando as obras do Itamaraty já estavam em fase final, mostra como a questão da identidade nacional é um argumento importante para a concepção do novo Palácio. A necessidade de representar uma identidade nacional no MRE é uma questão tanto específica da chancelaria e deste edifício quanto geral em Brasília, conforme será visto nesta seção.

A partir de 1966, durante os anos iniciais da Ditadura civil-militar no país e a crise financeira que ocorria, Murtinho será questionado sobre os custos do Palácio. Interessante notar que, diante disso, a resposta do diplomata terá teor

⁷⁶ “Com referência à verba de 110 milhões de cruzeiros, explicou o ministro que se destina ao prédio do Itamarati na Guanabara e que tem por objetivo mantê-lo como nos tempo do Barão do Rio Branco. Disse que a restauração de cortinas, tapetes e brocados se faz necessária de 14 em 14 anos, e aquele material somente é encontrado no exterior.” (BARRO, Pedro. “Diplomacia: Tuthill vai aos EUA para relatar crises brasileiras”. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 27/09/1966, p. 4)

mais nacionalista do que identitário. Vale notar a conjuntura da época: o autoexílio de Oscar Niemeyer, a importância da instituição do MRE, a complexidade do projeto e da transferência e a presença de diversos profissionais envolvidos. Diante desse quadro, será Murtinho que estará no *front*, explicando conceitualmente o edifício, papel que, em quase todos os casos, seria dado a um arquiteto.

A defesa de um edifício nacionalista no período ditatorial ratifica a análise de Carlos Martins sobre a constante relação entre arquitetura e Estado:

As relações entre Arquitetura Moderna, nacionalismo e Estado no Brasil, evidentemente sofreram inevitáveis alterações decorrentes das transformações na orientação política econômico e cultural, implicando em modificações a nível da formulação do ideário arquitetônico que, ora enfatiza o aspecto propriamente modernizador, ora apresenta-se como desenvolvimentista, mas sempre referindo-o a uma genérica, **porém constante, perspectiva nacionalista**. Sempre, como se verifica facilmente no discurso da categoria, mesmo após o golpe militar de 1964, insistindo num quadro básico de postulação do ‘papel dos arquitetos no processo de desenvolvimento social’ que o Estado ora alimentará e utilizará, ora ignorará, mas que não será rompido pela categoria, a se mover, até muito recentemente, nos limites da visão racionalista, ao menos nesse aspecto. (MARTINS, 1987, pp. 89-90)

O Itamaraty – edifício representativo e anexo, jardins e obras de arte – corresponde a um espaço em que convergem as práticas de síntese das artes e em que a arquitetura é alçada à condição de museu ou monumento da imagem nacional. No entanto, e nisso é especial, o faz de maneira diferente às práticas

até então bem estabelecidas da arquitetura moderna brasileira. Se em outros edifícios de Oscar Niemeyer, conforme já descrito na seção 2.1 acima, atuam predominantemente os artistas de um circuito definido pelos arquitetos, aqui a articulação entre obras de arte e arquitetura aparece com cara nova. Opera-se não no alinhamento das áreas de forma una, mas na diversidade de imagens e discursos sobre o moderno brasileiro.

Essa extrapolação ganha relevo quando se lembra que a questão do museu e do monumento da modernidade é uma tônica fundamental em Brasília como um todo, ainda que usualmente construída em um mesmo circuito profissional, em uma raiz homogênea. Em outras palavras, a cidade sempre foi apontada como o ideal de obra de arte total. Este ideal está presente na própria legitimação da nova capital, em seus projetos artísticos, arquitetônicos e urbanístico, como destaca Adrián Gorelik:

Pois bem, Brasília, pelo contrário, nasceu reivindicando-se tanto como obra de arte quanto obra de urbanismo e, em função disso, como monumento da modernidade, o que supunha em seus criadores – e em seus usuários – uma atitude distanciada com respeito ao “moderno”, uma reutilização consciente, e portanto potenciada, de alguns dos valores do “moderno” convertidos em motores da comunicação e em objetos de veneração museográfica.

A passagem da ideia da obra de arte total, integrada ou à arquitetura ou à cidade, para a atuação e formação dos espaços museográficos pelos artistas esteve também na pauta das vanguardas da arte brasileira, conforme aponta Maria Cecília França Lourenço:

Desde os anos 30, a arte moderna brasileira inicia uma ampliação de seus objetivos estéticos, procurando uma função social

que a aproxime de platéias singulares, assim estendendo o projeto moderno para amplos os segmentos [...] as estratégias incluem a arte total e integrada, por sua capacidade de fisgar o transeunte, gerando obras em diferentes modalidades, como painéis, ilustrações, murais, desenho industrial, projeto gráfico, além de arquitetura, pintura, desenho, gravura, e escultura. Contudo, entre as mais peculiares atuações está a criação de museus, finalidade maior a ser conquistada. (LOURENÇO, op. cit., p. 69)

Considerando que a construção de uma imagem nacional é uma tônica que perpassou todo o projeto do Itamaraty, pode-se estabelecer, com base nessa preocupação, três chaves para analisar a relação entre as obras de arte integradas e os espaços do Palácio: i) o diálogo com a história da nova capital, a ser construída em uma região por explorar; ii) o diálogo com a *atmosfera* palaciana do Itamaraty no Rio de Janeiro; iii) o diálogo com a grande espacialidade e a construção de novos símbolos.

2.2.1. A história em construção da nova capital num ambiente ainda por explorar

Do conjunto de obras de arte integradas assinaladas, há algumas que, mesmo em locais distintos do edifício e de diferentes suportes, se conectam pela temática específica sobre Brasília. São elas:

- *Sonho de Dom Bosco*, de Alfredo Volpi
- *Revoada dos Pássaros*, de Pedro Correia de Araújo
- *Vegetação do Planalto Central*, de Roberto Burle Marx

O artista ítalo-brasileiro Alfredo Volpi⁷⁷ possui dois trabalhos de afrescos executados em edifícios de Niemeyer na nova capital: um originalmente localizado na Igreja de Nossa Senhora⁷⁸, de 1958, infelizmente apagado, e o do Itamaraty.

A pintura mural *O sonho de Dom Bosco*, de 1966, está localizada em um espaço especialmente projetado para a receber, próximo à Sala dos Tratados. Retrata o santo católico que teria tido uma visão profética de uma terra abençoada, rica e promissora, a qual, segundo alguns intérpretes, seria Brasília. A figura central do santo é envolvida por um fundo de azul intenso e elementos

⁷⁷ Alfredo Volpi nasce na cidade italiana de Lucca em 1896. No ano seguinte, muda-se com os pais para São Paulo. Quando criança, estuda na Escola Profissional Masculina do Brás. Trabalha como marceneiro, entalhador e encadernador, até que, em 1911, torna-se pintor decorador e começa a fazer pinturas sobre madeiras e telas. Nos anos 1930, ingressa no Grupo Santa Helena, ao lado de artistas como Mário Zanini e Francisco Rebolo. Em 1936, integra o Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo e, no ano seguinte, a Família Artística Paulista (FAP). Volpi trabalha nos anos 1940 para a Osirarte, azulejaria criada por Rossi Osir. Em 1944, faz sua primeira exposição individual, em São Paulo. Na década de 1950, conforme mencionado, suas composições caminham para a abstração, para, em seguida, caminhar para diálogos entre o figurativo e o abstrato. Será a partir desse período que sua obra ganhará ampla repercussão. Em 1961, Volpi teve uma sala especial com 53 obras na VI Bienal de São Paulo. No ano seguinte e em 1970 ganhará o prêmio de Melhor Pintor Brasileiro da crítica de arte do Rio de Janeiro. Sua produção artística passa por três momentos: 1) o começo de carreira figurativo, destacando-se as paisagens do litoral e do interior; 2) o período marcado pela estética concreta; e 3) o período de “síntese entre o figurativo e o abstrato” (MAMMI, p. 36), do qual a temática mais conhecida é a das bandeirinhas.

⁷⁸ A obra consistia em uma pintura mural nas paredes internas da Igreja Nossa Senhora, na Quadra 307/308 Sul, conhecida como Igrejinha, a qual abriga também um mural de azulejos de Athos Bulcão na parede externa, este sim preservado até hoje. Quando da execução desse afresco de Volpi, houve grande repercussão nos meios especializados de arquitetura.

triangulares, nas *cores atmosféricas*, segundo denominação de Lorenzo Mammi, cores essas que são características do período⁷⁹ do artista.

A figura de Dom Bosco, de braços abertos, está ao centro da composição, ladeado por triângulos nos tons de vermelho e preto. Essas figuras são interpretadas ora como uma alegoria de uma ascensão espiritual ou como formas geométricas que remetem ao nascimento de novas cidades, como imagens de uma vista aérea.

Nas laterais e na parte superior há elementos geométricos de traço livre, que formam figuras circulares. No topo, duas meias elipses acentuam o aspecto celestial da cor azul de fundo, ao passo que, nas laterais, os elementos fazem alusão ao desenho das colunas do próprio Itamaraty, em uma justaposição de elementos que, em uma composição de caráter bidimensional, geram movimento e profundidade.

⁷⁹ “A questão está justamente aí: Volpi, no fim da década de 50, intui que a pintura contemporânea inaugura um novo tipo de espaço, que não pode ser organizado nem pela concretude artesã de suas antigas fachadas nem pelas proporções engenhosas de seus quadros concretos. O novo espaço é aberto, indeterminado: as formas se apoiam nele, mas não encontram nele um abrigo. Para manter o jogo de ilusão e literalidade, que é o fulcro formal de seu trabalho, Volpi recua: busca nos céus de Giotto e nos estandartes de Paolo Uccello soluções espaciais que, se já não implicam distâncias, pelo menos sugerem um vazio. É uma solução-limite, mas de grande sutileza. Com frequência, duas áreas contíguas não se distinguem nem pela cor, nem pelo contorno, nem pela inclinação da pincelada – por uma linha de separação apenas, que surge onde o movimento da mão se interrompe, para recomeçar logo depois na mesma direção, como nas “jornadas” dos afrescos. De fato, grande parte do fascínio da pintura de Volpi nessa fase se deve à sensação de um mundo que se esvai, e que sabe disso. Nas telas noturnas do fim dos anos 50, o vazio incipiente comporta um certo desespero. Depois torna-se mais sereno.” (MAMMI, 1999, p. 37)

Os dois murais, do Itamaraty e o da Igrejinha, representam temática e período importante da trajetória do artista. Inserem-se na virada do construtivismo para o figurativo, marcada principalmente pela síntese entre o figurativo e o abstrato. Também são obras de imagens sacras, assunto importante inclusive nas telas de Volpi. Conforme analisa Mammi sobre esses dois tópicos:

“Até nas imagens sacras, que Volpi pintou depois da fase concretista, se reconhecem os efeitos de suas pesquisas sobre motivos geométricos. Essas figuras, sobretudo as da Virgem com Menino, são construídas quase sempre com base em dois recursos básicos: por um lado, linhas tortuosas que se desdobram a partir de um nó estrutural, o qual geralmente corresponde às mãos, e que atravessam os corpos assumindo diferentes significados ao longo de seu caminho; por outro, motivos geométricos, cada um com um significado específico (triângulos para as túnicas, meias-luas para os braços e assim por diante), que ecoam entre a figura da mãe e a do filho.

[...]

A origem [...] pode ser encontrada na pintura italiana de estilo “grego”: de um lado, as figurações frontais de Margaritone de Arezzo, que Volpi admirava; de outro o desenho sinuoso de Cimabue ou de Duccio.” (MAMMI, 1999, pp. 35-36)

A técnica do afresco é sabidamente mais vulnerável à ação do tempo e do uso dos espaços. A obra do Itamaraty⁸⁰, representante de um dos períodos mais marcantes da trajetória de Volpi, resta, portanto, como a única contribuição do artista para uma obra de arte integrada em Brasília.

Ao lado do afresco de Volpi, as obras de Pedro Corrêa de Araújo e Burle Marx tratam da temática de Brasília, mas, agora, pela perspectiva da natureza do território. Sobre a natureza da região, a primeira imagem que vem à mente é a da fotografia com vias em cruz, do início da construção da nova capital, que instauram um novo território. Sobre ele, onde tudo será construído do zero, a natureza é ao mesmo tempo um desafio e uma característica local.

Depois de ter ganho a VIII Bienal de São Paulo e participado do movimento jóias-esculturas, Pedro Corrêa de Araújo chamou a atenção de Murtinho por meio das joias produzidas para sua mãe, Lili Corrêa de Araújo, amiga do diplomata. Corrêa de Araújo seria então escalado para um lustre de caráter escultórico para a Sala Pedro I, que tem esse nome graças a uma tela de Debret, “Coroação de Pedro I”.

“A maneira como nós fizemos este... veja bem, isso durou quase dois anos, fazendo esse lustre. Então o que quê ele tinha? Nós comprávamos pequenas placas de metal, solda e ele trabalhava. Quando terminava o trabalho, eu pagava por mês. Depois de cerca de

⁸⁰ Em 2017, foram levantadas algumas questões sobre a condição atual do mural do MRE, passando ele por vistorias do IPHAN, além de um diálogo entre o Instituto Volpi e o Itamaraty para a indicação de restauradores especializados no artista. LANNES, PAULO. “Vistoria do Iphan aponta 10 problemas no mural de Volpi do Itamaraty”. Metrópoles, 15/02/2017. Disponível em <<https://www.metrópoles.com/entretenimento/politica-cultural/vistoria-do-iphan-aponta-10-problemas-no-mural-de-volpi-do-itamaraty>> Acessado em: 20/03/2018.

dois anos, ficou pronto. Bom, a emoção que representou a entrada desse lustre, veio inteiro. É uma loucura total, uma peça que deve ter seis, sete metros de envergadura.” (MURTINHO, op. cit., p. 69)

O lustre remete à ideia dos bacuraus, aves de hábitos noturnos típicas do cerrado⁸¹. A ideia do lustre não estava prevista no projeto de Niemeyer; e aqui temos mais um momento de conflito entre o arquiteto e o diplomata:

Segundo o artista, durante a finalização da obra, Niemeyer visitou a oficina de fundição, verbalizando seu descontentamento: ‘Não tem lustre no meu projeto’. Informou. Preocupado, Corrêa de Araújo telefonou para Murtinho. ‘Pedrinho, ele não pode intervir na decoração’, disse o diplomata. ‘Eu decido’.

Para instalá-lo, em setembro de 1967, foi necessário retirar uma janela lateral e escapar do controle da equipe de Niemeyer ‘Trabalhamos à noite, após as 18h, eu e mais três carpinteiros que fizeram os andaimes, um soldador e cinco ajudantes’, lembrou o artista. (MURTINHO, op. cit., p. 66)

O lustre esculpido em ferro, prata e bronze, com cristais de rocha lapidados em forma de disco, da região da cidade de Cristalina, Goiás, chamado “Revoada de Pássaros” está na Sala D. Pedro I.

⁸¹ RAMOS, op. cit., p. 103

Roberto Burle Marx⁸² é uma das grandes figuras da cultura moderna brasileira. Nascido em São Paulo, no ano de 1909, é destacadamente um dos pioneiros do paisagismo moderno, de repercussão e importância que extrapolam o Brasil.

Além dos projetos dos jardins do Palácio, detalhados mais adiante, ele fez sob encomenda para o terceiro pavimento do Itamaraty, uma tapeçaria de 22 x 4m. Ao descrever os trâmites para a contratação, Murtinho exemplifica o procedimento não apenas desse caso, mas de outras obras de arte do Itamaraty:

⁸² Durante a infância, vive no Rio de Janeiro, antes de ir com a família para a Alemanha, em 1928. Em 1929, estuda no ateliê de pintura de Degner Klemn e, em seu retorno ao Brasil, faz curso de pintura e arquitetura na ENBA, entre 1930 e 1934, sendo aluno de Leo Putz (1869-1940), Augusto Bracet (1881-1960) e Celso Antônio (1896-1984).

Em 1932, a convite do arquiteto Lucio Costa realiza seu primeiro projeto de paisagismo, para a casa da família Schwartz, no Rio de Janeiro. Entre 1934 e 1937, será o diretor de parques e jardins do Recife, Pernambuco.

O final da década de 1930 marca o início da integração de sua obra paisagística à arquitetura moderna, época em que irá estudar formas orgânicas e sinuosas para seus projetos. Nesse período, realizará os jardins do Ministério da Educação e Saúde, projeto que será referencial para toda uma geração de arquitetos modernos.

Em 1949, ao adquirir um sítio de 800.000 m² em Campo Grande, Rio de Janeiro, organiza uma grande coleção de plantas, objetos e experimentos de projeto. A partir daí, realiza inúmeras expedições, acompanhado de diversos profissionais, como agrônomos e botânicos, por diversas regiões do país, para coletar e catalogar exemplares de plantas a serem usados em futuros projetos. Sua atividade como paisagista extrapola o grupo moderno carioca, fazendo parcerias com diversos arquitetos de outros grupos e correntes, como os paulistas Rino Levi e Pedro Paulo de Melo Saraiva, além de uma série de projetos no exterior.

“Ao programar um prédio governamental, você se esbarra contra as limitações legais. Você não pode adiantar dinheiro, ou seja, é ilegal, você só pode comprar. Você pode comprar, sem licitação, dizendo que é de notoriedade pública e especialização. Mas, você não poderia comprar, e uma tapeçaria dessa levou cerca de 18 meses, para ser tecida. Então como fazíamos? Nós comprávamos a lã... depois mandávamos tingir... cada vez se pagava, portanto, veja bem, é a maneira que nós tínhamos que ter a coisa para poder justificar perante o Tribunal de Contas. Então primeiro comprávamos a lã, depois mandávamos tingir com um célebre chinês de São Paulo, que tingia exatamente nas cores que o Roberto Burle Marx queria e que o Nicola achava que combinava. E aí, esse material era feito, era tecido. Quando terminava o primeiro quadrado de cinco metros por três e 4, 80, me parece que são, quase quadrados, aí eu pagava ao Norberto. Eu não adiantava, não podia adiantar.”⁸³

Vegetação do Planalto Central representa a natureza do cerrado. Sua composição possui dois grupos distintos: retângulos horizontais na área inferior e uma sobreposição de formas logo acima. Aquelas formas e sua disposição fazem alusão à grande horizontalidade desse bioma.

Há uma predominância de formas que remetem a troncos finos retorcidos, característica da vegetação típica, como as árvores *Caryocar brasiliense*, *Qualea grandiflora*, *Annona coricea*. Essas formas ou grafismos por vezes estão partidos ou apenas um elemento deles é representado.

Não há um fundo definido, e sim uma sobreposição de formas sobre manchas de cor, ora preenchido ora vazado sobre outra, como um negativo. Sua composição

⁸³ MURTINHO, op. cit., p. 16.

cromática é feita de azul escuro e claro, lilás, amarelo claro e escuro, laranja, cinza, marrom, bege e branco. A composição, pautada pela sobreposição de formas, por elementos incompletos e pelo traço orgânico, não está estruturada através de um olhar distante, como alguém que vê uma paisagem e a representa de forma contemplativa, mas sim pelo olho do observador que, dentro desse lugar, depara-se com a complexidade da natureza.

2.2.2. A atmosfera palaciana da Guanabara:

Na realidade, embora não pareça, o ministério é extremamente inspirado no palácio que nós temos no Rio de Janeiro. Com efeito, o palácio do Rio de Janeiro é constituído de um prédio antigo do século XIX, meados do século XIX, onde está o que nós chamamos na parte representativa do ministério. Temos depois uma ala grande, onde estavam os serviços e uma segunda ala, que completava isso, que era, onde está a biblioteca e os serviços de arquivo. Essa idéia de três diferentes prédios que caracterizou o ministério: um representativo, um de administração e um complementar que abrigaria a parte de documentação (MURTINHO, op. cit., pp. 1-2)

Um dos elementos da organização espacial que relaciona os dois edifícios, além da forma de distribuir o programa do edifício, são os jardins. No Rio de Janeiro, o jardim posterior ao palacete foi o espaço de diversas cerimônias e festas da chancelaria:

O Palácio das Relações Exteriores será um quadrilátero, tendo sido encontrada uma solução curiosa para a questão de local para as famosas festas do Itamarati: como, dentro do espírito da cidade, não poderia haver em Brasília um jardim público fechado (isto é, um jardim em próprio do Governo, mas privativo de um só órgão), o Dr. Oscar

Niemeyer imaginou a construção de um grande terraço coberto, com um jardim ocupando área correspondente à área dos jardins do Itamarati, no Rio de Janeiro. Ali serão realizados os 'garden parties' que tornaram famosas no mundo inteiro as suntuosas recepções do Itamarati. Tal 'jardim suspenso' terá cerca de 1.800 metros quadrados. ("Inversão de 50 milhões de dólares no DF ao término das obras do Itamarati" [entrevista com Wladimir Murtinho]. Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1964, p. 8)

Murtinho rememora a relação de Burle Marx e Juscelino no início do projeto de construção de Brasília, no final dos anos 1950, e a ausência do paisagista na empreitada até que ele viesse a participar no Itamaraty:

“Oscar Niemeyer, começou a fazer o planejamento [do Itamaraty], eu disse da importância de que ele tivesse como colaborador o Roberto Burle Marx. É necessário dizer que nesse tempo Roberto Burle Marx havia brigado com o Juscelino Kubitschek, e em consequência tinha se estremecido com o Niemeyer. Por esse motivo ele não veio no começo de Brasília, Juscelino não o trouxe porque o nosso Roberto Burle Marx é muito desbocado, ele se queixou aos jornais de que não haviam pago, ele tinha feito os jardins de Pampulha. E se queixou de que não haviam pago, que aquilo tinha sido uma vergonha, etc., etc. Então quando veio o momento, porque ele havia sido a pessoa ligada a algo fundamental, que eram os jardins do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. E portanto, o natural teria sido que ele viesse, mas ele não veio no começo, por esse motivo.

[...]

‘É preciso trazer o Burle Marx pra fazer os jardins.’ E aí, tive a alegria de poder reconciliá-los e ficar. O Roberto Burle Marx é o melhor que pode ter, não há dúvida sobre isso. E resultou que o Roberto Burle Marx, veio.”⁸⁴

No Itamaraty, Roberto Burle Marx irá executar três jardins⁸⁵: o externo (aquático), outro aos fundos do grande hall de entrada e o jardim do último pavimento⁸⁶. Este está na dinâmica dos salões e do cerimonial típicos do Itamaraty, conforme é descrito acima. Integrado com obras de arte, o jardim suspenso funciona ao mesmo tempo como Salão Nobre e como uma grande varanda de conexão entre as salas e salões de recepção. A pesquisa nos desenhos do projeto revelou que consta desde o último estudo preliminar, de 1963, a ideia de ter esse desenho de espaço aberto na cobertura do palácio.

Aos elementos que compõe o jardim, plantas, piso em pedra portuguesa (típico de áreas externas do Rio de Janeiro) e das pedras, há no jardim suspenso duas

⁸⁴ MURTINHO, op. cit., p. 15.

⁸⁵ Em comparação com outros edifícios de Brasília, segundo Eduardo Rossetti, “*Os jardins do palácio são um dos aspectos que mais diferenciam o Itamaraty dos demais palácios em Brasília. Mesmo que Burle Marx também tenha projetado um jardim aquático circundante e um jardim interno, a guisa de pátio de ventilação, para o Ministério da Justiça, ou ainda tenha concebido os jardins do Palácio do Jaburu, os demais palácios e as demais instituições cívicas da capital não possuem a marca do paisagista na definição de seus espaços.*” (ROSSETTI, op. cit., p. 71.)

⁸⁶ Nos Arquivos do MRE foi encontrada uma solicitação de passagem para Burle Marx e Affonso Leivas, em 1966, para “*continuar os estudos do futuro jardim do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília*”. (DAHER, Miguel A. [carta] 4/5/1966 [para] FREITAS, Arthenius F. M. / Encarregado da Seção de Gabinete, Brasília. 1f. Aquisição de passagens. Arquivo Histórico MRE.

esculturas: *Canto da noite* (1968) de Maria Martins⁸⁷, e *Três jovens* (1939), de Lasar Segall⁸⁸. Próximas a essas, há mais três esculturas na área coberta do terceiro andar: *Nu deitado* (1940) de Victor Brecheret, mas também *Eva* (1965) e *Duas amigas* (1968), ambas de Alfredo Ceschiatti.

Além da espacialidade que as aproxima e constitui um dos elementos que desenha o espaço do Salão Nobre, a temática do corpo feminino é um elemento em comum a todas essas esculturas: a figura mitológica relacionada à criação da humanidade e à família (*Eva*), a figura fraterna (*Duas Amigas* e *Três Jovens*), a forma erótica (*Canto da noite*) e a imagem do íntimo (*Nu deitado*⁸⁹). “De certa forma, o jardim, assemelha-se a um microcosmo que reúne os grandes nomes da escultura brasileira, de viés figurativo, atuantes na época da montagem do palácio.” (RAMOS, op. cit., p. 144)

Os jardins da área externa e do hall de entrada são marcados pelo uso expressivo do espelho d’água, sendo em maior proporção neste último, como um

⁸⁷ Uma das conexões de Maria Martins com o MRE se dá por meio do seu marido, o embaixador Carlos Martins. A carreira de seu marido fará com que a formação e trajetória da artista sejam desenvolvidas em grande parte no exterior. Destaca-se o aprendizado em Nova York com Jacques Lipchitz, escultor que colaborou para o projeto do MES. Martins frequentou o círculo de artistas surrealistas e dadaístas, como Michel Tapié (1909-1987), André Masson (1896-1987), Yves Tanguy (1900-1955), Max Ernst (1891-1976) e Marcel Duchamp (1887-1968). (Disponível em: <<http://itaucultural.org.br/pessoa21390/maria-martins>> Acessado em 04/02/2018.)

⁸⁸ Sobre a doação da escultura de Lasar Segall, ver nota anterior. Graça Ramos destaca a intenção de Murtinho à época de adquirir para o Palácio uma escultura de Segall: “Durante muito tempo, Murtinho tentou negociar uma escultura de Lasar Segall, mas sempre encontrava impedimentos. Com a doação, obtida quando ele já estava aposentado, sua ideia se concretizou”.

⁸⁹ Vale lembrar que é uma reprodução de uma escultura, de 1939, intitulada *Depois do banho*.

balizador do contorno do edifício e elemento inclusive para delinear os acessos e reforçar a segurança do MRE. Esse também é um elemento de conexão visual entre o Palácio do Rio e o de Brasília, assim como o uso de tapeçarias e lustres, elementos que também dialogam com as obras de Burle Marx e Araújo.

Uma das principais fontes para se rememorar o Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro quando este era sede da chancelaria é a publicação, organizada pelo próprio MRE em 1942, *Resenha Histórica e Guia Descritivo*. Ela conta com textos de J. De Sousa Leão Filho e Ronald de Carvalho. Este último, em particular, apresenta um roteiro descritivo, ambiente a ambiente, das instalações do ministério. Estão lá ricamente descritos os mobiliários, as obras de arte, os revestimentos, os usos etc.

2.2.3. A grande espacialidade e a construção de novos símbolos

A pesquisa nas pranchas de desenvolvimento de projeto (e documentação relacionada) chama a atenção para cinco obras de arte integradas que aparecem no próprio desenho da arquitetura: a Parede de Mármore (1966) e a Trelça (1967), ambas de Athos Bulcão, o *Muro Estrutural* (1966), de Sérgio Camargo, o *Ponto de encontro* (1970), de Mary Vieira, e *Meteoro*, de Bruno Giorgi (1966-67). Iremos analisar aqui as obras de Bulcão e Camargo.

No Palácio Itamaraty Athos Bulcão fez 6 obras entre os anos de 1966 e 1968, sendo 2 no edifício representativo, acima mencionadas, e 4 painéis de azulejo no 8º andar do Anexo 1⁹⁰. Voltaria a trabalhar no Palácio no futuro⁹¹.

A questão de escala será o ponto de partida do mural de baixo-relevo em mármore do hall principal, a que se refere como Parede de Mármore. Porém, ao

⁹⁰ Desse período, Bulcão também é o responsável pelo desenho de piso, em granito cinza Andorinha no hall principal, e em mármore Italva e Santo Antônio no segundo pavimento e no terraço, todas pedras brasileiras. Sobre o trabalho em pisos, ROSSETTI escreve: *“A paginação dos pisos, sob controle de Athos Bulcão, assegura a continuidade entre os espaços ao mesmo tempo em que relativiza a percepção das grandes dimensões de suas superfícies. Os pisos distinguem os salões do palácio ao mesmo tempo em que recuperam a importância dessas superfícies. No Itamaraty, mármore e granitos são tomados como material de uso relacional – cuja flexibilidade faz com que seja ora piso, ora parede, acentuando os contrastes cromáticos entre a paginação dos pisos e a modulação do revestimento das paredes. Também são enfatizados os graus de polimento de sua superfície, dando maior rendimento plástico ao mesmo material, ampliando os contrastes e as texturas. [...]”*

Tomando [para o piso] um módulo, retangular, configurado por um arranjo de pedras de granito, Athos define uma sequência alternada destes módulos com uma ligeira diferença de eixo entre uma linha de módulos e a seguinte, repetindo o esquema ao longo de todo o hall. Assim, ele realiza uma solução plástica com uma animação visual para cada módulo e para o conjunto de módulos que perfazem o piso de todo o hall. [...] O mesmo procedimento é utilizado com mármore branco no vestíbulo do mezanino e nos salões de festa. E para manter a proporção, na medida em que o pé-direito fica maior, o módulo retangular do piso também se amplia. Trata-se de uma sutileza, mas atesta o cuidado integral na solução dos pormenores do palácio.” (ROSSETTI, 2017, pp. 64,70)

⁹¹ Entre 1982 e 1983 irá executar mais 7 obras: 1 painel de fórmica no posto de saúde do Anexo I, 1 painel de azulejo e 1 relevo em mármore na passarela entre o Anexo I e Anexo II, 1 painel de azulejos na lanchonete do Anexo II, 1 relevo em mármore na circulação do Anexo II, e 2 painéis de azulejos na cobertura do Anexo II.

contrário de obras anteriores, como do Salão Negro (1960) da Câmara de Deputados⁹² e do painel da Concessionária Disbrave (1965)⁹³, espaços com grandes alturas, o problema de escala que aqui é a relação entre o pequeno pé-direito e a grande área do espaço. A sensação que se tem ao passar por ali é a de achatamento.

Nesse espaço, em que se destaca a escada curvilínea de Oscar Niemeyer e Milton Ramos, com cálculos de Joaquim Cardoso, aparece o desenho em mármore branco – um dos materiais empregados no Salão Negro – com trapézios que apontam para cima e para baixo. A proposta aqui é inversa: a obra de Bulcão produz uma tensão vertical, a fim de impulsionar os olhos do espectador para as extremidades do plano da parede.

Porque quando eu fui fazer o Congresso, foi a primeira vez que eu tive um problema desses, com grande espaço interno, eu fiquei pensando o que era aquilo que seria como funcionamento. Em arquitetura existe uma coisa, que os arquitetos falam mais em francês, *pas perdus*, passos perdidos, que caracterizam esses grandes hall de entrada e que a pessoa passa lá no balcão pra se dirigir a outro lugar. Fazia... aquilo era no tempo do Cinema Novo. [...] De modo que a única expressão que eu tinha era o seguinte: falava-se em "câmera na mão". "Câmera na mão" é aquela coisa que vai mexendo um pouco, [confirmar a transcrição]

[...] a coisa da câmera na mão é isso: o olho da gente fica andando assim, porque por mais árduo que seja "câmera na mão",

⁹² Projeto de Oscar Niemeyer. A obra de Bulcão é um painel de mármore branco e granito preto que quebra um alto e desproporcional pé direito no hall principal do edifício. O nome do hall, inclusive, foi dado em função da obra do artista.

⁹³ Projeto do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, em Brasília.

aquilo acompanha um pouco, então ela vai. Se tem uma coisa aqui ou ali, que a gente percebe, tem um ritmo parecido com o andar. E, daí, saiu essa idéia de movimento, essa coisa de se **deslocar ritmadamente com o andar**. Então tem um andar ali, que tem no Itamaraty também. Isso como idéia, vamos dizer, básica, assim, porque senão fica monótono.” (BULCÃO, 1988, p. 16. Grifo meu.)

O uso do baixo-relevo em mármore proporciona uma dupla qualidade: não conflita com a escada e demais elementos e, ao mesmo tempo, cria movimento no espaço, um percurso para os olhos nas paredes que contornam o ambiente ao se percorrer o ambiente e ao se subir ou descer a escada-escultura (FARIAS, 2001, p. 47). Serão inúmeras as obras, como os murais do Supremo Tribunal Federal (1969) e do Palácio do Jaburu (1975), que podem ser consideradas desdobramentos diretos do Itamaraty.

Já a treliça da Sala dos Tratados sintetiza alguns pontos do vocabulário do artista, como a composição que busca quebrar a estática do plano bidimensional e o uso de módulos (ou modulação), mas com elementos que desestabilizam um ritmo único ou regular⁹⁴, e aponta para lógicas estruturais de obras futuras⁹⁵.

A treliça conta com um sistema de encaixe fixo que estrutura as ripas de madeira no chão e no teto e que, ao mesmo tempo, prende ao longo da obra placas metálicas de diversos quadriláteros em vermelho, preto e branco. Nessas chapas, uma das

⁹⁴ Mencione-se, por exemplo, o efeito do *plano ativado*, de que se falará adiante.

⁹⁵ A esse respeito, é importante lembrar que anos mais tarde, ao intensificar sua parceria com João Filgueiras Lima, o Lelé, Bulcão irá se debruçar não apenas sobre murais e painéis artísticos exclusivamente, mas também sobre os componentes do projeto de edificação, tais como portas, biombo, mobiliários e divisórias. A treliça aparece como precursora desses outros elementos.

laterais é balizada pelo tamanho regular do intervalo entre as peças de madeira, enquanto a segunda lateral varia em diferentes tamanhos, de forma que essa segunda é ora a maior ora a menor dimensão das placas metálicas.

Esse arranjo irregular dos diferentes quadriláteros aparece como potencializador da relação entre obra e espaço, e da relação entre escala, corpo e olhar. Se, em outras obras de Bulcão, existe um contraste de iluminação ou entre as cores claras e escuras ou em função das sombras dos altos e baixos relevos e dos volumes, aqui, na treliça, o vazio é a transparência, o ver e não ver entre as placas dispostas na estrutura do madeiramento. A treliça filtra a luz abundante que passa pelos caixilhos e cria dois espaços, que se conformam inclusive pela diferença de iluminação.

Daí o frescor da treliça. Em outras obras de Bulcão, o efeito do *plano ativado*⁹⁶ é executado por meio da relação de uma estrutura modular – azulejo, mármore ou concreto – com o assentamento não uniforme. Na treliça, essa relação está na estrutura uniforme das ripas em madeira e a irregularidade da altura de inserção e de forma das chapas, constituindo assim a tensão entre módulo e liberdade – como intitula Frederico Moraes (1988) sobre essa constante no trabalho de Bulcão.

O artista terá como pressuposto em suas várias outras obras o movimento em uma relação espacial entre obra, corpo e olhar, em diferentes suportes, procedimentos e composições. *“Para um olhar em trânsito de imediato impõe-se a apreensão do todo, em seguida da parte, até num exame mais atento se manifestam as relações*

⁹⁶ Agnaldo Farias, ao falar sobre o mural de Athos Bulcão para o edifício da Fundação Getúlio Vargas (1962), projeto de Oscar Niemeyer, analisa quando o artista irá executar pela primeira vez o procedimento de obra de arte aberta e aleatória. Bulcão para isso irá incluir a participação do operário na configuração final do mural. Nessa composição, pelo processo de assentamento *“não uniforme, a simples parede torna-se um **plano ativado**, estilhaça-se aos olhos como um caleidoscópio cuja velocidade varia do vagar ao vertiginoso.”* (2001, p. 45. Grifo meu)

estabelecidas entre eles, resultantes do exercício da lógica combinatória que rege a composição". (NOBRE, 1998, p. 39.)

A obra *Muro Estrutural* será a primeira obra do escultor Sérgio Camargo em logradouros públicos⁹⁷ e única presença em um projeto de Niemeyer. Localizada no subsolo do edifício, mais precisamente no auditório, há nessa obra uma tensão entre a autonomia da escultura, a integração arquitetônica e o desenho do espaço.

Camargo é um dos escultores brasileiros de grande renome internacional. Nascido no Rio de Janeiro em 1930, estudou em 1946 na Academia de Altamira, em Buenos Aires, com Emílio Pettoruti e Lucio Fontana. Em 1948, passa a residir em Paris, onde frequentou as aulas de filosofia na Sorbonne com Gaston Bachelard e contato com Constantin Brancusi⁹⁸, artista que será uma de suas principais referências, junto com Georges Vantongerloo, Hans Arp e Henri Laurens.

De volta ao Brasil, a partir dos anos 1960 seu trabalho ganha visibilidade com os seus primeiros relevos em madeira, pintados ou não, onde é possível ver o embrião de seus futuros trabalhos em mármore e granito. Nesse período, participou das III e IV Bienais de São Paulo, recebendo o prêmio de melhor escultor na VIII edição, em 1965. Entre 1961 e 1974 retorna a Paris, frequentando o curso de Sociologia da Arte com Pierre Francastel, na École

⁹⁷ BRITO, Ronaldo. *Sérgio Camargo*. Palácio Itamaraty: Brasília, 1999, p. 84.

⁹⁸ Segundo Guy Brett (1994), será o interesse por Brancusi e pela sintaxe do volume que o diferenciara nos anos 1950 de dos outros artistas cariocas, como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Amílcar de Castro e Willys de Castro, esses mais interessados no plano e em artistas como Max Bill e Joseph Albers.

Pratique des Hautes Études e em 1963 recebe o Prêmio Internacional de Escultura na Bienal de Paris.⁹⁹ O percurso de seu trabalho é marcado pelo contínuo exercício da geometria e da forma. Ronaldo Brito, um dos seus maiores estudiosos, discorre:

Resultados de uma voraz combinatória geométrica, as esculturas de Camargo anunciam sempre novas possibilidades de transformação, a sugerir que logo virão a ser outras. Naturalmente a sugestão só nos impressiona tanto porque cada uma dessas peças não nos parece menos que perfeita, a rigor, irretocável. Não obstante, saem fluentemente umas das outras, em séries formais coerentes, na estrita obediência a um racionalismo estrutural. Quando se trata de geometria, como poderia ser diferente? O surpreendente é que se imponham na qualidade de variações imaginativas singulares, **nunca se multipliquem apenas como membros previsíveis de uma matemática.**¹⁰⁰

Será nesse período dos anos 1960 que Camargo realizará a obra para o auditório do Itamaraty em Brasília. Datada entre 1965 e 1966 e realizada a partir de paralelepípedos truncados e concretados e com aplicação de tinta vinílica branca¹⁰¹, a obra *Muro Estrutural* tem a impactante dimensão de 4,45 de altura por 26 metros de comprimento e 86 centímetros de espessura, sendo ela em si uma das faces laterais do espaço do auditório. Ela está em uma fase de amadurecimento da trajetória e de alinhamento com os pensamentos correntes

⁹⁹ BRITO, Ronaldo. *Sérgio Camargo*. Palácio Itamarati: Brasília, 1999, pp. 66-69.

¹⁰⁰ BRITO, Ronaldo, op. cit, p. 20. Grifo meu.

¹⁰¹ RAMOS, Graça, op. cit., p. 156.

na década de 1960. Assim, avança para suas próprias pesquisas, não mais tão diretamente ligadas à linguagem de seus mestres – Brancusi, Arp e Laurens – mas sim “*se orientava pela associação dos conceitos de não-composição (all-over), monocromatismo, celularidade, serialidade, repetição, permutação e aleatoriedade.*” (BRETT, 1994, p. s/n).

A sintaxe de Sergio Camargo “*não é dos racionalistas, defensores de uma arte geométrica, de formas puras. Nos seus trabalhos, há o sistema e o excesso, há a ordem e a loucura da ordem.*” (BRITO, 2005, p. 311.). Brito nos deixa clara a complexidade desses elementos como próprios da composição do artista, que, somados ao artifício da luz como definidora da matéria – ora o branco do mármore, ora da madeira ou do concreto pintados de branco e até mesmo o granito preto belga –, serão o vocabulário de Camargo para *contrariar a lógica construtiva*¹⁰² que irá trabalhar nas diferentes obras a partir dos anos 1960. Sobre a composição da obra no Itamaraty, Paulo Sérgio Duarte analisa:

No relevo de Camargo, os elementos organizam-se para logo se desorganizarem, o movimento interno é tenso e os elementos estão em contato uns com os outros, é um sistema no limite de sua ruptura, para ao mesmo tempo, realizar movimento inverso e se alimentar da tensão e do conflito que mantém o conjunto coeso. Conflito e tensão transformados em forças poéticas não apontam para nenhuma solução: são o problema. (DUARTE, 2009, pp. 17-18).

No auditório do Palácio, a presença dessa obra, do ponto de vista técnico, possui uma função essencial: fornecer uma textura que favoreça a acústica do

¹⁰² DUARTE, 2016, p. 18

ambiente. Murais artísticos em auditórios são uma solução que Oscar Niemeyer utiliza em outros edifícios, recorrendo a parcerias com artistas para fazer do elemento acústico uma expressão plástica para os interiores de programas desse tipo. São exemplos o teto metálico de Athos Bulcão na cúpula do Congresso Nacional (1978) e nas laterais do Cine Brasília (1978), ambos na nova capital¹⁰³.

Para além das questões técnicas, a obra de Camargo no Itamaraty, no entanto, apresenta aspectos singulares em relação a obras de arte integradas à arquitetura: (1) a sua implantação ortogonal não é simétrica ao desenho do auditório com uma planta em leque, apresentando assim um deslocamento na percepção do espaço em que está inserido¹⁰⁴; (2) mesmo com sua função espacial e acústica, a obra não toca o teto e em sua base a instalação se faz a partir de um rebaixo expressivo do chão, onde está instalada parte de sua iluminação, provocando novamente uma percepção que rompe com o espaço do

¹⁰³ A parceria de Bulcão com o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, terá nos diversos hospitais da Rede Sarah obras de integração arquitetônica, que estão presentes em diversas partes do edifício, inclusive nos auditórios.

Vale destacar também o teto com elementos flutuantes coloridos de Alexander Calder para a Aula Magna (1954), auditório da Universidade de Caracas do arquiteto venezuelano Carlos Raúl Villanueva. (DAMAZ, Paul. *Art in Latin America Architecture*. New York: Reinhold Publishing, 1963, p. 142)

¹⁰⁴ A pesquisa documental nos desenhos de projeto do Arquivo do Ministério das Relações Exteriores ratifica como a obra pretende, em sua concepção, ser integrada ao espaço, fazendo parte inclusive das diferentes fases dos desenhos técnicos de arquitetura. Os desenhos apontam também como a sua implantação em um desenho tipo de auditório em formato leque foi, provavelmente, uma questão: em algumas fases do projeto, o mural de Camargo acompanhava o mesmo ângulo da sua parede oposta, diferentemente do desenho construído, conforme mencionado.

auditório em si; (3) apesar de sua grande dimensão, a obra não tem como suporte uma parede – diferentemente do também extenso painel de mármore de Athos Bulcão no mesmo edifício, por exemplo – sendo a obra de Camargo difícil de ser classificada como uma divisória ou um relevo, mas sim como uma grande escultura; ela transita entre essas duas definições, em suas plasticidades e suas funções.

Figura x: Palácio Itamaraty, subsolo - planta de 1963 com o painel de Sérgio Camargo.

Fonte: Arquivo Ministério das Relações Exteriores (MRE), 1963.

Figura 2: Palácio Itamaraty, subsolo - Desenho *as built*. Fonte: Serviço de Arquitetura do Ministério das Relações Exteriores (MRE), sem data.

Vale destacar ainda a possibilidade de apreensão da obra através de um percurso em seu entorno, o que, em um vocabulário da arquitetura moderna, seria como uma *promenade architecturale* corbusiana, criando-se dessa forma diferentes imagens e perspectivas do que poderiam ser. Em sentido próximo, Cauê Alves nos chama a atenção para a noção de *corpo* presente no trabalho de Camargo, da presença ativa do expectador para a construção das imagens:

O corpo que surge em suas peças – não apenas aquele corpo figurado nos primeiros trabalhos, mas também o que dará lugar ao cilindro, ao cubo, à simplificação questionadora dos limites da forma – é um corpo que proporciona a reversibilidade entre vidente e visível. Imerso no mundo da visibilidade, é como se as obras, tal como o nosso corpo, também nos lançassem um olhar, uma vez que agem sobre nós. Como em Willys de Castro, os relevos de Sergio Camargo são objetos ativos. Em vez de serem completamente dominados pelos sujeitos, eles nos atingem e comovem. Sem ter de escolher entre materialismo

e essencialismo, as peças são construções vivas em que formas mínimas alcançam o máximo de expressividade. (ALVES, 2016, p. 23)

Essa relação do espaço com a obra se mostra complexa aqui. À luz das categorias estabelecidas por Rosalind Krauss no texto “*Sculpture in the expanded field*”¹⁰⁵ (A escultura no campo ampliado), é possível descrever uma tensão entre espaço e obra. Analisando a obra a partir da autora, pode-se pensar que o *Muro Estrutural*, mesmo sendo integrado à arquitetura, possui em sua natureza elementos que permitem propor uma possível autonomia, como se a obra estivesse em uma tensão entre o que Krauss denomina de *arquitetônico* e *não-arquitetônico*, característico das categorias de *estruturas axiométricas*, como os trabalhos de Richard Serra e Christo, para citar exemplos da autora.

Segundo ela, esse tipo de obra se caracteriza por “*uma espécie de intervenção no espaço real da arquitetura, às vezes através do desenho*” (KRAUSS, 1984, p. 136). Vale lembrar que a obra de Camargo, por outro lado, não se configura como uma intervenção, mas algo que está intrinsecamente ligado ao espaço, algo que foi comissionado para o projeto, conforme é possível atestar no histórico de desenhos e na documentação do Ministério das Relações Exteriores.

Ao final de seu texto sobre as categorias que formulou, Krauss também reitera que “*qualquer artista pode ocupar, sucessivamente, qualquer uma das posições*” e que “*na posição limitada da própria escultura, a organização e o conteúdo de um trabalho marcante irão refletir a condição do espaço lógico*”

¹⁰⁵ Publicado na revista *October*, em 1979

(KRAUSS, 1984, p. 136); com isso ela deixa claro como essas categorias não são rígidas, tanto para os artistas quanto para a análise de seus trabalhos. Para exemplificar, cita o trabalho de Joel Shapiro, que, mesmo estando na categoria *neutra* – ou seja, não é arquitetura e não é paisagem –, “*está envolvido no estabelecimento de imagens de arquitetura dentro de campos (paisagens) relativamente vastos de espaço.*” (KRAUSS, 1984, p. 136)

A obra de Camargo está em uma relação similar àquela usada por Krauss para descrever a obra de Shapiro. Além de transitar entre a *arquitetura* e a *não-arquitetura*, há nela uma dimensão de *campo* e *paisagem* em função não apenas de seu grande formato, mas também pelo seu protagonismo no espaço imediato, marcado pelos tons verde escuro e da madeira do ambiente, criando assim um espaço que, associado pela iluminação baixa e indireta sobre a obra, faz a luz refletida e a matéria da obra o elemento de força principal desse pequeno universo.

2.3. IMAGENS DA CHANCELARIA, DO PAÍS E DE SEU TEMPO

A seção 2.2 acima cuidou de analisar algumas obras de arte integradas que foram encomendadas especificamente para o Palácio Itamaraty em Brasília durante o período de projeto, construção e transferência, de 1959 a 1970. Elas são peças chave para compreender relações no binômio arte-arquitetura que se mostram na espacialidade da chancelaria.

No entanto, esse mesmo raciocínio nos sugere questões a respeito de obras de arte do Itamaraty como um conjunto, formado por obras integradas e não integradas. Percorrer os espaços dos edifícios de Brasília e do Rio de

Janeiro, analisar as publicações que compilam o seu acervo¹⁰⁶ e a pesquisa no Arquivo Histórico deixam claro como os espaços do MRE e as aquisição de obras de arte fazem parte de um movimento contínuo e vivo: obras são adquiridas, transferidas e doadas ao longo do tempo; os espaços – ao contrário do que um olhar superficial possa equivocadamente sugerir – não estão estanques desde os anos 1970, uma vez que móveis são adicionados e retirados, obras de arte (não integradas) mudam de lugar, além das interferências de gestões e profissionais da instituição ao longo de décadas.

O Palácio e suas obras de arte são um organismo vivo que apontam os seguintes temas de discussão:

(i) diante da quantidade, qualidade e diversidade de obras, que destacam o Itamaraty da esfera de um edifício público tradicional, é possível estabelecer uma ideia de coleção?

(ii) existe alguma lógica na aquisição ou incorporação de obras ao longo do tempo?

(iii) Que relações se podem estabelecer entre as obras integradas e as não integradas, bem como entre elas (todas) e a espacialidade do Palácio?

Está claro no percurso deste capítulo que a identidade nacional é a base para esse ministério representar em seu edifício a imagem de um país ao exterior, dadas suas funções institucionais. Somam-se a isso a complexidade dessa instituição, da sua transferência do Rio para Brasília e o contexto da construção de uma nova capital.

¹⁰⁶ MINISTÉRIO, 1942, 2008; BARROSO, 1968; PALÁCIO, 2002; IPHAN, 2008; CONDURU, 2013. Ver a sistematização feita de obras de arte (integradas e não integradas) do Palácio Itamaraty no Apêndice C.

Para mapear essas questões foi necessário ampliar a perspectiva de análise. Identificou-se, a partir dessa necessidade, uma ideia preliminar de conjunto que se sobrepunha às especificidades de cada obra, sem que isso prejudicasse ou simplificasse as proposições. Diante do desafio, a sistematização metódica de todas as obras de arte (integradas e não integradas) pertencentes ao Itamaraty de Brasília, a partir do inventário de 2008 realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Distrito Federal (IPHA-DF) acrescido dos catálogos e publicações e à luz do observado em viagens de pesquisa, estruturam a proposta descrita abaixo.

A proposta começa pela noção geral da ideia de coleção. Em seguida, passa-se a explicar a dificuldade de estabelecer a origem e a forma de aquisição ou encomenda das obras de arte (integradas e não integradas) do Palácio em Brasília

Para tanto, vale começar pela ideia de coleção. O MRE destaca-se em relação a praticamente qualquer órgão público pela quantidade e diversidade de obras de arte, objetos decorativos, mobiliário, tapeçaria, além do material de livros e mapas raros.

Assim, existe nesse conjunto, sobretudo nas obras de arte, as fronteiras entre acervo e coleção. De partida, o conceito de acervo corresponde a *“um conjunto geral, com corpo mais amplo, muitas vezes constituído de várias coleções”* (ACERVO, 2019). Por outro lado, Krzysztof Pomian, ao discutir os museus e o ato de colecionar no contexto da Europa do século XVII, define coleção como:

qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades

econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local preparado para esse fim, e expostos ao olhar público.

[...]

As coleções, que, para os membros do meio intelectual e artístico, são instrumentos de trabalho e símbolos de pertença social, são, para os detentores do poder, insígnias da sua superioridade e também instrumentos que lhes permitem exercer uma dominação neste meio. (POMIAN, 1985, p. 53, 69).

Sobre contextos específicos para determinar o que é ou não coleção, o autor destaca:

depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objetos etc. (op. cit, p. 83)

A partir disso, é possível entender que o conjunto de obras de arte do Itamaraty é apresentado como um grande único grupo de arte em seus catálogos, sites e publicações, ou seja, próximo a uma noção de acervo, como é comum em diversas instituições pública e privadas; ora, a aproximação com cada obra deixa claro que há, dentro da diversidade, diferentes grupos ou categorias, mesmo que haja entre eles possíveis conexões, ou seja, muito próximo da ideia de coleção.

Dado o contexto do Palácio em Brasília e compreendendo a atividade de aquisição de obras de arte como um movimento contínuo da instituição ao longo de décadas, é possível, assim, estabelecer as categorias:

- a) Relação espacial (arte-arquitetura): integrada e não integrada;
- b) Encomenda ou aquisição (compra, transferência / recebimento ou doação);

Sobre as relações espaciais, as diretrizes de Josep Lluís Sert nos ajudam a identificar os possíveis arranjos entre arte e arquitetura:

- A arte é **integrada** à arquitetura quando está ligada à própria concepção do edifício. No caso, o próprio arquiteto pode atuar como pintor e escultor.

- A arte é **aplicada**¹⁰⁷ quando o edifício é concebido antes e mais tarde avivado pela cooperação do pintor e do escultor dentro de limites estabelecidos pelo arquiteto.

- Por fim, a arte e a arquitetura podem ser simplesmente **relacionadas** uma à outra, cada obra retendo sua independência¹⁰⁸

¹⁰⁷ Nesta dissertação será utilizado apenas o termo *integrada*, mesmo para se referir a obras inseridas depois da finalização do edifício, desde que com ele estabeleçam um forte diálogo espacial. O termo *aplicada* em português poderia gerar confusão de conceitos, uma vez que também sugere a abreviação da expressão *arte aplicada à indústria*.

¹⁰⁸ Tradução livre de: "Art is integrated with architecture when it is tied to the very conception of the building. In the case, the architect can himself act as a painter and sculptor; - Art is applied when the building is conceived first, and is later animated by the cooperation of the painter and sculptor within the limits set by the architect; Lastly, art

Uma das dificuldades da pesquisa é justamente a não identificação de como e quando teria ocorrido a aquisição ou encomenda da maioria das obras. Das dezenas delas, além das integradas que estão ou nos desenhos técnicos ou na bibliografia ou presentes em cartas e documentos, não é possível delinear precisamente a origem e o período em que elas entraram no conjunto do Itamaraty. Este dado pode ser visualizado na sistematização feita pela pesquisa (Apêndice).

Há uma listagem de Wladimir Murtinho, quando questionado em 1968 sobre os custos da construção. No relatório, que abrange os gastos de 1963 até o final de 1967, aparecem, na classificação dele:

(i) obras de arte integradas: *Meteoro*, de Bruno Giorgi; *Visão de Dom Bosco*, de Alfredo Volpi; *Muro escultural*, de Sérgio Camargo; *Relevo em Mármore*, de Athos Bulcão; *Hermas*, de Bruno Giorgi; *Duas figuras femininas*, de Alfredo Ceschiatti; *Canto à noite*, de Maria Martins; *Revoada dos Pássaros*, de Pedro Correia de Araújo; *Vegetação do Planalto Central*, de Roberto Burle Marx; *Teto de Sala de Fazenda* (século XVIII), autor não identificado; *Oratório de Embutir* (Ermita, século XIX), autor não identificado;

(ii) obras de arte não integradas: *A virgem e o menino Jesus* (século XVIII, autor não identificado; *Pássaro*, de José Pedrosa; *Sem título* (pintura), de Manabu Mabe; *Castelo de cinza* e *Madona*, de Milton Dacosta; *Jogos*, de Maria

and architecture can be simply related to one another each work retaining its independence". (Apud: Damaz, 1956, p. 69)

Leontina; Rio de Janeiro, de E. Rivière; *Pôrto do Rio de Janeiro*, de Marinet; *Vistas do Recife*, de Emil Bauch.¹⁰⁹

Esta lista claramente está incompleta quando cotejada com outras fontes primárias, com depoimentos e com periódicos. Este quadro nos releva o seguinte panorama:

a) Foi possível mapear o ano de aquisição ou encomenda de todas as obras de arte integradas, conforme tabela já descrita acima.

b) Em relação às obras de arte não integradas, somente algumas foi possível identificar se a aquisição foi compra ou encomenda, a partir de documentos – como recibos, cartas, relatórios – ou na descrição de periódicos da época e relatos de agentes.

Há, por exemplo, as esculturas de Franz Weissman¹¹⁰, Lasar Segall e Victor Brecheret, que foram adquiridas após a finalização do edifício, mas que estão integradas aos espaços. As esculturas desses dois últimos, localizadas no jardim da cobertura, foram contextualizadas em seção acima, e a de Weissman está em um diálogo direto com as obras e o espaço do hall de recepção do térreo.

Por outro lado, há casos como as oito gravuras de Faiga Ostrower, *Políptico Itamaraty* (1968), e a escultura de Sonia Ebling, sem título (anos 1960),

¹⁰⁹ MURTINHO, Wladimir / Presidente da Comissão de Transferência do Ministério das Relações Exteriores e Corpo Diplomático para Brasília [carta com relatório em anexo no corpo do texto] 18/04/1968, Brasília [para] PRIMEIRO Secretário da Câmara dos Deputados, Brasília. 18f. Informações sobre despesa do Palácio dos Arcos.

¹¹⁰ Na pesquisa documental foram encontrados documentos que comprovam a compra da obra de Weissman no ano 1968.

em relação às quais os relatos de Murtinho (2009) e as notícias em jornais mostram ser obras encomendadas, mas que, por sua natureza e, inclusive, suas alterações de localização, não estão na chave das obras integradas.

Nesse contexto, é possível pensar, por derivação da análise inicial feita para as obras integradas a articulação da chave da identidade nacional, que permeia todo o projeto do Itamaraty a partir de um sistema composto por: modernidade nacional (temporalidade do edifício) histórico nacional (complementar a chave de Brasília) e histórico institucional (complementar à atmosfera palaciana do Rio).

3. Terceiro Capítulo: RIO-SÃO PAULO + BRASÍLIA

3.1. SÍNTESE [E TENSÕES] DAS ARTES

Começaremos por colocar como era importante, entre os anos 1930 e 1960, o tema da integração das áreas da arquitetura e da arte modernas. Serão analisadas publicações nacionais e estrangeiras que trataram do tema.

Em seguida, para entender a formação do circuito profissional da arquitetura carioca, com Oscar Niemeyer à frente – e o seu contraste com o circuito empregado no Itamaraty –, analisaremos brevemente dois importantes marcos da síntese das artes modernas brasileiras anteriores a Brasília: o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e o Conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte.

O livro de referência de Henry-Russell Hitchcock, lançado em 1948, é basilar para os estudos da chamada síntese das artes. Merece figurar como ponto de partida do tema por traçar um percurso analítico, que começa pelos murais produzidos em meados do século XIX e se debruça sobre a relação entre a arquitetura moderna e a arte abstrata, sobretudo norte-americana e europeia. Segundo o autor:

A decoração modernista espalhafatosa, que confundiu e atrasou a aceitação pública generalizada de uma sólida arquitetura moderna no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, deve lembrarnos, no entanto, que existe sempre o perigo de vulgarização no uso decorativo dos elementos característicos da pintura e escultura

modernas como meros enfeites superficiais da arquitetura. Só da real colaboração entre iguais de arquitetos(as) e pintores(as) ou escultores(as) pode-se esperar aprimoramento, em vez de diminuição, da integridade arquitetônica.¹¹¹

Na obra, ao tratar da complementação da geometria do edifício e dos aspectos espaciais por pintores e escultores, o autor cita como exemplo a parceria entre Cândido Portinari e Oscar Niemeyer no edifício do Ministério da Educação e Saúde, MES, no Rio de Janeiro. Do mesmo projeto cita a escultura “Prometheus”, de Jacques Lipchitz¹¹².

A referência a profissionais brasileiros em um plano internacional, que na época apenas se esboçava, não passa despercebida, conforme aponta Carlos Eduardo Comas: “Hitchcock notes that the influence of painting on architecture decreases in the 1930s, while interest in figuration grows among artists but he connects Arp’s [Jean Arp] abstract surrealism to the free curves of Alvar Aalto

¹¹¹ Tradução livre de: *“The tawdry modernistic decoration that confused and delayed the general public acceptance of a sound modern architecture in the late ‘20s and early ‘30s should remind us, however, that there is always danger of vulgarization in the decorative use of the characteristic elements of modern painting and sculpture as mere surface embellishments of architecture. Only real collaboration as equal between architects and painters or sculptors can be expected to enhance rather than diminish architectural integrity”*. HITCHCOK, p. 52.

¹¹² O livro traz também uma foto e uma implantação do projeto para uma casa e jardim em Montecito, California, autoria de Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx. HITCHCOK, op. cit., pp. 52-53.

and the Brazilian school, specially those of Oscar Niemeyer and Roberto Burle Marx.”¹¹³

Alguns anos mais tarde, a revista francesa *Art d'aujourd'hui*¹¹⁴ organizou para os meses de maio e junho de 1954 um número especial sobre a síntese das artes, compilando textos e projetos realizados sob essa rubrica inclusive nos países da América Latina. Assim, dentro outros¹¹⁵, a publicação dedicou-se a edifícios de Oscar Niemeyer e Affonso Reidy e a parcerias destes arquitetos com artistas de seus países, como Cândido Portinari, Burle Marx e Paulo Werneck¹¹⁶.

¹¹³ COMAS, 2010, p. 57.

¹¹⁴ Não por acaso, a partir de janeiro de 1955, o periódico passa a se chamar *Aujourd'hui: art et architecture* e a ter publicação bimensal. Ver: *Art d'aujourd'hui: revue d'art contemporain*, no. 8, série 5, dezembro 1954, p. 1.

¹¹⁵ Também se menciona o arquiteto venezuelano Carlos Raúl Villanueva, e sua parceria com o francês Fernand Léger na Cidade Universitária de Caracas, campus principal da Universidad Central de Venezuela.

¹¹⁶ No Brasil, Portinari, Burle Marx e Paulo Werneck parecem atribuir grande importância ao uso da cerâmica, tal como Olofsson o faz na Suécia. Em habitações sociais, bem como em igrejas ou casas unifamiliares, os brasileiros fazem revestimentos de azulejos fantásticos com os quais procuram expressões plásticas de forma livre em sua maioria, mas alguns respeitam o efeito clássico da simetria. Tradução livre de: “*Au Brésil, Portinari, Burle Marx, Paulo Werneck semblent accorder une importance très grande à l'utilisation de la céramique, de même que'en Suède, Olofsson. Dans les unités d'habitation aussi bien que dans les églises ou les maisons particulières, les Brésiliens exécutent des revêtements en carreaux de faïence à l'aide desquels ils recherchent des combinaisons plastiques dont la plupart s'entendent aux formes libres, mais dont certaines aussi respectent l'effet classique de la symétrie.*” (BORDIER, Roger. “L’art est um service sociale / Les divers applications ». In: *Art d'aujourd'hui : revue d'art contemporain*. No. 4-5, série 5, maio-junho 1954, pp. 19-23.)

Mesmo antes do referido número especial, os projetos de arquitetos latino-americanos, principalmente brasileiros, já ganhavam boa repercussão na cena europeia¹¹⁷, como atestam o número especial sobre o Brasil da revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, de 1952¹¹⁸, e a exposição *Architecture brésilienne contemporaine*¹¹⁹, no Musée d'Art Moderne de Paris, em 1953¹²⁰.

No entanto, foi aquele periódico de 1954 uma das primeiras veiculações específicas sobre o tema da síntese das artes a registrar em detalhe projetos europeus e latino-americanos (brasileiros, mexicanos e venezuelanos) lado a lado, sem divisão territorial¹²¹. Ao fazê-lo, a publicação explicita uma ideia central da arquitetura moderna, qual seja, a da universalidade de seus princípios

¹¹⁷ Sobre a repercussão internacional da arquitetura brasileira vale citar a exposição de 1943 organizada pelo MoMA, Museu de Arte Moderna, de Nova York, *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*, bem como o Pavilhão Brasileiro para a Feira de Nova York, em 1939, projeto de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

¹¹⁸ “Le Brésil et l'Architecture Contemporaine”. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, Ano 23, Nº 45, novembro 1952 [número especial].

¹¹⁹ *Architecture brésilienne contemporaine*». In: *Art d'aujourd'hui: revue d'art contemporain*, série 4, no. 6, agosto 1953, p. 33.

¹²⁰ Foi organizada por essa mesma publicação e pelo Groupe Espace, liderado por André Bloc e claramente interessado nas relações entre essas duas esferas, arte e arquitetura.

¹²¹ Nele estão também obras de figuras centrais da época, como Jean Arp, Josef Albers, Félix Del Mare, Eric Olson, Fernand Léger, Walter Gropius, Bernard Rudofsky, Arne Jacobsen, André Bloc, Sonia Delaunay e Charlotte Perriand.

constitutivos (características, elementos e especificidades), ainda que se reconheçam simultaneamente contextos regionais onde eles se manifestam.¹²²

Os projetos de Oscar Niemeyer naquele periódico *Art d'aujourd'hui* de 1954 aparecem como parte do artigo “L’art est un service sociale”, de Roger Bodier. São publicadas fotografias do Conjunto Governador Juscelino Kubitschek, do Clube Libanês e da Igreja de São Francisco de Assis (a Igrejinha da Pampulha), todos na capital mineira; e da Casa das Canoas, no Rio de Janeiro¹²³.

Em 1956, o livro *Art in European architecture*, escrito por Paul Damaz, discorre sobre projetos envolvendo arte e arquitetura naquele continente, e aponta as relações então vigentes nesse campo em alguns países, por meio da análise de em um grande conjunto de obras realizadas sob esse ideal de integração. Em seus parágrafos iniciais, diz:

¹²² Segundo Carlos Eduardo Comas, a ideia de um moderno que concilie ao mesmo tempo atributos universais e nacionais tem o Ministério da Educação e Saúde como *protótipo*, sendo o uso de murais em azulejos um diálogo com elementos brasileiros históricos: “O conselho corbusieriano de emprego de pedras brasileiras e painéis de azulejos para revestimento de paredes era justificável não só por disponibilidades locais e facilidade de manutenção em clima úmido, como por atualizar precedentes da construção colonial e imperial do país. O ministério torna-se uma solução exemplar da linguagem formal moderna e internacionalmente válida, mas com sabor brasileiro, respaldada pela autoridade da história da arquitetura enquanto tradição construtiva racional e nacional, dela derivando sua emblematicidade expressiva.” (COMAS, 1987, p. 142).

¹²³ Outros projetos brasileiros foram publicados, incluindo o Conjunto Pedregulho, de Reidy, com painéis de Portinari, um projeto de Igreja dos Irmãos Roberto e um painel do pintor Cícero Dias, em Recife.

O assunto deste livro não é novo. **Não há de certo nada original na ideia de coordenar as principais artes para chegar a uma unidade harmoniosa – uma unidade de concepção no meio da arquitetura, e é a separação [delas] que é realmente nova.** Pela primeira vez na história da civilização, as principais artes são independentes, muitas vezes ignoram umas às outras, e às vezes são até antagônicas. Pela primeira vez, a arquitetura encontra-se reduzida ao máximo, e a arte, que durante séculos foi considerada a mais importante das principais artes, corre hoje o risco de perder o direito de ser chamada de arte.

Insatisfeitos com o aspecto atual da arquitetura moderna e conscientes dos limites que seu próprio isolamento lhes impõe, muitos(as) arquitetos(as) e artistas desejam uma nova reintegração das artes e da arquitetura. Formaram-se grupos e se realizaram discussões públicas para discutir o princípio de uma nova síntese das principais artes, um fundamento que, até o aparecimento da arquitetura moderna, nunca se havia questionado.¹²⁴

¹²⁴ Tradução livre de: *“The subject of this book is not new. **There is certain nothing original in the idea of coordinating the major arts in order to arrive at a harmonious unity – a unity of conception among architecture, and it is their separation that is really new.** For the first time in the history of civilization the major arts are independent, very often ignore each other, and are sometimes even antagonistic. For the first time, architecture finds itself stripped to the bone, and the art that for centuries was considered the most important of the major arts runs the risk today of losing its right to be called art.*

Dissatisfied with the present aspect of modern architecture, and conscious of the limits that their isolation forces upon them, many architects and artists desire a new reintegration of the arts and architecture. Groups have been formed and public discussions have been held in order to discuss the principle of a new synthesis of the major arts, a principle that until appearance of modern architecture never have been called into question.” DAMAZ, 1956, p. 5, grifo meu.

Damaz destaca os esforços dos chamados pioneiros da arquitetura moderna, citando principalmente Le Corbusier – um dos principais porta-vozes dessa questão na Europa e autor do prefácio do livro –, mas também Walter Gropius, os Neoplásticos holandeses e os Construtivistas soviéticos.

No Brasil, o tema da integração entre arte e arquitetura já havia sido abordado por Lucio Costa em seu discurso “A crise na arte contemporânea”, em 1952, no I Congresso Internacional dos Artistas. Costa defendia uma integração entre arquitetura e outras artes, mas com a prevalência da arquitetura, em vez de uma verdadeira síntese. Para ele, *“A síntese subentende a ideia de fusão, ainda que possível e mesmo desejável em circunstâncias muito especiais, não seria o caminho mais seguro e mais natural para a arquitetura contemporânea.”*

O livro de Damaz é utilizado como uma das obras referenciais da bibliografia sobre a América Latina em diversos estudos sobre a síntese das artes, no Brasil e internacionalmente, além de ser citado pelo volume 10 do “The Cambridge history of Latin America”.

Nessa última publicação, sob o subtítulo: “Latin America since 1930: ideas, culture, and society”, organizado por Leslie Bethell, discute-se cultura moderna sobretudo no Brasil, na Argentina e no México. O livro de Damaz é citado na seção “Bibliographical Essays” de arquitetura, ao lado de livros seminais como “Latin America since 1945”, de Henry-Russell Hitchcock (Nova York, 1955), e “America Latina en su arquitectura”, de Roberto Segre (Paris, 1973).

Em que pese a importância dada às obras de Damaz mencionadas nesta pesquisa, não localizei até o presente momento informações mais detalhadas sobre a biografia do autor. Foi levantado, contudo, indícios potencialmente úteis na base de dados do Smithsonian Institution, em Washington, D.C., Estados Unidos, que diz conter documentos sobre seus dois livros. Ver: <https://www.aaa.si.edu/collections/paul-damaz-papers-6665>, acessado em 15/05/2017.

Em 1963, Damaz organiza um novo livro, *Art in Latin American Architecture*, que destaca a recepção específica dos ideais da arquitetura moderna europeia na América Latina, além da ausência de divisão estrita entre o meio de arquitetos e de artistas latinos. Aponta como a relação entre arquitetos e artistas é marcada por intenso diálogo, desde a formação e atuação, até a relação entre os profissionais e as revistas, as quais veiculam, em uma mesma edição, artigos de arte e de arquitetura.¹²⁵

Ao adotar os conceitos básicos do funcionalismo, os arquitetos latino-americanos não seguiram a ala extrema e austera da arquitetura moderna. O prédio mais importante da América do Sul, que abriga o Ministério da Educação e Saúde no Rio, está longe de ser o simples paralelepípedo tão caro aos seguidores de Mies. Um marco da arquitetura latino-americana moderna, trata-se de um edifício articulado onde volumes contrastantes reunidos em perfeita composição são realçados por pinturas, esculturas e jardins **em perfeita unidade plástica**. Na América Latina, mais do que em qualquer outra parte do mundo, a arquitetura é considerada uma arte: ‘Sempre considerei a arquitetura uma obra de arte e somente como tal capaz de subsistir’, declarou Oscar Niemeyer¹²⁶

¹²⁵ No Brasil, a revista *Módulo*, de explícita influência corbusiana, será a plataforma de arte e arquitetura para o grupo carioca encabeçado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Ver: MIRANDA, Clara Luiza. A crítica nas revistas de arquitetura dos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 1998.

¹²⁶ Tradução livre de: “*In adopting the basics concepts of functionalism, Latin American architects have not followed the extreme, austere wing of modern architecture. The most important building in South America, which houses the Ministry of Education and Health*

Damaz também aponta como um ponto comum aos países da região o fato de a formação de artistas e arquitetos ocorrer na mesma escola, além de a trajetória profissional desenrolar-se em um (restrito) meio intelectual comum a diversos outros grupos profissionais:

Arquitetos e artistas não formam duas classes separadas, como nos Estados Unidos. Os meios intelectuais são bastante pequenos: arquitetos(as), artistas, escritores(as) e outros(as) intelectuais se conhecem, mantêm constantes contatos sociais e muitas vezes são amigos íntimos. Não existe barreira entre essas profissões. Enquanto arquitetos(as) nos Estados Unidos, com ou sem seu consentimento, rapidamente tornam-se especialistas, arquitetos(as) da América Latina recebem as mais variadas encomendas, desde o mais simples prédio comercial ou industrial até o mais imaginativo pavilhão de formas livres"¹²⁷

in Rio, is far from being the simple parallelepipedon dear to the followers of Mies. A landmark of modern Latin American architecture, it is an articulate building where contrasting volumes assembled in perfect composition are enhanced by paintings, sculptures and gardens in perfect plastic unity. In Latin America, more than in any other part of the world, architecture is regarded as an art: 'I have always considered architecture as a work of art, and only as such is it capable of subsisting,' declared Oscar Niemeyer". (DAMAZ, 1963, p. 50. Grifo meu.)

¹²⁷ Tradução livre de: "Architects and artists do not form two separate classes, as in the United States. Intellectual "milieux" are rather small: architects, artists, writers and other intellectual know each one another, maintain constant social contacts and often are close friends. There is no barrier between these professions. While architects in the United States, with or without their consent, rapidly become specialists, Latin America architects receive the most varied commissions, from the simplest commercial or industrial building to the most imaginative free-form pavilion". DAMAZ, 1963, op. cit., p. 68.

Na seção dedicada ao Brasil, o autor assinala pontos importantes dos embates modernos, como a Semana de Arte Moderna de 1922, a atuação pioneira de Gregori Warchavchik em São Paulo e as temporadas de Le Corbusier no país, em 1929 e em 1936. Apresenta também o processo de elaboração do projeto do Ministério da Educação e Saúde, MES¹²⁸, sob consultoria do mestre franco-suíço e com equipe liderada por Lucio Costa¹²⁹.

O percurso de publicações descrito acima evidencia como a questão da síntese das artes, que encontraria no Itamaraty um dos seus auge: (1) é um elemento recorrente para a formação da identidade e da espacialidade dos projetos da arquitetura moderna brasileira, traduzida em murais, painéis e esculturas inseridos no espaço construído; e (2) opera como uma forma de entrada – e de conferência de legitimidade – da arquitetura brasileira no âmbito internacional, sendo ela um dos elementos que alçam a arquitetura moderna brasileira ao papel de uma das protagonistas do debate e de um circuito mais amplo. Na esteira dessa internacionalização, podemos ver no projeto e

¹²⁸ Sobre o MES, ver: CAVALCANTI, Lauro Pereira. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, pp. 33-64. Vale destacar também a pesquisa pioneira de Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Morales de Sá que, além de textos analíticos sobre o MES, transcrevem em seu livro *Colunas da Educação* uma importante seleção de cartas, notícias e documentos sobre o processo de elaboração do edifício e sobre a atuação do Ministério naquela época.

¹²⁹ Damaz também se ocupa de detalhar a ação de Portinari, de Burle Marx e a relação com o passado colonial a partir do uso dos azulejos. Por fim, menciona outros profissionais de destaque do período, como Emiliano Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Paulo Werneck e Athos Bulcão.

construção do Itamaraty, algumas décadas mais tarde, uma preocupação desde o início com esse caráter *universal e internacional* do projeto moderno, muito influenciada pela função do edifício, de sede do MRE, uma “portaria internacional de Brasília”, no dizer de Wladimir Murtinho.

As publicações de Hitchcock e Damaz integram o grupo do que pode ser considerado como os livros produzidos no século XX que constituíram o cânone da história da arquitetura. Desse grupo fazem parte, por exemplo, em âmbito internacional, as pesquisas de Reyner Banham (1975) e Leonardo Benevolo (1976), e, sobre o Brasil, a de Yves Bruand (1981), *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. A estas obras nos referimos hoje como os manuais.¹³⁰

Já no Brasil, o debate sobre a síntese das artes é fortemente marcado por Le Corbusier, conforme argumentação levantada por Agnaldo Farias¹³¹. Além da ampla difusão dos escritos corbusianos no meio arquitetônico já a partir dos anos 1920, há também a conferência proferida na Escola de Belas-Artes no Rio de Janeiro, por ocasião de sua primeira viagem ao Brasil, em 1929. Do segundo período em que esteve na cidade, entre 1º de julho e 15 de agosto de 1936,

¹³⁰ Desse período também vale destacar o livro de Eleanor Bitterman sobre as obras de arte modernas integradas a edifícios exclusivamente dos Estados Unidos, lançado pela mesma editora dos livros citados de Paul Damaz: BITTERMAN, ELEANOR. *Art in Modern Architecture*. Nova York: Reihhold Publishing Corporation, 1952. Nele, a autora organiza as obras selecionadas como um catálogo a partir de sua materialidade, como mosaico, cerâmica, vidro e madeira, por exemplo.

¹³¹ Sobre a relação entre Le Corbusier e a síntese das artes no Brasil, ver: FARIAS, Agnaldo. “Athos Bulcão – o inventor discreto”. In: PENSAR ATHOS: OLHARES CRUZADOS – VI FÓRUM BRASÍLIA DE ARTES VI FÓRUM BRASÍLIA DE ARTES VISUAIS. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

resultaram não somente as diretrizes para o MES ¹³², como também a consolidação de suas ideias no meio arquitetônico brasileiro. Lucio Costa, por sua vez, será um dos porta-vozes da arquitetura moderna no Brasil. Em vários de seus textos, verifica-se a influência corbusiana, tanto na argumentação quanto nas diretrizes arquitetônicas propostas.¹³³

O debate das redes profissionais e teóricas internacionais teve no Brasil um de seus momentos-chaves com o Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte. O evento foi organizado por Mario Pedrosa e realizado em Brasília em 1959, sob o título “A Cidade Nova e a Síntese das Artes”. Em meio às obras, foram recebidos alguns dos principais críticos internacionais, como Giulio Carlo Argan, Bruno Zevi e Meyer Schapiro. Fernanda Fernandes destaca:

“O Congresso da AICA de 1959 pode ser considerado o último momento em que um grupo de intelectuais se detém sobre o tema da síntese das artes que aglutinou, num momento de dúvidas e incertezas em relação às tendências racionalistas da Europa do entre guerras, os esforços de crítica e reflexão voltados à busca de novas soluções para problemas da arquitetura e da cidade.” ¹³⁴

Na medida em que a síntese das artes também se manifesta no Itamaraty, o percurso acima serve para mostrar que a importância do tema como elemento

¹³² Ver: COMAS, Carlos Eduardo. “Modern Architecture, Brazilian Corollary”. AA Files 36, 1998.

¹³³ Ver: LE CORBUSIER. “A arquitetura e as belas-artes”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: ISPHAN, 1984, no. 19; COSTA, Lúcio. “A crise na Arte Contemporânea”. In: *Arquitetura Contemporânea* (revista bienal). Rio de Janeiro, agosto setembro 1953.

¹³⁴ FERNANDES, p. 69.

de projeto desde os anos 1930 para a Escola Carioca de Oscar Niemeyer e como a arte integrada é uma forma de inserção internacional da arquitetura moderna brasileira em publicações e em uma internacionalização de suas práticas.

Dito isso, analisaremos a construção, ao longo de um percurso que passa pelo Ministério da Educação e Saúde e pelo Conjunto da Pampulha, de laços profissionais e pessoais entre determinados artistas e o grupo de arquitetura moderna carioca. Tais laços ajudam a explicar a predominância e recorrência de tais artistas em grande parte dos projetos mais destacados do modernismo brasileiro, formando a suposta homogeneidade que se discute nesta pesquisa com as especificidades que cercam o Itamaraty.

3.1.1. Ministério da Educação e Saúde – a legitimação da arquitetura moderna brasileira

No Brasil, um dos principais objetos de estudo sobre a relação entre a arte e arquitetura é o Ministério da Educação e Saúde, MES, atual Palácio Capanema¹³⁵. O edifício do MES foi projetado e executado no âmbito de um concurso público conturbado. O projeto vencedor, que acabou não sendo construído, mesclava “*estilo neoclássico e elementos decorativos alusivos a uma fictícia civilização marajoara*” (CAVALCANTI, 2006, p. 40), era de Archimedes

¹³⁵ Diversos autores de referência entre os anos 1930 e 1960 classificam o MES como um projeto emblemático para a ideia de monumento na arquitetura moderna: Siegfried Giedion, em *The Need of Monumentality* de 1944; Stepamo Papadaki em *The work of Oscar Niemeyer* de 1950; e Henrique Mindlin, em *Modern Architecture in Brazil* de 1956. COMAS, 1987, Op. Cit., p. 142.

Memória: arquiteto, catedrático de grandes composições e diretor da Escola Nacional de Belas-Artes, Enba, e titular de escritório de seu falecido sogro, Heitor de Mello.

Segundo Lauro Cavalcanti (2006), o projeto vencedor não foi executado devido à resistência oposta por parte do próprio corpo do júri do concurso e pela equipe do gabinete do então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, do qual participavam intelectuais filiados ao ideário moderno, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rodrigo Melo de Franco Andrade e Mário de Andrade .

Mesmo em meio às reivindicações do vencedor, que apelou inclusive ao presidente Getúlio Vargas, Capanema organizou uma equipe de arquitetos, formada por Lucio Costa, de coordenador, Affonso Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer.

A equipe formada possuía alguns pontos em comum: a alta extração social de suas famílias, o fato de três de seus seis integrantes terem nascido na França (Lucio Costa em Toulon, 1902, Moreira em Paris, 1904, e Reidy em Paris, 1908) e cursado o básico na Europa. Todos os seis eram egressos da Enba, do Rio de Janeiro: Costa em 1924, Reidy em 1929, Moreira em 1930, Leão em 1931, Vasconcelos em 1933 e Niemeyer em 1934. Costa, Reidy e Vasconcelos haviam obtido medalha de ouro em suas turmas e agraciados com o prêmio de uma viagem à Europa. Moreira havia sido chefe do Diretório Acadêmico e liderado o movimento estudantil em apoio às renovações propostas para a ENBA sob direção de Lucio Costa (1931). (CAVALCANTI, 2006, p. 42)

Em maio de 1936, quando a equipe apresentou, como resultado de seus trabalhos, um projeto semelhante ao que havia antes sido apresentado por Moreira e Vasconcelos no concurso recentemente concluído, Costa sugeriu o convite a Le Corbusier como consultor do edifício do MES e da cidade universitária. Segundo Cavalcanti (2006, p. 76), a intenção era que o apoio do mestre suíço legitimasse a proposta, em primazia dos modernos.

Mesmo com os difíceis trâmites, a vinda de Le Corbusier é acertada oficialmente para um ciclo de palestras e, extraoficialmente, para que prestasse consultoria nos projetos do Ministério e da cidade universitária. *“Já disse antes: sua visita me custou um ano de defesas junto a Capanema, marchas e contramarchas – em suma, um verdadeiro milagre.”* (Carta de Costa a Le Corbusier, em 31 de dezembro de 1936) .

O arquiteto chega no dia 12 de junho de 1936 ao Rio de Janeiro. Ao longo de quatro semanas, alterna ciclos de conferências com períodos de trabalho sobre o MES e a cidade universitária. Da equipe, será o jovem Oscar Niemeyer que o assistirá em sua estadia, dada a sua facilidade e desenvoltura com desenhos. Desse período resultaram não somente as diretrizes para o MES, como também a consolidação das ideias de Le Corbusier no meio arquitetônico brasileiro.

A presença de Le Corbusier em 1936 para a formação desse modelo – a partir do MES – é evidente, como ressalta Bruand, apontando três aspectos fundamentais: método de trabalho, preocupação com problemas formais e a valorização dos elementos locais. (BRUAND, 1981, p. 89.)

Sobre o método, Bruand aponta principalmente o aprimoramento da aplicação dos cinco pontos corbusianos, já conhecidos pelos arquitetos brasileiros – pilotis, terraço jardim, planta livre, fachada livre e janelas em fita. A questão das formas irá repercutir, sobretudo, na trajetória de Niemeyer.

É creditada a Corbusier também a sugestão de uso e valorização de elementos locais, como granitos cinza e rosa de jazidas próximas e o uso de espécies da flora local, algo que Mina Warchavchik já havia feito na Casa Modernista de 1928, em São Paulo. (BRUAND, op. cit., p. 91)

Ainda nesse aspecto, *“mais revolucionária e de maior alcance significativo para a evolução da arquitetura contemporânea no Brasil, foi a recomendação do emprego dos azulejos originários de Portugal”*. (BRUAND, op. cit., p. 91). Sobre os azulejos, como colocou Ana Luiza Nobre:

O recurso dos murais em azulejo pelos arquitetos modernos no Brasil, afinal, parece que serviu tanto ao propósito – continuamente explicitado por eles – de reatar com a tradição do período colonial, quanto de assegurar a sua perenidade a uma arquitetura que buscava sua permanência no tempo. (1999, p. 38)

O debate e os projetos feitos com lastro na arquitetura moderna brasileira passaram por mudanças entre o MES (inaugurado em 1943) e a construção de Brasília (inaugurada em 1961). Renato Anelli analisa o tema e aponta três períodos distintos:

Das primeiras formulações modernas de integração das artes, os conceitos se transformaram bastante. No primeiro momento, de mera atualização estética da ornamentação para uma função ativa das artes, plásticas e decorativas, na estruturação formal da arquitetura. No segundo, a arte moderna encontra então na integração com a arquitetura um instrumento de veiculação a um público amplo, movimento importante em um período no qual as instituições artísticas ainda tinham um espaço incipiente para a divulgação da arte moderna. A temática da identidade nacional confere um caráter político a tal integração, tendo o MES antecipado as formulações da Nova Monumentalidade em alguns anos. Já o terceiro momento é constituído pela veiculação entre a integração das artes e o processo de planejamento urbano e regional, conferindo-lhe novas responsabilidades que estiveram presentes tanto nos trabalhos destacados por Mock nos Estados Unidos como na construção de Brasília.” (ANELLI, p. 424)

Esses períodos demarcados mostram não apenas a complexidade da questão, mas também as mudanças em seus sujeitos e objetos: artistas, arquitetos, obra de arte, projeto do edifício e cidade. Explicitam, na análise empreendida por Anelli, a complexidade e a historicidade do tema.

Adrián Gorelik (2005), por sua vez aponta como a relação entre artistas e arquitetos, que exploram uma mesma imagem moderna nacional, será um importante fator de legitimação¹³⁶ da arquitetura no país:

¹³⁶ Quando se fala em legitimação, não se pode perder de vista que, à época, o grupo de arquitetos modernos do circuito de Costa ainda lutavam por legitimar sua visão da arte e da arquitetura. A esse respeito, podemos citar, além do concurso para a seleção

O Ministério da Educação supõe um divisor de águas porque fecha um período de intensa experimentação vanguardista, conformando o modo canônico capaz de acolher e **homogeneizar** qualquer tipo de busca. Há uma série de elementos que o tornam selo nacional: a colaboração entre arquitetos e artistas; a apropriação levemente distorcida (folclorizante, classicizante, em outra escala) de motivos da figuração modernista internacional; a relação dos arquitetos com o Estado como promotor de programas novos e de sua nova figuração. (GORELIK, 2005, p. 163. Grifo nosso)

Há entre os dois autores uma distinta abordagem para o mesmo objeto, o MES: enquanto Anelli o delinea como um dos marcos iniciais da arquitetura brasileira no que tange à formação de seu vocabulário arquitetônico e das práticas profissionais entre artista e arquitetos, Gorelik aponta o prédio como o fim de um ciclo no qual se consolidam quais serão essas práticas e como se dará o uso de seus elementos projetuais nos anos seguintes, conformando assim um modelo para futuros projetos na arquitetura brasileira. Seguiremos com a abordagem de Gorelik.

É possível apontar, assim, duas contribuições importantes do MES para a síntese das artes: 1) a formação de um núcleo de artistas em torno dos arquitetos modernos cariocas, que passaria a colaborar continuamente em projetos de diferentes escalas, do residencial ao institucional; 2) a formação de

do projeto do MES, os embates ocorridos no âmbito da ENBA por ocasião da proposta de reforma curricular.

uma relação bastante específica de colaboração entre arquiteto e artista na construção de obras de arte integradas à arquitetura, com claro protagonismo do arquiteto na tomada de decisões. Em alguma medida, essa relação de subordinação do artista tinha lastro nas ideias de Le Corbusier sobre a síntese das artes.¹³⁷

Para os fins deste trabalho, interessa pensar a síntese das artes a partir desta sintonia praticamente homogênea entre artistas e arquitetos. Essa leitura da historiografia é um dos resultados do que Carlos Martins (1987, p. 75) chamará de *interpretação homogênea*. Sob esse aspecto, o Itamaraty, sendo obra de Oscar Niemeyer em Brasília, tensiona esse binômio arte-arquitetura.

3.1.2. Modernos versus acadêmicos – a reforma curricular da ENBA – A legitimação da modernidade - exposições pan-americanas, Pavilhão Brasileiro em Nova York e a exposição no MoMA

Ainda no âmbito do recém-criado Ministério da Educação e Saúde, e como momento de conversão historiográfico entre artistas e arquitetos, está a reforma curricular da Escola Nacional de Belas Artes, ENBA. Na época, o Ministério teve como titular o jurista Francisco Campos, que já ocupara a pasta da Educação no

¹³⁷ O debate sobre a síntese das artes no Brasil é fortemente marcado por Le Corbusier, conforme argumentação levantada por Agnaldo Farias. Sobre esse tópico, ver: FARIAS, 2010, p. 15

governo Washington Luís. Campos escolheu como chefe de gabinete o advogado Rodrigo Mello de Franco Andrade¹³⁸. Segundo José Lira:

A reforma [de Vargas] pressupunha, de um lado, a difusão em bases “escola-novistas” da instrução elementar, no sentido de ampliar e qualificar o recrutamento da massa votante; de outro, a renovação e formação das elites dirigentes e seus quadros técnicos, “agora com maiores oportunidades de diversificação e classificação social”. Houve certamente grandes avanços no planejamento e gestão da instrução pública, inclusive na transformação dos parâmetros arquitetônicos do programa escolar, particularmente no Distrito Federal. Mas foi no âmbito do ensino superior e da alta cultura que os impactos modernizadores se fizeram mais visíveis, fosse no sentido de certa democratização social no interior dos setores privilegiados, fosse na radicalização de atitudes e concepções. (LIRA, 2011, p. 276)

Lucio Costa, então com 28 anos, será nomeado por Campos diretor da Escola-Nacional de Belas-Artes em 8 de dezembro de 1930 (BRUAND, 2011, p. 73). Suas primeiras medidas foram:

[...] a organização idêntica a outros institutos de ensino superior do país, desde as exigências na admissão dos alunos ao recrutamento do corpo docente, a separação administrativa dos diversos cursos, a supressão das cadeiras do ensino secundário, a criação das cadeiras de urbanismo, arquitetura paisagística, composição decorativa e tecnologia das artes menores, o estímulo ao

¹³⁸ LIRA, 2011, p. 275; BRUAND, op. cit., p. 72. Bruand sinaliza, que será de Mello Franco de Andrade em 1937 a fundação do SPHAN, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, serviço encarregado da proteção do patrimônio histórico.

ensino técnico e aos trabalhos práticos, a independência da organização da exposição anual da escola. (LIRA, 2011, p. 276)

Soma-se a essas providências a contratação de professores “sintonizados com as novas tendências na arte e na construção” (id. Ibidem), dentre eles o escultor Celso Antonio, Gregori Warchavchik e Affonso Reidy. Além disso, permitiu-se aos alunos escolher “*entre o ensino acadêmico, ministrado pelos professores catedráticos, que seriam mantidos em suas funções e o ensino ministrado por elementos mais jovens, identificados com o espírito moderno e que seriam recrutados por contrato*” (BRUAND, 2011, p. 72.) Mesmo sob os protestos dos professores catedráticos, foi grande o sucesso da reforma entre os alunos, que em grande quantidade se alinharam à nova concepção de ensino.

O ápice da direção de Costa será a 38ª Exposição Geral de Belas-Artes, aberta em setembro de 1931. A edição, de cuja organização não participou a Congregação da Escola, ia de encontro às edições anteriores, na medida em que dava preferência a obras modernas. Da Comissão Julgadora participavam Portinari, Anita Malfatti, Celso Longo, Manuel Bandeira e o próprio Costa.¹³⁹

A seleção de obras claramente privilegiou profissionais alinhados com a renovação pretendida por Costa. Figuraram os artistas plásticos Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Guignard, Ismael Nery; entre os arquitetos, por exemplo,

¹³⁹ LIRA, op. cit., p. 280.

Flávio de Carvalho, Alcides da Rocha Miranda, Oscar Niemeyer, Carlos Leão e Gregori Warchavchik, este o único a expor obras já construídas.¹⁴⁰

Com a exoneração do ministro Campos e a articulação da Congregação, através dos dispositivos da escola, sobretudo por José Mariano, defensor do neocolonial, foi dada demissão automática a Costa em 18 de setembro de 1931. Os alunos desencadearam uma greve durante todo o segundo semestre do ano, em apoio a Costa e à reforma que tinha sido abortada. Assumiu em seu lugar o arquiteto Archimedes Memória.

A disputa entre os modernos e os acadêmicos dentro da ENBA encontra outro de seus marcos no Salão Nacional de Artes de 1940, “o primeiro a possuir uma divisão moderna”.¹⁴¹

Vários serão os artistas modernos premiados, como Athos Bulcão, Francisco Rebolo Gonçalves, Kaminagai, Santa Rosa, Oscar Câmara de Meira, José Machado de Moraes e Rubem Casa, sendo esses dois últimos, respectivamente, “muito influenciado por” e “um filhote de” Portinari.¹⁴²

¹⁴⁰ Id. Ibidem, p. 281.

¹⁴¹ CAVALCANTI, op. cit., p. 14. Adota-se neste trabalho a denominação “acadêmicos” para os profissionais filiados à ENBA, em linha com a pesquisa de Lauro Cavalcanti: “No caso dos membros da Escola Nacional de Belas Artes, que propunham um retorno a estilos pretéritos internacionais, não havia uma autodenominação corrente. Alguns poucos se referiam a si próprios como clássicos. [...] Assim sendo, adoto para os adeptos de belas-artes a denominação de acadêmicos, usual na historiografia existente sobre o assunto.”

¹⁴² BANDEIRA, 1941, p. 07.

Segundo Lourenço, “*o próprio elo dos intelectuais brasileiros com os Estados Unidos na era getulista é no fundo uma oposição às alianças internacionais do governo, de forma a desarticular a ditadura vigente.*”¹⁴³ A Política de Boa Vizinhaça dos Estados Unidos, em função da entrada do Brasil em agosto de 1942 no grupo dos Aliados. Além da ação das exposições acima citadas, há com maior repercussão e importância o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York (1939-40), de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, e a exposição *Brazil Buys* (1943). Sobre a Feira em Nova York,

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o evento ganha outra conotação. Além do aspecto de inovações tecnológicas, expresso pelo tema “Construindo Amanhã”, ela se torna o paradigma da democracia e do livre mercado, em contraste com o autoritarismo estatal da Europa à beira de graves conflitos.¹⁴⁴

Em concurso realizado para o projeto, a proposta vencedora é a de Costa, que convida Niemeyer para a realização conjunta do pavilhão, em uma temporada de um ano na cidade.¹⁴⁵ No projeto há a comunhão das artes¹⁴⁶, pela réplica da escultura “Moça reclinada” de Celso Antônio e por três grandes painéis de Cândido Portinari de motivos nacionalistas: “Jangada do Nordeste”, “Cena

¹⁴³ Id. Ibidem, p. 140.

¹⁴⁴ CAVALCANTI, op. cit., 173

¹⁴⁵ Ver detalhes do concurso em BRUAND, op. cit., pp. 105-107.

¹⁴⁶ Somavam-se ainda a exposição de matérias-primas brasileiras, como café, fibras têxteis, madeiras e objetos indígenas; as fotos de Marcel Gautherot de Ouro Preto; os projetos da Associação Brasileira de Imprensa e do Ministério da Educação e Saúde, mas também uma vitrine de livros dos expoentes da intelectualidade brasileira, entre eles Machado de Assis, Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. (Ib Ibidem, p. 184)

gaúcha” e “São José”¹⁴⁷, “de forma sedimentar essa visão wagneriana da arte total, que no moderno aparece como um todo integrado e possível de manifestar-se em diversas modalidades criadoras.”¹⁴⁸

Segundo Jorge Francisco Liernur, a elevação do pavilhão brasileiro a símbolo da arquitetura brasileira representativo internacionalmente será uma construção historiográfica *a posteriori*, a partir de dispositivos de memória, de livros e da consolidação do grupo carioca como principal matriz para a cultura arquitetônica nacional. “Em 1939 a excepcionalidade da obra não foi advertida nem pelo público nem pela crítica especializada, para quem o Pavilhão do Brasil ocupou um lugar similar aos de outros países, como a Finlândia, Suécia, Argentina e Venezuela.”¹⁴⁹

O outro evento importante na política americana sobre o país, é a exposição “Brazil Builds: Architecture New and Old”, 1952-1962, organizada pelo fotógrafo G.E. Kidder-Smith e por Philip Goodwin, arquiteto coautor do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), onde a mostra foi realizada.

“O MoMA havia sido criado em 1929 por Ms. Lillie P. Bliss, Mrs. Cornelius J. Sullivan e Mrs. John D. Rockefeller, Jr. - a mãe de Nelson Rockefeller -, com o objetivo de ajudar a compreensão e fruição das

¹⁴⁷ CAVALCANTI, op. cit., p. 177.

¹⁴⁸ LOURENÇO, 1995, op. cit., p. 133.

¹⁴⁹ LIERNUR, pp. 179-180.

obras de arte produzidas no presente. Movia-lhes a intenção de construir o maior museu de arte moderna do mundo. ”¹⁵⁰

Em uma temporada de seis meses no Brasil, os organizadores foram recebidos por profissionais, intelectuais e com apoio inclusive do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade. A exposição apresentou um amplo panorama da nova arquitetura brasileira em uma mostra que chegou a viajar em versão reduzida para outros países. A sua grande contribuição no plano internacional foi, sobretudo, o catálogo que tão bem difundiu a arquitetura brasileira no mundo, e, no nacional, em função do sucesso e da receptividade na imprensa internacional, o fato de ter servido como um fator de legitimação dos modernos na disputa com os acadêmicos.

Há na exposição um claro alinhamento com o projeto de construção moderno capitaneado principalmente por Lucio Costa, ligando de forma direta o barroco mineiro e a arquitetura moderna, a tradição colonial e o presente moderno. “Brazil Builds recolhe as linhas dominantes do debate reduzindo suas contradições a uma aparente unidade e constitui um primeiro passo na imposição de uma ideia – o “barroquismo” como particularidade da arquitetura moderna brasileira – que não estava plenamente aceita em 1942.”¹⁵¹

Do exposto acima, resulta que o MES teve grande importância na consolidação de um entendimento do que seria o moderno brasileiro. Com o

¹⁵⁰ Id. Ibidem, p. 165.

¹⁵¹ LIERNUR, pp. 190.

relativo sucesso dos modernos sobre os acadêmicos, as exposições pan-americanas, o Pavilhão e a exposição no MoMA, o moderno brasileiro ganhava o mundo, ao mesmo tempo em que se legitimava internamente. Nesse caminho de legitimação, que culminaria com a construção de Brasília, um passo importante foi o Conjunto da Pampulha. Ali ganhou ainda mais força a relação Niemeyer-Kubitschek. Juntos, arquitetura, arte integrada e poder político produziram o ideal brasileiro de monumento total. Passemos à análise de Pampulha.

3.1.3. De Pampulha a Brasília – consolidação do grupo de artistas ligados aos modernistas cariocas

Alguns anos após o MES, nas décadas de 1940 e 1950, teve início a parceria entre Juscelino Kubitschek e o Oscar Niemeyer, que culminaria em Brasília. A relação entre eles ocorre pelo contato do arquiteto carioca com o meio político mineiro para o projeto do Grande Hotel de Ouro Preto (1940)

Juscelino Kubitschek foi prefeito¹⁵² de Belo Horizonte, entre 1940 e 1945, e, nas duas décadas seguintes, exercerá também os postos de governador de

¹⁵² Como prefeito de Belo Horizonte, nomeado pelo interventor Benedito Valadares, Juscelino foi influenciado pelo projeto de modernização da capital federal, então o Rio de Janeiro, empreendido pelo governo de Getúlio Vargas. Abriu avenidas, alargou outras já existentes, prolongou a avenida Afonso Pena, criou e pavimentou ruas, construiu escolas e hospitais, sem descuidar de garantir o abastecimento de água através da construção de barragens. Um plano do prefeito anterior, Otacílio Negrão de Lima, era o de expandir a cidade para a longínqua região de Pampulha. Tal ideia encontra Juscelino Kubitschek o mais ardoroso entusiasmo e dedicação, apesar das

Minas Gerais (1951-1955) e, posteriormente, Presidente da república (1956-1961).

A parceria rendeu uma série de projetos em Belo Horizonte e outras cidades de Minas Gerais, entre elas o Conjunto Residencial Governador Kubitschek (1951) e o Colégio Estadual (1954). O mais emblemático de todos é o conjunto de edifícios da Pampulha: Cassino, late Clube e Casa do Baile, todos de 1942, e a Igreja São Francisco de Assis, de 1943. Ainda naquela região, também em 1943, construiu-se a Casa Kubitschek.

“Pampulha assinalou um momento decisivo para a arquitetura brasileira, pois a repercussão internacional do conjunto definiu Oscar Niemeyer como grande nome da geração. Se o Ministério da Educação e Saúde havia mostrado que o Brasil podia acompanhar o que se produzia de melhor na época, Pampulha evidenciava que um arquiteto brasileiro era capaz de ir além: influenciar a arquitetura moderna. A divulgação, no mesmo período, das obras de um dos mais originais paisagistas do século, Roberto Burle Marx, fortaleceu, ainda mais, a sensação de que existia uma Escola Brasileira.” (CAVALCANTI, p. 204.)

A localização do conjunto da Pampulha – periférica em relação ao centro da capital mineira e, por isso, com código de obras menos restritivo à época –, permitiu ao arquiteto fazer um exercício experimental de formas na propositura

inúmeras críticas daqueles que enxergam no projeto uma absurda e irrealizável utopia. (CAVALCANTI, p. 198)

dessas quatro edificações, constituindo-se assim alguns elementos que apresentavam em seu conjunto uma unidade geral marcada: pela forma, pela relação técnica com a estrutura e pelas possibilidades de uso do concreto armado.

Entre o projeto do MES e o conjunto de Pampulha, houve uma consolidação de artistas colaboradores de Oscar Niemeyer. Eles provinham não apenas do círculo social do arquiteto, mas também dos ateliês artísticos, como os de Burle Marx e Portinari, onde se formavam novos discípulos¹⁵³. Dessa forma, entre os anos 1930¹⁵⁴ e Brasília, consolidou-se uma rede de profissionais

¹⁵³ Os ateliês de Burle Marx e Cândido Portinari serão não apenas fundamentais na formação de artistas na geração de 1930 a 40, mas também, por serem um ponto de convergência e um espaço de encontro entre arquitetos e artistas, conforme declara Athos Bulcão:

Conheci Burle... o Oscar na casa do Burle Marx, em 1942 ou 43. Eu tava fazendo uns desenhos de um azu... de um guache, e o Oscar olhou e disse: "Mas isso ficava bonito num azulejo, você não quer fazer um painel pro Teatro Municipal de Belo Horizonte?" Mil novecentos e quarenta e três, tava pronto o projeto. Eu disse: "Claro que eu quero." Aí quando fiz esse trabalho, isso não se realizou. O Teatro Municipal parou quando Juscelino deixou de ser prefeito. A obra ficou parada muitos anos, e não foi realizado direito o projeto das edificações do Oscar.

Nota - O projeto não realizado do Teatro Municipal de Belo Horizonte, acima citado por Bulcão, certamente fez parte das obras de Niemeyer durante a prefeitura de Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte, entre 1940 e 1945

¹⁵⁴ Desde o M.E.S esta rede de profissionais está em formação, conforme discorre Lauro Cavalcanti: *"A equipe formada possuía alguns pontos em comum: a alta extração social de suas famílias, o fato de seus três integrantes haverem nascido na França (Lucio Costa em Toulon, 1902, Moreira em Paris, 1904, e Reidy em Paris, 1908) e cursado o básico na Europa. Todos eles eram formados pela Enba – Escola Nacional de Belas*

de arquitetura moderna da escola carioca. Gorelik analisa o tema nos seguintes termos:

“Assim, se realizaram os principais alvos com que a arquitetura brasileira ia produzir o seu reconhecimento internacional entre o ministério e Brasília. Em quase todos eles é possível encontrar um grupo pequeno de protagonistas, como que um álbum de família da ‘arquitetura moderna brasileira’” (GORELIK, op. cit., 162).

Esse circuito de profissionais balizou as escolhas para as colaborações de artistas nos edifícios modernos brasileiros. Acima apontamos apenas duas obras, MES e Pampulha, como uma breve análise das obras mais importante de Oscar Niemeyer envolvendo a síntese das artes antes de Brasília¹⁵⁵.

Vale destacar outros dois escritórios de arquitetura que, mesmo não tão diretamente ligados ao núcleo Niemeyer-Costa, recorriam repetidamente a

Artes – do Rio de Janeiro: Costa em 1924, Reidy em 1929, Moreira em 1930, Leão em 1931, Vasconcelos em 1933 e Niemeyer em 1934. Costa, Reidy e Vasconcelos obtiveram medalha de ouro em suas turmas, sendo agraciados com o prêmio de viagem à Europa, oferecido por Lloyd. Moreira era chefe do Diretório Acadêmico e líder do movimento estudantil em apoio às renovações propostas sob a direção de Costa.”. (CAVALCANTI, op. cit, p. 42)

¹⁵⁵ Há uma série de outros edifícios de Niemeyer em que a presença da obra de arte integrada faz parte do projeto, como o Banco Boa Vista (1948) e o SENAI de Benfica (1948), ambos no Rio de Janeiro e com murais de Paulo Werneck, ou o Hospital da Lagoa (1955), com mural de Athos Bulcão. Entre o M.E.S e Brasília, o conjunto de Pampulha é destacadamente o que apresenta maior quantidade e uma presença mais marcante de obras de arte. Depois das obras na nova capital, será o Memorial da América Latina (1989), em São Paulo, um outro marco do arquiteto com a síntese das artes.

artistas daquele mesmo círculo para obras de arte integradas: os Irmãos Roberto (M.M.M. Roberto), com quem Paulo Werneck colaborou; e Rino Levi (1901-1965), cliente do paisagista Burle Marx.

Se o *álbum de família* da arquitetura moderna brasileira se mostra como um *grupo pequeno de protagonistas*, os artistas colaboradores quase cabem em um único retrato.

Dentre os procedimentos de projeto de Niemeyer destacam-se no Cassino o jogo de contrastes e intercepções entre superfícies e volumes planos e curvos, projeto em que, segundo Kenneth Frampton:

O gênio de Niemeyer atingiu seu ápice quando, com trinta e cinco anos, realizou sua primeira obra-prima: o Cassino da Pampulha. Ali Niemeyer reinterpreto a noção corbusiana de “passeio arquitetônico” numa composição espacial de admirável equilíbrio e vivacidade... Um passeio que articula os espaços do prédio como os jogos sociais e hábitos da sociedade ao qual ele se destina a servir.¹⁵⁶

Nesse projeto se faz presente a questão da integração das artes, como a escultura de August Zamoiski no Cassino e um painel de Burle Marx no late Clube¹⁵⁷. No entanto, será a Igreja de São Francisco que receberá uma importante parceria entre artistas e arquitetos, com os mosaicos de Paulo Werneck na superfície externa na capela e o painel do santo em azulejo de

¹⁵⁶ FRAMPTON (2000), Apud: CAVALCANTI, p. 200.

¹⁵⁷ Alfredo Ceschiatti realizou para Pampulha a escultura “O abraço”, no qual a imagem de duas mulheres abraçadas foi considerada imoral pelos mineiros. A obra ficou guardada por muito anos até ser exposta nos jardins do conjunto.

Portinari, que é “ponte entre vanguarda e tradição, aludindo aos azulejos que revestiam as antigas igrejas coloniais.”¹⁵⁸

Dessa colaboração vale destacar a relação do artista Paulo Werneck com Oscar Niemeyer. Durante a infância, Werneck foi colega de turma de Marcelo Roberto e Niemeyer no Colégio Santo Antonio Maria Zaccaria, no Catete, Rio de Janeiro. O início de sua carreira é marcado pelo escritório com Marcelo Roberto, em 1928, no qual realizavam trabalhos de artes gráficas, como capas de revistas, anúncios, além de decoração de interiores e de eventos e teatro.

Em 1935 passa a integrar a equipe de desenho técnico do escritório MM Roberto, sendo responsável pelas perspectivas dos projetos, como o da Associação Brasileira de Imprensa. Realizará seu primeiro trabalho de integração em 1942, no Instituto de Resseguros do Brasil, IRB, projeto dos irmãos Roberto¹⁵⁹. Para Lauro Cavalcanti:

Hoje percebemos que a contribuição de sua obra ultrapassa o campo restrito da arte relacionada à construção, pois sua qualidade no momento em que foram produzidas o credencia como pioneiro do abstracionismo não-geométrico entre nós, apresentando

¹⁵⁸ CALVALCANTI, op. cit., p. 199.

¹⁵⁹ Ainda com eles, seus principais parceiros, executará uma série de projetos no Rio, sendo os de maior destaque os painéis no prédio Marquês de Herval (1955), no Edifício Seguradoras (1949-1950) e na Colônia de Férias do Instituto de Resseguros (1943-1944). Dentre outras parcerias destacam-se o Teatro Popular, projeto de Affonso Reidy no bairro de Marechal Hermes, e o conjunto de agências do Banco do Brasil, principalmente do bairro de Copacabana, em 1961, restaurada recentemente, em ANO. (CAVALCANTI, 2008, p. 16-17)

refinamento, ousadia e radicalidade nas formas e cores raros na arte brasileira dos anos 1940.¹⁶⁰

Sua primeira parceria com Niemeyer foi em Pampulha, no qual além da Igreja, de 1944, realizou no ano anterior um conjunto de azulejos para a Casa de Baile, late Clube e Cassino. Dessas obras, certamente a de maior destaque é a superfície externa da Igreja. Segundo análise de Carlos Martins, ela corresponde a um grupo de obras de Werneck em que, não mais contidas em um campo retangular característico como no IRB, os seus desenhos passam a ocupar “com mais liberdade e toda a superfície disponível, e não mais sugerir qualquer iconografia”¹⁶¹. Nessas obras há a predominância de azuis e brancos na paleta cromática, em uma clara alusão à azulejaria colonial.

Os outros conjuntos de obras correspondem aos delimitados por um retângulo como fundo, como o da IRB já citado, mas também os padrões de módulos, como a grande empena do Marquês de Herval, no qual utilizará em sua maioria elementos da geometria plana, círculos, quadrados, triângulos. Somam-se a ele projetos que se alinham com a composição para o projeto do Banco Boa Vista de Niemeyer, de 1948, no Rio de Janeiro, onde cria “uma arquitetura própria para o espaço pictórico, onde as linhas se cruzam e os ângulos se convergem, definindo superfícies de cor. Os planos se sobrepõem ou parecem girar sobre si mesmos, indicando movimento e dinamismo” ¹⁶². As cores desse grupo são em sua maioria azuis, verdes, ocre, e cores terrosas.

¹⁶⁰ Id. Ibidem., p. 16.

¹⁶¹ MARTINS, 2008, p. 27.

¹⁶² Id. Ibidem, p. 27.

Com Oscar Niemeyer realizará outros projetos, como o Ginásio de Cataguases, em 1947. A colaboração ocorrerá também em Brasília, nos painéis do Senado Federal, em 1978 e no Itamaraty, em 1960. Esse projeto é um dos exemplos do último grupo compositivo definido por Lemos, em que há como diretriz as poéticas da abstração informal, em que “As superfícies definidas são abandonadas e vai trabalhar formas não delineadas que interagem sem gerar ruptura de planos”, resultando em um efeito fragmentado e de grande dinamismo.¹⁶³.

Em contrapartida, há uma série de trabalhos de Werneck que se aproximam do nacionalismo figurativo de Portinari, com a representação de tipos brasileiros populares, como os jogadores de futebol para o projeto de painel do Estádio Maracanã (1956) e do painel do SENAI de Benfica (1948), além dos projetos do Ministério do Trabalho, já citados.

Cândido Portinari, por sua vez, quando em Pampulha, já era um artista de renome internacional. Dentro do panorama da já abordada Política de Boa Vizinhaça americana, ele receberá um prêmio no Instituto Carnegie, e ganhará uma individual no MoMA – que também adquirirá obras dele para seu acervo –, “Portinari of Brazil”, em 1940, com catálogo editado pela Chicago University Press.

Em sua obra, com tom claramente nacionalista, o artista desenvolve murais e painéis desde 1936, como os do Edifício do Ministério da Educação e Cultura, no Rio, da Rádio Tupi, em São Paulo, da Biblioteca do Congresso Norte-Americano, em Washington, bem como os do Pavilhão Brasileiro na Feira

¹⁶³ Id. Ibidem, p. 26.

Internacional em Nova York. Assim, nos projetos de Oscar Niemeyer que antecederam Brasília, será um dos principais colaboradores, juntamente com Roberto Burle Marx. Ambos são fundamentais na formação de vários artistas que frequentam seu ateliê e com eles colaboram, conforme já visto acima.

Outro projeto lastreado na síntese das artes será o Parque Ibirapuera, em São Paulo, na década de 1950. Nele, Oscar Niemeyer colocaria os projetos de murais do auditório a cargo de Fernand Léger¹⁶⁴ e Le Corbusier. A não execução dessa obra no Parque, no imbróglio ocorrido quando da sua construção, acarretaria a não concretização de tais projetos. Le Corbusier receberá depois outra proposta de mural, para a Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, a qual recusará sumariamente.¹⁶⁵

Ainda sobre as conexões e redes profissionais entre artistas e arquitetos, também vem à mente a associação de Fernand Léger a André Bruyere para, sob encomenda do empresário brasileiro Assis Chateaubriand, desenhar o projeto

¹⁶⁴ Há uma tapeçaria e um croqui referente aos estudos de Fernand Léger para o auditório do então projeto para o Ibirapuera na Coleção Itaú Unibanco. Essas obras estão na exposição “Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos”, na Oca do parque Ibirapuera, de maio a agosto de 2017.

¹⁶⁵ SANTOS et. Al, op. cit., p. 224. Ver também a troca de correspondência entre Lucio Costa e Le Corbusier acerca do tema nas páginas 273-274 e 276. Este livro, organizado por Cecília Rodrigues Santos, Margareth Pereira, Romão Pereira e Vasco Caldeira da Silva, constitui-se uma fonte essencial para entender a relação entre Le Corbusier e a arquitetura moderna brasileira. Além de textos analíticos, há a transcrição de correspondência e documentos dos anos 1930 a 1970 do arquiteto franco-suíço com os principais atores da arquitetura e da arte moderna brasileira, como Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Francisco Matarazzo Sobrinho.

(não construído) da *Village polycromé sur la Côté d'Azur*¹⁶⁶, que serviria de residência para artistas brasileiros na França¹⁶⁷. Na América Latina, Léger, juntamente com Alexander Calder, entre outros artistas, participará da Cidade Universitária de Caracas, em 1953.

O auditório do parque Ibirapuera e a vila de artistas na França são exemplos das relações e dos trânsitos entre arquitetos e artistas, brasileiros e estrangeiros, e também da colaboração entre profissionais para edifícios que materializam a ideia da síntese das artes. Em rede, as colaborações e as encomendas permeiam e reforçam o discurso de uma integração entre arte e arquitetura, sendo assim uma síntese das artes nacional, mas de repercussões e de redes internacionais. Será essa rede profissional de Niemeyer que irá atuar largamente em Brasília.

1.2. DEPARTAMENTO DE CULTURA DO MRE: CIRCUITOS DE MUSEUS E BIENNAIS

O percurso acima ratifica a dualidade descrita no Capítulo 2 entre *artistas do palácio* e *artistas da capital*, deixando claro a inserção de um grupo de artistas no circuito da Escola Carioca. Claramente, Oscar Niemeyer será o arquiteto com

¹⁶⁶ CINQUALBRE, Olivier. “Um encontro postergado indefinidamente: Léger e a arquitetura”. In: BARROS, pp. 32-43.

¹⁶⁷ Os desenhos deste projeto atualmente estão no acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP.

quem Athos Bulcão, Paulo Werneck e Alfredo Ceschiatti, por exemplo, tiveram um grande número de parcerias em edifícios, dado o volume de obra e a própria alçada de Niemeyer a arquiteto oficial de Brasília.

No entanto, detalhar a trajetória e a inserção profissional desses artistas permite entender tanto a relação travada com o arquiteto quanto fugir do lugar comum na historiografia que os eclipsa como agentes. Bulcão, por exemplo teve como grande parceiro também o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé; Werneck executou inúmeros murais para o escritório carioca MMM Roberto; Ceschiatti foi professor, assim como Bulcão, da Universidade de Brasília.

Ao se estudar os circuitos profissionais presentes nas obras integradas ao Palácio Itamaraty há claramente uma questão: como se relacionam os demais artistas que não circundavam o meio carioca de Niemeyer? Se a parceria arquiteto-artista prescinde de vínculos profissionais, quem insere os artistas na grande empreitada que foi construir o MRE na nova capital?

Um agente não arquiteto será Wladimir Murtinho, conforme já detalhado anteriormente. A biografia do diplomata deixa claro o seu trânsito entre os meios intelectuais cariocas do período, conforme visto no Capítulo 1. Os estudos de Rossetti e Ramos (2017) e o depoimento de Murtinho (1990) deixam visíveis as relações pessoais dele com alguns artistas, como Bruno Giorgi, Maria Martins e Pedro Correia de Araújo.

No entanto, se, para a relação Niemeyer-artistas se faz necessário entender quais eram as redes em que se inseriam essas parcerias, não seria também equivocado dizer que a escolha dos demais, dos *artistas do palácio*, se devesse unicamente ao crivo pessoal de Murtinho? Conforme é possível ver pela sistematização das obras de arte, o Itamaraty é uma instituição que adquiriu ao

longo das décadas pós 1970 outras obras, de forma que a relação extrapola a atuação do diplomata Murtinho no período, também se estendendo para uma esfera institucional?

Esse quadro acima desenhado nos faz lembrar da relação que Carlos Martins estabelece entre a Semana de 1922 com a historiografia da arquitetura. Vejamos:

Bem, esta trama [historiografia pautada no percurso MES-Pampulha-Brasília] está montada. Interessa-nos a sua lógica e a sua coerência. Interessam-nos mais as suas perguntas que ela não faz, as suas **zonas de obscuridade**.

Iluminar estas zonas, enfrentar essas perguntas, talvez exija **outra trama**.

Uma primeira questão é de ordem metodológica. Embora esse esquema toque nas relações entre arquitetura e outras esferas da produção cultural, o faz mais quando a **ausência de sincronismo** causa um **ruído** estranho à sua linearidade. É o caso da **assincronia** entre a arquitetura e a Semana [de 1922]. Resultado de uma visão de alteridade, embora possa afirmar o contrário, a matriz interpretativa que analisamos não parte do entendimento da arquitetura como parte integrante do campo da produção cultural. Por isso não consegue inserir em sua trama que a arquitetura, apesar de seus condicionantes e procedimentos específicos, tem de enfrentar os mesmos desafios e buscar respostas às mesmas questões que estão colocadas para o conjunto da produção cultural de um momento histórico dado. (MARTINS, 1987, pp. 74-75. Grifos nossos)

Após todas essas análises e percursos desta dissertação é possível colocar o MRE e sua relação arte-arquitetura como uma *assincronia* da historiografia. A falta de instrumentos para entender a inserção de muitos dos artistas nesse processo nos aponta um *ruído* em Brasília, cidade cujos monumentos e imagens foram desenhados por Oscar Niemeyer e seus colaboradores. O desafio aqui é mapear quais são as *outras tramas* dessa *zona obscura*.

A pesquisa nas fontes primárias aponta uma complexidade de agentes e do próprio MRE no longo processo de projeto-construção-transferência. As obras integradas na sede do Ministério extrapolam as relações arte-arquitetura até então estabelecidas. Para compreender a peculiaridade desse conjunto, dois eixos são fundamentais: mapear as ações da Divisão Cultural do MRE, DC-MRE, e ampliar o panorama das artes no período, lançando um olhar sobre certos desenvolvimentos que então se observavam no eixo Rio-São Paulo.

A sugestão de compreender a DC-MRE vem da atuação do próprio Murtinho nesse órgão no início dos anos 1960. Sobre a criação desse órgão, Flávia Ribeiro Crespo escreve:

No Brasil, o Ministério das relações Exteriores [...] perde a sua primazia na difusão da cultura brasileira no exterior durante o Estado Novo. Tal realidade é explicada pela criação de órgãos como o Departamento Oficial de Propaganda e o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, todos substituídos, em 1939, pelo célebre Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) cujas funções, entre outras, era assegurar a propaganda cultural brasileira no exterior até então seara do Ministério das Relações Exteriores.

Menos de um ano após o ocaso do Estado Novo, em abril de 1946, a Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty foi substituída pela Divisão Cultural, marcando momento de mudanças nas questões relativas à política cultural brasileira para o exterior. Após o retorno do Brasil à ordem democrática, as questões decisórias concernentes à política cultural externa, serão, em grande parte, reintegradas à agenda do Itamaraty, que volta a gozar de sua autonomia. (CRESPO, 2006, pp. 11-12)

A pesquisa de Flavia Crespo (2006) percorre a formação da Divisão Cultural pela atuação, sobretudo no campo da música como propaganda de difusão no exterior. No entanto, a atuação desse órgão se mostra extensa nas diversas áreas da cultura. A leitura dos Relatórios Anuais do MRE de 1960 a 1988, quando sua produção é interrompida, nos releva a complexidade da diplomacia cultural.

Em face disso, e da ausência de bibliografia específica, foram sistematizadas todas as exposições e ações correlatas da Divisão desde a criação da Divisão de Cooperação Intelectual, nos anos 1930, até 1988. Estes dados nos mostram uma intensa ação do Itamaraty tanto na promoção de artistas no exterior, quanto no diálogo com as instituições de arte do eixo Rio-São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), os Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) e de São Paulo (MAM-SP) e a Bienal de Arte de São Paulo.

Esse levantamento, somado ao material documental encontrado tanto no MRE quanto no MASP, no MAM-RJ, no Arquivo Histórico Wanda Svevo (Bienal)

e no arquivo pessoal de Luiz Bernardo Pericás, neto do Embaixador Murtinho, permitem apontar as seguintes linhas de atuação:

- a) Ação do MRE em organizar exposições no exterior de artistas e de coleções de museus brasileiros, tal como a itinerância de uma seleção de obras do acervo do MASP nos anos 1970 pelo Japão;
- b) O Palácio Itamaraty como um local de receber exposições, em Brasília, do circuito Rio-São Paulo;
- c) A Divisão Cultural como um agente importante no fomento, na expansão e na internacionalização da Bienal de Arte de São Paulo, seja no diálogo estratégico e político para as representações internacionais, seja nos trâmites alfandegários, mas também, no patrocínio da exposição e de prêmios, como o Prêmio Presidente da República e o Prêmio Itamaraty.
- d) A inserção de diplomatas nos conselhos de honra e administrativos dessas instituições, destacadamente os do MAM-RJ e da Bienal de São Paulo, nos quais participou o próprio Wladimir Murtinho.
- e) Intenso diálogo entre MRE e as figuras de direção dessas instituições, como Pietro Maria Bardi (MASP) e Francisco Matarazzo (MAM-SP / Bienal)
- f) A proximidade temporal entre a participação e/ou premiação de certos artistas na Bienal e a aquisição de obras suas pelo Palácio Itamaraty, como Sérgio Camargo, Pedro Correia de Araújo e Mary Vieira.

Essas linhas iluminam uma nova trama, que complementa e difere da *interpretação dominante* da historiografia da arquitetura, inserindo as instituições

e os seus circuitos no rol de elementos capazes de analisar a inserção de artistas de grupos tão diversos no Palácio Itamaraty.

4. CONCLUSÃO

As obras presentes na sede do Palácio Itamaraty em Brasília extrapolam as relações arte-arquitetura que se podem estabelecer em outros edifícios brasileiros. Para compreender a peculiaridade desse conjunto, é necessário ampliar o panorama das artes no período e lançar o olhar sobre certos desenvolvimentos que então se observavam no eixo Rio-São Paulo.

Isso porque a nova capital federal, inaugurada em 1960, é contemporânea ao nascimento de um sistema de arte no Sudeste do país, fundamentado sobretudo no Museu de Arte de São Paulo, nos Museus de Arte Moderna das suas duas principais cidades e na Bienal Internacional de Arte de São Paulo.

A inauguração de Brasília e a criação dos referidos museus e instituições são marcos fundamentais da construção da identidade nacional moderna brasileira na segunda metade do século XX. Por meio de sua atuação, o Ministério das Relações Exteriores passará a comprar, financiar e promover as artes no período, além de construir intenso diálogo com as instituições do Sudeste brasileiro e seus representantes. Por essa razão, esta pesquisa propõe olhar o Itamaraty a partir da intersecção entre esses dois eventos históricos, a construção de Brasília e o eixo de arte Rio-São Paulo, à primeira vista não relacionados, mas cujo vértice se mostra ser o MRE.

BIBLIOGRAFIA

"Exterior acaba casa em setembro". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, sábado, 18/01/1964, 1º caderno, p.12.

"Flashes do Planalto", Diário de Notícias, Rio de Janeiro, sexta-feira, 17/03/1967, 2ª seção, p. 3

"Olavo Redig de Campos". In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa506177/olavo-redig-de-campos>>. Acessado em: 15/01/2019. Verbetes da Enciclopédia.

ABREU, Maurício de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Instituto Pereira Passos: Rio de Janeiro: 4ª edição, 2011.

ACERVO e Coleção. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14329/acervo-e-colecao>>. Acesso em: 16 de abr. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ANAIS DO 8º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL: CIDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA - SÍNTESE E PARADOXO DAS ARTES. Rio de Janeiro: Docomomo, 2009. (CD-Rom).

ANDRADE; Inês El-Jaick; AZEVEDO, Marlice; COSTA, Renato Gama-Rosa; SEGRE, Roberto. Arquitetura+Arte+cidade: um debate internacional. Rio de Janeiro: Prourb / Docomomo-Rio / Viana & Mosley, 2010.

ANELLI, Renato. “Nova monumentalidade e integração das artes no Brasil – Do Ministério a Brasília”. In: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. Brasília – antologia crítica. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

AQUINO, Flávio. Manchete, “O novo lago dos cisnes”. Fotos de Roberto Stuckert. Rio de Janeiro, 11/03/1967 p. 17

ARANTES, OTÍLIA. Mário Pedrosa: itinerário crítico. São Paulo: Cosac Naify, 2004;

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Art d’aujourd’hui: revue d’art contemporain, no. 8, série 5, dezembro 1954.

Art d’aujourd’hui: revue d’art contemporain, série 4, no. 6, agosto 1953.

BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo, Perspectiva, 1975.

BARATA, Carlos Almeida; BUENO, Antônio Henrique Cunha. Dicionário das famílias brasileiras. Volumes 1 e 2. São Paulo: Ibero América, 1999.

BARROSO, Gustavo. *História do Palácio Itamaraty*. Rio de Janeiro: Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty / Ministério das Relações Exteriores; Seção de Publicações, 1968 (1ª. Edição 1956)

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BORDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BRAGA, Andréa da Costa; FALCÃO, Fernando A. R. “Palácio Itamaraty”. *Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília*. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 1997.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CABRAL, Valéria Maria Lopes (Coord.). *Athos Bulcão*. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2009.

CASTELLO, Roberto. Brasília: monumentos, marcos e esculturas. Brasília: Editora Ballatia Press, 2005.

CASTRO, Flávio Mendes de Oliveira. Dois séculos de história da organização do Itamaraty (1808-2008). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009a, Vol. I. e II

CAVALCANTI, Lauro Pereira. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

COMAS, Carlos Eduardo. “Brasilia. Monumentality Issues”. In: Docomomo Journal, no. 43, 2010/2. Barcelona: Docomomo Internacional, pp. 40-43.

COMAS, Carlos Eduardo. “Parallel lives: transparent sculptures, porous architecture”. In: Docomomo Journal, no. 42, verão 2010. Barcelona: Docomomo Internacional, pp. 56-65.

COMAS, Carlos Eduardo. “*Protótipo e monumento, um ministério, o ministério.*”. Projeto: revista brasileira de arquitetura, planejamento, desenho industrial e construção, (edição especial de 15 anos) no. 102, agosto 1987, pp. 136-149.

CONDURU, Guilherme Frazão. *O Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty: história e revitalização*. Brasília: FUNAG, 2013.

CORREIO BRAZILIENSE, “Itamarati em Brasília: a sala de visitas do Brasil”,
Brasília, terça-feira, 12/02/1966, 1º caderno, p. 3

COSTA, Lucio. “A crise na Arte Contemporânea”. In: Arquitetura Contemporânea
(revista bienal). Rio de Janeiro, agosto setembro 1953.

COSTA, Lucio. “O arquiteto e a sociedade contemporânea”. In: COSTA, Lucio.
Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COSTA, Lucio. *Lucio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: Centro dos
estudantes universitários de arquitetura, 1962.

Crespo, Flávia Ribeiro. O Itamaraty da cultura brasileira: 1945-1964.

Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

Cunha, Ari. Correio Braziliense, “Visto, lido e ouvido”, Correio Braziliense,
Brasília, quinta-feira, 12/02/1966, 1º caderno, p. 3

DAMAZ, Paul. *Art in European architecture: synthèse des arts*. New York: Reinhold
Publishing Corporation, 1956.

DAMAZ, Paul. *Art in Latin American Architecture*. New York: Reinhold Publishing,
1963, p. 50. Grifo nosso.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1 - 22/9/1961, Decreto do Conselho de
Ministros nº 6, de 22 de setembro de 1961, p. 8499

DISTRITO FEDERAL. Lei no. 31.067, de 23 de novembro de 2009. Dispõe
sobre o tombamento da Obra de Athos Bulcão e dá outras providências. Diário
Oficial [do Distrito Federal], Brasília, DF, n.226, 24 novembro 2009. Seção 1,
pp. 19-25.

FARIAS, Agnaldo. "Athos Bulcão – o inventor discreto". In: PENSAR ATHOS: OLHARES CRUZADOS – VI FÓRUM BRASÍLIA DE ARTES VI FÓRUM BRASÍLIA DE ARTES VISUAIS. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

FARIAS, Agnaldo; FERNANDES, Fernanda (org.). VII Fórum Brasília de Artes Visuais – Arte e Arquitetura: balanços e novas direções. Brasília: Fundação Athos Bulcão / Editora Universidade de Brasília, 2010.

FERNANDES, Fernanda. "Arquitetura e Concretismo". In: Desígnio: revista de história da arquitetura e do urbanismo (publicação semestral). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, no. 01, São Paulo: Annablume, 2004.

FERNANDES, Fernanda. "Síntese das artes e cultura urbana: relações entre arte, arquitetura e cidade". In: ANDRADE; Inês El-Jaick; AZEVEDO, Marlice; COSTA, Renato Gama-Rosa; SEGRE, Roberto. Arquitetura+Arte+cidade: um debate internacional. Rio de Janeiro: Proureb / Docomomo-Rio / Viana & Mosley, 2010.

FERRAZ, Ana Lúcia Machado de Oliveira. Insigne presença: arte e arquitetura na integração dos painéis na obra de Rino Levi. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 1998.

FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho". Disponível em: <https://www.academia.edu/7564809/A_Arte_de_Tuni_Murtinho > Acessado em: 01/02/2019

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOODWIN, Philip Lippincott. Brazil builds: architecture new and old, 1652-1942. Fotografia de G. E. Kidder Smith. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

GORELIK, Adrián. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GRAFENEL; Heitor. “Dois palácios em três tempos”. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/expo-desenhando/18637-dois-palacios-em-tres-tempos>. Acessado em 15/01/2019.

HITCHCOCK, Henry-Russel. *Painting Toward Architecture*. Nova York: Duell, Sloan and Pearce, 1948.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Inventário do conjunto da obra de Athos Bulcão em Brasília: 1957-2008.

Inventário de Bens Móveis e Integrados (INBMI). Arquivo da Superintendência do Iphan do Distrito Federal, Brasília, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Inventário dos Palácio da Alvorada e do Itamaraty. Inventário de bens arquitetônicos. Arquivo da Superintendência do Iphan do Distrito Federal, Brasília, 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Inventário do conjunto da obra de Athos Bulcão em Brasília. Coordenação Sandra Bernardes Roberto e Thiago Pereira Perpétuo [publicação editado em livro do inventário realizado em 2008]. Brasília: Arquivo da Superintendência do Iphan do Distrito Federal, 2009.

INVENTÁRIO DO CONJUNTO DA OBRA DE ATHOS BULCÃO EM BRASÍLIA: 1957-2008. Inventário de Bens Móveis e Integrados (INBMI). Arquivo da Superintendência do Iphan do Distrito Federal, 2009.

L'Architecture d'Aujourd'Hui, Paris, Ano 23, Nº 45, Novembro 1952 [número especial].

LE CORBUSIER. A arquitetura e as belas-artes. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: ISPHAN, 1984, no. 19.

LÉGER, Fernand. Funções da pintura. São Paulo: Nobel, 1989,

LEVI, Rino, “A arquitetura é arte e é ciência”. In: Este artigo foi traduzido em : Óculum – Revista Universitária de Arquitetura, Urbanismo e Cultura, FAU PUC Campinas, no. 3, março 1993.

LEVI, Rino. “A arquitetura e a estética das cidades. In: XAVIER, Alverto (org.) Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac e Naify, 2003,

LEVI, Rino. “Síntese das artes plásticas. Revista Acrópole, no. 192, 1954.

LIMA, Carlos Magalhães de. Modernidades brasileiras: a obra de Milton Ramos. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade de Brasília, Brasília, 2008, p. 49

LISSOVSY, Maurício e SÁ, Paulo Moraes de. *Colunas da educação: construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da modernidade*. São Paulo, HUCITEC/ EDUSP, 1995.

MAMMI, Lorenzo. Volpi (série espaços da arte brasileira). São Paulo: Cosac Naify, 1999.

MARINS, Paulo César Garcez Marins. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. Volume 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 131-214.

MARTINS, Carlos Alberto F. *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lúcio Costa 1924/1952*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

MARTINS, Carlos. *Paulo Werneck: muralista brasileiro*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 2008.

MENDES, Manuel. *O cerrado de casaca*. Brasília: Thesaurus, 1995.

MENZ, Cäsar et all. *Le Corbusier ou la synthèse des arts*. Genebra: Musée Rath, 2006.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Palácio Itamaraty. Brasília: Departamento Cultural MRE, 2009.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Palácio Itamaraty: resenha histórica e guia descritivo. Textos de J. Sousa Leão Filho e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Seção de Publicações MRE, 1942.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Relatório 1959. Seção de Publicações do Serviço de Documentação: Rio de Janeiro, 1959.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Relatório 1960. Seção de Publicações do Serviço de Documentação: Rio de Janeiro, 1960.

Módulo – Cadernos de Arte & Arquitetura. Rio de Janeiro, n.76, 1983.

MOOS, Stanislaus von. *Le Corbusier: elements of a synthesis*. Cambridge, MA: MIT Press, 1979

MORAIS, Frederico. Azulejaria contemporânea no Brasil. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, [entre 1988 e 1990]. 2v.

MORAIS, Frederico. Azulejaria contemporânea no Brasil. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, [entre 1988 e 1990].

MOTTA, Renata Vieira da. Museu e cidade: o impasse dos MACs. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009.

MURTINHO, Wladimir do Amaral. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990.

NASSIF, Luís. “Banqueiro foi personagem do século 20” [sobre Walther Moreira Salles]. Folha de S. Paulo, São Paulo, quarta-feira, 28/02/2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2802200116.htm>> Acessado em: 15/01/2019.)

OCKMAN, Joan. "A plastic epic: the synthesis of the art discourse in the France in the midtwentieth century". In: PELKONEN, Eeva-Liisa e LAAKSONEN, Esa (org.). *Architecture + Art: new visions, news strategies*. Helsink: Alvar Aalto Academy, 2007.

PEDROSA, Mário. *Dos Murais aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PELKONEN, Eeva-Liisa e LAAKSONEN, Esa (org.). *Architecture + Art: new visions, news strategies*. Helsink: Alvar Aalto Academy, 2007.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi*. 1 - Memória-História. Porto: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1985.

PROJETO PAULO WERNECK [banco de dados online]. Disponível em <http://projetopaulowerneck.com.br/>

RELATÓRIO MUSEU DE ARTE MODERNA RIO DE JANEIRO, no17. Rio de Janeiro, janeiro de 1959

RICUPERO, Rubens. "Uma história de amor". Folha de S. Paulo, 22/12/2002.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti; RAMOS, Graça. *Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia (coleção memória)*. Brasília: ITS, 2017.

SALZSTEIN, Sônia: Franz Weissmann (série espaços da arte brasileira). São Paulo: Cosac Naify, 2001.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos; et. al. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela, Editora Projeto, 1987.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2002.

SMET, Catherine de. Vers une architecture du livre. Le Corbusier: edition et mise en pages 1912-1965. Baden (Suíça): Lars Müller Publishers, 2007.

Wisnik, Guilherme. "Itamaraty". Arquitetura e Urbanismo, ano 8, no. 226, janeiro 2013, p. 37Wisnik, 2013, p. 37.

WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012.

XAVIER, Alberto (org.). Arquitetura Moderna Brasileira: depoimento de uma geração. São Paulo: Pini/ABEA/Fundação Vilanova Artigas, 1983.

ZANINI, Walther (org.). História Geral da Arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

APÊNDICE E ANEXOS

LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DE PERIÓDICOS DE 1959-70 / SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO ITAMARATY / LINHA DO TEMPO							
ANO	MÊS	DIA	TRECHO	PERIÓDICO	BIBLIOGRAFIA / FONTE	TEMA	AGENTES
1960	11	15	"O monumento do Infante Dom Henrique, oferecido ao Brasil pela colônia portuguesa, foi inaugurado no domingo último em Brasília, na Avenida das Nações, em frente à futura sede da Embaixada de Portugal, em cerimônia a que estiveram presentes o Presidente da República, o Embaixador de Portugal e o Reitor da Universidade de Coimbra, além de outras personalidades. Durante a solenidade, quando discursava o Sr. Pedro Calmon, o Sr. Juscelino Kubitschek foi acometido de súbita indisposição, provocada presumivelmente pelo sol e calor, retirando-se logo após assinatura da ata da cerimônia."	Jornal do Brasil	"Inaugurado em Brasília o bronze de Dom Henrique doado pelos portugueses". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 15/11/1960, 1o. Caderno, p. 8.	EMBAIXADAS	Juscelino Kubitschek
1961	1	4	"O Projeto de reforma do Itamarati estava pronto para ser aprovado no plenário da Câmara. Mas, não foi. Muita gente não sabe o porque. Mas a culpa não foi da reforma e se devem a outros projetos de créditos vultosos que provocaram uma enorme reação da minoria, que se retirou do plenário para não votá-los."	Diário de Notícias	"Outra vez a reforma do Itamarati". Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 04/01/1961, p. 3.	REFORMA PALÁCIO ITAMARATY GUANABARA	-
1961	12	24	"Com base na convicção de que a diplomacia é, em grande parte, um jogo de probabilidades e que os fatos internacionais devem também ser sistematizados, as informações sintetizadas, e projetadas no futuro para a estabilização das diretrizes da política exterior, está sendo estruturada no Itamarati a Comissão de Planejamento Político, criado pela Reforma e que vem a ser, para o Ministério das Relações Exteriores, o que o Estado-Maior é para as Forças Armadas."	Jornal do Brasil	CARNEIRO, Luís Orlando. "Itamarati tem Estado-Maior no Planejamento Político". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24/12/1961, 1º caderno, p. 3.	REFORMA INSTITUCIONAL; TRANSFERÊNCIA	Antonio da Camara Canto
1963	1	22	"O Arquiteto Oscar Niemeyer, encarregado dos projetos do Palácio do Itamarati, em Brasília, escreveu a UH esclarecendo que não recebeu nenhuma imposição da prefeitura ou da Novacap, que prejudicasse seu trabalho, já entregue aos técnicos de estrutura e eletricidade."	Última Hora	"Niemeyer fala sobre construção do Palácio Itamarati na Novacap". Última Hora. Rio de Janeiro, 22/01/1963, p. 3.	CONSTRUÇÃO	Oscar Niemeyer
1963	2	15	"A determinação do Presidente João Goulart para que o Itamarati esteja funcionando em Brasília dentro de 60 dias (cinquenta e quatro, no caso) tem trazido a Brasília um número enorme de representantes de delegações estrangeiras que procuram se apossar de seus lotes na Avenida das Nações, para que possam se preparar para a construção das embaixadas."	Correio Braziliense	CUNHA, Ari. "Mudança do Itamaraty: drama e comédia". Correio Braziliense. Brasília, 15/02/1963, p. 9.	EMBAIXADAS	João Goulart
1963	8	1	"Chega hoje a Brasília o Ministro Wladimir do Amaral Murtinho acompanhado pelo arquiteto Olavo Redig de Campos. A viagem se prende a construção do Edifício do Ministério das Relações Exteriores em Brasília que está sendo ordenada e dinamizada por aquele diplomata, vindo da Embaixada de Tóquio especialmente para se ocupar do problema. O Ministro Murtinho promete para o segundo semestre de 1965 que o Itamarati inteiro estará funcionando em Brasília..."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 01/08/1963, p. 4.	CONSTRUÇÃO	Wladimir Murtinho; Olavo Redig
1963	8	15	"Com o estaqueamento das obras do Palácio Itamarati iniciado ontem, às 10 horas, certamente que prosseguirão em ritmo acelerado os trabalhos para a construção de um dos prédios mais belos de Brasília, na Esplanada dos Ministérios [...] A auspiciosa notícia se acrescenta a informação de que diversas outras representações diplomáticas estrangeiras [além da Tcheco-Eslováquia] estão agora entabulando entendimento com várias firmas construtoras para também começar as obras de suas respectivas Embaixadas, na Avenida das Nações."	Correio Braziliense	"Iniciado o estaqueamento do Palácio do Itamaraty: Tchecoslováquia providencia a construção da sede da sua embaixada". Correio Braziliense. Brasília, 15/08/1963, p. 8.	CONSTRUÇÃO; EMBAIXADAS	-
1963	10	13	"Já estamos na fase das cintas, blocos e levantamento das paredes perimetrais do subsolo, começando assim a sair parte da fundação. Já estamos fazendo as escavações e preparo do terreno para o levantamento do prédio onde funcionará o administrativo."	Correio Braziliense	"Continuam em ritmo acelerado as obras do Palácio Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 13/10/1963, 1º caderno, p. 8.	CONSTRUÇÃO	Milton Ramos

1964	1	18	<p>"O edifício do Ministério das Relações Exteriores, que está sendo construído em Brasília, segundo a Comissão que supervisiona as obras, estará em condições de funcionamento entre setembro e outubro de 63.</p> <p>Já estão prontos os dois subsolos, e, no fim dêste ano, estará construída tôda a estrutura do edifício, cujo projeto é de autoria do arquiteto Oscar Nimeyer"</p>	Jornal do Brasil	"Exterior acaba casa em setembro". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18/01/1964, 1º caderno, p. 12.	CONSTRUÇÃO	Oscar Niemeyer
1964	1	18	<p>"A Comissão do Ministério das relações Exteriores incumbida da mudança do Itamarati estêve em Brasília nos dias 15 e 16 últimos, quando o Eng. Olavo Redig de Campos, consultor técnico da Comissão, expôs os projetos de Oscar Niemeyer. Houve visita aos terrenos em que serão construídos os dois prédios - um dedicado às funções de representação e outro à administração - e os destinados às embaixadas estrangeiras, bem como os de residência oficial do Ministro do Estados e dos funcionários."</p>	Última Hora	"Itamarati em Brasília". Última Hora. Rio de Janeiro, 18/01/1964, p. 6.	CONSTRUÇÃO; EMBAIXADAS	Olavo Redig; Oscar Niemeyer
1964	1	17	<p>"Com vistas à consolidação de Brasília como Capital da República, importante aspecto foi focalizado pelo Ministro Wladimir do Amaral Murtinho durante entrevista exclusiva concedida ontem aos 'Diários Associados', na qualidade de Presidente da Comissão de Transferência para Brasília do Ministério das Relações Exteriores e do Corpo Diplomático. Disse o ilustre diplomata: - Poderosa inversão de capitais se verificará no DF, dinheiro anti-inflacionário, isto é, divisas, beneficiará Brasília, ajudando sua consolidação como Capital, assim que os diplomatas estrangeiros vierem se fixar aqui. Isto será a consequência imediata da transferência do Itamarati."</p>	Correio Braziliense	"Inversão de 50 milhões de dólares no DF ao término das obras do Itamarati". Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1964, p. 8.	CONSTRUÇÃO	Wladimir Murtinho
1964	2	22	<p>"Visitou Brasília a delegação soviético (um arquiteto, um engenheiro e um intérprete) que se ocupa de colhêr elementos necessários aos projetos para a construção da chancelaria e dependência habitacionais para os seus funcionários diplomáticos.</p> <p>Para essa viagem de inspeção, os russos tiveram o mais cordial dos cicerones que na pessoa do ministro Vladimir Murtinho o Itamarati houve por bem designar para tal encontro, pois é o diplomata um perfeito 'public relation man' do nosso país."</p>	Diário de Notícias	"Soviéticos em Brasília". Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22/02/1964, segunda seção, p. 3.	EMBAIXADAS	Wladimir Murtinho
1964	2	26	<p>"Terreno em Moscou</p> <p>Após duas semanas de gestões, foi acertada a concessão recíproca de uma área de 25.000 m2 em Brasília, na Av. das Nações e uma área igual ao do bairro diplomático de Moscou, para a construção das Embaixadas da União Soviética no Brasil e do nosso país na União Soviética."</p>	Jornal do Commercio	"Gazetilha diplomática". Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 26/02/1964, 1º caderno, p. 5.	EMBAIXADAS	Wladimir Murtinho; Olavo Redig
1964	4	17	<p>"Fascinante! Admirável! Foram as expressões entusiasticas do ministro Vasco Leitão Cunha, das Relações Exteriores, ao visitar, na tarde de ontem, as obras do Palácio do Itamarati, em Brasília."</p>	Correio Braziliense	"Ministro das Relações Exteriores visita obras do Itamarati no DF". Correio Braziliense. Brasília, 17/04/1964, p. 6.	CONSTRUÇÃO	Vasco Leitão Cunha; Wladimir Murtinho; Milton Ramos
1964	5	20	<p>"[...] estando as obras em fase de estrutura e em começo do andar térreo e, dentro de dez dias deverá estar concluída a concretagem da laje do mesmo andar.[...] Até o presente momento já se gastou nos dois blocos, na atual fase em que se encontra a construção, cêrca de um bilhão de cruzeiros e, segundo nos revelaram os engenheiros, até agora não houve nenhuma interrupção no pagamento das verbas, daí o fato de os trabalhos não terem sofrido paralização, a não ser pelas greves formadas no governo passado."</p>	Correio Braziliense	"Palácio Itamarati deverá estar funcionando em Brasília até 1965". Correio Braziliense. Brasília, 20/05/1964, p. 7.	CONSTRUÇÃO	-

1964	7	11	<p>"Proseguem em ritmo acelerado as obras do Palácio do Ministério das Relações Exteriores (Itamarati), dessa vez já estando em fase de concretagem a laje do andar térreo, bem como os serviços avançados em uma base de quarenta por cento. O escoramento para a laje do segundo pavimento, já está também devidamente coccetada, isso no tocante ao bloco representativo. Integralmente concluídas estão as junções do prédio administrativo e foi iniciada a colocação dos blocos dos blocos e cintas. [...] Cêrca de quinhentos e trinta homens trabalham até às vinte e duas horas, todos os dias, em turnos revezados.</p> <p>Está concluído o piso do local onde funcionará o 'hall' de Imprensa [...] As fôrmas de ligação entre os dois blocos, já estão montadas, como também está concluído o subsolo do prédio representativo, que contará com o plenário conjugado, as mesas de imprensa, o salão nobre, sala de reuniões, secretaria para aprovação dos serviços do Congresso, conferências, casas de máquinas de todos elevadores e aparelhos de ar. Conjugado ao 'hall' de imprensa, haverá a sala de entrevistas que contará com um pequeno auditório, onde o ministro receberá os jornalistas."</p>	Correio Braziliense	<p>"Processeguem em ritmo acelerado as obras do Palácio Itamarati". Correio Braziliense. Brasília, 09/07/1964, caderno 1, p. 8.</p> <p>Texto publicado também em: O Jornal, Rio de Janeiro, 11/07/1964, 2º caderno, p. 4.</p>	CONSTRUÇÃO	-
1964	7	15	<p>"A construção está à cargo da 'Construtora Perdeneiras' que emprega, atualmente, mais de 700 homens, com um ritmo de trabalho intenso, indo de 7 às 22 horas, sob orientação dos arquitetos Milton Ramos e Waldy Garcia que, além de responsabilidade pela execução e andamento da obra, têm ainda a seu cargo o desenvolvimento do projeto inicial de autoria do arquiteto Osca Niemeyer"</p>	Jornal do Brasil	<p>"Palácio Itamarati estará pronto em 1966: obras em ritmo acelerado". Jornal do Brasil. Brasília, 15/07/1964, caderno 2, p. 6.</p>	CONSTRUÇÃO	Milton Ramos; Waldy Garcia; Construtora Pederneiras; Oscar Niemeyer
1964	9	5	<p>"Para estudar os efeitos do sol sôbre os arcos, o Engenheiro Milton Ramos, encarregado das obras do Palácio do Ministério das Relações Exteriores, construiu um molde de como serão os arcos do Itamarati. O sol projetará seus raios sôbre os mesmos e a sombra formará no espêlho d'água, às nove horas, ao meio dia e as quatro da tarde, silhuetas diferentes. O teste foi coroado de sucesso e, tão logo seja concluído a construção do piso onde ficarão os arcos, serão definitivamente levantados. No flagrante, um aspecto do molde dos arcos."</p>	Correio Braziliense	<p>"Arcos do Itamarati". Correio Braziliense. Brasília, 05/09/1964, caderno 1, p. 8.</p>	CONSTRUÇÃO	Milton Ramos
1965	1	16	<p>"Em entrevistas que concedeu ontem a 'A Voz da América' o Prefeito Plínio Cantanhede discorreu sôbre problemas na consolidação de Brasília. O chefe do Executivo do DF falou sôbre as obras que vêm recebendo maior atenção por parte da administração destacando a conclusão do Palácio Itamaraty, a construção de residências populares em convênio com o Banco Nacional de Habitação, nos moldes dos programas da 'Aliança Para o Progresso', e o incremento do turismo."</p>	Correio Braziliense	<p>"Prefeito fala à Voz da América". Correio Braziliense. Brasília, 16/01/1965, p. 1.</p>	CONSTRUÇÃO	Plínio Cantanhede
1965	1	17	<p>"O Ministro Murtinho, com sua experiência de longos anos de diplomacia, tendo servido nos mais adiantados países do mundo, sempre achou que paralelamente à obra do Ministério das Relações Exteriores, e para que o pessoal estrangeiro que para aqui terá de vir tivesse em Brasília outros atrativos, alguma cousa deveria ser feita para isso. Assim, pensou logo em um Clube de Golfe, por ser um esporte universal e o mais preferido pelos diplomatas estrangeiros. E, graças ao seu esforço e das suas autoridades e a compreensão e cooperação da Direção do Pan American, êsse Clube de Golfe será, dentro de muito pouco tempo, uma feliz realidade."</p>	Correio Braziliense	<p>"Será inaugurado em 66 o Palácio do Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1965, pp. 1, 4.</p>	CLUBE DE GOLFE	Wladimir Murtinho

			"Entre as SQ 107, 307, 108 e 308, na Asa Norte, onde se erquerá em breve o mais bonito e imponente conjunto residencial da cidade já se levanta o primeiro barraco de materiais da firma que vai iniciar os trabalhos de terraplenagem da área, onde o Itamaraty construirá o Conjunto São Miguel. [...]			
1965	1	17	Uma novidade desta concorrência é o fato de a firma ganhadora ficar na obrigação de construir uma usina para a fabricação de premoldados. Durante os trabalhos de construção dos blocos residenciais dos diplomatas, essa usina será empregada exclusivamente na produção de materiais destinados ao Conjunto São Miguel. Quando este vier a ser concluído, a usina passará então para as mãos da Novacap, que a empregará em outras obras do D. Federal."	Correio Braziliense	"Será inaugurado em 66 o Palácio do Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1965, pp. 1, 4.	CONJUNTO SÃO MIGUEL
1965	1	17	"O Presidente da Comissão de Transferência do Itamaraty [Wladimir Murtinho] anunciou ainda para os próximos seis meses a festa da cumieira do Palácio que vem sendo erguido dentro de um ritmo de trabalho constante." "Revelou [Wladimir Murtinho] o interesse por inúmeros países que estão promovendo os estudos indispensáveis para a construção de suas representações, na Av. das Nações e também a procura por parte dos terrenos para a construção de residências, dentro aliás da nova Lei que permite aos Governos estrangeiros a aquisição de terrenos e imóveis ao D. Federal."	Correio Braziliense	"Será inaugurado em 66 o Palácio do Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1965, pp. 1, 4.	CONSTRUÇÃO Wladimir Murtinho
1965	1	17	"O diplomata [Wladimir Murtinho] que tanto esforço vem desenvolvendo em favor da cidade calculou que a transferência dessas Embaixadas para a nova capital implicará num gasto da ordem de 50 milhões de dólares, o que faz com que o dinheiro que o Brasil está gastando na construção e transferência do Itamarati seja, de um certo modo, reprodutivo, sem qualquer cunho inflacionário. O Ministro acredita que é por isso que a obra, mesmo no atual regime de contenção de despesas, tem seguido seu ritmo normal de trabalho, dentro dos programas traçados."	Correio Braziliense	"Será inaugurado em 66 o Palácio do Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1965, pp. 1, 4.	EMBAIXADAS Wladimir Murtinho
1965	1	17	"As Embaixadas pelo menos 11 iniciarão suas sedes, definitivas aqui, sem falar em duas que já inaugurará em outubro ou novembro. E a Embaixada da América começará, para o mês, a construção de quatro grandes blocos residenciais, dentro do plano elaborado pelos seus técnicos. E agora mesmo o arquiteto Milton Ramos, uma das maiores expressões da arquitetura do Brasil, se encontra no Rio para acertar o aceleração das obras do Itamarati."	Correio Braziliense	"Será inaugurado em 66 o Palácio do Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 17/01/1965, p. 1, 4.	TRANSFERÊNCIA; EMBAIXADAS Wladimir Murtinho
1965	1	31	"Com cêrca de oitocentos homens trabalhando 13 horas por dia, prosseguem, em ritmo acelerado, as obras de construção do futuro Palácio do Itamarati. Mesmo se tratando de uma obra da ordem de 75 mil mestros quadrados, de fino acabamento e com detalhes realmente originais e de difícil execução, uma semana sem visitar a obra já deixa transparecer grandes diferenças."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília". Correio Braziliense. Brasília, 31/01/1965, p. 3.	EMBAIXADAS; CONSTRUÇÃO Milton Ramos
1965	2	7	"Prosseguem em ritmo acelerado as obras do Palácio do Itamarati nesta Capital. Cêrca de 750 operários trabalham 12 horas por dia na maior obra em execução do Distrito Federal. Nossa reportagem ouviu o engenheiro Milton Ramos, responsável pela construção que declarou já ter sido construído até hoje cêrca de 51 mil metros quadrados dos 75 mil que terá o conjunto."	Correio Braziliense	"800 homens constroem o palácio". Correio Braziliense. Brasília, 07/02/1965, 1º caderno, p. 7.	CONSTRUÇÃO -
1965	7	22	"O arquiteto Olavo Redig, do Ministério das Relações Exteriores, passou uma semana em nossa cidade, tendo desenvolvido intenso trabalho junto ao Ministro Murtinho, na fiscalização do andamento das obras, nessa parte final da estrutura."	Correio Braziliense	"Cumieira do Itamaraty em outubro". Correio Braziliense. Brasília, 22/07/1965, 1º caderno, p. 8.	CONSTRUÇÃO Milton Ramos
1965	11	28	"O arquiteto Olavo Redig, do Ministério das Relações Exteriores, passou uma semana em nossa cidade, tendo desenvolvido intenso trabalho junto ao Ministro Murtinho, na fiscalização do andamento das obras, nessa parte final da estrutura."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília". Correio Braziliense. Brasília, 28/11/1965, 3º caderno, p. 3.	CONSTRUÇÃO Olavo Redig; Wladimir Murtinho

1965	12	9	<p>"O ex-Ministro Vasco Leitão da Cunha, na primeira entrevista coletiva concedida no "Palácio dos Arcos", em Brasília, afirmou ontem, perguntado sobre como explicaria nos Estados Unidos a extinção dos Partidos políticos pelo Ato Institucional e o Ato Complementar instituindo praticamente o bipartidarismo, que 'nós não temos muito que explicar ao exterior o que fazemos internamente, pois somos um País independente e adotamos a forma de Governo que desejamos'.</p> <p>[...]</p> <p>'O Palácio dos Arcos - disse - dará uma imagem correta do Brasil aos estrangeiros, pois sendo um País enorme jamais fez pesar sobre os outros a sua grandeza e tem demonstrado considerável sentido de moderação em todos os seus atos'. "</p>	Diario Carioca	"Vasco: exterior confia em Castelo". Diario Carioca. Rio de Janeiro, 09/12/1965, p. 4.	EVENTO POLÍTICO	Vasco Leitão Cunha
1966	2	12	<p>"A transferência do ministério das Relações Exteriores está sendo levada em termos para valer. Com a anulação da concorrência da superquadra São Miguel, já o ministro Wladimir Murtinho encaminhou à NOVACAP, e afoi aprovada, a contratação do arquiteto Milton Ramos, que projetará 26 unidades habitacionais, duas escolas classes, um jardim de infância, um setor de recreação, uma igreja e uma banca de jornais."</p>	Correio Braziliense	CUNHA, Ari. "Visto, lido e ouvido". Correio Braziliense. Brasília, 12/02/1966, 1º caderno, p. 3.	CONJUNTO SÃO MIGUEL	Wladimir Murtinho; Novacap; Milton Ramos
1966	4	12	<p>"A futura sede do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, o Palácio dos Arcos, terá a festa da cumeeira realizada no próximo dia 20, devendo contar com a participação de representantes de todo o corpo diplomático, convidado pelo Ministério do Exterior.</p> <p>[...]</p> <p>O programa da Festa da Cumeeira se iniciará às 11 horas do dia 20, com a chegada em Brasília do corpo diplomático, em dois aviões. os diplomatas participarão de um almoço no Brasília Palace Hotel, com a presença do Prefeito Plínio Cantanhede. À tarde, às 16 horas, os convidados visitarão a obra, comparecendo o Presidente da República. às 17 horas, o Ministro Juraci Magalhães e senhora oferecerão um coquetel em sua residência, à beira do lago.</p> <p>Antecipando esta programação, no próximo dia 11 o representante do Ministério das relações Exteriores em Brasília, Ministro Wladimir Murtinho, terá um encontro com a imprensa seguindo-se uma visita às obras do Palácio dos Arcos."</p>	Jornal do Brasil	"Futura sede do Ministério do Exterior em Brasília vai ter Festa da Cumeeira". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12/04/1966, 1º caderno, p. 15.	CONSTRUÇÃO	Plínio Cantanhede; Humberto Castelo Branco; Juraci Magalhães; Wladimir Murtinho
1966	4	20	<p>'Uma parede escultural de 27 metros de comprimento por 4 de altura já está sendo executada por Sérgio Camargo. Tem uma dupla finalidade: decoração e acústica!</p> <p>[...]</p> <p>As paredes e pisos estão sendo executados por Athos Bulcão, em mármore nacional beje (tipo conhecido como 'Martha Rocha')</p> <p>[...]</p> <p>Já se encontram concluídas tôdas as obras de alvenaria dependendo, agora apenas das obras complementares, isto é, pisos, decoração, etc - as quais serão executadas a medida que terminadas as tarefas de construção civil."</p>	Correio Braziliense	"Itamarati em Brasília: a sala de visitas do Brasil". Correio Braziliense. Brasília, 20/04/1966, 1º caderno, p. 3.	CONSTRUÇÃO; OBRAS DE ARTE	Novacap; Niemeyer; Construtora Pederneiras; Joaquim Cardoso; A. Bulcão, S. Camargo; Burle Marx; B. Giorgio; A. Ceschiatti; W. Murtinho; O. Redig; Joaquim Cardoso; Lívio Levi
1966	4	21	<p>"Para que se possa avaliar como ainda está atrasada a efetiva transferência da sede do Governo para o Planalto Central, basta lembrar que somente hoje inaugura-se em Brasília a cumeeira do novo Palácio Itamaraty... Não deixa de ser constrangedor que os diplomatas estrangeiros acreditados junto ao nosso Governo sejam obrigados a entregar suas credenciais em uma cidade na qual até agora só existe uma Embaixada!"</p>	Correio Braziliense	"Valeu a pena?". Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 21/04/1966, p. 4.	CONSTRUÇÃO; ANTIMUDANCISMO	-

Recibo nos documentos do Arquivo do MRE

1966	8	10	"A construção do 'Conjunto Residencial São Jorge', na superquadra 407/408, da Asa Norte, cujas fundações já foram iniciadas, tem concorrência aberta em edital publicado no 'Diário Oficial'. O projeto de autoria do arquiteto Milton Ramos, prevê blocos de três pavimentos, sobre pilotis, sme elevador. Os apartamentos são de três quartos, sala, cozinha, rouparia, dois banheiros, e área de serviço."	Correio Braziliense	"Conjunto residencial São Jorge". Correio Braziliense. Brasília, 10/08/1966, 1º caderno, p. 8.	CONJUNTO SÃO JORGE	Milton Ramos
1966	9	20	"O Palácio do Itamarati, ou Palácio dos Arcos, em plena Esplanada dos Ministérios é, sem dúvida, uma das mais importantes obras realizadas pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Sua construção foi iniciada no período pós inauguração e já se encontra em fase de conclusão enunciando-se que nos primeiros meses do próximo ano até abril estará totalmente terminado para receber o Ministério das Relações Exteriores do Brasil."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília, 19-20/09/1966	CONSTRUÇÃO	Novacap (José Luiz Coelho Pinto de Oliveira, José de Salvador Aversa, Hilderval Teixeira)
1966	9	20	"Em várias partes do lago, o arquiteto e paisagista Burle Marx fará brotar vários jardins com uma variedade de dezenas de plantas. Nêles, as artes plásticas estarão representadas com uma escultura de Bruno Giorgio."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília 19-20/09/1966	PAISAGISMO; OBRAS DE ARTES	Burle Marx; Bruno Giorgi
1966	9	20	"Uma parede escultural, de 27 metros de comprimento e 4 por altura, já está sendo executada por Sérgio Camargo. Tem uma dupla funcionalidade: decoração e acústica."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília 19-20/09/1966	OBRAS DE ARTE	Sérgio Camargo
1966	9	20	"As paredes e pisos estão sendo executados por Athos Bulcão, em mármore nacional bege (tipo conhecido como 'Martha Rocha')."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília 19-20/09/1966	CONSTRUÇÃO	Athos Bulcão
1966	9	20	"Serão três os Salões de Banquetes: um para 200 talheres, com tapeçaria de Burle Marx na parede e piso de mármore de Athos Bulcão; outro para 30 talheres e o terceiro para 12 talheres."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília 19-20/09/1966	OBRAS DE ARTE	Burle Marx
1966	9	20	"Como foi dito, a NOVACAP escolheu a Cia. Construtora Pederneiras S.A. para executar as obras o que vêm sendo feitas por experimentada quipe, dentro de uma linha técnico-administrativa que vai sob o superintendente geral Moacyr Avidos, o engenheiro chefe de Brasília Plínio Pureza, o arquiteto chefe das obras Milton Ramos e seus auxiliares arquitetos Ayrton Santos e Waldyr Garcia, encarregado geral José Guedes de Abreu, até uma pleiade de ótimos profissionais que são importante parte desta tradicional empresa brasileira."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília 19-20/09/1966	CONSTRUÇÃO	Construtora Pederneiras (Moacyr Avidos; Plínio Pureza; Milton Ramos; Ayrton Santos; Waldyr Garcia; José Guedes de Abreu)
1966	9	20	"A iluminação dos prédios será executada de acordo com o projeto do arquiteto Lívio Levi convocado pelo Itamarati."	Correio Braziliense	"Palácio do Itamarati em Brasília". Correio Braziliense. Brasília 19-20/09/1966	CONSTRUÇÃO	Lívio Levi
1966	9	27	"Após frisar que no palácio ministerial, em Brasília, se utilizarão objetos que sejam produzidos por brasileiros e com materiais brasileiros, revelou o diplomata que a única exceção serão os tapetes orientais e três quadros relacionados com as histórias das capitais do Brasil que o MRE tentará comprar, no exterior."	Diário de Notícias	"Não se ataca importação de cortinas". Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27/09/1966, pp. 7-8.	CONSTRUÇÃO; IDENTIDADE NACIONAL	Wladimir Murtinho
1966	9	27	"Ressaltou, a seguir, que o Ministério das Relações Exteriores, na capital da República, foi desenhado por Oscar Niemeyer e está sendo executado por Milton Ramos. Para os móveis foram escolhidos Sérgio Rodrigues e Bernardo Figueiredo, enquanto os jardins serão planejados por Burle Marx que, também, fez os cartões para as tapeçarias a serem executadas por Colaço Nicola e Decors. Segundo o ministro Wladimir Murtinho: até mesmo os talhêres em prata obedecerão aos desenhos modernos que estão se fabricando, no Brasil."	Diário de Notícias	"Não se ataca importação de cortinas". Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27/09/1966, pp. 7-8.	PROFISSIONAIS; IDENTIDADE NACIONAL	Oscar Niemeyer; Milton Ramos; Sérgio Rodrigues; Bernardo Figueiredo; Burle Marx; Colaço Nicola e Decors
1966	9	27	"Fêz [Wladimir Murtinho] questão de salientar que 'o novo Itamarati será eminentemente nacionalista e tropical'. Segundo ainda informações do ministro Murtinho, o governo brasileiros apenas importará para o novo palácio alguns tapetes orientais e três quadros, que se relacionam a três históricas cidades brasileiras: Salvador (1628), Rio de Janeiro (1831) e Ouro Preto (1780), os quais se encontram, respectivamente em Madrid, Nova York e Paris."	Tribuna da Imprensa	BARRO, Pedro. "Diplomacia: Tuthill vai aos EUA para relatar crises brasileiras". Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 27/09/1966, p. 4.	CONSTRUÇÃO	Wladimir Murtinho

1966	9	28	<p>"O Gabinete do Ministro das relações Exteriores, que está funcionando em dependências do Ministério da Marinha, nesta Cidade, deverá ser transferido, dentro de mais três meses, para o prédio próprio da Chancelaria Brasileira, na Esplanada dos Ministérios. Para ativar a conclusão de uma parte do Palácio dos Arcos, onde ficará o Gabinete, então em Brasília o Chefe do Patrimônio do Itamarati, sr. Olavo Redig de Campos, e um engenheiro dessa Secretaria de Estado, sr. Sérgio Rodrigues, que juntamente com o diplomata Wladimir Murtinho, encarregado das obras do Palácio dos Arcos, percorreram as dependências do prédio para a localização do Gabinete, que ficará em caráter precário, até a mudança definitiva do Ministério para o Distrito Federal."</p>	Correio Braziliense	"Relações exteriores". Correio Braziliense. Brasília, 28/09/1966, 1º caderno, p. 4.	TRANSFERÊNCIA	Olavo Redig; Sérgio Rodrigues; Wladimir Murtinho	
1967	2	18	<p>"A Companhia [Novacap] mantém convênio com vários órgãos do Poder Público para execução de obras em Brasília. Medida salutar, que visa um duplo aproveitamento. [...] a) Ministério das Relações Exteriores: para intensificação de seu Edifício-Sede (Palácio Itamaraty ou dos Arcos)</p>	Correio Braziliense	"Companhia urbanizadora da nova capital do Brasil: Novacap". Correio Braziliense. Brasília, 18/02/1967, 2o caderno, p. 1.	CONSTRUÇÃO	Novacap	
1967	2	19	<p>"Em Brasília, o sr. Burle Marx Manteve alguns contatos com o técnico Ney Ururay. Assuntos: jardins aquáticos do Palácio dos Arcos. Há um esforço muito grande para que tudo esteja pronto no dia 14 de março, quando o Presidente Castelo Branco, em companhia dos Embaixadores aqui credenciados, fará uma visita ao Palácio. O arquiteto Ayrton vem desenvolvendo intenso trabalho, juntamente com o arquiteto Milton Ramos, um dos principais assessores do sr. Oscar Niemeyer."</p>	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 19/02/1967, p. 9.	CONSTRUÇÃO	Burle Marx; Ney Ururay; Milton Ramos; Castelo Branco; Oscar Niemeyer	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/02/17/interna_cidadesdf,174082/a-silenciosa-felicidade-de-ter-ajudado-a-construir-a-capital.shtml
1967	2	28	<p>"O Palácio dos Arcos está com sua inauguração oficial marcada para o dia 14 de março, data da recepção que o Governo brasileiro oferecerá aos diplomatas estrangeiros presentes à posse do Marechal Costa e Silva. O palácio será considerado habitável pela comissão construtora depois do dia 13, mas já no dia 6 a atual representação do Itamarati em Brasília pretende ocupá-lo parcialmente. Projetado com a preocupação de produzir um edifício com o conforto e o luxo de um autêntico palácio, adaptado ao clima tropical, a futura sede do Ministério das Relações Exteriores é considerada a construção mais monumental da Capital da República e tem seu preço orçamentário fixado em MCr\$ 15 milhões (Cr\$ 15 bilhões) [...] O ritmo da construção antecipou em dois meses o término previsto, mas a transferência total do Ministério, que será possível depois de outubro, dependerá das intenções do novo chanceler e do próximo Governo Federal. De qualquer maneira, tão cedo não virão para a Capital da República o Instituto Rio Branco e o arquivo, permanecendo no Rio com outros serviços de apoio."</p>	Jornal do Brasil	"A nova linha do Itamarati". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28/02/1967, caderno B, p. 8.	INAUGURAÇÃO; CONSTRUÇÃO	Marechal Costa e Silva	
1967	2	28	<p>"O palácio será também uma espécie de mostruário das artes brasileiras, principalmente as de tendência modernistas. Obras de Volpi, Manabu Mabe, Ceschiatti, Athos Bulcão, Burle Marx, Gilda Reis, Bruno Giorgi e outros também compõe sua decoração. A tradição estará materializada por peças de arte antiga e parte do mobiliário, além da sala reservada para a exposição de documentos históricos brasileiros. Algumas obras de arte ligadas à História do Brasil, que se encontravam no estrangeiro, principalmente na Espanha e Portugal, foram mandadas buscar pelo Itamarati, apoiados pelos respectivos governos que facilitaram sua saída."</p>	Jornal do Brasil	"A nova linha do Itamarati". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, terça-feira, 28/02/1967, caderno B, p. 8.	OBRAS DE ARTE	Manabu Mabe; Volpi; Ceschiatti; Bulcão; Burle Marx; Gilda Reis; Bruno Giorgi	

1967	3	11	"O Palácio dos Arcos, em Brasília, ficará pronto em um ano. É o que dirá o Itamarati ao grupo de diplomatas que, no dia 21 de abril, visitará a capital especialmente para verificar o andamento das obras do novo prédio onde funcionará o Ministério das Relações Exteriores. O objetivo é estimular os países estrangeiros a construir suas embaixadas em Brasília."	Manchete	AQUINO, Flávio. "O novo lago dos cisnes". Manchete. Fotos de Roberto Stuckert. Rio de Janeiro, 11/03/1967, p. 17.	TRANSFERÊNCIA; EMBAIXADAS	-
1967	3	21	"Brasília, agora, sob a chuva que cai ininterrupta, está vazia, triste, com pouco o que oferecer ao visitante. Os hotéis, já esbanjam acomodações, os restaurantes voltaram ao movimento de rotina, pouco de novo acontece. Dos últimos que ficaram na Capital, depois das festas da posse, e à espera de um avião que os trouxesse de volta ao Rio [...]"	Jornal do Brasil	MARIA, Lea. "Brasília: as últimas". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21/03/1967, caderno B, p. 3.		
1967	3	22	'O chanceler Magalhães Pinto anunciou ontem que o presidente Costa e Silva falará brevemente à Nação para anunciar as novas metas de política externa do Brasil a ser desenvolvida nos próximos anos. Na primeira entrevista coletiva que concedeu à imprensa como ministro das Relações Exteriores, o sr. Magalhães Pinto exortou o povo brasileiro a dar ampla colaboração às novas diretrizes da política exterior. Finalmente disse que despachará do Rio e de Brasília até princípios de 1968 quando estará concluído o novo Palácio Itamaraty, na Capital Federal, para onde se transferirão os principais setores da chancelaria."	Diário do Paraná	'Metas da Política Externa". Diário do Paraná. Curitiba, 22/03/1967, p. 3.	TRANSFERÊNCIA; POLÍTICA EXTERNA	Magalhães Pinto; Costa e Silva
1967	6	7	'Setenta e dois mil metros quadrados de área construída abrigam o mais fabuloso palácio moderno de que se tem notícia em todo o mundo: O Itamarati. E, de longe, nos apresenta uma impressionante ilusão de um mirificentíssimo gigante de concreto armado flutuando em um lago." "Os mestres de obra foram os candangos anônimos da Construtora Pederneiras, e o conhecido Ministro Wladimir do Amaral Murtinho, hoje Embaixador, Presidente da Comissão de Transferência do Ministério das Relações Exteriores, a sua força máxima na execução e fiscalização dos trabalhos e o apaixonado do colosso que se implanta na nova capital."	Correio Braziliense	ALMEIDA, Duilio de. "Itamarati, o mais fabuloso palácio moderno do mundo". Correio Braziliense. Brasília, 07/06/1967, p. 9.	CONSTRUÇÃO; OBRAS DE ARTE	Bruno Giorgi, Athos Bulcão, Burle Marx, Sérgio Camargo, Guedes Pinto, Pedro Américo, Wecauld, Maria Leontina, Hipólito José da Costa, Madeleine Colaço, José Pedrosa, Ceschiatti, Luiz Andrade Miller, Volpi, Norberto Nicola, Oswaldo Aranha, Joaquim Cardoso, Oscar Niemeyer, Milton Ramos, Construtora Pederneiras, Livio Levi, Sergio Rodrigues, Joaquim Tenreiro, Bernardo Figueiredo, George Hue, Berg Miller, Alcides da Rocha Miranda, Wladimir Murtinho
1967	8	3	'MALA DIPLOMÁTICA A embaixadora Margarida Guedes Nogueira está organizando uma exposição de gravuras de Ana Letícia, as quais serão apresentadas nas cidades de Canberra, Sidney, na Austrália; e, Wellington, na Nova Zelândia. Tudo por risco e conta de Mag. Os trabalhos viajarão pelo correio... / Em vias de iniciar a construção de sua casa em Brasília os embaixadores Murtinho. O início da obra está marcado para 15 do corrente. O projeto é do arquiteto Milton Ramos. / A mudança do Itamarati para o Planalto ocorrerá em meados de 1968. Juca Magalhães queria para o início do ano..."	Diário de Notícias	'Pomona Politis INFORMA". Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 03/08/1967, p. 3.	TRANSFERÊNCIA	Wladimir Murtinho; Milton Ramos
1967	9	2	"O Departamento de Turismo de Brasília, em convênio com a Secretaria de Turismo da Guanabara, vai trazer a nossa Cidade todos os convidados internacionais do II Festival de Canção Popular, bem como os 12 finalistas. Todos se reunirão numa belíssima festa, no Palácio Itamaraty, em benefício das obras da Catedral."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 02/09/1967, p. 3.	EVENTO CULTURAL	-

1967	9	3	"Novamente os colonistas cariocas vão ficar danado da vida: os acontecimentos oficiais de maior importância na visita do Rei Olavo da Noruega no Brasil terão lugar em Brasília. A grande recepção de casacas e condecorações e vestidos longos será realizado no dia 8 do corrente, às 23 horas, no Palácio Itamaraty. Antes, haverá também o círculo diplomático, o que quer dizer: Todos os Embaixadores acreditados junto ao nosso Governo, aqui terão de comparecer, a fim de cumprimentarem o visitante real."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 03/09/1967, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; Rei Olav V (Noruega)	-
1967	9	5	'A Primeira Dama do País usará, na chegada do rei Olav, "redingote" de seda pura indiana e outro de etiqueta francesa. Estará presente à parada de 7 de Setembro ao lado de seu espôso. Para as recepções ao soberano, não fez longos novos. (...) Para o dia 8, está marcada a recepção que o Marechal Costa e Silva oferecerá ao soberano no lindo Palácio do Itamaraty. Dia 9, o monarca retribuirá ao Presidente e senhora Costa e Silva, no Salão Azul do Hotel Nacional, jantar, seguido de bonita recepção à sociedade de Brasília, cujo "menu" já foi cuidadosamente escolhido."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu], Sociais de Brasília, Correio Braziliense. Brasília, 05/09/1967, caderno 3, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; Rei Olav V (Noruega)	Presidente Costa e Silva
1967	9	9	'Às 19,30 horas (ontem) o presidente da República e a sra. Costa e Silva ofereceram à sua Majestade um jantar no Palácio Itamaraty, onde o traje foi casaca com decorações (Amanhã com flash da recepção). Após o jantar os convidados foram recebidos no primeiro andar pelo ministro das Relações Exteriores e senhora Magalhães Pinto, acompanhados do subchefe do Cerimonial."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu], Sociais de Brasília, Correio Braziliense. Brasília, 09/09/1967, caderno 3, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; Rei Olav V (Noruega)	Presidente Costa e Silva; Magalhães Pinto
1967	9	10	'A Embaixada do Senegal em Brasília terá suas obras iniciadas a partir do segundo semestre do próximo ano - informou o Embaixador Henry Senghor. Falando aos jornalistas da Capital disse que as obras custarão setecentos mil dólares. O anteprojeto é de autoria do arquiteto Wilson Reis Neto (...)"	Correio Braziliense	'Senegal já trata de sua missão no DF". Correio Braziliense. Brasília, 10/06/1967, p. 1.	EMBAIXADAS	-
1967	9	10	'Durante a visita ao local onde será erguida a Embaixada da Noruega, em Brasília, o Rei Olavo plantou uma árvore de pau-brasil (Mais detalhes na 2a página)" Na página 2: "Sua Majestade o Rei Olavo V visitou ontem, às 11 horas, o lote 28 da Avenida das Nações, onde será construída a Embaixada da Noruega."	Correio Braziliense	'Na missão" e "Rei Olavo deixa hoje Brasília e vai a São Paulo". Correio Braziliense. Brasília, 10/06/1967, pp. 1-2.	EMBAIXADAS	-
1967	9	12	'Mais uma vez, os bonitos salões do Palácio do Itamaraty foram palco de uma festa magnífica, digna de rei, numa noite de elegância e distinção. Há pequenos reparos a fazer, mas, no seu todo, a festa foi excelente. O Palácio mostrou que se presta para aquilo que foi projetado, mesmo sabendo-se não estar totalmente concluído. Ainda agora, para o banquete ao Rei Olav, o salão do terceiro andar apresentava novidades que não tiveram quando da visita do Príncipe Herdeiro do Japão. Uma das obras que então se inaugurava e que mais atenção chamou foi o lustre "Revoada dos pássaros" do artista pernambucano Pedro Correia Araújo. Colocado no hall de entrada do terceiro andar, refletindo-se na parede dos espelhos negros ao fundo, a obra provocou muitos comentários. A maioria achou-a magnífica; alguns acharam inadequada para o ambiente. De qualquer forma trata-se de um trabalho original e de bom gosto, com seus mil trezentos quilos de braços, lâminas de prata e bolas de cristal lapidado. O seu autor estava presente à recepção, sendo muito cumprimentado. (...) Também recebendo muitos cumprimentos a Embaixatriz Maria Martins, por sua obra "A mulher e a sua sombra" que também, naquela noite, se inaugurava."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 12/09/1967, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; OBRAS DE ARTE	Pedro Correia Araújo; Maria Martins

1967	9	13	"Os diplomatas Soegantyo Koesoemodigdo (Indonésia), dr. R. A. du Plooy (África do Sul) e Sondhi Dhaanasunthon (Tailândia), aproveitaram sua permanência em Brasília, durante a visita do Rei Olav, e assinaram as escrituras de doação dos lotes destinados pela Prefeitura para construção das Embaixadas dos seus países."	Correio Braziliense	MENDES, Manoel. "Correio diplomático". Correio Braziliense. Brasília, 13/09/1967, p. 5.	EMBAIXADAS	-
1967	9	13	"Muito preocupado com a falta de recursos que, praticamente paralisou a obra dos conjuntos São Miguel e São Jorge destinados à transferência do Itamaraty para Brasília, o embaixador Wladimir Murtinho prolongou sua estada entre nós para um exame mais profundo da situação, e para as medidas que se tornarem necessárias. Tanto assim que na manhã de segunda-feira, em companhia do sr. Olavo Redig, arquiteto-chefe do Ministério das Relações Exteriores e Chefe do Patrimônio, esteve o embaixador em visita às obras dos dois conjuntos."	Correio Braziliense	MENDES, Manoel. "Correio diplomático". Correio Braziliense. Brasília, 13/09/1967, p. 5.	CONJUNTO SÃO MIGUEL E SÃO JORGE	Wladimir Murtinho; Olavo Redig
1967	10	1	"Mesmo sem estar ainda transferido o Itamaraty, o movimento imobiliário das diversas embaixadas em Brasília é impressionante por seu volume e pelas importâncias já dispendidas na nova Capital. [...] Todos vão ficar surpresos com o que o Itamaraty, mesmo incompleto, já fez por Brasília."	Correio Braziliense	MENDES, Manoel. "Correio diplomático: intensa atividade". Correio Braziliense. Brasília, 01/10/1967, p. 6.	EMBAIXADAS	-
			'Chega a Brasília amanhã, a famosa guarnição de canoagem da cidade de Ratzeburg, Alemanha Ocidental, sob o comando do técnico Karl Adam. (...)				
1967	11	17	A guarnição chegará em avião da VASP, às 9 horas. Logo em seguida, visitará os pontos turísticos da cidade, em ônibus do Ministério da Marinha. Às 11,30 horas os atletas visitarão o Palácio Itamaraty, onde serão recebidos pelo Conselheiro José Barreiros, Chefe do Gabinete do Ministro das Relações Exteriores em Brasília."	Correio Braziliense	'Campeões olímpicos visitam Brasília". Correio Braziliense. Brasília, 17/11/1967, p. 2.	EVENTO SOCIAL	José Barreiros
1967	11	24	'Segunda-feira, 27, às 11 horas, será realizada a abertura dos seminários e início da 1ª Sessão Plenária. Logo a tarde, às 17 horas, acontecerá o coquetel oferecido pelo ministro das Relações Exteriores, Deputado Magalhães Pinto, à delegação [do III Festival de Cinema de Brasília], no Palácio Itamaraty. Fazendo as honras da Casa de Rio Branco, além do Chanceler, lá estarão o embaixador Wladimir Murtinho, o conselheiro José Barreiros e os secretários Moacyr Martins Ferreira e Paulo Dionísio. Sem dúvida alguma, será uma tarde inesquecível para todos da delegação oficial - artistas, cineastas, jornalistas e autoridades - o encontro, não só com os nossos Diplomatas, mas, principalmente com essa verdadeira obra de arte, monumento-padrão da arte contemporânea, que é o Palácio Itamaraty."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 24/11/1967, p. 3.	EVENTO SÓCIO-CULTURAL	Magalhães Pinto; Wladimir Murtinho; José Barreiros; Moacyr Martins Ferreira; Paulo Dionísio
1967	12	10	"O Instituto de Arquitetos do Brasil vai prestar uma homenagem especial ao embaixador Wladimir Murtinho, que receberá o título de 'Personalidade do Ano' em cerimônia a ter lugar na próxima quinta-feira no Museu de Arte Moderna [Rio de Janeiro]. O título e a cerimônia dizem respeito a um diplomata que vem dedicado anos de sua vida a acompanhar e promover a nossa arquitetura no exterior. E também marcam o fim de uma grande trabalho: a próxima transferência do Ministério das Relações Exteriores para sua nova sede em Brasília."	O JORNAL do Rio de Janeiro	"Uma personalidade". O JORNAL do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 10/12/1967, 3ª caderno, p. 1.	TRANSFERÊNCIA	Wladimir Murtinho
1967	12	21	'O Palácio do Itamaraty, já de si tão bonito, tem, hoje, nova atração para marcar a época natalina - uma bonita árvore foi armada em seu amplo "hall" de entrada e em redor dela, numa cerimônia preside pelo embaixador Wladimir Murtinho e coordenada pelo Cônsul Moacyr Martins Ferreira, os filhos dos funcionários do Ministério das Relações Exteriores vão receber presentes do Papai Noel. (...) O Itamaraty realiza esta festa cada ano e esta é a primeira que se faz no novo Palácio. A solenidade de confraternização dos funcionários e entrega de presentes está marcada para as 16 horas."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 21/12/1967, p. 3.	EVENTO SOCIAL	Wladimir Murtinho; Moacyr Martins Ferreira

1967	12	27	<p>"Inúmeros arquitetos, engenheiros e paisagistas têm seu nome ligado a esta obra, além de Oscar Niemeyer. Entre eles, citam-se Joaquim Cardoso, Luís Bustamante (calculista), Roberto Burler Marx, Milton Ramos, Manabu Mabe, Cheschiatti, Bruno Giorgi e Athos Bulcão. [...]</p> <p>Demonstrando sua confiança na administração federal e na execução de suas pretensões pelo prefeito de Brasília, o Govêrno inglês determinou a construção de residências no Planalto para seus diplomatas e funcionários no valor total de cinco milhões de cruzeiros novos, pela mesma empresa que executou a obra de Niemeyer. Outras embaixadas já estão construídas em Brasília e prevê-se para 1968 a formação de um nôvo grande canteiro de obras no setor sudeste da cidade: o ponto onde se localizam as representações de governos estrangeiros."</p>	Tribuna de Imprensa	<p>"Palácio dos Arcos dá show de arte na arquitetura poética de Oscar Niemeyer". Tribuna de Imprensa. Rio de Janeiro, 27/12/1967, Suplemento de Brasília, p. 9.</p>	CONSTRUÇÃO; OBRAS DE ARTE; EMBAIXADAS	<p>Oscar Niemeyer; Joaquim Cardoso; Luís Bustamante; Burle Marx; Milton Ramos; Manabu Mabe; Ceschiatti; Bruno Giorgi; Athos Bulcão</p>
1967	12	29	<p>'1967 não trouxe ainda a mudança efetiva do Ministério das Relações para Brasília. Não foi marcado sequer pelo início de construção da séde diplomática de nenhum país. Mesmo assim o ano que hoje finda teve um grande mérito nesse setor - a inauguração e utilização do novo Palácio do Itamaraty e o prosseguimento das obras, em ritmo acelerado, do chamado "Bloco Administrativo" que formará o conjunto do Ministério das Relações Exteriores em Brasília. (...)</p> <p>1968 começa cheio de esperanças e as perspectivas são as melhores possíveis. Será o ano decisivo para a transferência do Itamaraty. Marcará também um ano de intensa atividade no campo de construções. Os alemães fixaram o dia primeiro de abril para construção de sua Embaixada. Os americanos vão construir um anexo. Senegal também vai começar sua obra. Ingleses, franceses, japoneses e portugueses estão prometendo a mesma coisa. Uma firma particular vai concluir em abril um conjunto de vinte casas, na Península Sul, para diplomatas. A Caixa Econômica está ultimando detalhes para um empréstimo que permita a conclusão dos Conjuntos São Jorge e São Miguel. Deverá ser concluído o Bloco Administrativo do conjunto do nosso Ministério do Exterior.</p> <p>Ao lado de tudo isso, naturalmente, novas residências serão construídas ou compradas. Não será vaticínio informar que o ano de 1968 poderá muito bem vir a ser "o ano das Embaixadas"."</p>	Correio Braziliense	<p>MENDES, Manoel. "1967: que se fêz para mudança das embaixadas". Correio Braziliense. Brasília, 29/12/1967, p. 1.</p>	CONSTRUÇÃO; TRANSFERÊNCIA; CONJUNTOS SÃO MIGUEL E SÃO JORGE; EMBAIXADAS	-
1968	1	10	<p>'O almoço dos visitantes do senado americano [os senadores Alberto Gore e esposa, Jack Miller, Robert Byrd e Thomas McIntyre e esposa] foi um succulento churrasco, na Tabu, reunindo todo o grupo, mais as senhoras Okun, Shields e a jovem voluntária da paz Cinthya Jons. No programa de visita à cidade, incluíram-se o Congresso (Câmara e Senado), Palácio do Itamaraty e Alvorada."</p>	Correio Braziliense	<p>"Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 10/01/1968, caderno 3, p. 3.</p>	EVENTO POLÍTICO	-
1968	1	13	<p>'Tudo pronto, no Itamaraty, para a chegada, hoje, a esta Capital, da Missão Comercial do Paquistão que ora visita o Brasil. O programa já foi elaborado e vem recebendo as atenções especiais e cuidadosas do Cônsul Moacir Martins Ferreira, encarregado de receber e acompanhar a Missão em sua visita a Brasília.</p> <p>O programa oficial prevê a chegada as 10,15 horas, ao aeroporto. A primeira visita do grupo será, às 10,30 horas, no terreno onde será construída a Embaixada do Paquistão na Avenida das Nações. (...) O Palácio da Alvorada será visitado às 15,00 horas, seguindo-se o Palácio do Itamaraty."</p>	Correio Braziliense	<p>"Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 13/01/1968, caderno 3, p. 3.</p>	EVENTO POLÍTICO; EMBAIXADAS	Moacir Martins Ferreira

1968	1	28	<p>'Um leitor manda-nos exemplar do jornal "Brasília de Hoje" em que já uma reportagem de página inteira sôbre o Palácio dos Arcos, projeto de Oscar Niemeyer, cuja obra no planalto é ali chamada de "Poema em Concreto". O edifício administrativo, bloco que será a peça fundamental do Ministério das Relações Exteriores do Brasil está, por seu lado, em franco progresso, visto que o Presidente Costa e Silva tem todo o empenho em que a mudança se faça ainda em 1968, ano em que a obra - cada vez mais dinamizada pela Construtora Pederneiras - deverá estar concluída. A reportagem assinala ainda a importância do grupo de arquitetos, engenheiros e paisagistas que tem seu nome ligado ao Itamarati de Brasília, dando assim o articulista a César o que é de César. Nêsse grupo estão, além do nosso querido Joaquim Cardoso, "doublé" de engenheiro e poeta, o arquiteto Luiz Bustamante, responsável pelos cálculos, Roberto Burle Marx, Milton Ramos, Manabu Mabe, Ceschiatti, Bruno Giorgi e Athos Bulcão."</p>	O JORNAL do Rio de Janeiro	MENEZES, Waldo. "Mudança do Itamarati deverá ser êste ano". O Jornal. Rio de Janeiro, 28/01/1968, 3º caderno, p. 3.	CONSTRUÇÃO; TRANSFERÊNCIA; OBRAS DE ARTE	Oscar Niemeyer; Presidente Costa e Silva; Construtora Pederneiras; Joaquim Cardoso; Luis Bustamante; Burle Marx; Milton Ramos; Manabu Mabe; Ceschiatti; Bruno Giorgi; Athos Bulcão
1968	3	10	<p>'Para Brasília, que se vem firmando como um bom mercado de arte, foi excelente a idéia do dinâmico Embaixador Wladimir Murtinho de fazer com que a escultora [Sonia Ebling] exponha suas últimas obras, aproveitando sua temporada entre nós. Todos aqueles que viram os trabalhos de Sônia Ebling, em seu atelier no Palácio Itamaraty, estão fascinados com a técnica e a originalidade."</p>	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 10/03/1968, caderno 3, p. 3.	OBRAS DE ARTE	Wladimir Murtinho; Sonia Ebling
1968	3	20	<p>'O dinamismo do Embaixador Wladimir Murtinho à frente da Comissão de Transferência do Ministério das Relações Exteriores e do Corpo Diplomático para Brasília entusiasmou de tal forma o Ministro Magalhães Pinto, que êste resolveu designar como seu representante pessoal na referida Comissão o seu próprio Chefe de Gabinete, Ministro Celso Diniz. Também a operosidade com que o Embaixador Murtinho está levando a obra, tem provocado, ultimamente, viagens de muitos Chefes de Missões Estrangeiras, que, como "São Thomé", querem ver para crer nas obras do Palácio Itamaraty. E logo se espantam e correm à procura de apartamentos, terrenos para comprar e indagações sobre o mercado de construção. Bola pra frente, Embaixador Murtinho, Brasília está precisando de homens assim cheios de entusiasmo e trabalho..."</p>	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 20/03/1968, caderno 3, p. 3.	TRANSFERÊNCIA; CONSTRUÇÃO; EMBAIXADAS	Wladimir Murtinho; Magalhães Pinto; Celso Diniz
1968	5	26	<p>'Enquanto assim pensa o parlamentar estadunidense [Rooney, para quem "o desenvolvimento de Brasília preocupa grandemente" e que se opunha à aprovação de uma verba de 2.400.000 dólares para construções do Departamento de Estado em Brasília] cerca de 26 países, inclusive os Estados Unidos, tratam da sua fixação na nova capital, quer construindo suas embaixadas (a norte-americana já tem parte da sua sede definitiva construída), quer aprovando seus projetos de construção na repartição competente ou mesmo prometendo iniciar suas obras êste ano. (...) O Embaixador Wladimir Murtinho, incansável em seu trabalho de fixação do Ministério das Relações Exteriores e do Corpo Diplomático na Capital, há dias, compulsava com seus assessores imediatos, os dados que mostram a preocupação crescente das Embaixadas Estrangeiras em se prepararem para a mudança. Atualmente, 16 nações estão com seus projetosde construção aprovados pela Prefeitura e aguardam, certamente, que seus govêrnos aprove os créditos necessários, para o início de suas obras. Outros cinco, já com recursos disponíveis, aprestam-se para iniciar suas obras. E com essa movimentação, outros se seguirão. O certo é que, daqui até os próximos cinco anos, calcula-se que 50 milhões de dólares sejam gastos na capital, nessas obras."</p>	Correio Braziliense	MADEIRA, José Vieira. "Mr. Rooney, o Itamarati custa mas não tarda". Correio Braziliense. Brasília, 26/05/1968, caderno 2, p. 1.	CONSTRUÇÃO; TRANSFERÊNCIA; EMBAIXADAS	Wladimir Murtinho
1968	6	14	<p>'INFILTRAÇÃO - Nos jardins externos do Palácio do Itamaraty, as paredes de concreto dos canteiros aquáticos e subaquáticos estão desmoronando e ameaçando de destruição as plantas que embelezam aquela monumetal obra arquitetônica. O desmoronamento das paredes (foto) vem sendo objeto de preocupação dos técnicos que se vêem diante de um impasse: achar a solução que lhes permita sanar a deficiência, com os jardins cheios d'água, porque, se eles forem esvaziados para o consêrto, tôdas as plantas aquáticas morrerão."</p>	Correio Braziliense	'Infiltração". Correio Braziliense. Brasília, 14/06/1968, p. 1.	CONSTRUÇÃO	-

1968	6	19	"Faiga Ostrower vai mostrar o painel de sua lavra, feita para a sala que lhe cabe, mostrando sua arte no Itamarati Brasília. A seguir, será homenageado pelo embaixador e sra. Vladimir Murtinho que também serão junto a eles, nessa noite, o arquiteto Olavo Redig de Campos."	Diário de Notícias	"Informa". Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 19/06/1968, segunda seção, p. 3.	OBRAS DE ARTE	Faiga Ostrower; Wladimir Murtinho; Olavo Redig
1968	6	20	'(...) dia 19 às 21 horas, Recepção oferecida aos Delegados [do Parlamento Latino Americano] pelo Ministro das Relações Exteriores, Sr. e Sra. José de Magalhães Pinto, no Palácio do Itamaraty; (...)"	Correio Braziliense	'Instala-se a III Assembléia do PLA". Correio Braziliense. Brasília, 20/06/1968, p. 5.	EVENTO POLÍTICO	José de Magalhães Pinto
1968	7	9	'A Escolinha de Arte do Brasil está completando vinte anos de existência. (...) Esta semana será desenvolvido um programa comemorativo, do qual damos um resumo: (...) - Dia 12, sexta-feira, às 17 horas, exposição de fotos do Palácio Itamaraty em Brasília e lançamento do Álbum "10 Gravadores Brasileiros" (Fayga, Iberê, Edith, Djanira, Dacosta, Geza, Marília, Darel, Orlando da Silva e E. Sued)."	O JORNAL do Rio de Janeiro	CAMPOFIORITO, Quirino. "Artes Plásticas: Os vinte anos da "Escolinha""", O Jornal. Rio de Janeiro, 09/07/1968, 2º caderno, p. 3.	EXPOSIÇÃO	Fayga, Iberê, Edith, Djanira, Dacosta, Geza, Marília, Darel, Orlando da Silva e E. Sued
1968	7	31	'Raimundo de Castro Maia, que desaparece aos 76 anos, (...) foi legítimo representante da elite de uma geração que marcou época pelo brilho e vivacidade intelectual. Ligado, durante a vida inteira, a todos os movimentos de cultura operados em nossa terra, possuía uma personalidade fascinante e um magnetismo pessoal, que o destacava em qualquer grupo, ao primeiro relance do observador. Fundador do Museu de Arte Moderna e da Fundação que tem o seu nome, possuía rico patrimônio de objetos históricos, que doou, com largueza de espírito, ao museu que ficará como sua herança. Figuram ali móveis, tapetes e quadros, entre os quais de renomados mestres estrangeiros. (...) A sua atividade era mutifária e difusa. (...) Foi ele o responsável pela decoração da nova sede do Jockey Club e do novo Palácio do Itamaraty em Brasília. (...) Entre os que ali se encontrava, podemos anotar, além de muitas outras pessoas, o ministro Magalhães Pinto, das Relações Exteriores, (...) Paysagista Burle Marx, (...)"	O JORNAL do Rio de Janeiro	'Sepultado Raimundo Castro Maia - Um benemérito da Cidade". O Jornal. Rio de Janeiro, 31/07/1968, 1º caderno, p. 7.	OBRAS DE ARTE	Raimundo de Castro Maia; Magalhães Pinto; Roberto Burle Marx
1968	8	20	'Pierre Cardin, o costureiro francês que vem revolucionando a moda feminina há vários anos, apresentará hoje, no Palácio Itamaraty, um desfile de suas mais novas criações. O desfile é promoção da Legião Brasileira de Assistência, que tem a Primeira Dama do País como sua presidente. A renda deverá reverter em benefício desta entidade de assistência social."	Correio Braziliense	'Uma noite de gala". Correio Braziliense. Brasília, 20/08/1968, Caderno 2, p. 1.	EVENTO CULTURAL	-
1968	8	22	'Aconteceu no dia 20 no Palácio Itamaraty o desfile promovido pela Primeira Dama do País, dona Iolanda Costa e Silva, em benefício da Legião Brasileira de Assistência. Pierre Cardin, costureiro francês de fama internacional, se apresentou pela primeira vez em Brasília numa noite de grande gala."	Correio Braziliense	'A noite de Cardin". Correio Braziliense. Brasília, 22 de agosto de 1968, Caderno 2, p. 1.	EVENTO CULTURAL	-
1968	8	22	'Cardin aconteceu com raro brilhantismo na noite de ontem, no Palácio Itamaraty. Presente o "grand monde brasileiro". Na foto, Cardin à esquerda da Primeira Dama do País, Dona Iolanda Costa e Silva, patrocinadora do desfile; à sua direita o casal Wadjô Gomide, Prefeito de Brasília."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 22/08/1968, p. 3.	EVENTO CULTURAL	-
1968	8	27	'No dia 5, pela manhã, o presidente [chileno] Eduardo Frei visitará o Presidente Costa e Silva, quando haverá trocas de condecorações e presentes. Depois, visitará a cidade, incluindo uma vila de habitações populares e irá ao terreno onde será construída a embaixada, retornando ao hotel para almoço. À tarde, visitará o Supremo Tribunal Federal, o Congresso Nacional em sessão conjunta. Às 20,30 horas, no Palácio Itamaraty será homenageado com um banquete oferecido pelo Presidente Costa e Silva. Às 22 horas, ainda no Itamaraty, receberá o Círculo-Diplomático e às 23 horas, será oferecida a recepção."	Correio Braziliense	'Como o Brasil receberá Frei". Correio Braziliense. Brasília, 27/08/1968, p. 5.	EVENTO POLÍTICO; EMBAIXADAS	Presidente Costa e Silva

1968	9	5	'Brasília se honra, hoje, com a ilustre visita de Eduardo Frei, um dos mais discutidos presidentes de um país sul-americano, por suas idéias e, sobretudo, pela luta mordas que empreende em seu Governo, visando queimar etapas, arrancando o Chile do estado de subdesenvolvimento. (...) O Palácio do Itamaraty, com o deslumbramento de suas colunas refletindo-se no tranqüilo espelho d'água; a longa passarela de entrada e aquela escada de tapete azul, inspiram vaidades e aguçam orgulhos, numa noite de vestidos longos, casacos, condecorações e a presença de nomes que fazem história. Brasília viverá mais uma noite de elegância e distinção em sua curta vida de 9 anos. Oxalá a grande noite inspire aos nossos diplomatas, tão agarrados ao velho e austero casarão da rua Larga, o desejo mais intenso e mais real de mudança para o Planalto."	Correio Braziliense	"Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 05/09/1968, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; TRANSFERÊNCIA	-
1968	9	5	'Hoje, entretanto, logo após as 10 horas, o chefe do Governo chileno visitará oficialmente o presidente Costa e Silva e senhora, no Palácio da Alvorada. Em seguida, visitará o terreno da futura embaixada do Chile na Avenida das Nações, para prosseguir visitando a cidade e as habitações populares, enquanto sua espôsa visitará uma escola primária de Brasília. (...) Às 20 horas, no Palácio do Itamaraty, o presidente Costa e Silva oferecerá ao presidente Frei um jantar, seguido de apresentação ao círculo diplomático, às 22 horas, e recepção, ainda, no Itamaraty, às 22 horas e 30 minutos."	Diário do Paraná	'Frei no Brasil pede integração sul-americana", Diário do Paraná. Curitiba, 05/09/1968, Primeiro Caderno, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; EMBAIXADAS	Presidente Costa e Silva
1968	9	5	'Durante a visita que fará ao Brasil, em novembro próximo, a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, poderá, nas solenidades a que comparecer, ostentar as jóias oferecidas pelo embaixador Assis Chateaubriand, quando de sua posse na embaixada brasileira em Londres, em 16 de novembro de 1957."	Diário do Paraná	'Rainha vem com Jóias Dadas por Chateaubriand", Diário do Paraná. Curitiba, 05/09/1968, Primeiro Caderno, p. 3.	EVENTO POLÍTICO: Rainha Elizabeth II	Assis Chateaubriand
1968	9	6	'Saudando o presidente Eduardo Frei, o marechal Costa e Silva proferiu discurso a noite passada, durante o banquete oferecido ao governante chileno, no Palácio Itamaraty, quando afirmou que o Chile e o Brasil estão irmanados por um desafio comum e também pela resposta que a ele deverão dar os nossos povos. A identidade que nos aproxima gera compromissos para o futuro, onde vamos identificar a meta de nossas aspirações."	Diário do Paraná	'Costa: desnível social ameaça a paz". Diário do Paraná. Curitiba, 06/09/1968, Primeiro Caderno, p. 3.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	9	8	'A recepção oferecida pelo Presidente Costa e Silva ao Presidente Eduardo Frei e senhora, conquanto estivesse bem organizada, num ambiente bem decorado e de ares majestosos, não chegou a ser excepcional em brilho. Pareceu um pouco fria, com um reduzido número de pessoas presentes, em relação aos convites expedidos. O amplo salão apresentava grandes vazios, silenciosos e perturbadores."	Correio Braziliense	"Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 08/09/1968, p. 3. A mesma coluna trata da recepção novamente na edição do dia 10/09/1968.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	9	25	'Cento e vinte pessoas compareceram ao banquete que o Presidente Costa e Silva ofereceu à noite, no Palácio Itamaraty à Sra. Indira Gandhi. Não houve recepção."	Correio Braziliense	'Homenagens do Brasil a Indira Gandhi". Correio Braziliense. Brasília, 25/09/1968, p. 7.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	9	25	'Em discurso que pronunciou a noite passada, no Palácio do Itamaraty, durante banquete que lhe foi oferecido pelo presidente Costa e Silva, o primeiro-ministro Indira Gandhi defendeu o princípio da independência das nações e manifestou-se a favor do desarmamento. O presidente Costa e Silva, por sua vez, no discurso de saudação disse ser propenso a não violência e ao dinamismo da evolução pacífica, simbolizado na roda que se exhibe no centro da bandeira indiana."	Diário do Paraná	'Indira quer o fim das armas; CS da violência". Diário do Paraná. Curitiba, 25/09/1968, p. 1.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	9	25	'Cento e vinte pessoas compareceram ao banquete que o Presidente Costa e Silva ofereceu, à noite, no Palácio Itamaraty à Sra. Indira Gandhi."	Jornal do Commercio	'Costa vê Brasil e Índia unidos para os mesmos objetivos". Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 25/09/1968, 1º caderno, p. 6.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	9	26	'Como bem afirmou o Presidente Costa e Silva, ao saudar o Primeiro Ministro visitante, no banquete que lhe ofereceu na deslumbrante moldura do novo Palácio Itamaraty, "Brasil e Índia estão fadados a se entenderem e a reunirem forças na busca de um futuro de grandeza e prosperidade". "	Jornal do Commercio	'Brasil e Índia". Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 26/09/1968, 1º caderno, p. 4.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva

1968	9	27	'Noventa e quatro pessoas sentaram-se à mesa, para o banquete oferecido pelo Presidente Costa e Silva e senhora, em honra da "Premier" Indira Ghandi."	Correio Braziliense	"Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 27/09/1968, caderno 3, p. 3.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
			'O Embaixador (austriaco) Albin Lennk, um dos mais antigos no Brasil, tem demonstrado interesse na transferência do Itamaraty para Brasília e sua viagem à nossa cidade está ligada a isso. O Governo do seu país já tem verba reservada para a obra cujo início poderá ocorrer ainda este ano. (...)				
1968	9	27	Os Gassner, ao lado do Embaixador, apresentavam-lhe os convidados ao coquetel em sua homenagem. (...) Vimos também o arquiteto E. Edelschars, do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha e que acaba de chegar a Brasília para acompanhar o desenvolvimento da obra de construção da Embaixada, a cargo da Grubima, cujo arquiteto, o jovem Wilkner, também estava presente. (...)	Correio Braziliense	"Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 27/09/1968, caderno 3, p. 3.	EMBAIXADAS	-
			Na noite seguinte o Embaixador Albin Lennk foi homenageado com um jantar oferecido pelo sr. José Roberto Ferreira Martins, da CCA. (...) O assunto mais discutido foi a futura construção da sede da embaixada austríaca."				
1968	9	28	'Um princípio de incêndio no anexo em construção do Palácio Itamaraty mobilizou ontem, por volta das 21 horas, duas guarnições do Corpo de Bombeiros do Quartel do Planalto e da Asa Sul. O incêndio não teve grandes proporções (...)"	Correio Braziliense	'Incêndio no anexo do Itamarati". Correio Braziliense. Brasília, 28/09/1968, p. 1.	CONSTRUÇÃO	-
			'O Itamaraty de Brasília nada sabe, de oficial, da propalada Circular a ser enviada as Embaixadas, comunicando a decisão do nosso Governo de transferir para o Planalto, durante o próximo ano, o Ministério das Relações Exteriores. O assunto se discutiu na reunião Ministerial, com uma brilhante atuação do Ministro interino, sr. Márcio Gibson que lembrou, inclusive, a responsabilidade de se marcar uma data, uma vez que o fato deveria ser comunicado às Embaixadas.	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 08/10/1968, caderno 3, p. 3.	TRANSFERÊNCIA; EMBAIXADAS	Márcio Gibson
			Assim, julgou-se melhor estabelecer o próximo ano, em todo o seu período, como o ano em que a mudança se efetivará. Se a circular for feita, terá um efeito imediato, obrigando os países que nada fizeram ainda em Brasília a uma aceleração em seus planos de mudança."				
1968	10	8	'No último fim de semana Brasília recebeu a visita de importante Missão Econômica Japonesa, chefiada pelo sr. Norishije Hasegawa, e constituída dos representantes das maiores companhias industriais e de exportação e importação daquele país. No domingo pela manhã, os membros da Missão estiveram em visita ao Palácio do Itamaraty, (...). Os visitantes se mostraram impressionados não apenas com a imponência do Palácio, mas, sobretudo, com as obras de arte de Bruno Giorgi, Maria Martins (Mãos entrelaçadas e a Mulher e sua sombra) e Cesquiati (As dançarinas). O sr. Hasegawa fez várias perguntas sobre o jardim interno, onde se usou água e pedras na composição, lembrando jardins em Kioto."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 08/10/1968, caderno 3, p. 3.	EVENTO POLÍTICO; OBRAS DE ARTE	Bruno Giorgi; Maria Martins; Alfredo Ceschiatti
			'O Palácio do Itamaraty deverá ter, até os primeiros dias de novembro externamente, um aspecto ainda mais impressionante com os 38 buritis a enfeitá-lo para a recepção a Elisabeth II e Príncipe Philip. Ontem apresentamos a foto do primeiro coqueiro já hoje multiplicado por quatro. O Departamento de Parques e Jardins da PDF se empenha no transplante das belas palmeiras e o faz não só de maneira acelerada, como técnica, de maneira a garantir-lhes o viço e a vida por dezenas ou centenas de lustros. É possível também que um ou dois casais de cisnes reais estejam na noite de gala, engalanando também o espelho d'água do majestoso Palácio em honra à sua Majestade, a Rainha Elisabeth II."	Correio Braziliense	'Mais 4 buritis no Itamarati". Correio Braziliense. Brasília, 19/10/1968, p. 1.	EVENTO POLÍTICO: Rainha Elizabeth II	-

1968	10	25	'O Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, sr. Willy Brandt, chegará hoje a Brasília, às 11,10, para uma visita oficial de apenas um dia. (...) Logo após o desembarque, o chanceler alemão percorrerá a Cidade, passando pela Superquadra 114, Rua da Igrejinha, W-3 Palácio do Itamaraty, Palácio da Alvorada, Avenida das Nações - onde visitará as obras da Embaixada Alemã e Torre de Televisão, local em que almoçará."	Correio Braziliense	'Willy Brandt chegará hoje". Correio Braziliense. Brasília, 25/10/1968, p. 1.	EVENTO POLÍTICO; EMBAIXADAS	-
1968	10	27	'(...) foi das mais felizes a sua [de Burle Marx] idéia de construir uma "vereda" ao planejar os jardins do Palácio do Itamaraty, fixando, em pleno coração da cidade, um trecho tão característico da região em que essa cidade nasceu. A idéia encontrou na disposição de Stênio Bastos, do Departamento de Parques e Jardins, o melhor caminho para realizar-se. E a ala leste do mais belo palácio de Brasília ficou - mais bela ainda com a serena beleza dos 38 buritizeiros que ali estão sendo plantados."	Correio Braziliense	MENDES, Manoel. "Os velhos buritis". Correio Braziliense. Brasília, 27/10/1968, Caderno 2, p. 1.	CONSTRUÇÃO; EVENTO POLÍTICO: Rainha Elizabeth II	Burle Marx
1968	10	31	'Onze faxineiros do Ministério das Relações Exteriores foram transportados da Guanabara especialmente para fazerem a limpeza do Palácio Itamaraty tendo em vista a preparação do banquete em homenagem à Rainha Elizabeth II. A equipe chegou segunda-feira e é composta de um chefe e 10 serventes espelizados na limpeza de vidros, paredes e móveis do Itamaraty do Rio de Janeiro (...)."	Correio Braziliense	'Time carioca espana estátuas". Correio Braziliense. Brasília, 31/10/1968, p. 1.	EVENTO POLÍTICO: Rainha Elizabeth II	-
1968	11	5	'A Secretaria de Imprensa da Presidência da República e o setor competente do Ministério das Relações Exteriores para a visita da Rainha Elizabeth II, a im de facilitar o trabalho dos jornalistas, por ocasião do jantar e da recepção de hoje, no Palácio Itamaraty, recomendam que os órgãos de imprensa reduzam a um nínimo indispensável o número de profissionais para fazer a cobertura daquela solenidade oficial."	Correio Braziliense	'Apelo do Itamaraty". Correio Braziliense. Brasília, 05/11/1968, p. 5.	EVENTO POLÍTICO: Rainha Elizabeth II	
1968	11	5	'Às vinte e trinta, a Rainha Elizabeth dará início ao programa social da noite, com o banquete que lhe oferece o Presidente Costa e Silva e senhora, no Palácio do Itamaraty. Sua Majestade a Rainha Elizabeth e Sua Alteza Real, o Príncipe Philip, Duque de Edimburgo, conhecerão os Senhores Ministros de Estado e convidados ao banquete, no Mezanino do Palácio, tendo como fundo de cenário um tapete de raro valor histórico e que pertence a coleção particular do Embaixador Souza Leão, cedido ao Itamaraty especialmente para a ocasião. O tapete foi presente ao proprietário da Villa de Cannes em reconhecimento pela hospedagem da Rainha Vitória. (...) Às 22,30 será iniciada a recepção, prevendo-se uma das maiores afluências já verificadas, até hoje, no Palácio do Itamaraty, com a presença dos mais destacados nomes do mundo social do país. (...) Prever-se ainda, à mesma hora, um grande acúmulo de automóveis à porta do Palácio. Alguns calculam em mil e quinhentos carros. Isso forçará a uma longa fila. Uma boa solução será o uso de automóveis para mais de um casal."	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 05/11/1968, caderno 3, p. 3.	EVENTO POLÍTICO: Rainha Elizabeth II; OBRAS DE ARTE	Presidente Costa e Silva
1968	11	17	'Após a chegada, às 10 h, no Aeroporto Militar, onde serão recebidos com honras militares, os Ministros do Canadá visitarão o local onde se estão erguendo as obras da Embaixada de seu país, seguindo depois para o Hotel Nacional. Às 11,30 h, a comitiva visitará o Palácio do Itamaraty, depois do que serão recebidos pelo Presidente da República, às 12 h."	Correio Braziliense	'Chega a Brasília a missão canadense". Correio Braziliense. Brasília, 17/11/1968, p. 9.	EMBAIXADAS, EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	11	19	'O Chanceler Mitchel visita, a seguir [após audiência com Costa e Silva no Palácio do Planalto], o Palácio Itamaraty (foto) em companhia de todos os membros da Missão Ministerial do Canadá."	Correio Braziliense	'Missão canadense". Correio Braziliense. Brasília, 19/11/1968, p. 5.	EVENTO POLÍTICO	Presidente Costa e Silva
1968	12	5	'Presidida pelo Embaixador Wladimir do Amaral Murtinho, realizou-se a Assembléia Geral Extraordinária do Clube de Golfe para eleição de um terço dos membros do Conselho Deliberativo do Clube e seus respectivos suplentes. Compareceram para votar 47 associados (...)"	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 05/12/1968, caderno 3, p. 3.	CLUBE DE GOLFE	Wladimir Murtinho
1969	1	10	"As peças, de pintura e escultura, adquiridas com o objetivo de decorar as sedes do Ministério das Relações Exteriores, e difundir a nossa arte no estrangeiro, foram sempre diretamente dos artistas, quando a estes não foram encomendadas."	Jornal do Brasil	AYALA, Walmir. "O Itamarati e suas aquisições". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10/01/1969, p. 2.	OBRAS DE ARTE	-

1969	4	19	'Para quem vem ou que está em Brasília, deve ter incluído em seu roteiro turístico, uma demorada visita pelo Palácio do Itamarati. O seu guia, ou o amigo, deve ter informado que o monumento é a coisa mais linda que viu. - Não deixe de vê-lo! - exclamará."	Correio Braziliense	ALMEIDA, Duílio de. "O que ver no Itamarati". Correio Braziliense. Brasília, 19/04/1969, Caderno B, p. 1.	OBRAS DE ARTE	Oscar Niemeyer, Milton Ramos, Athos Bulcão, Burle Marx, Pedro Américo, Guedes Pinto, Milton Costa, Maria Leontina, José Pedrosa, Pedro Correia de Araújo, Manabu Mabe, Maria Martins, Ceschiatti, Fundação Zanir, Douchez e Nicola, Bruno Giorgi, Alfredo Volpi, Sérgio Camargo
1969	4	29	'(...)sabe-se que o presidente Pacheco Areco e sua comitiva serão recepcionados pelo presidente Costa e Silva e senhora na noite do dia oito, no Palácio do Itamaraty, (...). (...)20 horas - Jantar oferecido pelo presidente Costa e Silva (...) no Palácio do Itamaraty, seguindo-se, às 22h15m para o círculo diplomático, e, às 22h30m recepção (...). Dia nove de maio: Às 10 horas, visita à cidade e ao terreno da futura embaixada do Uruguai, no lote 14, da Avenida das Nações; (...)'"	Diário do Paraná	'Presidente Areco chega dia 8 para visita ao Brasil", Diário do Paraná. Curitiba, 29/04/1969, Primeiro Caderno, p. 5.	EVENTO POLÍTICO; EMBAIXADAS	Presidente Costa e Silva
1969	5	4	'Para uma visita de seis dias ao Brasil, chegará a esta Capital na próxima quinta-feira, às 15,15 horas, o Sr. Jorge Pacheco Areco, presidente do Uruguai. (...) Ainda na noite de quinta-feira, o presidente Pacheco Areco será homenageado com um jantar de gala no Itamarati, seguido do Corpo Diplomático e recepção à sociedade brasiliense."	Correio Braziliense	'Areco chega a Brasília na quinta-feira". Correio Braziliense. Brasília, 04/05/1969, p. 1.	EVENTO POLÍTICO	-
1969	8	19	'Posteriormente à doação [de objetos para estudos científicos], o embaixador do Senegal [Henry Senghor] visitou várias outras unidades da UNB, especialmente as Faculdades de Medicina e de Arquitetura e Urbanismo. Antes de ir à Universidade, visitou o bloco administrativo do Palácio do Itamaraty, mostrando-se impressionado com o andamento das obras."	Diário do Paraná	'Senegal faz doação". Diário do Paraná. Curitiba, 19/08/1969, Primeiro Caderno, p. 5.	CONSTRUÇÃO; EMBAIXADAS	-
1969	8	27	'Mala Diplomática: (...) O Embaixador Carlos Jacinto de Barros receberá para as despedidas do Embaixador e Sra. Wladimir Murtinho, dia 4; (...) Abaixo as calorias: O casal Olavo Redig de Campos movimentou os paladares daqueles que vigiam o regime abstendo-se de gorduras. Ao homenagear o Embaixador e Sra. Wladimir do Amaral Murtinho, que estão partindo para a Índia sagrada, serviram cozido, que é comida permitida para todas as idades e credos e não perturba a digestão nem aumenta o peso de ninguém."	Diário de Notícias	'Pomona Politis Informa" [coluna diplomática]. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27/08/1969, 2a Seção, p. 3.		Wladimir Murtinho; Olavo Redig; Carlos Jacinto de Barros
1969	9	11	"O Embaixador Wladimir Murtinho, que durante vários anos serviu no Itamarati, em Brasília [...] se despede hoje de Brasília. Ainda este mês, o Embaixador Murtinho deverá seguir para Nova Déli, na Índia, onde responderá pela embaixada brasileira naquele país."	Correio Braziliense	"Murtinho deixa Brasília". Correio Braziliense. Brasília, 11/09/1969, p. 2.		Wladimir Murtinho

1969	9	13	<p>'Deixando em Brasília uma obra monumental, embarcou, ontem, para São Paulo, o Embaixador Murtinho, para alguns dias de repouso, antes de sua longa viagem para Nova Delhi, onde assumirá a chefia de nossa Embaixada naquele populoso país asiático. (...) depois de mais de seis anos de intensa atividade entre nós, como Presidente da Comissão de Transferência (...). E o seu trabalho contou sempre com o apoio da cidade, dêste jornal e de todos enfim que defendem a consolidação de Brasília. (...)</p> <p>Agora, com sua obra pronta, em ponto de começar a receber os funcionários e diplomatas, o Embaixador nos deixa. E estava feliz. Não por nos deixar, revelou, mas por ter conseguido, praticamente, concluir a obra a que mais tempo e mais esforço dedicou em toda a sua vida. (...) Outra obra do Embaixador Murtinho foi o Clube das Nações e muito também do Clube de Golfe. Durante o almoço com os jornalistas e arquitetos mais chegados à sua obra, o Embaixador revelou que a Construtora Pederneiras vai iniciar ainda esta semana a sua etada da sede social do Clube das Nações.</p> <p>O almoço, última homenagem que o Embaixador recebeu em Brasília, foi uma idéia dêste jornal. (...)"</p>	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 13/09/1969, p. 3.	Wladimir Murtinho
1969	9	13	<p>'(...) o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal concedei ao diplomata o título de cidadão de Brasília [instituído pelo Instituto e pelos Diários Associados]. A solenidade teve lugar, ontem ao meio-dia, numa das salas do Itamarati, (...)"</p> <p>(...)agradeceu a homenagem (...) que recebia com muita emoção - "porque esta cidade me recompensou muito além do que eu fiz por ela"."</p>	Correio Braziliense	'Murtinho é cidadão de Brasília". Correio Braziliense. Brasília, 13/09/1969, p. 1.	Wladimir Murtinho
1969	10	24	<p>'O embaixador (...) da Bélgica no Brasil, sr. Auguste Lonnoy, esteve, ontem, em Brasília para tratar da construção da sede da embaixada no seu país no DF. (...) visitou, antes, o Palácio do Itamaraty, o Palácio do Planalto e a Catedral. (...), informando que, trinta dias após a transferência do Ministério das Relações Exteriores para Brasília, será iniciada a construção da embaixada belga, nesta capital."</p>	Correio Braziliense	'Bélgica vai iniciar sede". Correio Braziliense. Brasília, 24/10/1969, p. 1.	EVENTO POLÍTICO; EMBAIXADAS -
1970	1	7	<p>'Suspensa a concessão de férias e de licença do pessoal do Itamaraty. A decisão foi tomada, ontem, pelo Ministro Mário Gibson, em portaria. A suspensão das férias e de licença para tratar de assuntos particulares visa, segundo o Ministro Gibson, criar todas as facilidades possíveis para a transferência do Ministério das Relações Exteriores para Brasília até 21 de abril, de acordo com o organograma da mudança e da própria nota distribuída às Embaixadas, no dia 31 de dezembro.(...)</p> <p>Continua intenso o trabalho da Comissão de Transferência do Itamarati para Brasília [presidida pelo diplomata Ciro Cardoso]. (...)</p> <p>No Palácio falta concluir o subsolo, onde se localiza o auditório, com facilidades para conferências, incluindo-se instalações para tradutores, transmissões de rádio e televisão e cabines telefônicas para jornalistas.</p> <p>No bloco administrativo estão em fase de acabamento os dois subsolos e garagens. Os demais pavimentos já estão prontos para serem ocupados."</p>	Correio Braziliense	'Correio Diplomático". Correio Braziliense. Brasília, 07/01/1970, p. 4.	TRANSFERÊNCIA; CONSTRUÇÃO Mário Gibson; Ciro Cardoso
1970	2	18	<p>'Acolhendo proposta do Chanceler Mário Gibson Barboza, o Presidente Emílio Garrastazu Médici assinou decreto estabelecendo que o Palácio do Itamaraty é patrimônio da diplomacia brasileira e da cidade do Rio de Janeiro e, como tal, não poderá, em hipótese alguma, ser utilizado por órgãos ou serviços não vinculados diretamente ao Ministério das Relações Exteriores."</p>	Tribuna da Imprensa	'Médici dá destino ao Itamarati: fica para uso exclusivo do MRE". Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 18/02/1970, p. 3.	TRANSFERÊNCIA Mário Gibson; Presidente Costa e Silva

1970	3	10	'Migalhas: Mesmo sem ter completado ainda sua mudança, o Itamarati e as diversas representações estrangeiras já começam a movimentar a sociedade de Brasília. São novos nomes que surgem na noite brasiliense. (...) A escritora Maria Ramos está entusiasmada, a mais não poder, com o seu novo trabalho no Departamento Cultural do Itamaraty, ao lado do eficiente Embaixador Vasco Maria que vai promover uma verdadeira revolução nas atividades culturais e artísticas da nossa cidade Céu. (...) O diplomata Ciro Cardoso, com a transferência do Itamaraty em vias de se completar, está prometendo voltar ao "volley" de areia, nas quadras do Cota Mil... Enquanto isso o Embaixador André Mesquita está pensando no que pode fazer, já, em benefício do Clube das Nações que ele vai presidir...(...)"	Correio Braziliense	KATUCHA [Talita Aparecida de Abreu]. "Sociais de Brasília" [coluna social]. Correio Braziliense. Brasília, 10/03/1970, caderno 3, p. 3.	TRANSFERÊNCIA; CLUBE DAS NAÇÕES	Ciro Cardoso, Vasco Maria, André Mesquita, Maria Ramos
1970	4	15	'Polivolume: Ponto de Encontro - Até o próximo sábado deverão estar concluídas a montagem e a colocação do "Polivolume: Ponto de Encontro", a escultura concebida e executada por Mary Vieira para o saguão do Palácio do Itamaraty. (...) Mary Vieira está dirigindo, pessoalmente, todos os trabalhos de montagem a colocação de sua escultura (...)."	Correio Braziliense	AULER, Hugo. "Atelier" [coluna de artes]. Correio Braziliense. Brasília, 15/04/1970, Caderno 2, p. 2.	OBRAS DE ARTE	Mary Vieira
1970	9	25	'Durou uma hora o encontro (...) entre o embaixador do Uruguai no Brasil, sr. Adolfo Folle-Martinez, e o ministro Mário Gibson Barboza, das Relações Exteriores, realizado no Palácio do Itamaraty. Esta foi a segunda vez que o embaixador uruguaio se entrevistou com o chanceler brasileiro, depois do sequestro do cônsul [brasileiro] Aloysio Dias Gomide pela organização terrorista "los tupamaros", (...)"	Diário do Paraná	'Embaixador do Uruguai com Gibson", Diário do Paraná. Curitiba, 25/09/1970, Primeiro Caderno, p. 3.	EVENTO POLÍTICO	Mário Gibson
1970	10	4	'Clube de Golf: Torneio - Hoje é dia de mais um torneio interno do Clube de Golf. Os nomes "VIP" da sociedade têm aderido ao requintado esporte. (...) Ping-Pong: (...) No Clube das Nações foi realizado desfile de modas, promovido pelas "domadoras" do Lyons Clube Centro. Sheyla Costa foi uma das desfilantes. (...)"	Correio Braziliense	JÚNIOR, Pedro. "Informativo dos Clubes". Correio Braziliense. Brasília, 04/10/1970, caderno de turismo, p. 8.	CLUBE DE GOLFE; CLUBE DAS NAÇÕES	-
1971	1	31	'Entre as mais interessantes exposições que podem ser vistas atualmente em São Paulo, destacamos de Bruno Giorgi, na Galeria Cosme Velho (Alameda Lorena 1579). O artista que é considerado um dos maiores escultores brasileiros mostra nove miniesculturas (...); maquetes de algumas de suas obras mais famosas como o Meteoro que está diante do Palácio Itamaraty em Brasília; Teorema, no Banco Crefisul em Pôrto Alegre; Labaredas nos jardins do Palácio dos Bandeirantes."	Diário do Paraná	ARAUJO, Adalice. "Dois primitivos na Galeria da Praça" [coluna de artes plásticas]. Diário do Paraná. Curitiba, 31/01/1971, Terceiro Caderno, p. 7.	OBRAS DE ARTE	Bruno Giorgi
1971	8	12	'De primeira grandeza, é , inegavelmente, o Palácio Itamarati. Um lugar de bom gosto e sem suntuosidade, destinado a agradar desde o nosso candango até os mais importantes visitantes, no dizer do Embaixador Wladimir Murtinho. (...) Em tempo ameno, quando nem uma brisinha arranha a superfície da lâmina d'água, podemos ver o "Meteoro" de Bruno Giorgi em duas versões: a real, do mais alvo mármore de Carrara, e constituída de um único bloco de 120 toneladas, e sua imagem projetada sobre a água compondo um quadro de extrema beleza. Os jardins que emergem ao lado, dispostos de acordo com a estética de Burle Marx, acrescentam beleza ao conjunto externo do Palácio. (...) Do acervo artístico do Palácio, fazem parte quadros de Pancetti, Iberê Camargo, Pedro Américo ("O grito do Ipiranga"), Bandeira, Djanira e tantos outros apreciados representantes das artes brasileiras: (...)"	Diário do Paraná	CAIXETA, Donalva. "Palácio Itamarati de Brasília", Diário do Paraná. Curitiba, 12/08/1971, Segundo Caderno, p. 4.	OBRAS DE ARTE	Wladimir Murtinho; Bruno Giorgi; Burle Marx; José Pancetti; Iberê Camargo; Pedro Américo; Antônio Bandeira; Djanira

1971	10	12	<p>"Todavia, há uma omissão que deverá ser suprida por quem tenha a responsabilidade pela formação progressiva do acervo do Palácio Itamaraty.</p> <p>Trata-se, na espécie, da ausência de obras dos pintores Rubem Valentim, Glênio Bianchetti e Maria José, dos desenhistas Liz Roberta e Luiz Áquila da Rocha Miranda e Terezinha De Melo, bem como do gravador Fortunato de Oliveira, os quais radicados há longo tempo em Brasília, deveriam figurar no acervo da sede do Ministério das Relações Exteriores."</p>	Correio Braziliense	<p>AULER, Hugo. "Atelier" [coluna de artes]. Correio Braziliense. Brasília, 12/10/1971, Caderno 2, p. 2.</p>	OBRAS DE ARTE	<p>Rubem Valentim; Glênio Bianchetti; Maria José; Liz Roberta; Luiz Áquila da Rocha Miranda; Terezinha De Melo; Fortunato de Oliveira</p>
1968	5	16	<p>"O Embaixador Vladimir Murtinho enfrentou diversos problemas com relação à decoração de um palácio destinado a servir de cenário às recepções oficiais, não só do Ministério, mas também da Presidência da República. Constituiu-se então, numa comissão, sob a direção do arquiteto Olavo Redig de Campos, Chefe do Serviço de Conservação e Patrimônio do Itamaraty, com assessoramento de diversos artistas e decoradores, para escolha dos desenhos e execução de móveis e alfaiaes destinados à nova sede do MRE, e também à compra de obras-de-arte, estas com o assessoramento do Embaixador Joaquim Souza Leão, Ministro Djalma Lessa e Raymundo Castro Maia, todos conhecidos colecionadores."</p>	Correio Braziliense	<p>MADEIRA, José Vieira. "O preço de um Palácio". Correio Braziliense. Brasília, 16/05/1968, Caderno 2, p. 1.</p>	OBRAS DE ARTE	<p>Wladimir Murtinho; Olavo Redig; Joaquim Souza Leão; Djalma Lessa; Raymundo Castro Maia</p>

OBRAS DE ARTE ITAMARATY										
ARTISTA	OBRA	ANO	TÉCNICA	LOCAL NO MRE	DIMENSÃO: a x l x c (cm) (IPHAN, 2008)	BIBLIOGRAFIA / FONTE	PROCEDÊNCIA (IPHAN, 2008)	MODO DE AQUISIÇÃO (IPHAN, 2008)	MARCAS/INSCRIÇÕES/LEGENDAS (IPHAN, 2008)	NÚMERO INVENTÁRIO (IPHAN, 2008)
Frans Janszoon Post	Engenho de Pernambuco (atribuição)	Século XVII; após 1637	Pintura. Óleo sobre madeira	Sala do Ministro de Estado	50 x 74,5	IPHAN, 2008	Doação (ver Referências Bibliográficas nº 2.	Ministro Joaquim de Souza Leão Filho.	Frans Post ao Ministério das R. Exteriores 1618-1680 Joaquim de Souza Leão Filho (Anverso da moldura, plaqueta de metal fixada na extremidade inferior)	DF/07.0001.0001
Giovanni Battista Castagneto	Marinha (atribuído)	1888 (?)	Pintura. Óleo sobre madeira	Sala do Ministro de Estado	8,4 x 22,5	IPHAN, 2008	—	—	548 (verso, canto inferior direito). Castagneto 1888 (?) (anverso, canto inferior direito). Castagneto/"MARINHA" (anverso da moldura, gravado em plaqueta de metal fixada logo abaixo da pintura)	DF/07.0001.0002
Cândido Portinari	Cena de Carnaval (atribuído)	1961	Pintura. Guache sobre papel	Sala do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0003
Cândido Portinari	Estudo para o painel "Paz"	1952	Pintura. Óleo sobre tela	Sala do Ministro de Estado	160 x 120	IPHAN, 2008	Sede da ONU em Nova York/1964 Ver R.B.nº2.	—	Cândido Portinari/Estudo para o painel "Paz" (anverso da moldura, gravado em plaqueta de metal fixada no centro da extremidade inferior). Brasília (verso da moldura, escrito a lápis sobre a moldura)	DF/07.0001.0004
Cândido Portinari	Estudo para o painel "Guerra"	1952	Pintura. Óleo sobre tela	Sala do Ministro de Estado	160 x 120	IPHAN, 2008	Sede da ONU em Nova York/1964 Ver R.B.nº2	—	Cândido Portinari/Estudo para o painel "Guerra" (anverso da moldura gravado em plaqueta de metal fixada no centro da extremidade inferior)	DF/07.0001.0005
Johann Moritz Rugendas	Tropeiros com Índios (atribuição)	Após 1821/antes de 1826	Desenho. Lápis e nanquim sobre papel	Sala do Ministro de Estado	17 x 23	IPHAN, 2008	—	—	Data de aquisição: 24/10/1928. Dúvidas se foi compra ou doação.	DF/07.0001.0006
Carlos Scliar	Paisagem XI	1976	Pintura. Vinil encerado sobre tela colada sobre aglomerado	Gabinete do Ministro de Estado	100 x 65	IPHAN, 2008	—	—	Carlos Scliar/paisagem XI (1)/vinil encerado/sobre tela/díptico cada: 1,00 x 65/Ouro Preto/7.4.76/43 op 76. Scliar (verso do aglomerado)4.76 (anverso, extremidade inferior)	DF/07.0001.0007 (ficha duplicada) DF/07.0001.0008)
Não identificado	Retrato de Hipólito José da Costa	1º quartel (?) do século XIX	Pintura. Óleo sobre tela	Hall da Sala do Ministro de Estado	76 x 63	IPHAN, 2008	—	—	HYPPOLITO JOSÉ DA COSTA (anverso da moldura , pintado sobre plaqueta metálica fixada no centro da parte inferior do passe-partout). The surface of the, picture / has been wax polished for additional protection. /Should a slight haze or dump / deposit during transit / it can easily be removed by / wiping the surface gently wit / SOFT DRY COTTON WOOL. (verso de moldura, etiqueta datilografada fixada na ripa central horizontal do chassi). Quadro / " Hippólito/ José da Costa" / nº 457 (verso da moldura, a caneta em etiqueta fixada no canto inferior direito)	DF/07.0001.0009

Carlo do Servi	<i>Retrato do Barão do Rio Branco</i>	Primeira década do século XX	Pintura. Óleo sobre tela	Hall da Sala do Ministro de Estado	81 x 60	IPHAN, 2008	—	—	De Servi (anverso, canto inferior direito) ITAMARATI (verso, escrito sobre o chassi, lado superior – escrito de ponta cabeça) “Barão do Rio Branco” / C. de Servi (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior)	DF/07.0001.0010
Autor não identificado	<i>Retrato de Duarte da Ponte Ribeiro, Barão da Ponte Ribeiro</i>	Século XIX; após 1826 - antes de 1857 (?)	Pintura. Óleo sobre tela	Hall da Sala do Ministro de Estado	55,5 x 45	IPHAN, 2008	—	—	Anônimo - Século XIX / Barão da Ponte Ribeiro (gravado sobre plaqueta metálica fixada na extremidade inferior da moldura)	DF/07.0001.0011
Cleber Gouvêa	<i>Distorção na horizontal II</i>	1975	Pintura. Óleo sobre tela	Gabinete do Ministro de Estado	116,5 x 99	IPHAN, 2008	—	—	CLEBER 75 (anverso, canto inferior direito)Distorção na horizontal II / Cléber Gouvêa / Goiânia Goiás 1975 (verso, parte superior)	DF/07.0001.0012
Fayga Ostrower	<i>Sem título</i>	1961	Gravura	Gabinete do Ministro de Estado	65 x 94	IPHAN, 2008	—	—	A Divisão Cultural do Itamaraty , Fayga Ostrower 1961 (anverso, a lápis no canto inferior direito, abaixo do campo da gravura) 14/30 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0013
César Romero	<i>Sem título</i>	1977	Serigrafia	Gabinete do Ministro de Estado	55 x 72	IPHAN, 2008	—	—	P.A. III/X (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura) CÉSAR ROMERO 77 (anverso, canto inferior direito) alô alô (anverso, parte central da gravura) 431550 (anverso, metade inferior da gravura, na vertical) 657413 (anverso, metade inferior da gravura, na vertical) Oscar Seraphico Galeria de arte Ltda/EDIFÍCIO GILBERTO SALOMÃO-LOJA 1- BLOCO “M”- S.C.S./BRÁSILIA-DF-telefone:23-4247/Registro 02.78.001 Preço 1.200.00 /autor CESAR ROMERO /Título P.A. III/X /Técnica SERIGRAFIA /Formato 55x62 Data 1976 / OSCAR SERAPHICO GALERIA DE ARTE / AUTENTICAÇÃO DA GALERIA (verso, etiqueta fixada do lado esquerdo)	DF/07.0001.0014
Lívio Abramo	<i>"Macumba"</i>	1958	Xilogravura em papel	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	20/60 (anverso, centro da extremidade inferior, abaixo do campo da gravura) Macumba, 1958 (anverso, canto inferior direito abaixo do campo da gravura) Lívio Abramo (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0015
Isabel Pons Franco	<i>Pássaro II</i>	1963	Gravura em metal	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	9/30 Tiré par L´artiste (anverso, canto inferior esquerdo) “Pássaro II” (anverso, centro da extremidade inferior) Isabel Pons 63 (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0016
Di Cavalcanti (Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo)	<i>Cabeça de Mulata</i>	1935 (cerca)	Desenho. Grafite e nanquim sobre papel	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	DI/CAVAL/CANTI (anverso, canto inferior direito) Emiliano Di Cavalcanti – C. 1935 / Cabeça de Mulata (anverso da moldura, gravada em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior.)	DF/07.0001.0017
José Pancetti (Giuseppe Gianinni Pancetti)	<i>Paisagem vista de uma janela com vaso de flores (atribuído)</i>	1945	Pintura. Óleo sobre tela	Sala do Secretário Geral	65 x 55	IPHAN, 2008	—	—	Pancetti/45 (anverso, canto inferior direito) Maria W. / de Castro (verso da tela, a caneta sobre etiqueta adesiva fixada no chassi, canto superior direito) GIUSEPPE PANCETTI /1945 (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior)	DF/07.0001.0018

Eduardo di Martino	<i>Navio de guerra ao luar (atribuído)</i>	1909	Pintura. Óleo sobre madeira	Sala do Secretário Geral	29 x 17,5	IPHAN, 2008	—	—	All'amico / Barone di Rio Branco / Eduardo di Martino 1909 (anverso, canto inferior direito) EDUARDO DE MARTINO-1909 / NAVIO DE GUERRA AO LUAR (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior) Nº inventário 1243 COMBEC 180042000 / Quadro emoldurado óleo s/ madeira por / Esuardo (sic) Martins. "Naveo de guerra de / frente em alto mar sob luz do luar / Dedicatória: Ao amigo " Barone de Rio / Branco / Eduardo de Martino 1869 (verso, etiqueta datilografada, parte superior)	DF/07.0001.0019
Tomie Ohtake	<i>Sem título</i>	1965	Pintura. Óleo sobre tela	Sala D. Pedro I	156 x 117	IPHAN, 2008	—	—	Tomie/65 (anverso extremidade inferior, deslocado para a esquerda) INSTITUTO TOMIE OHTAKE P6519 catalogação / da obra de / Tomie Ohtake (verso, plaqueta fixada no chassi, canto inferior esquerdo)	DF/07.0001.0020
Pedro Américo de Figueiredo e Melo	<i>Estudo para "Independência ou morte (ou grito do Ipiranga)" (atribuído)</i>	1886	Pintura. Óleo sobre tela	Sala D. Pedro I	109 x 201	IPHAN, 2008	—	—	P. Américo. 1886 / Florença (anverso, extremidade inferior, deslocado para a esquerda) PEDRO AMÉRICO / GRITO DO YPIRANGA (anverso da moldura, gravado em plaqueta fixada no centro da extremidade inferior, próximo ao passe-partout) RESTAURADO NA / "GALERIA JORGE" / Pinturas de grandes artistas / Rua do Rosário, 181 / Rio de Janeiro (verso, carimbo na lona, canto superior direito) 480 (verso, pintado na lona, canto inferior direito)	DF/07.0001.0021
Jean Baptiste Debret	<i>?</i>	1828	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	340 x 640	IPHAN, 2008	—	—	J. B. Debret - Rio de Jan."/An." 1828 - (anverso, canto inferior esquerdo)	DF/07.0001.0022
Arcângelo Ianelli	<i>Sem título</i>	1973	Pintura. Óleo sobre tela (?)	Sala Portinari	199 x 150	IPHAN, 2008	—	—	Ianelli/1973 (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0024 (não existe a ficha DF/07.0001.0023)
Manabu Mabe	<i>Juramento</i>	1967	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Portinari	240 x 240	IPHAN, 2008	—	—	MABE/3 - 1967 (anverso, canto inferior direito) JURAMENTO/MABE//3 - 1960/BRASIL (verso, pintada na parte central da tela)	DF/07.0001.0025
Arcângelo Ianelli	<i>Sem título</i>	1973	Pintura. Óleo sobre tela (?)	Sala Portinari	199 x 150	IPHAN, 2008	—	—	Ianelli/1973 (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0026
Cândido Portinari	<i>Os jangadeiros</i>	1939 (cerca)	Pintura. Têmpera sobre tela	Sala Portinari	310 x 348	IPHAN, 2008	—	—	C. PORTINARI (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0027
Cândido Portinari	<i>Os gaúchos</i>	1939 (cerca)	Pintura. Têmpera sobre tela	Sala Portinari	310 x 345	IPHAN, 2008	—	—	C. PORTINARI (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0028
Eliseu D' Angelo Visconti	<i>No jardim (atribuído)</i>	1930 (Década de 1930)	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Duas Épocas	46,5 x 61	IPHAN, 2008	—	—	E. Visconti. (anverso, canto inferior direito) ELISEU D' ANGELO VISCONTI/NO JARDIM (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior)	DF/07.0001.0029
Milton da Costa (Milton Rodrigues da Costa)	<i>Figura</i>	1951	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Duas Épocas	100 x 81	IPHAN, 2008	—	—	Da costa (anverso, canto inferior direito) MILTON DA COSTA/FIGURA/1951 (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior) "FIGURA "/1951/M. Dacosta (verso, pintado sobre a lona, canto inferior direito)	DF/07.0001.0030

Tomie Ohtake	<i>Sem título</i>	1987	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Duas Épocas	239 x 217	IPHAN, 2008	—	—	Tomie/87. (anverso, canto inferior esquerdo) Tomie Ohtake/1987 (verso, pintado na parte superior direita)	DF/07.0001.0031
Pierre Pourbus	<i>Le tricheur</i>	1501 (data estimada século XVI)	Pintura. Óleo sobre madeira	Sala Dom Pedro II	70 x 101,5	IPHAN, 2008	—	Doação. Ver R.B. n° 1	LE TRICHEUR/P. POURBUS - 1510 - 1584 (anverso da moldura, gravado em plaqueta de metal fixada na extremidade inferior).	DF/07.0001.0032
Rodolfo Amoedo	<i>Retrato de Dom João VI</i>	1908 (?)	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	68 x 41	IPHAN, 2008	—	—	D. João VI (plaqueta fixada no centro da extremidade inferior, anverso da moldura). Lado esquerdo n° 1/lado da entrada (verso da moldura, escrito a lápis na parte superior)	DF/07.0001.0033
Rodolfo Amoedo	<i>Retrato de Dom Pedro I</i>	1908	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	68 x 41	IPHAN, 2008	—	—	RA. Cop//Rio 1908. (anverso, canto inferior direito). D. PEDRO I (anverso da moldura, plaqueta fixada no centro da extremidade inferior).	DF/07.0001.0034
Rodolfo Amoedo	<i>Retrato de Dom Pedro II</i>	1908	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	68 x 41	IPHAN, 2008	—	—	158 (verso, estampado sobre o linho, extremidade inferior) RESTAURADO NA//GALERIA BORGES/(...)//RUA DO ROSÁRIO//RIO DE JANEIRO (verso, carimbo sobre o linho, canto superior esquerdo) RA. Cop//1908 (anverso, canto inferior esquerdo) D. PEDRO II (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada no centro da extremidade inferior).	DF/07.0001.0035
Delfim Joaquim Maria Martins da Câmara	<i>Retrato de Dom Pedro II</i>	1875	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	80 x 63,5	IPHAN, 2008	—	—	Delfim 1875 (anverso, extremidade lateral esquerda). DELFIN//D. PEDRO II (anverso da moldura, gravado em plaqueta fixada no centro da extremidade inferior)	DF/07.0001.0036
Kazuo Wakabayashi	<i>Vermelho em expansão</i>	1967	Pintura. Óleo sobre tela	Sala do Secretário Geral	172 x 216	IPHAN, 2008	—	Compra 1967	WAKABAYASHI 67 (anverso, canto superior direito). KAZUO WAKABAYASHI//VERMELHO EM EXPANSÃO//1967 (anverso da moldura, gravado em plaqueta metálica fixada na parte central inferior). VERMELHO EM EXPANSÃO/WAKABAYASHI//1967//SÃO PAULO (verso, canto superior direito). BIENAL DE SÃO PAULO//(etiqueta de identificação dos trabalhos)//Nome e sobrenome: KAZUO WABAYASHI//Título da obra: VERMELHO EM EXPANSÃO//Dimensões: 175 x 218//(altura x largura)//Técnica: TELA SOBRE (sic) ÓLEO//Preço de venda: NCr\$ 2800.00//Proprietário: ARTISTA//Endereço: RUA DAS CANTERANAS 263 S.P. (verso, etiqueta fixada no canto superior direito).	DF/07.0001.0037
Manabu Mabe	<i>Grito</i>	1960	Pintura. Óleo sobre tela	Sala do Secretário Geral	130 x 110	IPHAN, 2008	—	—	Mabe (anverso, canto inferior direito, quase ilegível). GRITO//MABE//1960 (verso, a carvão, na parte superior). GRITO//MABE (verso, a carvão, lado direito). PARA DIVISÃO (sic) CULTURAL DE ITAMARATY//MABE//1960 (verso, lado direito)	DF/07.0001.0038

Antônio Bandeira	Árvores	1959	Pintura. Óleo sobre tela	Hall de acesso à sala do Secretário Geral	119 x 119	IPHAN, 2008	—	—	BANDEIRA//59 (anverso, canto inferior direito). ÁRVORES (verso, canto superior esquerdo). ANTÔNIO BANDEIRA// " ÁRVORES " (ARBRES)//1,20 x 1,20 - 1959 (verso, canto superior esquerdo)	DF/07.0001.0039
Autor Desconhecido	Cópia do Mapa geográfico da América meridional (atribuído)	1775 (Século XIX (?) após 1775)	Estampa. Litogravura (?)	Hall de acesso à sala do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	As inscrições, por serem muito extensas, estão coladas em folha em anexo	DF/07.0001.0040
Djanira	Sem título	—	Pintura	Sala Rui Barbosa	—	IPHAN, 2009	—	—	—	DF/07.0001.0041; TQ-0045
Iberê Camargo	Estrutura de objetos	1968	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Rui Barbosa	130 x 184	IPHAN, 2008	—	—	IBERÊ CAMARGO//RIO//20-5-68// " ESTRUTURA DE OBJETOS " (verso, parte superior esquerda). 130 x 184 (verso, parte inferior esquerda). 26 " circulado " (verso, parte inferior esquerda). Iberê Camargo//68 (verso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0042
Abraham Louis Buvelot	Vista da Bahia tomada do caminho de Monte Serrat	1839	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Bahia	38,2 x 49,4	IPHAN, 2008	—	—	Vista da Bahia tomada do caminho do Monte Cerrate (sic)//print d'après nature par L. Buvelot//1839 (verso, pintado na parte inferior do linho). A. LOUIS BUELOT//1814 - 1888 (anverso, gravado em plaqueta metálica no centro da extremidade inferior da moldura).	DF/07.0001.0043
Auguste Petit	Paisagem do Rio de Janeiro com Baía de Guanabara ao fundo (atribuído)	1864 (Século XIX - após 1864)	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Rio de Janeiro	84 x 120	IPHAN, 2008	—	—	Auguste Petit (anverso, canto inferior direito). AUGUSTE PETIT/BAIA DE GUANABARA (anverso da moldura, gravada em plaqueta fixada no centro da parte inferior)	DF/07.0001.0044
Emilio Bauch	Vista do Rio de Janeiro (atribuído)	1889 (Século XIX - antes de 1889)	Estampa. Cromolitografia	Sala Rio de Janeiro	—	IPHAN, 2008	—	—	<ul style="list-style-type: none"> • Chromographia executada sob a direção de Gonrad Grefe . Reserva-se o direito de propriedade,sendo interdicta qualquer (sic) reprodução . (anverso canto inferior esquerdo) • A sua Majestade O Imperador (sic) do Brasil O Senhor Dom Pedro II. Dedica e offerece mui (sic) respeitosamente o autor Emilio Bauch Cav: da Orda rosa etc. (anverso,parte inferior central) • Chromographia.do por J.Vogler e impresso no instituto artistico de Leap. Sammer & cª.Vienna d' Austria. (anverso, canto inferior direito) • E.bauch Fe to (anverso,canto inferior direito) 	DF/07.0001.045
Charles Philippe Garçon de Riviere	Vista do Rio de Janeiro tirada da ilha das cobra, ao pé da fortaleza, da parte sul	1891	Pintura. Aquarela sobre papel	Sala Rio de Janeiro	64,5 x 104	IPHAN, 2008	The old print sholp/ nova york/ver R.Bnº1	Compra/ 15/12/1966 ver R.B.nº 1	—	DF/07.0001.046
Autor não identificado	Vista do Recife (atribuído)	1801 (Século XIX)	Estampa. Litogravura pintada a mão	Sala Rio de Janeiro	30,7 x 112	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.047

Carl Eduard de Kraitschmar	<i>Vista de Salvador</i> (atribuído)	1860 (Século XIX - antes de 1860)	Estampa. Água.tinta pintada a mão (?)	Sala Rio de Janeiro	34,2 x 111	IPHAN, 2008	—	—	<ul style="list-style-type: none"> • Dde (...) mar del (anverso , canto inferior esquerdo logo abaixo do campo da gravura) • F.sala the (?) SC.(anverso canto inferior direito , logo abaixo do campo da gravura) • Le Colege . L'Opíra .convent dès bénédictines Eglises S.Pierre.couvent Jerusalem .consul de Itambourg .Eglise dos Afflictos. Consul Anglais .consul Français .jardin public .STª Victoire.St.Antoine./Eglise de La Conception.Eglise União . Fort Gamboá (sic) .Fort Grande. (anverso, parte inferior) 	DF/07.0001.048
Autor não identificado	<i>Vista do Rio de Janeiro</i> (atribuído)	1839	Estampa. Água.tinta pintada a mão.	Sala Rio de Janeiro	35,2 x 111,5	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.049
Autor não identificado	<i>Vista do Rio de Janeiro</i> (atribuído)	1601 (século XVII (?))	Estampa. Xilogravura pintada	Sala Rio de Janeiro	—	IPHAN, 2008	—	—	<ul style="list-style-type: none"> • ALAGOA AD AUSTRUM (anverso , parte superior) • A. Templum aggere castrensi cinctum. / B. Alagoa. / C. Case piscatore. (anverso , canto inferior esquerdo) 	DF/07.0001.050
Carl Eduard de Kraitschmar	<i>Vista do Rio de Janeiro a partir do Palácio de São Cristovão</i> (atribuído)	1839	Estampa. Água tinta colorida a mão	Sala Rio de Janeiro	31 x 112	IPHAN, 2008	—	—	As inscrições, por sua extensão, estão em folha em anexo.	DF/07.0001.051
Não identificado	<i>I. Tamaraca</i>	—	Pintura	Sala Rio de Janeiro	—	IPHAN, 2009	—	—	—	DF/07.0001.052; TQ-0058
Bruno Giorgi	<i>Estudo para escultura</i> (atribuído)	1959	Desenho. Carvão sobre papel	Gabinete do Secretário Geral	91,5 x 57,5	IPHAN, 2008	—	—	<ul style="list-style-type: none"> • Á Divisão Cultural / do Itamaraty. Bruno Giorgi / Rio Nov.59 (anverso, canto inferior direito) • Nº inventario 1240 COMBEC C030011000/QUADRO EMOLDURADO CRAYON SOBRE PAPEL/ POR BRUNO GIORGI ,3 FORMAS HUMANAS DE / PÉ ,LIGADOS POR ABRAÇO E APERTO DE / MÃO. DEDIC:"DC"DO ITAMARATY 1959.(verso datilografado em etiqueta colada sobre o cartão que fecha a moldura) • GALERA NA(...)ASWA / QUADROS - MOLDURAS – GRAVURAS / CONSTANTES RAMOS 43-A/ TEL:57-6572 – 57-6575// FÁBRICA 57-6556 (?) – RIO (verso,carimbo sobre o cartão que fecha a moldura) 	DF/07.0001.053
Manabu Mabe	<i>Sem título</i>	—	Pintura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2009	—	—	—	DF/07.0001.054; TQ-0060
Fayga Ostrower	<i>Políptico Itamaraty</i>	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	1/30 - I (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior). 1/30 - II (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.055
Fayga Ostrower	<i>Políptico Itamaraty</i>	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	1/30 - I (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior). 1/30 - II (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.056

Fayga Ostrower	Políptico Itamaraty	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	1/30 - III (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior). 1/30 - IV (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre a eucatex, parte superior). 1/30 - V (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior). 1/30 - VI (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre a eucatex, parte superior). 1/30 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.057
Fayga Ostrower	Políptico Itamaraty	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre a eucatex, parte superior). 1/30 - V (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior). 1/30 - VI (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre a eucatex, parte superior). 1/30 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.058
Fayga Ostrower	Políptico Itamaraty	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior). 1/30 - VI (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre a eucatex, parte superior). 1/30 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.059
Fayga Ostrower	Políptico Itamaraty	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre a eucatex, parte superior). 1/30 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura). Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.060
Fayga Ostrower	Políptico Itamaraty	1968	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	Compra: 1968	Ostrower 68 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura). EXQUADRÃO/MOLDURAS rua dos ingleses, 303 s. paulo (verso, etiqueta colada sobre o eucatex, parte superior).	DF/07.0001.061
Abelardo Zaluar	Acoplados I	1969	Pintura. Colagem de eucatex sobre eucatex e óleo sobre eucatex	Gabinete do Secretário Geral	89,9 x 89,8	IPHAN, 2008	—	—	ABELARDO/ZALUAR/1969 (verso, canto superior esquerdo). ACOPLADOS I (verso, canto superior esquerdo). P. cima " seta por baixo da inscrição começando no P e terminando no a " (verso, canto superior esquerdo, escrito verticalmente).	DF/07.0001.062
Abelardo Zaluar	Acoplados II	1969	Pintura. Colagem de eucatex sobre eucatex e óleo sobre eucatex	Gabinete do Secretário Geral	89,9 x 90	IPHAN, 2008	—	—	ABELARDO/ZALUAR/1969 (verso, a caneta, canto superior esquerdo). P. CIMA//ACOPLADOS II (verso, a caneta, canto superior esquerdo). Zaluar//69 (anverso, canto inferior direito). Zaluar//69 (anverso, canto inferior direito). ABELARDO/ZALUAR/1969 (verso, a caneta, canto superior esquerdo). P. CIMA//ACOPLADOS//IV (verso, a caneta, canto superior esquerdo). BRUMASA/BRUYNZEEL MADEIRAS S.A.//MACAPÁ - BRASIL//(...)LYWOOD BONDED TO//BRITISH SPECIFICATION//BS. 1455-1961//INSECT RESISTANT//(...) CAMENT(...) (...)COM//(...) ANTI - GRI (...)//(...) 15 [STD]//(...) IL (verso, carimbo no canto inferior esquerdo).	DF/07.0001.063
Abelardo Zaluar	Acoplados V	1969	Pintura. Colagem de eucatex sobre eucatex e óleo sobre eucatex	Gabinete do Secretário Geral	89,9 x 89,9	IPHAN, 2008	—	—	BRUMASA/BRUYNZEEL MADEIRAS S.A.//MACAPÁ - BRASIL//(...)LYWOOD BONDED TO//BRITISH SPECIFICATION//BS. 1455-1961//INSECT RESISTANT//(...) CAMENT(...) (...)COM//(...) ANTI - GRI (...)//(...) 15 [STD]//(...) IL (verso, carimbo no canto inferior esquerdo).	DF/07.0001.064

Franz Krajcberg	<i>Relevo</i> (atribuído)	1967	Relevo. Relevo em papel	Gabinete do Secretário Geral	74,5 x 55	IPHAN, 2008	—	—	<ul style="list-style-type: none"> 6/10 (anverso , canto inferior esquerdo) F.Krajcberg 67(anverso, canto inferior direito) ARTEFACT /Moldura/ EMPRESA DE ARTEFATO DE TECIDO E MADEIRA LTDA/ RUA FREI CANECA , 309-311- TEL .52-1260 – RIO/ INDUSTRIA BRASILEIRA (verso, etiqueta colocada sobre a moldura , de ponta-cabeça)	DF/07.0001.065
Franz Krajcberg	<i>Relevo</i> (atribuído)	1967	Relevo. Relevo em papel	Gabinete do Secretário Geral	74,5 x 55	IPHAN, 2008	—	—	<ul style="list-style-type: none"> 1/10 (anverso, canto inferior esquerdo) F.Krajcberg 67 (anverso, canto inferior direito) 	DF/07.0001.066
Emanoel Araújo	<i>Sem titulo</i>	1984	Xilogravura	Gabinete do Secretário Geral	76,3 x 107,5	Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm>. Acessado em 02/02/2019	—	—	3/12 (anverso canto inferior esquerdo). (assinatura ilegível) 84 (anverso, parte inferior direita).	DF/07.0001.067
Autor não identificado	<i>Teto de Sala de Fazenda</i> (atribuído)	1701 (século XVIII)	Pintura. Madeira policromada	Sala Bahia	450 x 390	IPHAN, 2008		Fazenda (?)	ADEOS MINERVA RAIN// HÁ DA SABEDORIA (parte central, abaixo da figura coroada)	DF/07.0001.068
Glênio Bianchetti	<i>A praça</i>	1971	Pintura. Acrílica sobre tela colada sobre eucatex.	Subsolo (hall de acesso)	137,5 x 178	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> . Acessado em 02/02/2019	—	—	Título : A Praça / Técnica : acrílico / Formato :(8) / Autor : Glenio Alves Branco Bianchetti / END. :S.Q.S.305 BL-K Apt* 402 / TEL :42-8478 (verso datilografado em etiqueta fixada no Eucatex, parte superior)	DF/07.0001.069
Karl Heinz Hanzen	<i>Os quatro cavaleiros do apocalipse</i>	1971	Xilogravura	Subsolo (hall de acesso)	—	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú cultural artes visuais :<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em 02/02/2019 Barreto Fatima. " Hansen Bahia: o artista alemão que adotou nossa 'nação' " . In: Revista da Bahia n° 40. <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista/20da%20bahia/Artes%20plastica/index.htm>. Acessado em 02/02/2019 Bíblia Online.<http://www.bibliaonline.com.br/acf> Acessado em 02/02/2019	—	Doação: 29/ 01/1971	2/20 (anverso canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura) Ao Itamaraty , símbolo de um Brasil // em permanente renovação e da Luta vitoriosa contra os cavaleiros de Apocalipse , Brasília 29.I.1971 (anverso, parte inferior direita , abaixo do campo da gravura) Hansen- Bahia 1971 (anverso canto inferior direito , abaixo do campo da gravura) Nach THÜrers // GEBURT 1471 // recht // hescheyden gerissen// vunt gedruckt (anverso , canto inferior direito) SOLI DÚ GLORIA // durch HANSEN- BAHIA //1971 (anverso canto inferior direito. HOMMAGE A DU (...) //AB (marca d'água em relevo , canto inferior esquerdo)	DF/07.0001.070
Francisco Brennand	<i>Sinal verde (a floresta) - Série amazônica</i>	1971	Pintura. Óleo sobre a tela	Subsolo (hall de acesso)	160 x 220	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> . Acessado em 02/02/2019.	—	—	Brennand 71 (anverso , canto inferior esquerdo) ~ Série Amazônica ~/Francisco Brennand/" Sinal Verde " (a floresta)/1971/2.20 x 1.60/~ Recife ~ (verso, canto superior esquerdo)	DF/07.0001.071

Luiz Gregório Gruber Novais Correio	Vista de São Paulo com a Estação da Luz (atribuído)	1998	Pintura. Acrílica sobre tela	Subsolo (hall de acesso)	160,2 x 209,8	IPHAN, 2008	—	—	GREGÓRIO 98 (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.072
						AYALA, Walmir. Dicionário de pintores brasileiros 2ª edição. Curitiba: UFPR, 1997. Enciclopédia Itaú cultural artes visuais :< http://www.itaucultural.org.br/aplicex_ternas/enciclopedia_ic/index.cfm >. Acessado em: 02/02/2019				
Francisco Galeno	Catapora	2000	Pintura. Óleo sobre madeira	Sala D. Pedro II	160 x 220	IPHAN, 2008	—	—	“Catapora ”/galeno/Brazlândia DF/2,20 x 1,60 (verso, canto superior direito, escrito na vertical)	DF/07.0001.0073
						Enciclopédia Itaú cultural artes visuais :< http://www.itaucultural.org.br/aplicex_ternas/enciclopedia_ic/index.cfm >. Acessado em: 02/02/2019				
Sérgio Telles	Sem título	1978	Litogravura	Gabinete do Ministro de Estado	49,8 x 65,2	IPHAN, 2008	—	—	É preuve d’artiste (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0074
						GOUVÊA, RENATO MAGALHÃES. SÉRGIO TELLES. SÃO PAULO; RENATO MAGALHÃES Gouvêa escritório de arte , 1981			Sergio Telles (anverso, canto inferior direito abaixo do campo da gravura)	
José Paulo Moreira da Fonseca	Paisagem vista de um trem	1965	Pintura. Óleo sobre a madeira	Gabinete do Ministro de Estado	25,3 x 64,6	IPHAN, 2008	—	—	J. Paulo 65 (anverso , canto inferior direito)	DF/07.0001.0075
						Pitoresco, A arte dos grandes mestres. Disponível em < http://www.pitoresco.com/brasil/josepaulo.htm >. Acessado em: 02/02/2019			Paisagem // vista de um trem // J. Paulo // Rio 1965 (verso, sobre o painel à direita)	
Waltércio Caldas	Desenho n° 2	1980 (Década de 1980 ?)	Estampa. Técnica mista sobre papel	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	WALTERCIO CALDAS JUNIOR (anverso, marca d’água em relevo, canto superior direito)	DF/07.0001.0076
						CHIARELLI , TADEU.Arte internacional brasileira SÃO PAULO: LEMOS,1999, p.226-27.			Propriedade do Ministério das Relações Exteriores (verso, etiqueta fixada no Eucatex, de ponta cabeça)	
									25// WALTERCIO CALDAS// Desenho n° 2, técnica mista (verso, datilografado em etiqueta fixada em Eucatex, de ponta cabeça)	

Waltércio Caldas	Desenho n° 4	1980 (Década de 1980 ?)	Estampa. Técnica mista sobre papel	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	WALTERCIO CALDAS JUNIOR (anverso, marca d'água em relevo, canto superior direito)	DF/07.0001.0077
						CHIARELLI , TADEU.Arte internacional brasileira SÃO PAULO: LEMOS,1999, p.226-27.			Propriedade do Ministério das Relações Exteriores (verso, etiqueta fixada no Eucatex, de ponta cabeça)	
									27// WALTERCIO CALDAS// Desenho n° 4, técnica mista (verso, datilografado em etiqueta fixada em Eucatex, de ponta cabeça)	
Waltércio Caldas	Desenho n° 3	1980 (Década de 1980 ?)	Estampa. Técnica mista sobre papel	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	WALTERCIO CALDAS JUNIOR (anverso, marca d'água em relevo, canto superior direito)	DF/07.0001.0078
						CHIARELLI , TADEU.Arte internacional brasileira SÃO PAULO: LEMOS,1999, p. 226-27.			Propriedade do Ministério das Relações Exteriores (verso, etiqueta fixada no Eucatex, de ponta cabeça)	
									26// WALTERCIO CALDAS// Desenho n° 3, técnica mista (verso, datilografado em etiqueta fixada em Eucatex, de ponta cabeça)	
Tomoshige Kusuno	Sem título	1972	Estampa. Serigrafia	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008			P.A (anverso canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Tomoshig (?) 72 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0079
J. Lebrecht Reinold (?)	Le Cadran	1760 (circa)	Gravura em metal pintada	Gabinete do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	Tome (anverso canto superior esquerdo); Planche 104 (anverso canto superior direito); Fig 1 . (anverso parte superior); Fig.2 (anverso parte inferior); Le cadram Mâle fig.1. fig.2. La Femelle (anverso, parte inferior central); Bouquet direx. (anverso, canto inferior esquerdo); De l' Imprimerie de Langlois (anverso extremidade inferior central)	DF/07.0001.0080
J. Lebrecht Reinold	Le Tchagra	1760 (cerca) (?)	Gravura em metal pintada	Gabinete do Ministro de Estado	30,5 x 24,5	IPHAN, 2008	—	—	Tome (anverso, canto superior esquerdo); Planche 47 (anverso canto inferior direito); J. Lbrecht Reinold P. (anverso parte inferior esquerda); Cl. De Fessard Sculp. (anverso,parte inferior direita); Le Tchagra . fig.1. Le Mâle fig.2. La Femelle (anverso parte inferior central); De l' Imprimerie de Langlois(anverso, parte inferior central)	DF/07.0001.0081

Ana Maria de Vecchi	<i>Quanto mais te olho mais beleza encontro em ti</i>	1977	Gravura em metal	Gabinete do Ministro de Estado	37 x 49	IPHAN, 2008	—	—	6/20 (anverso,canto inferior esquerdo , abaixo do campo da gravura); "Quanto mais te olho mais encontro beleza em ti" (anverso parte inferior central, abaixo do campo); (assinatura ilegível) /77 (anverso canto inferior direito abaixo do campo da gravura); Oscar Seraphico Galeria de Arte Ltda.// EDIFICIO GILBERTO SALOMÃO- LOJA 1 BLOCO " H' – S.C.S // BRASÍLIA – DF- TELEFONE :23-4247// REGISTRO 02.52.001// PREÇO2.500,00// Autor ANA MARIA DE VECCHI// Título 6/20//técnica GRAVURA EM METAL // Formato 73 x 54 Data 1977 // OSCAR SERAPHICO GALERIA DE ARTE // AUTENTIFICAÇÃO DA GALERIA (verso etiquetada sobre Eucatex, lado esquerdo)	DF/07.0001.0082
Autor não identificado	<i>Ouro preto</i>	1941	Desenho. Litogravura	Apartamento do Ministro do Estado	22,5 x 26,5	IPHAN, 2008	—	—	OURO PRETO (anverso canto inferior esquerdo); GUIGNARD// 1941 (anverso , canto inferior direito); ARTEFACT // MOLDURAS// EMPRESA DE ARTEFATOS DE TECIDO E MADEIRAS LTDA// RUA FREI CANECA, 309-311- TEL 521260- RIO// INDUSTRIA BRASILEIRA (verso da moldura etiqueta fixada no canto superior direito); BARCINSKI// KS / 166// GUIGNARD // desenho "Ouro //Preto (verso da moldura etiqueta fixada no canto inferior esquerdo).	DF/07.0001.083
Oswaldo Goeldi	<i>Natureza morta com cabeças de peixe</i> (atribuído)	1961 (Século XX - antes de 1961)	Desenho. Carvão sobre papel	Apartamento do Ministro do Estado	25 x 31,5	IPHAN, 2008	—	—	Osw. Goeldi (anverso, canto inferior direito); ARTEFACT//Molduras//R. GENERAL CALDWELL, 215 TEL: 223 - 3809//C.G.C. 33.447.277 - INSC. 102.361.00 IND. BRASILEIRA.	DF/07.0001.084
Cândido Portinari	<i>Sem título</i>	1939 (cerca)	Desenho. Nanquim sobre papel	Apartamento do Ministro do Estado	46,7 x 55,1	IPHAN, 2008	—	—	BARCINKI//GAM/256//PORTINARI//desenho assinado (verso etiqueta fixada no cartão que fecha a moldura)	DF/07.0001.0085
Frans Janszoom Post	<i>Arx Nasso VII</i>	1645	Xilogravura pintada	Apartamento do Ministro do Estado	39,2 x 51,1	IPHAN, 2008	—	—	ARX//NASSO VII (anverso , parte superior direita); F.POST // 1645 (anverso, canto inferior esquerdo); A. ARX // B. Domus fabrilis. C .Nigritaru sedes . // D. Navis in statione sua; E. Mare (anverso, parte inferior); N° 23 (anverso, canto inferior direito abaixo do campo da gravura).	DF/07.0001.0086
Man Ray (Emmanuel Radnitsky)	<i>Sem título</i>	1916	Litografia	Apartamento do Ministro do Estado	57 x 44,3	IPHAN, 2008	—	—	Man Ray//1916 (anverso, canto inferior esquerdo); Epreuve d' Artiste (anverso, parte inferior central); Man Ray (anverso, canto inferior direito).	DF/07.0001.0087

Anna Letycia Quadros	Três caixas e conchas (atribuído)	—	Gravura em metal	Apartamento do Ministro do Estado	19,5 x 59,5	IPHAN, 2008	—	—	14/20 (anverso, campo inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Anna Letycia (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0088
						Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.				
Isabel Pons Iranzo	Abelha rainha	1966	Gravura em metal	Apartamento do Ministro do Estado	29,9 x 39,6	IPHAN, 2008	—	—	P.A. Tirí par l' artiste. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); " Abelha Rainha " (anverso, parte inferior central, abaixo do campo); Isabel pons 66 (anverso, parte inferior direita, abaixo do campo da gravura).	DF/07.0001.0089
						Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> . Acessado em: 02/02/2019.				
Antônio Bandeira	Cidade	1960	Pintura. Óleo sobre tela	Apartamento do Ministro do Estado	80 x 100,5	IPHAN, 2008	—	Data: 20/11/1961	BANDEIRA//60 (anverso, canto inferior direito); À DIVISÃO CULTURAL//DO MINISTÉRIO DAS//RELAÇÕES EXTERIO//RES//--//RIO 20-11-1961//--//ANTONIO BANDEIRA//--//ÓLEO - 1,00 X 0,81//--// " CIDADE "	DF/07.0001.0090
						Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> . Acessado em: 02/02/2019.				
Antônio Bandeira	In the Park	1955	Pintura. Óleo sobre tela	Apartamento do Ministro do Estado	101,5 x 126,5	IPHAN, 2008	—	Data: 20/11/1961	BANDEIRA//55 (anverso, canto inferior direito); ANTÔNIO BANDEIRA// " In the park " //London 1955 (verso, canto superior esquerdo); FRAGILE HANDLE WITH CARE//Antônio Bandeira In the Park//From THE ROYAL COLLEGE OF ART//London, S.W.7 (verso, em etiqueta fixada na lona, parte esquerda)	DF/07.0001.0091
Hannah Brandt	Fragmentos I	1973	Xilogravura	Apartamento do Ministro do Estado	76,4 x 56	IPHAN, 2008	—	—	Prova de artista I/IV (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Hannah//1973 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); BIENAL DE SÃO PAULO//P23//Mome e Sobrenome Hannah Brandt//Título da obra Fragmentos I//altura - largura//Categoria e dimensões gravura 87,5 x 66,5//Técnica xilogravura//Prêço de venda Cr\$ 800,00 - sem moldura Cr\$ 450, -//Proprietário a artista//Enderêço R. Maestro Elias Lobo, 842//01433 - S. Paulo (verso, etiqueta fixada no vidro, parte superior)	DF/07.0001.0092
Dionísio Del Santo	Permuta CXIX	1975	Estampa. Serigrafia	Gabinete do Ministro de Estado	42,0 x 41,8	IPHAN, 2008	—	—	Permuta CXIX = 1/2 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); (global = 150 unidades) (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); D. Del Santo. 1975 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0093
						ZANINI, Walter (org). História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.				

Dionísio Del Santo	<i>Permuta LXXV</i>	1975	Estampa. Serigrafia	Gabinete do Ministro de Estado	42,0 x 41,8	ZANINI, Walter (org). História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walthier Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.	—	—	Permuta LXXV = 1/1 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); (global = 150 unidades) (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); D. Del Santo. 1975 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); gb//molduras//C.L.S. 114 - BL. A - Lj. 37 - BRASÍLIA - DF//TEL: 43-5443 (verso, etiqueta sobre eucatex, parte superior)	DF/07.0001.0094
Sílvio Oppenheim	<i>Sem título</i>	—	Pintura	Apartamento do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0095; TQ-0103
Alfredo Volpi	<i>Casario</i> (atribuído)	1950 (Século XX, sem data definida)	Estampa. Serigrafia	Apartamento do Ministro de Estado	79,0 x 52,5	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	Data: 20/11/1961	127/200 (anverso, canto inferior esquerdo); A. Volpi (anverso, canto inferior direito)	DF/07.0001.0096
Fayga Ostrower	<i>IV - Tarde</i>	1974	Estampa. Serigrafia sobre papel	Apartamento do Ministro de Estado	51 x 36,5	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	—	115/150 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); IV - Tarde (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Ostrower 74 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0097
Fayga Ostrower	<i>IV - Noite</i>	1974	Estampa. Serigrafia sobre papel	Apartamento do Ministro de Estado	51 x 36,5	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	—	115/150 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); IV - Noite (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Ostrower 74 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0098
Fayga Ostrower	<i>IV - Crépusculo</i>	1974	Estampa. Serigrafia sobre papel	Apartamento do Ministro de Estado	51 x 36,5	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	—	115/150 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); IV - Crépusculo (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Ostrower 74 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0099
Antônio Bandeira	<i>Construção branca</i>	1962	Pintura. Óleo sobre tela	Gabinete do Secretário Geral	162,5 x 97	IPHAN, 2008	—	—	CONSTRUÇÃO BRANCA//antônio bandeira//" (...) " - OLEO - 0,97 X 1,62//1962 (verso, etiqueta fixada no canto superior esquerdo); FRAGILE HANDLE WITH CARE//Antonio Bandeira White Construction//From THE ROYAL COLLEGE OF ART//London, S.W.7 (verso, etiqueta fixada na ripa vertical do chassi, parte inferior); oB (?) (anverso, em relevo no canto inferior direito).	DF/07.0001.0102
William Gore Ouseley	<i>Victory hill and cemetery, harbour of Bahia</i>	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0103; TQ-0111
William Gore Ouseley	<i>Botafogo bay, suburbs of Rio de Janeiro</i>	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0104; TQ-0112

William Gore Ouseley	Corcovado mountain, from Praia Grande, Rio de Janeiro	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0105; TQ-0113
William Gore Ouseley	Mangueiras, suburbs of Rio de Janeiro (for some years occupied by the British legation)	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0106; TQ-0114
William Gore Ouseley	Convent near Rio de Janeiro	1852	Estampa. Litogravura pintada	Gabinete do Secretário Geral	16,8 x 22,0	IPHAN, 2008 Bolsa de arte do Rio de Janeiro. < http://www.bolsadearte.com >	—	—	W. GORE OUSELEY DEL. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); PRINTED AT 70 ST. MARTINS LANE. (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); J. NEEDHAM LITH. (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); CONVENT NEAR RIO DE JANEIRO (anverso, parte inferior central, abaixo das inscrições); ENCADREMENTS & EAUX - FORTES//5 Artiges TEL.//P48//R.Schleiper 90//L 39//43-47, RUE GRAY - BRUXELLES 4 (verso, etiqueta fixada na moldura, canto superior direito)	DF/07.0001.0107
William Gore Ouseley	Chapel & Fortaleza os Boa Viagem – Rio Janeiro	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0108; TQ-0116
William Gore Ouseley	Entrance of harbour of Rio de Janeiro & Sugar Loaf rock	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0109; TQ-0117
William Gore Ouseley	Aqueduct & Convent of Sta. Teresa, Rio de Janeiro	1852	Estampa. Litogravura pintada	Gabinete do Secretário Geral	16,8 x 22,0	IPHAN, 2008 Bolsa de arte do Rio de Janeiro. < http://www.bolsadearte.com >	—	—	W. GORE OUSELEY DEL. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); PRINTED AT 70 ST. MARTINS LANE. (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); J. NEEDHAM LITH. (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); AQUEDUCT & CONVENT OF Sta. TERESA//RIO DE JANEIRO (anverso, parte inferior central, abaixo das inscrições); ENCADREMENTS & EAUX - FORTES//5 Artiges TEL.//P48//R.Schleiper 90//L 39//43-47, RUE GRAY - BRUXELLES 4 (verso, etiqueta fixada na moldura, canto superior direito)	DF/07.0001.0110;
Emanuel Araújo	Sem título	—	Estampa	Gabinete do Secretário Geral	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0111; TQ-0119
M.E. de la Roza Astorga	Sem título	—	Pintura	Sala de Imprensa	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0112; TQ-0120
Masanori Uragami	Brasil, Rio de Janeiro, Palácio Itamaraty	—	Pintura	Sala de Imprensa	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0113; TQ-0121

						IPHAN, 2008			
						Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php >			E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Amadou Bâ	<i>Sem título</i>	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	19,3 x 29,5	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com > IPHAN, 2008	—	—	DF/07.0001.0114
						Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php >			E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Amadou Bâ	<i>Sem título</i>	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,6 x 19,3	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com >	—	—	DF/07.0001.0115
J. M. Nedelel	<i>Sem título</i>	1975	Gravura em metal	Sala de Imprensa	10,0 x 14,5	IPHAN, 2008	—	Data: 20/11/1961	EA (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); J.M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
J. M. Nedelel	<i>Sem título</i>	1975	Gravura em metal	Sala de Imprensa	19,8 x 14,5	IPHAN, 2008	—	Data: 20/11/1961	EA (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); J.M. Nedelel (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Ousmane Faye	<i>Figura feminina dançando</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	7,3 x 19,4	IPHAN, 2008 "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com > IPHAN, 2008	—	—	E.A. (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Ousmane Faye (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Ousmane Faye	<i>Quatro figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	19,5 x 14,8	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com >	—	—	E.A. (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Ousmane Faye (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
S. N.' Diaye	<i>Paisagem</i> (atribuído)	1950 (Século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,5 x 19,2	IPHAN, 2008	—	—	E. A (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); S. N. Diaye (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
S. N.' Diaye	<i>Cena imaginária</i> (atribuído)	1950 (Século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	15,2 x 19,4	IPHAN, 2008	—	—	E. A (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); S. N. Diaye (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Ousmane Faye	<i>O sapato</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	30,0 x 29,5	IPHAN, 2008 "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com >	—	—	Ousmane Faye (anverso, parte inferior direita)
Fayga Ostrower	<i>I. Aurora</i>	1974	Estampa. Serigrafia sobre papel	Sala de Imprensa	43,5 x 30,5	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: < http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm > Acessado em: 02/02/2019.	—	—	117/150 (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); I. Aurora (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Ostrower 74 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)

						IPHAN, 2008				
						Encyclopédie Universalis. <http://www.universalis.fr/index_decouv.php>			E.A. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0124
Amadou Bâ	Animal a galope (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,6 x 19,4	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". <http://www.thefreelibrary.com> IPHAN, 2008	—	—		
						Encyclopédie Universalis. <http://www.universalis.fr/index_decouv.php>			E.A. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0125
Amadou Bâ	Pássaro (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	9,5 x 7,4	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". <http://www.thefreelibrary.com> IPHAN, 2008	—	—		
						Encyclopédie Universalis. <http://www.universalis.fr/index_decouv.php>			E.E. II (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0126
Amadou Bâ	Pássaro (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	19,2 x 7	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". <http://www.thefreelibrary.com>	—	—		
									Artist's Proof (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); " Sixth Sense " (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); De Lamónico//N. York 72. (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); 122//Museo de Arte Moderna//Bogotá - Colômbia//Autor Roberto de la Mónica//Título Sexto Sentido//Técnica intaglio//Dimensiones//Nacionalidad Brasil; 1974//Proprietario//Fotografia (verso, etiqueta fixada sobre o papelão, parte inferior direita, de ponta cabeça)	DF/07.0001.0127
Roberto de Lamonica	Sixth Sense	1972	Estampa. Técnica mista	Sala de Imprensa	81 x 65	IPHAN, 2008	—	—		
									Artist's Proof (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); " Groovy n° 3 " (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); De Lamónico//W. (sic) York 69 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); Brasil//De Lamônica//groovy n° 3//Itamarati (verso, a caneta em etiqueta fixada no eucatex, lado direito); De Lamonica//groovy n° 3//Itamaraty (verso, a caneta em etiqueta fixada no eucatex, lado direito)	DF/07.0001.0128
Roberto de Lamonica	Groovy n° 3	1969	Gravura em metal	Sala de Imprensa	71 x 61	IPHAN, 2008	—	—		
									E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical)	DF/07.0001.0129
J. M. Nedelel	Sem título	1975	Gravura em metal	Sala de Imprensa	9,5 x 7	IPHAN, 2008	—	—		

J. M. Nedelel	<i>Sem título</i>	1975	Gravura em metal	Sala de Imprensa	7,2 x 9,5	IPHAN, 2008	—	—	E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical) E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical) E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical)	DF/07.0001.0130
J. M. Nedelel	<i>Sem título</i>	1975	Gravura em metal	Sala de Imprensa	7 x 9,5	IPHAN, 2008	—	—	E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical) E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical)	DF/07.0001.0131
J. M. Nedelel	<i>Sem título</i>	1975	Gravura em metal	Sala de Imprensa	9,5 x 7,2	IPHAN, 2008	—	—	E.A (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); J. M. Nedelel 75 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); SEI //Sala "F"//POSTER//S/gravura (verso, sobre o eucatex, na vertical)	DF/07.0001.0132
Amadou Bâ	<i>Quatro figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	17 x 17,3	IPHAN, 2008 Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php > "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com > IPHAN, 2008	—	—	E.E. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0133
Amadou Bâ	<i>Quatro figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	56,2 x 69	IPHAN, 2008 Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php > "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com > IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0134
Amadou Bâ	<i>Quatro figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,6 x 9,6	IPHAN, 2008 Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php > "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com > IPHAN, 2008	—	—	E.E. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0135
Amadou Bâ	<i>Três figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,6 x 19,3	IPHAN, 2008 Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php > "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com >	—	—	—	DF/07.0001.0136

						IPHAN, 2008			
						Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php >			E.E. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Amadou Bâ	<i>Figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,5 x 9,7	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com > IPHAN, 2008	—	—	DF/07.0001.0137
						Encyclopédie Universalis. < http://www.universalis.fr/index_decouv.php >			E.E. (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)
Amadou Bâ	<i>Três figuras</i> (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	14,5 x 19,3	"Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com >	—	—	DF/07.0001.0138
									P/A (B75) SERIGRAFIA A MASSUO NAKAKUBO 1975 (anverso, canto inferior, abaixo do campo da gravura); Nome e pseudônimo/MASSUO NAKAKUBO//CAIXA POSTAL 3656 SP//Título da obra: SERIGRAFIA A (PIA)//Categoria e dimensões: GRAVURA 73 x 73 cm/Técnica: SERIGRAFIA S/PAPEL//Preço de venda Cr\$ - 1.500,00//Propriedade://Endereço: (verso, datilografado em etiqueta fixada sobre a madeira canto inferior)
Massuo Nakakubo	<i>Serigrafia "A"</i>	1975	Estampa. Serigrafia sobre papel	Sala de Imprensa	51 x 51	IPHAN, 2008	—	—	DF/07.0001.0139
									P/A (B75) SERIGRAFIA A MASSUO NAKAKUBO 1975 (anverso, canto inferior, abaixo do campo da gravura); Nome e pseudônimo/MASSUO NAKAKUBO//CAIXA POSTAL 3656 SP//Título da obra: SERIGRAFIA A (PIA)//Categoria e dimensões: GRAVURA 73 x 73 cm/Técnica: SERIGRAFIA S/PAPEL//Preço de venda Cr\$ - 1.500,00//Propriedade://Endereço: (verso, datilografado em etiqueta fixada sobre a madeira, canto inferior)
Massuo Nakakubo	<i>Serigrafia "E"</i>	1975	Estampa. Serigrafia sobre papel	Sala de Imprensa	51 x 51	IPHAN, 2008	—	—	DF/07.0001.0140
						IPHAN, 2008			
Darel Valença Lins	<i>Sem título</i>	1968	Pintura. Óleo sobre tela sobre eucatex	Sala de Imprensa	90 x 90	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais < http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm >	—	—	D (...)//68 (anverso, canto inferior direito)
						IPHAN, 2008			
Darel Valença Lins	<i>Tríptico</i> (atribuído)	1968	Pintura. Óleo sobre tela sobre eucatex	Sala de Imprensa	91 x 271,5	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais < http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm >	—	—	DF/07.0001.0142 (142a, 142b, 142c)

						IPHAN, 2008				
Amadou Bâ	Passáro e canoa (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	19,5 x 29,5	Encyclopédie Universalis. <http://www.universalis.fr/index_decouv.php> "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com> IPHAN, 2008	—	—	E.E.I (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0143
Amadou Bâ	Passáro e canoa (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Gravura em metal	Sala de Imprensa	19,5 x 29,5	Encyclopédie Universalis. <http://www.universalis.fr/index_decouv.php> "Panting fictions/panting history: modernist pioneers at Senegal's École des arts ". < http://www.thefreelibrary.com>	—	—	E.C (anverso, canto inferior esquerdo abaixo do campo da gravura); Amadou Bâ (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura)	DF/07.0001.0144
Lívio Abramo	Cubatão	1935	Xilogravura	Sala de Imprensa	22,0 x 14,0	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	—	Lívio Abramo (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); P. de A (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Cubatão - 1935 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); EXQUADRÃO//MOLDURAS LTDA.//(...) INGLESES, 325 - S. PAULO//INSC. EST. 108.111.708 (verso, etiqueta fixada no eucatex, canto inferior esquerdo); "Cubatão" - 1939//Autor: LÍVIO ABRAMO//Ver R.B nº 2 (verso, canto superior direito do eucatex, quase ilegível)	DF/07.0001.0145
Lívio Abramo	Angra dos Reis	1933	Xilogravura	Sala de Imprensa	18,5 x 16,3	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	—	Lívio Abramo (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); P. de A (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Angra dos Reis - 1933 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); EXQUADRÃO//MOLDURAS LTDA.//(...) INGLESES, 325 - S. PAULO//INSC. EST. 108.111.708 (verso, etiqueta fixada no eucatex, canto inferior esquerdo); " Angra dos Reis " - 1933//(xilogravura)//Autor: LÍVIO ABRAMO//Ver R.B nº 1 (verso, canto superior direito do eucatex, quase ilegível)	DF/07.0001.0146
Darel Valença Lins	Desenho nº 8	1963	Desenho. Nanquim sobre papel	Sala de Imprensa	63,8 x 77,2	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm> Acessado em: 02/02/2019.	—	—	Da (...)//63 (anverso, canto inferior direito) (...) São Paulo//setembro - dezembro 1963//(...) me e so (...).Jome Darel V. Lins//(...)ítulo da (...)Desenho nº 8//altura - largura//Categoria e dimensões 60 70//Técnica Bico de Pena//Preço de venda 100.000,00//Proprietário Artista//Endereço R. Almirante Alexandrino 882/903//Favor colocar uma destas e (...)vetas no verso da obra;para as eculturas//colar em baixo da base (...) peça. (verso, etiqueta fixada no eucatex, parte inferior central)	DF/07.0001.0147

Lívio Abramo	Rio	1954	Xilogravura	Sala de Imprensa	21 x 19	Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: < http://www.itaucultural.org.br/aplicext_ernas/enciclopedia_ic/index.cfm > Acessado em: 02/02/2019.	—	—	Lívio Abramo (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura); P. de A (anverso, parte inferior central, abaixo do campo da gravura); Rio - 1954 (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); "Rio" 1954 (xilogravura)//Autor: LÍVIO ABRAMO//verso, canto superior direito do eucatex, quase ilegível); EXQUADRÃO//MOLDURAS LTDA.//(...) INGLESES, 325 - S. PAULO//INSC. EST. 108.111.708 (verso, etiqueta fixada no eucatex, canto inferior direito)	DF/07.0001.0148
Sérgio Telles	Cena de rua (atribuído)	1950 (Segunda metade do século XX)	Estampa. Litogravura	Sala de Imprensa	39 x 55,5	IPHAN, 2008 GOUVÊA, Renato Magalhães. Sérgio Telles. São Paulo: Renato Magalhães Gouvêa escritório de arte, 1981.	—	—	Épreuver d' artiste (anverso, canto inferior esquerdo, abaixo do campo da gravura) (...) Telles (anverso, canto inferior direito, abaixo do campo da gravura); Mundo//das//Molduras//Tudo na arte de emoldurar//SCLN 307 Fone: 347-1833//Bloco D. Lj. 4 fax: 349-5533 (verso, etiqueta fixada no vidro, lado direito).	DF/07.0001.0149
Alfredo Volpi	O sonho de Dom Bosco	1966	Arte integrada. Afresco	Corredor de acesso à Sala dos Tratados	336 x 465	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais: < http://www.itaucultural.org.br/aplicext_ernas/enciclopedia_ic/index.cfm > Acessado em: 02/02/2019.	—	—	A. Volpi (canto inferior direito)	DF/07.0001.0150
Bruno Giorgi	O Meteoro	—	Escultura	Sala do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0151; VS-0001
Rodin	A Eterna Primavera	—	Escultura	Sala do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0152; VS-0002
G. Flamand	Barão do Rio Branco	—	Busto	Sala do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0156; VS-0006
Rodrigo Bernardelli	José Bonifácio	—	Busto	Hall da Sala do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0157; VS-0007
Franz Weissmann	Metamorfose	1958	Arte integrada. Escultura	Mezanino	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0158; VS-0008
Athos Bulcão	Sem título	—	Arte integrada. Trelença	Sala dos Tratados	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0159; VS-0009
Bruno Giorgi	Barão do Rio Branco	—	Herma	Sala dos Tratados	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0160; VS-0010
Bruno Giorgi	Duarte da Ponte	—	Herma	Sala dos Tratados	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0161; VS-0011
Bruno Giorgi	Alexandre Gusmão	—	Herma	Sala dos Tratados	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0162; VS-0012
Zélia Salgado	Folhagem	—	Escultura	Jardim do Térreo	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0163; VS-0013
Rubem Valentim	Sem título	—	Relevo	Hall do auditório	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0164; VS-0014
Sérgio Camargo	Muro Estrutural	—	Arte integrada. Escultura	Auditório	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0165; VS-0015

Emanoel Araújo	<i>Sem título</i>	—	Arte integrada. Relevo	Hall do auditório	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0166; VS-0016
Athos Bulcão	<i>Sem título</i>	—	Arte integrada. Relevo	Salão do Térreo	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0167; VS-0017
Victor Brecheret	<i>Nú deitado</i>	—	Arte integrada. Escultura	Terraço	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0168; VS-0018
Alfredo Ceschiatti	<i>Duas Amigas</i>	1968	Arte integrada. Escultura em bronze	Terraço	255 x 127 x 58	Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.18-19	—	—	CESCHIATTI/RIO (na base, parte frontal, à esquerda). FUNDIÇÃO ZANI RIO (na base, parte lateral, à direita).	DF/07.0001.0169
Maria Martins	<i>A mulher e sua sombra</i>	1949	Escultura	Terceiro andar (local original: jardim do térreo)	150 x 48 x 200	Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.36-37. www.bienalsaopaulo.globo.com acesso em 26/10/2007	—	Doação do Artista	s/marcas.	DF/07.0001.0170
Maria Martins	<i>Canto da noite (?) Canto à noite</i>	1968	Arte integrada. Escultura em bronze	Terraço	170 x 203 x 122	Palácio do ITAMARATY Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 2002. p.23.	—	Compra: 1967	s/ marcas.	DF/07.0001.0171
Lasar Segall	<i>Três Jovens</i>	1939	Arte integrada. Escultura em bronze	Terraço	155 x 83 x 73	IPHAN, 2008 Palácio ITAMARATY Brasília: Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 2002.	Museu Lasar Segall	Doação: 2001	s/ marcas.	DF/07.0001.0172
Alfredo Ceschiatti	<i>Eva</i>	1965	Arte integrada. Escultura em bronze	Terraço	147 x 47 x 34	IPHAN, 2008 Palácio ITAMARATY Brasília: Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 2002.	—	—	A. Ceschiatti. (na parte frontal da base)	DF/07.0001.0173
Luiza Miller (Lulu Andrada)	<i>Pássaro de Fogo</i>	1960 (Século XX - Anos 60)	Escultura em cobre	Sala D. Pedro I	175 x 50 x 136	IPHAN, 2008 IPHAN, 2008 www.solardaslajes.com.br Acesso em 20/11/2007.	—	—	L. Miller (in cavo, na base, à esquerda).	DF/07.0001.0174
Pedro Correia de Araújo	<i>Revoada de Pássaros</i>	1968	Arte integrada. Objeto de iluminação	Sala D. Pedro I		Palácio do ITAMARATY Brasília: Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra ,2002. p.21.	—	Compra	s/Marcas.	DF/07.0001.0175
Sofia Zapana Hannover	<i>Mariscal Antonio Jose de Sucre</i>	2006	Escultura em bronze. Busto	Secretaria Geral (Corredor)	64 x 47,5 x 20	IPHAN, 2008	—	Data: 2006	Sofia Zapana/2006 (na base parte posterior à esquerda).	DF/07.0001.0176
Silvia Vignola	<i>General José Gervásio Artigas</i>	2006	Escultura em bronze. Busto	Secretaria Geral (Corredor)	70 x 57 x 29	IPHAN, 2008 www.correo.com.ur Acesso em 26/12/2007	—	Data: 2006	Adaptacion del Modelo/V.L. Blanes/ Esc. Silvia Vignola Ltda./2006/MONTEVIDEO.URUGUAY (no dorso, parte inferior, à esquerda com logomarca da empresa).	DF/07.0001.0177

						IPHAN, 2008				
Julio Cesar Briceño	Libertador Simon Bolivar	2006	Escultura em bronze. Busto	Secretaria Geral (Corredor)	64 x 64 x 32	www.esculturasjuliocesar.com Acesso em 18/11/2007	—	Data: 2006	JULIO CESAR BRICEÑO 2006 VENEZUELA (no dorso em meia-lua).	DF/07.0001.0178
Autor não identificado	General Don José de San Martín	2006	Escultura em bronze. Busto	Secretaria Geral (Corredor)	72 x 62 x 27	www.guatire.com Acesso em 16/12/2007 IPHAN, 2008 www.pachami.com Acesso em 28/12/2007	—	Data: 2006	BALDONI BRONCES/ ARGENTINA/2006 (parte posterior, à esquerda). GRAL DON JOSÉ DE SAN MARTIN/ 1778-1850	DF/07.0001.0179
José Guerra	Mulher Vitória (?) Mulher alada	1985	Escultura em cobre	Hall do elevador da sala D. Pedro I	90 x 45 x 30	IPHAN, 2008	—	—	Suerra 86.6.10 (na parte posterior, martelada em pontilhados).	DF/07.0001.0180
Ione Saldanha	Bambu	1970 (Circa)	Escultura. Taquara rústica pintada.	Sala D. Pedro II	247 x 18,5	IPHAN, 2008 Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.82	—	—	s/marcas.	DF_07.0001.0196
Ione Saldanha	Bambu	1970 (Circa)	Escultura. Taquara rústica pintada.	Sala D. Pedro II	229 x 16,5	IPHAN, 2008 Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.82	—	—	s/marcas.	DF_07.0001.0197
Ione Saldanha	Bambu	1970 (Circa)	Escultura. Taquara rústica pintada.	Sala D. Pedro II	185 x 17,5	IPHAN, 2008 Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.82	—	—	s/marcas.	DF_07.0001.0198
Ione Saldanha	Bambu	1970 (Circa)	Escultura. Taquara rústica pintada.	Sala D. Pedro II	196 x 15,5	IPHAN, 2008 Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.82	—	—	s/marcas.	DF_07.0001.0199
Félix Maurice Charpentier	José Bonifácio de Andrada e Silva	1906	Escultura em bronze. Busto	Gabinete do Secretario Geral	55 x 63 x 40	IPHAN, 2008	Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty	Transferência 20/10/2004	F. Sharpentier /1906 (no dorso à esquerda), F. Rudier Fondeur (no dorso, à direita), JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA /E/SILVA/1763-1838 (na parte frontal da base).	DF_07.0001.0208
Autor não identificado	Barão do Rio Brando	1900 (Século XX, sem data exata)	Escultura em bronze.	?	46 x 30 x 22	IPHAN, 2008	—	—	—	DF_07.0001.0209
Jose Belloni	Recordação do Campo	1900 (Século XX, sem data exata)	Escultura em bronze.	Sala do Secretário Geral	30 x 29 x 91	IPHAN, 2008	Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty	—	JOSE BELLONI (sublinhado, na parte anterior, à direita).	DF_07.0001.0210

A. Hungerbuhle	<i>Getúlio Vargas</i>	1900 (Século XX, sem data exata)	Escultura em bronze. Busto	Hall da Sala do Secretario Geral	70 x 65 x 33	IPHAN, 2008 www.fgv.br Acesso em 10/10/2007. Cavalcanti, Carlos (ORG.) Dicionário de Artes Plásticas. Brasília: MEC/INL, 1974. (Coleção Dicionários Especiais), 2 VOL.	Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty	Transferência 07/03/2005	A. hungerbuhle (no dorso, à direita) CASA DA MOEDA /BRASIL (no dorso, à esquerda).	DF_07.0001.0216
A. Lahoir (?) A. hamoir (?)	<i>Barão do Rio Branco</i>	1910 (Cerca)	Escultura em mármore. Busto	Sala Rui Barbosa	65 x 21 x 32	IPHAN, 2008	—	—	A.LAMOIR (?) (no dorso, na altura do ombro, à esquerda.)	DF_07.0001.0217
Vicente do Rego Monteiro	<i>Rui Barbosa</i>	1970	Escultura em bronze. Busto	Sala Rui Barbosa	61 x 32 x 23	IPHAN, 2008	—	—	s/Marcas.	DF_07.0001.0218
Autor não identificado	<i>Bernardo O'Higgins Riquelme</i>	2006	Escultura em bronze. Busto	Secretaria Geral	56 x 40 x 20	IPHAN, 2008	—	—	—	DF_07.0001.0219
Mary Vieira	<i>Ponto de encontro</i>	1970	Arte integrada. Escultura. Alumínio anodizado e mármore.	Térreo	160 x 28 x 100	IPHAN, 2008 Tridimensionalidade/Instituto Itaú cultural. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto Itaú cultural , 1997. 240p. p.92-93	—	—	Polivolume ponto de encontro/Maryvieira - Brasília 1970 (incavo no pedestal de mármore, na parte frontal, em preto.)	DF_07.0001.0220
Otto Dumovich	<i>Santiago Dantas</i>	2006	Escultura em bronze. Busto	Subsolo	86 x 60 x 50	IPHAN, 2008	—	—	Otto/Dumovich (na base, lateral esquerda). Prof. Santiago Dantas/ * 30 de Outubro de 1911/ + 06 de Setembro de 1964/Oferecimento da Associação dos diplomatas brasileiros (ADB)/Ao ITAMARATY / pelo transcurso de 43 anos do/falecimento daquele que foi um paladino da/política externa independente/ Brasília, 06 de Setembro de 2006. (na parte frontal do pedestal , na placa de metal dourado)	DF_07.0001.0232
Bruno Giorgi	<i>Meteoro</i>	1967	Arte integrada. Escultura em mármore	Espelho d'água	400	IPHAN, 2008 Epstein, Piedade(ORG). Bruno Giorgi 1905-1993. São Paulo: Metalivros, 2001. p.94-95; 99-100. Giorgi,Bruno. Depoimento. Programa de História Oral. Brasília, Arquivo público do Distrito Federal, 1989, 19p.	—	—	S/ marcas.	DF_07.0001.0234
Hildebrando Lima	<i>Barão do Rio Branco</i>	1970	Relevo em bronze	Térreo (na "Parede" de Athos Bulcão)	40 x 5	IPHAN, 2008	—	—	Hildebrando/Lima 1970 (na orla inferior, à direita)	DF/07.0001.0262
Autor não identificado	<i>Sem Título</i>	1900 (Século XX, sem data exata)	Escultura em bronze	Cerimonial	115 x 30 x 20	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.0279
Raymond Frajmund	<i>Casacas do Cerrado</i>	1960	Fotografia	Cerimonial	100 x 135	IPHAN, 2008 Mendes, Manoel. O Cerrado de Casaca. Brasília: The-Saurus, 1955.p.399-403	Raymond Frajmund	Doação do autor	R. Frajmund /07 JUN - 1960v(a caneta com tinta preta, na margem, inferior, mais à direita) Brasília 7 de junho de 1960 /Raymond E. Frajmund (a caneta, com tinta preta, no canto inferior à esquerda).	DF/07.0001.0282
Autor Não identificado	<i>S/ Título</i>	1900 (Século XX, sem data exata)	Escultura. Ferro (?)	Cerimonial	53 x 67; 75 x 14 (base)	IPHAN, 2008 www.acibdf.com.br Acesso em 18/12/2007	—	—	—	DF/07.0001.0283

						IPHAN, 2008				
José Pedrosa	A pomba da Paz	1954	Escultura em bronze	Sala D.Pedro I	45 x 20 x 50	Tridimensionalidade/Instituto cultural Itaú. Apresentação de Ricardo Ribenboim. São Paulo: Instituto cultural Itaú, 1997. 240p. p.32-33	—	—	s/Marcas	DF/07.0001.0284
Sonia Ebling	S/ Título	1960 (Anos 60)	Relevo em concreto	Apartamento do Ministro de Estado	224 x 227 x 7,5	IPHAN, 2008 www.soniablingsculturas.com.br	—	—	Ebling (na lateral à direita, parte interior)	DF/07.0001.0289
Autor Não identificado	Barão do Rio Branco	1900 (Século XX, sem data exata)	Escultura em bronze	Gabinete do Ministro de Estado	46 x 30 x 22	IPHAN, 2008	—	—	S/Marcas.	DF/07.0001.0290
O Paricio	S/ Título	1901 (Século XX, sem data exata)	Escultura em bronze	Apartamento do Ministro (hall da sala de estar)	16 x 22 x 31	IPHAN, 2008	—	—	O paricio 31 3//6 (na parte inferior).	DF/07.0001.0291
Autor Não identificado	Marco de Fronteira	1701 (Século XVIII, sem data exata)	Pedra de Lioz	Área externa (fachada leste em frente à entrada privativa do Ministro do Estado	245 cm de altura	IPHAN, 2008 Palácio do ITAMARATY Brasília: Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Banco Safra 2002.	—	—	—	DF/07.0001.0292
Norberto Nicola	Sabina	1980 (período de 1957 à 1980)	Tapeçaria. Tear manual/lã	Gabinete do Secretári Geral	170 x 360	IPHAN, 2008	Ateliê Douchez - Nicola (?)	—	Nicola (assinatura, canto inferior esquerdo) Ateliê Douchez - Nicola/ título: Sabina/ Autor: Roberto Nicola/ Dimensões: 256x210/ São Paulo - Brasil (carimbo sobre pano branco costurado no verso da tapeçaria) conbec/0.200023.000 (carimbo sobre pano branco costurado no verso da extremidade inferior da tapeçaria)	DF/07.0001.1270
François Desportes	"Índios pescadores" (atribuição) (fragmentos da série regional "Anciennes Indes")	1701 (Século XVIII)	Tapeçaria. Ponto gabilins, lã e seda	Sala do Secretário Geral	170 x 360	IPHAN, 2008 http://www.itaucultural.org.br/aplicexte rna/enciclopedia_ic/index.cfm Palácio Itamaraty. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Banco Safra, 2002, pág 35	—	—	François Desportes (cartão) Cozette.filce.x (canto inferior direito)	DF/07.0001.1271
Autor Não identificado	Sem título	1601 (Século XVII (?))	Tapeçaria. Ponto gabilins, lã e seda	Salas de apoio ou Sala do oratório	180 x 220	IPHAN, 2008	Diplomata Guilherme Weinschenk	Doação: Diplomata Guilherme Weinschenk	—	DF/07.0001.1272
Madeleine Colaço	"Mapa da árvore da vida" (atribuição)	1940 (a partir)	Tapeçaria. Ponto samba, lã (?)	Sala do Ministro de Estado	—	IPHAN, 2008 Encontrado em: http://www.colaco.art.br/ Visitado em: 04/07/2008	—	—	Colaço (assinatura, canto infeior direito)	DF/07.0001.1273
W. Zabaiau	Sem título	1950 (a partir)	Tapeçaria. Ponto brasileiro (?)/ Ponto lançado (?)/ lã (?)	Cerimonial	114 x 198	IPHAN, 2008	—	—	W. Zabaiau (?) (assinatura, extremidade inferior centro à esquerda)	DF/07.0001.1274

Jacques Douchez	<i>Heráldica</i>	1957 à 1980	Arte integrada. Tapeçaria. Tear, lã, tridimensional	Subsolo	320 x 200	IPHAN, 2008 Encontrado em http://www.itaucultural.org.br/aplicexte_rnas/enciclopedia_ic/index.cfm? Visitado em: 05/07/2008 IPHAN, 2008	—	—	Ateliê Douchez Nicola/ Forma tecida: "Heráldica"/ Autor: Douchez (inscrição sobre mapa vermelho costurado à tapeçaria no verso vermelho na extremidade inferior ao centro) Douchez (assinatura sobre o mapa vermelho citada acima)	DF/07.0001.1275
Roberto Burle Marx	<i>Vegetação do Planalto Central</i>	1965	Arte integrada. Tapeçaria em lã	Sala Brasília	415 x 2550	Palácio do Itamaraty. Brasília; Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 2002; pág. 142. Burle Marx, Roberto. Apud: http://www.itaucultural.org.br/aplicexte_rnas/enciclopedia_ic/index.cfm? Visitado em: 06/07/2008 IPHAN, 2008	—	—	Burle Marx (cartão)	DF/07.0001.1276
Roberto Burle Marx	<i>Sem título</i>	1965	Tapeçaria em lã - ponto corrente (?)	Gabinete do Ministro de Estado	242 x 420	Encontrado em http://www.sefa.es.gov.br/painel/ b mar. Visitado em 06/072008	—	—	R.Burle Marx (assinatura, canto inferior direito) 1965 (abaixo da assinatura) Décor Autis decorativas Ltda./ R. Toneleros 356 - Rio (etiqueta no verso)	DF/07.0001.1277
Autor Não identificado	<i>Sem título</i>	1501 (séculos XVI/XVII)	Tapeçaria. Gobelin, seda e lã	Sala D. Pedro I	—	IPHAN, 2008	—	Embaixada do Brasil em Quito/Ecuador	Sem marcas	DF/07.0001.1278
Gilda Azevedo de Azevedo	<i>Árvores (atribuição)</i>	1965	Tapeçaria em lã	Apartamento do Ministro de Estado	175 x 182	IPHAN, 2008	—	—	Sem marcas	DF/07.0001.1279
Autor Não identificado	<i>Sem título</i>	1501 (séculos XVI/XVII)	Tapeçaria. Ponto gobelin (?), lã de seda e fios de ouro (?)	Sala D. Pedro II	310 x 246	IPHAN, 2008	—	—	Sem marcas	DF/07.0001.1280
Autor Não identificado	<i>Menino Jesus</i>	1601 (Século XVII)	Escultura Religiosa. Marfim, madeira e prata	Sala do Ministro	56 x 18 x 11,5	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1282
Autor Não identificado	<i>Coroa Fechada</i>	1301 (Século XIV)	Acessório de Escultura Religiosa. Prata repuxada, martelada	Sala do Ministro	8 x 7	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1283
Autor Não identificado	<i>Nossa Senhora Divina Pastora</i>	1701 (Século XVIII)	Escultura Religiosa	Sala do Ministro	58 x 24 x 22	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1284
Autor Não identificado	<i>Santa Teresa D'Ávila</i>	1701 (Século XVIII)	Escultura Religiosa	Sala do Secretário Geral	92 x 42 x 32	IPHAN, 2008	—	—	"Inscrição no Livro" AUT PALI QUONIAN out mori VULNERATA E ANIMA EJE	DF/07.0001.1293
Autor Não identificado	<i>Palma de Banqueta</i>	1801 (Século XIX)	Palma, madeira policromada, dourada.	Sala de Portinari	Direita: Palma 101 x 53,5, Anfora 67,5 x 57; Esquerda: Palma 102 x 54, Anfora 67 x 57,5	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1296

						IPHAN, 2008				
Autor Não identificado	<i>Anjo Adorador (Par) - Direita</i>	1701 (Século XVIII)	Escultura Religiosa. Madeira dourada, policromada	Sala Portinari		ARQUIVO NORONHA SANTOS IPHAN RJ Pasta de Inventário Réquiem pela Igreja de São Pedro: Um patrimônio perdido Universo do Barroco	—	—	—	DF/07.0001.1298
Autor não identificado	<i>Santa Bárbara</i>	1701 (Século XVIII)	Escultura Religiosa. Madeira sem policromia	Sala D. Pedro II	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1304
Autor não identificado	<i>Oratório de Embutir (Ermida)</i>	1801 (Século XIX)	Oratório. Madeira policromada, ferro	Sala de Apoio - 3º Pavimento	—	IPHAN, 2008	Paracatú - MG	—	—	DF/07.0001.1314
Autor não identificado	<i>Nossa Senhora do Carmo</i>	1701 (Século XVIII)	Escultura Religiosa. Madeira dourada, policromada	Sala de Apoio	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1315
Autor não identificado	<i>Nossa Senhora da Conceição</i>	1901 (Século XX)	Escultura Religiosa. Gesso com policromia, vidro, madeira	Cerimonial, Térreo	—	IPHAN, 2008	—	—	—	DF/07.0001.1318
Vicente Rêgo Monteiro	<i>Caos</i>	1962	Pintura. Óleo sobre cartão	Sala Duas Épocas	100 x 70	IPHAN, 2008	—	—	Caos (anverso, canto inferior esquerdo) V. Monteiro, 62 (anverso, canto inferior direito)	Banco Central_0001
Aldo Bonadei	<i>Natureza morta</i>	1932	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	55 x 72,5	IPHAN, 2008	—	—	A. Bonadei 32 (anverso, canto inferior direito) N. IB3/b. 1249 Ano/Aldo Bonadei 1932/" Natureza morta"/óleo sobre tela/53 x 69 (verso, datilografado em etiqueta fixada sobre o linho) Cruzada Artística/em benefício das famílias dos combatentes/rua Libero Badaró n° 39 A/Certificado/Doador Aldo Bonadei/Objeto 1 quadro a óleo Nartureza morta/Autor O doador/São Paulo, 1932 José (...) (verso, etiqueta fixada sobre o linho)	Banco Central_0002
Aldo Bonadei	<i>Composição abstrata</i>	1957	Pintura. Óleo sobre tela	Sala Dom Pedro II	74 x 60,5	IPHAN, 2008	—	—	Bonadei 57 (anverso, canto inferior esquerdo) 60 x 73% A (verso da moldura, na parte inferior)	Banco Central_0003
Alfredo Volpi	<i>Quatro bandeiras brancas</i>	—	Pintura. Têmpera sobre tela	Sala do Secretário Geral, Hall de acesso	82 x 41	IPHAN, 2008 Enciclopédia Itaú Cultural artes visuais < http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm >	—	—	A. Volpi (verso, parte central da tela) Cosme velho/galeria de arte/declaro que a obra/n° 5490/abaixo descrita é autêntica/data - /autor Volpi/título 4 bandeiras brancas/medida 82 x 41 cms/técnica têmpera (verso, etiqueta fixada no chassi, lado direito)	Banco Central_0004
Vicente do Rêgo Monteiro	<i>Composição com Triângulos</i>	1962	Pintura. Óleo sobre cartão	Sala Rui Barbosa	100 x 70	IPHAN, 2008	—	—	N. RM5/c. 1665/Vicente do Rêgo Monteiro/" Composição com trângulos "/óleo sobre cartão/100 x 70 (verso, etiqueta datilografada e fixada no eucatex que fecha a moldura, parte superior central) V. Monteiro (anverso, canto inferior direito)	Banco Central_0005

Vicente do Rêgo Monteiro	Composição	1967	Pintura. Óleo sobre cartão	Sala Rui Barbosa	100 x 70	IPHAN, 2008	—	—	V. Monteiro. 67 (anverso, canto inferior direito) C. 1667/atestados como amigos e conhedores/da obra de vicente do rêgo monteiro, que este quadro é de sua autoria e que/já o conhecíamos mostrado por ele próprio/antes de sua morte/recife, 22 de outubro de 1971/Gilberto Freyre/Francisco Brennam/(verso, escrito no verso do cartão da pintura) N.RM3/c. 1667/Vicente do Rêgo Monteiro/"Composição "/óleo sobre cartão/100 x 70 (verso, datilografado em etiqueta colada sobre o eucatex)	Banco Central_0006
Alfredo Volpi	Cataventos	—	Pintura. Têmpera sobre tela	Sala do Oratório	73 x 49,5	IPHAN, 2008	—	—	A Volpi (verso, parte inferior direito)	Banco Central_0007
Alfredo Volpi	Bandeira branca e verde	1963	Pintura. Têmpera sobre tela	Sala do Oratório	49,5 x 82,5	IPHAN, 2008	—	—	Alfredo Volpi - " Bandeira branca e verde "/propriedade do banco central do brasil (anverso da moldura, gravado em plaquea fixada na parte central da extremidade superior) A. Volpi (verso, lado direito)	Banco Central_0008

EXPOSIÇÕES E ATIVIDADES RELACIONADAS PATROCINADAS PELO ITAMARATY / SISTEMATIZAÇÃO RELATÓRIO MRE 1930-1988

ANO	EXPOSIÇÃO	BIBLIOGRAFIA / FONTE	LOCAL (nome do museu e/ou cidade)	OUTROS PATROCINADORES / ORGANIZADORES	DESCRIÇÃO	ARTISTAS
1954	Graveurs Brésiliens	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	Kunstmuseum Bern, Suíça		Graveurs Brésiliens, Kunstmuseum Bern, em maio e junho de 1954;	
1954	Greveus Brésiliens – Rencontres Internationales de Genève	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	Musée Rath. Genebra, Suíça		Greveus Brésiliens – Rencontres Internationales de Genève, Musée Rath, de 2 a 26 de setembro de 1954	
1955	Incisioni e Disegni Brasiliani	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	Lugano, Suíça		Incisioni e Disegni Brasiliani, Lugano, de 18 de setembro a 16 de outubro de 1955	
1957	Quatre Graveurs Brésiliens – Edith Behring, João Luiz Chaves, Arthur Luiz Piza e Fayga Ostrower	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	Berna, Suíça		Quatre Graveurs Brésiliens – Edith Behring, João Luiz Chaves, Arthur Luiz Piza e Fayga Ostrower, Berne, de 5 de dezembro de 1956 a 5 de janeiro de 1957	Edith Behring, João Luiz Chaves, Arthur Luiz Piza e Fayga Ostrower
1957	Stanley William Hayter	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Stanley William Hayter, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 25 abril a 12 maio de 1957	Stanley William Hayter
1957	Alfredo Volpi – Retrospectiva	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Alfredo Volpi – Retrospectiva, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 6 junho a 7 julho de 1957;	Alfredo Volpi
1957	2 Artistas Uruguaios: Maria Freire e José Costigliolo	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		2 Artistas Uruguaios: Maria Freire e José Costigliolo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 11 de julho a 4 de agosto de 1957	Maria Freire e José Costigliolo
1957	Desenho Humorístico de Millôr Fernandes	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Desenho Humorístico de Millôr Fernandes, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 5 a 29 de setembro de 1957	Millôr Fernandes
1957	brasilien baut brasilía	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/12864	Interbau, Berlim; itinerância em Zurique, Viena e Milão (Museu da Vila Real)	Novacap	Primeira exposição internacional sobre Brasília	Mary Vieira (arte gráfica)

1958	Arte Moderno en Brasil	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuní Murtinho". http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/12864	Chile e Peru e MAM RJ	Arte Moderno en Brasil; Chile e Peru, de julho a dezembro de 1957; Coleção Permanente MAM Rio, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 27 janeiro a 23 fevereiro de 1958; 270 obras de 77 artistas	
1958	Aloísio Magalhães – Pintura e Arte Gráfica	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuní Murtinho".	MAM RJ	Aloísio Magalhães – Pintura e Arte Gráfica, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 04 setembro a 1 outubro de 1958;	Aloísio Magalhães
1958	Fridl Loos	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuní Murtinho".	MAM RJ	Fridl Loos, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 20 novembro a 19 dezembro de 1958;	Fridl Loos
1958	Nemésio Antunez	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuní Murtinho".	MAM RJ	Pintura de Nemésio Antunez 1948-1958, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 12 novembro a 07 dezembro de 1958;	Nemésio Antunez
1958	Sobre Brasília (nome?) é a itinerância da brasilien baut Brasília	http://memoria.bn.br/DocReader/ZB0028/13093 http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13451 http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13158	Unesco Paris; Institute of Contemporary Arts, Londres; Lisboa; Madrid; Barcelona; Munique; Stuttgart	Paris em novembro de 1958; composta de painéis fotográficos e maquetes dos palácios da nova capital; na última apresentação foi totalmente reformada e atualizada;	
1958	Exposição de Arquitetura Brasileira	http://memoria.bn.br/DocReader/ZB0028/13093	Buenos Aires (1958); México e Cuba (1959)	Dedicada especialmente à América Latina, compõe-se de duzentos painéis fotográficos, fotografias coloridas, maquetes de Brasília e um modelo de um dos profetas de Aleijadinho, o conjunto dividido em quatro partes: o barroco, a arquitetura contemporânea, elementos arquitetônicos e Brasília	
1958	Da obra paisagística de Roberto Burle Marx (nome?)	http://memoria.bn.br/DocReader/ZB0028/13159 http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13159	Zurique, Genebra, Munique e Stuttgart	Obra paisagística de Roberto Burle Marx	Roberto Burle Marx
1958	Exposição retrospectiva de Lasar Segall	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13452	Madrid, Veneza e Paris	Pintura e desenho de Lasar Segall	Lasar Segall
1958	De desenho e gravura de Aldemir Martins (nome?)	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13159	Nova York	Desenho e gravura de Aldemir Martins	Aldemir Martins

1958	Exposição Iberê Camargo	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13159	União Panamericana, Washington		Pintura e gravura de Iberê Camargo	Iberê Camargo
1958	Arte Decorativa Finlandesa	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13160	MAM RJ	MAM RJ	Exposição de arte decorativa da Finlândia organizada pelo artista Timo Saarpeneva; novembro	
1958	Exposição de arquitetura brasileira no Annual Home Show	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13158	Coliseu, Nova York		Organizada pelo Instituto de Arquitetos (AIA); objetos de artesanato, discos, filmes e duas maquetes de obras em andamento no Rio de Janeiro	
1959	Johnny Friedlaender	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Gravuras de Johnny Friedlaender, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 4 a 28 junho 1959;	Johnny Friedlaender
1959	Milton da Costa - Pintura e Desenho 1939-1959	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Milton da Costa - Pintura e Desenho 1939-1959, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 2 julho a 16 agosto de 1959;	Milton da Costa
1959	Alexander Calder escultura, guache	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Alexander Calder escultura, guache, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 23 de setembro a 25 de outubro de 1959;	Alexander Calder
1959	André Bloc - Escultura, Pintura, Tapeçaria, Serigrafia	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		André Bloc - Escultura, Pintura, Tapeçaria, Serigrafia, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 23 de setembro a 25 outubro de 1959;	André Bloc
1959	Pintura 1958-1959 Ione Saldanha	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Pintura 1958-1959 Ione Saldanha, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 3 a 22 de novembro de 1959;	Ione Saldanha
1959	Espaço e Cor na Pintura Espanhola de Hoje	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Espaço e Cor na Pintura Espanhola de Hoje, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de novembro a dezembro de 1959;	
1959	Sobre arquitetura brasileira	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13451	Tóquio (e mais duas cidades), Japão; Karachi, Paquistão	(itinerância)	Conteúdo similar à exposição de Buenos Aires. Projeto Maior da Unesco sobre "Apreciação mútua dos valores culturais do Oriente e do Ocidente". Paquistão também elaborou, na época, projeto de mudança da capital	

1959	Exposição de Artes Plásticas	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13452	Haus der Kunst em Munique; Academia de Belas Artes de Viena; Leverkusen na Alemanha	MAM RJ	"Composta de 145 óleos, 59 gravuras, 12 desenhos e 28 esculturas, representando mais de sessenta artistas brasileiros, constitui o maior conjunto já reunido e enviado para o exterior, e transmite uma idéia convincente da arte contemporânea em nosso país. Essa mostra permanecerá na Europa em 1960, devendo percorrer outras cidades européias" (Relatório 1959, p. 42)
1959	V Bienal de Arte de São Paulo	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13452	São Paulo	MAM SP	"O Itamaraty colaborou com a organização da representação estrangeira na V Bienal, o maior certame do gênero ocorrido no país" (Relatório 1959, p. 42)
1959	Bienal de Paris	http://memoria.bn.br/docreader/ZB0028/13452	Paris		"O Itamaraty colaborou com a organização da representação brasileira à Bienal de Paris" (Relatório 1959, p. 42)
1961	Cartazes Suíços	FORTE, Graziela Naclério. "A arte de Tuni Murtinho".	MAM RJ		Cartazes Suíços, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em abril de 1961
1962	Exposição de Arte sacra	http://memoria.bn.br/DocReader/364568_15/13639 http://memoria.bn.br/docreader/364568_15/13671			Exposição de arte sacra no Itamaraty Guanabara, Salão de Leitura. Abertura em 9 de julho 1962
1962	Fotografias e Objetos de Artesanato no Brasil	http://memoria.bn.br/DocReader/364568_15/13639	Nampo Minsku Kan (Hall da Exposição Permanente de Hábitos e Costumes dos Países do Sul da Ásia. Ilha de Enoshima, Kanagawa, Japão	Asahi Shinbun (jornal nipônico); Varig	Inaugurada no fim de junho de 1962, ficou em exposição até o dia 31 de agosto; patrocínio da Embaixada do Brasil

1966	De pintura brasileira primitiva	http://memoria.bn.br/docreader/004120/69710	Moscou; Paris		Organizadores: Ceres Franco e Jean Boghici; catálogo com introdução do crítico francês Jacques Lassaine	Heitor dos Prazeres, José Antônio da Silva, Pedro Paulo Leal, teresa D'Amico, Niobé Xandó, Graben do Monte Lima e Francisco Silva
1968	10 Gravadores Brasileiros	http://memoria.bn.br/docreader/110523_06/65977	Palácio Itamaraty		Exposição de gravadores brasileiros no Palácio Itamaraty em Brasília; abertura em 12 de julho 1968; com álbum da exposição	Fayga, Iberê, Edith, Djanira, Dacosta, Geza, Marília, Darel, Orlando da Silva e E. Sued
1972	Imagem do Brasil	http://memoria.bn.br/DocReader/761672/95162 http://memoria.bn.br/DocReader/761672/95162 http://memoria.bn.br/docreader/003581/189731 http://memoria.bn.br/DocReader/ZB0028/11647 http://memoria.bn.br/docreader/003581/189985	Brasil Export - 73	MASP		
1973	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand em Brasília	http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/40893 http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/41012 http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/41544 http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/41607 http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/41647 http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/41687	Palácio Itamaraty	MASP	Abertura em 20 de novembro de 1973; presença de políticos e presidente Médici; mesma exposição esteve no Japão com o patrocínio da cadeia jornalística "The Mainichi Newa Apers" e das grandes lojas "Matsuzakaya"; vários países; curadoria Pietro Maria Bardi (ver matéria completa em O Cruzeiro e Correio Braziliense). Encerramento em 9 de dezembro de 1973.	Dentre eles, por exemplo (citados): Rafael, Bellini, Hieronimus Bosh, Tintoretto, Memling, Lucas Cranach, Ticiano, Renoir, Van Gogh, Cezanne, Monet, Manet, Modigliani, Picasso, Portinari (O lavador de café), Eliseu Visconti, Ismael Neri, Lasar Segal, Manabu Mabe, Di Cavalcanti, Wes Duke Lee

1974	Arte Tradicional da Costa do Marfim	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/43200 http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/43218 http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/43322 http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/43427 http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/43469 http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/43936	Palácio Itamaraty	Fundação Cultural do DF; Embaixada da Costa do Marfim	522 peças pertencentes ao Museu Nacional de Abidjan: máscaras, tambores, esculturas e objetos rituais. De 14/01/1974 a 03/02/1974, das 10h às 18h	
1974	14 artistas do Brasil moderno	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/48548 http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/48920 http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/48978	Palácio Itamaraty	Fundação Cultural do DF; MASP; MAC USP; MAM RJ; Museu Lasar Segal; Mirante das Artes	Exposição promovida pela Fundação Cultural do DF, em colaboração com o MEC dentro do Plano Nacional de Cultura. Obras das coleções: MASP; MAC USP; MAM RJ; Museu Lasar Segal; Mirante das Artes. De 12 a 20 de junho 1974	Tarsila do Amaral, Lasar Segal, Osvald Goeldi, Victor Brecheret, Alberto da Veiga Guinard, Anita Malfatti, Alfredo Volpi, Emiliano Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, Ismael Nery, José Pancetti, Cândido Portinari, Djanira da Mota e Silva e Antonio Bandeira.
1976	Um século de pintura em Paris	http://memoria.bn.br/docreader/154083_03/23928	Palácio Itamaraty; MAM RJ; MAM SP	Governo brasileiro; governo francês; Air France; Vasp	73 pintores franceses em exposição no Palácio Itamaraty, MAM RJ e MAM SP. Considerada a maior mostra até então de pintores franceses no Brasil.	alguns artistas: Utrillo, Matisse, Léger, Renoir, Van Gogh, Cézanne, Picasso, Vieira da Silva, Klein, Morisot, Gronmarie, Soutine, Miró
1977	Cinco Visões de Brasil	http://memoria.bn.br/docreader/761672/124081	Palácio Itamaraty	Embratur	Abertura em 6 de setembro; comemoração da Semana da Pátria; "a exposição reúne fotografia, pinturas e desenhos de artistas que se dedicam a (?) aspectos naturais e culturais do país"	

1977	Artistas portugueses contemporâneos	http://memoria.bn.br/docreader/154083_03/26320	Palácio Itamaraty; MAM RJ; MASP SP	Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria do Estado e Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal)		
1988	Mostra de Fotografia Brasileira	Relatório MRE 1988 p. 112	Moscou			
1988	'Mostra de Arte Plumária do Indígena Brasileiro'	Relatório MRE 1988 p. 113	Madri e Barcelona			
1988	Mostra e curso de serigrafia	Relatório MRE 1988 p. 113	Canadá e América Central			Lêda Watson
1988	Exposição de Arte Barroca Brasileira	Relatório MRE 1988 p. 113	Moscou		Com peças da Coleção João Marino	
1988	Exposição de cerâmica	Relatório MRE 1988 p. 113	Madri e Roma			Dez ceramistas brasileiros
1988	'Futebol Arte do Brasil'	Relatório MRE 1988 p. 113				
1988	'Desenho Industrial Brasileiro'	Relatório MRE 1988 p. 113				
1988	'Brazil Projects'	Relatório MRE 1988 p. 114	Nova York	Contou com importante apoio financeiro de origem privada	Série de eventos realizados no primeiro semestre de 1988 e que incluiu uma mostra de cinema, uma exposição de artes plásticas centrada no movimento Neo-Concreto e apresentações de cantores populares (João Gilberto e Caetano Veloso)	Movimento Neo-Concreto
1988	'Langsdorff de volta'	Relatório MRE 1988 p. 114	Brasília (Palácio Itamaraty), Rio de Janeiro, São Paulo, Cuiabá e Belém	Contou com importante apoio financeiro de origem privada. Mostra preparada pela Fundação Pró-Memória e pelo Instituto Nacional do Livro	'Exposição do acervo de aquarelas dos artistas que participaram da expedição científica do Cônsul-geral da URSS em São Paulo, no século XIX.'	Rugendas, Taunay e Florence
1988	'Bahia, Momentos do Barroco'	Relatório MRE 1988 p. 114	Buenos Aires (Museu de Artes Decorativas)	Contou com importante apoio financeiro de origem privada. Mostra preparada pelo Instituto Cultural Brasil-Argentina, de São Paulo	Exposição de peças do Museu de Arte Sacra da Bahia	

1996	Constelações, retrospectiva de Anna Bella Geiser	http://memoria.bn.br/docreader/004120/297269	Palácio Itamaraty; MAM RJ, MAM SP e MAM BA		Primeira retrospectiva de Anna Bella Geiser, é uma síntese dos 40 anos de trabalho da artista.	Anna Bella Geiser
?	Coleção de Abelardo Barbosa	http://memoria.bn.br/DocReader/761672/95162	Brasília		Patrocínio do MRE, por meio da Divisão Cultural chefiada Gilson Barbosa; acervo de arte brasileira	
?	Retrospectiva de Lula Cardoso Ayres	http://memoria.bn.br/DocReader/761672/95162	Brasília		Patrocínio do MRE, por meio da Divisão Cultural chefiada Gilson Barbosa; artista pernambucano	Lula Cardoso Ayres
?	Bienal de Tóquio (representação brasileira)	http://memoria.bn.br/DocReader/761672/95162	Tóquio, Japão	MASP	Atividade conjunta em MASP e MRE em promoção do país no exterior. Wesley Duke Lee foi premiado. Mário Pedrosa esteve presente na abertura, onde organizou a apresentação.	Wesley Duke Lee
1988	Exposição de Arte Barroca Brasileira (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 116	Boulogne-Billancourt (arredores de Paris)		Exposição da coleção do Senhor João Marino	
1988	Fotografias de Jacques Henri Lartigues (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 117				Jacques Henri Lartigues
1988	Vitral Francês (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 117				
1988	Jovem Gravura					
1988	Contemporânea brasileira (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 117				
1988	Jovens Pintoras do Rio de Janeiro (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 117				
1988	Le Corbusier (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 117				
1988	"Modernidade" (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1988, p. 117	São Paulo			
1987	"Futebol Arte do Brasil"	Relatório MRE 1987, p. 93	Vários países da América Latina			
1987	Exposição do acervo da Fundação Roberto Marinho	Relatório MRE 1987, p. 93	Buenos Aires			
1987	"Modernidade" (Projeto Brasil-França)	Relatório MRE 1987, p. 93-94	Paris			

1986	'Futebol Arte do Brasil'	Relatório MRE 1986, p. 77	Cidade do México	Inaugurada na capital mexicana por ocasião da Copa Mundial de Futebol, transformada ulteriormente em exibição itinerante pela América Latina	
1986	Participação brasileira na Bienal de Veneza	Relatório MRE 1986, p. 77	Veneza (Itália)		
1986	Exposição de arte plumária do Brasil	Relatório MRE 1986, p. 77	Genebra, Suíça (Museu Etnográfico)		
1985	'Os Grandes Mestres do Abstracionismo Brasileiro'	Relatório MRE 1985, p. 66		Patrocinada pela Sociedade de Amigos dos Museus	
1985	'A Cor e o Desenho do Brasil'	Relatório MRE 1985, p. 66		Patrocinada pelo Centro Brasileiro de Projetos de Arte	
1985	'Today's Art of Brazil'	Relatório MRE 1985, p. 66	Tóquio, Japão		
1985	XVIII Bienal Internacional de São Paulo	Relatório MRE 1985, p. 66	São Paulo	Como acontece habitualmente, o MRE prestou assistência logística à organização da Bienal de SP	
1979	Exposições coletivas de gravadores e desenhistas contemporâneos	Relatório MRE 1979, p. 154	América Latina		não citados
1979	Exposições individuais de outros artistas	Relatório MRE 1979, p. 154	Países desenvolvidos		não citados
1978	Retrospectiva da gravadora Fayga Ostrower	Relatório MRE 1978, p. 161	Madri, Espanha (Palácio da Cultura da Cidade de Madri)		Fayga Ostrower
1978	Manutenção de instrutor brasileiro de gravura em ateliê instalado pelo Brasil	Relatório MRE 1978, p. 161	Dacar, Senegal		

1978	Bienal de Veneza	Relatório MRE 1978, p. 161	Veneza (Itália)	<p>O Itamaraty organizou a participação brasileira na Bienal de Veneza, apresentando obras de 8 artistas</p> <p>GTO (Geraldo Telles de Oliveira), Júlio Martins da Silva, Maria Auxiliadora Silva, Maria Madalena Santos Reimbolt, Wilma Martins, Carlos Alberto Fijardo, Luiz Áquila da Rocha Miranda, Paulo Gomes Garcêz, bem como audiovisuais sobre Burle Marx e sobre a comunidade indígena do Xingu</p>
1978	Esforços de difusão cultural de obras já no exterior	Relatório MRE 1978, p. 161	América Latina, sobretudo Central	<p>Relatório informa que foi incentivada a ampliação do raio de ação das exposições, procurando-se aproveitar a presença de obras no exterior para mostrá-las no maior número de Postos possível. Estimulou-se, especialmente, a coordenação das Embaixadas da América Latina (sobretudo Central) com a Embaixada em Washington.</p>
1978	Material de difusão cultural (arquitetura, urbanismo e paisagismo)	Relatório MRE 1978, p. 163		<p>Segundo o Relatório, o Itamaraty reproduziu e distribuiu, para atendimento a pedidos específicos, fotografias e diapositivos sobre arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil. Deu-se prosseguimento à divulgação da publicação "Arte Brasileira", coeditada pelo Itamaraty, bem como à distribuição de mapas e folhetos do Brasil, editados pelo IBGE, a todos os postos no exterior.</p>

1978	Filme-documentário, em 16 mm, em cores, sobre a XIV Bienal Internacional de Artes de SP, realizada em fins de 1977	Relatório MRE 1978, pp. 166-167		Produzido pelo MRE e Fundação Padre Anchieta, com base no convênio existente entre eles, e distribuído a 22 Postos no continente americano	Faz parte do objetivo de difusão nas televisões da América Latina e África de documentários produzidos no Brasil sobre temas brasileiros.
1978	Filme, em 16 mm, em cores, de divulgação da I Bienal Latino-Americana, realizada em São Paulo em novembro de 1978	Relatório MRE 1978, pp. 166-167		Distribuído e difundido juntamente com o filme-documentário sobre a XIV Bienal Internacional de Artes de SP	Faz parte do objetivo de difusão nas televisões da América Latina e África de documentários produzidos no Brasil sobre temas brasileiros.
1977	XIV Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1977, p. 193			Além do auxílio anual concedido pelo MRE, conforme convênio assinado entre o Departamento de Cooperação Cultural Científica e Tecnológica do MRE e a Fundação Bienal de SP, o Itamaraty forneceu passagens aéreas para o júri e importantes figuras do meio artístico mundial
1977	Bienal de Paris	Relatório MRE 1977, p. 193	Paris, França		'Através do apoio do MRE, artistas brasileiros participaram das seguintes exposições internacionais: não citados [...]"
1977	Bienal Latino-Americana de Gravura de Valparaíso	Relatório MRE 1977, p. 193	Valparaíso, Chile		'Através do apoio do MRE, artistas brasileiros participaram das seguintes exposições internacionais: não citados [...]"
1977	V Exposição Internacional de Arte Infantil de Seul	Relatório MRE 1977, p. 193	Seul, Coreia do Sul		'Através do apoio do MRE, artistas brasileiros participaram das seguintes exposições internacionais: não citados [...]"

1977	Diversos artistas em diversas mostras (individuais e/ou coletivas, impossível precisar)	Relatório MRE 1977, p. 193		Mostras organizadas pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores e missões diplomáticas e repartições consulares brasileiras	João Frank da Costa, Rossini Perez, Fayga Ostrower, Regina Vater, Luiz Áquila da Rocha Miranda, Carlos Morais, Domenico Calabroni, Eduardo Iglesias, Roberto Motvan, Osni Branco, Antonio Peticov, Anísio Dantas, Fúlvia Gonçalves, Arthur Luis Piza, Almir Mavignier, Arcangelo Ianelli, Edith Behring, Marcelo Grassman, Nicolas Vlavianos, Siron Franco, Cleber Gouvea, Nazareno Confaloni, Vanda Pinheiro Dias, Naura Tim de Lima, D.J. Oliveira, José Paulo Moreira da Fonseca, Glenio Bianchetti, Carlos Bracher, Ione Saldanha, Iolanda Rodrigues, entre outros
1977	II Festival Mundial de Artes e Cultura Negra e Africana (FESTAC)	Relatório MRE 1977, pp. 193-194	Lagos, Nigéria	Exposição um: escultores. Participação teve caráter antropológico e artístico e incluiu exposições, recitais, espetáculos de música (Gilberto Gil e Paulo Moura e seus conjuntos), filmes, dança e outras atividades, além de monografias sobre aspectos da presença africana no Brasil.	Francisco Biquiba y Lafuente Guarany, Geraldo Telles de Oliveira, Boaventura Silva Filho, Maurino de Araujo, Miguel dos Santos, Juarez Paraíso e Waldeloir Rego

1977	II Festival Mundial de Artes e Cultura Negra e Africana (FESTAC)	Relatório MRE 1977, pp. 193-194	Lagos, Nigéria	Exposição dois: pintores e gravadores. Participação teve caráter antropológico e artístico e incluiu exposições, recitais, espetáculos de música (Gilberto Gil e Paulo Moura e seus conjuntos), filmes, dança e outras atividades, além de monografias sobre aspectos da presença africana no Brasil.	Manoel (*Emanoel) Araujo, José de Dome, Hélio de Souza Oliveira, Rubem Valentim e Octávio de Araújo
1976	Exposições de arte e grande mostra de tapeçaria	Relatório MRE 1976, p. 237	Montevideu, Uruguai e Buenos Aires, Argentina (museus, galerias e outras atividades no âmbito dos Centros de Estudos Brasileiros)		
1976	Exposição "28 Artistas do Brasil"	Relatório MRE 1976, p. 237-238	Santiago, Montevideu e Buenos Aires	140 obras de pintura, desenho e gravura	
1976	Exposições individuais	Relatório MRE 1976, pp. 237-238	Capitais dos países andinos		
1976	Diversas mostras de artistas brasileiros	Relatório MRE 1976, p. 238	Assunção, Paraguai (no Centro de Estudos Brasileiros)		
1976	50 exposições no exterior	Relatório MRE 1976, p. 238	Washington, Paris, Suíça, Roma, Londres, Milão, Nova Déli, São Salvador, México, Copenhague, Buenos Aires, Santiago, Montevideu		

1976	Apoio a artistas convidados por galerias	Relatório MRE 1976, p. 238			Auxílio financeiro do Itamaraty para artistas transportarem suas obras e imprimirem catálogos quando convidados por galerias no exterior	
1976	Bienal de Veneza	Relatório MRE 1976, p. 238	Veneza, Itália		Pavilhão próprio e impressão de catálogo esmerado	Cláudio Tozzi, Regina Vater, Evandro Carlos Jardim, Vera Chaves Barcelos e Sérgio Augusto Porto
1976	Comemorações do Bicentenário dos EUA: exposição de arte colonial latino-americana	Relatório MRE 1976, p. 238	Washington (Smithsonian)	Itamaraty, em coordenação com o IPHAN	10 peças de grande importância no campo da ourivesaria, do mobiliário e da imaginária para grande exposição de arte colonial latino-americana	
1976	Comemorações do Bicentenário dos EUA: Exposição sobre a fotografia no Brasil no século XIX	Relatório MRE 1976, p. 238	Nova York (Center for Interamerican Relations)			
1976	Livro "Arte Brasileira"	Relatório MRE 1976, p. 240			Livro ilustrado a cores que apresenta um panorama sucinto do desenvolvimento das artes no Brasil. Apresenta capítulos sobre literatura, música erudita e popular, artes plásticas, artes decorativas, arquitetura, teatro e cinema. Tiragens em português, inglês, francês e espanhol. Publicada regularmente pela Embaixada de Madri e distribuída a todas as Missões Diplomáticas brasileiras nos países de língua espanhola. Publicada em caráter regular pela Embaixada em Buenos Aires, em espanhol	
1976	'Revista de Cultura Brasileña'	Relatório MRE 1976, p. 240				
1976	Revista "Brasil Cultura"	Relatório MRE 1976, p. 240				

1976	Coleção "Iniciação à Cultura Brasileira" (slides)	Relatório MRE 1976, pp. 240-241		Coleção de 496 slides coloridos, divididos em cinco álbuns, acompanhados de textos didáticos sobre arquitetura, escultura, pintura, gravura e conjuntos urbanos brasileiros. Foram distribuídos a todos os Centros de Estudos Brasileiros
1976	Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1976, p. 241		Concessão de subvenção anual de 100 mil cruzeiros, instituição do Grande Prêmio Itamaraty, no valor de 12.500 dólares, formulação dos convites oficiais aos países, gestões junto às autoridades aduaneiras para a obtenção de facilidades para a entrada das obras de arte, e pagamento de passagens internacionais e hospedagens para membros do júri da premiação
1976	Apoio à Fundação Cultural do Distrito Federal	Relatório MRE 1976, p. 241		Apoio sistemático do Itamaraty para a realização de exposições e outros eventos, com vistas a desenvolver e consolidar a vida cultural em Brasília
1976	Apoio ao Museu Afro-Brasileiro de Salvador	Relatório MRE 1976, p. 242	Salvador, Bahia	Museu criado de acordo com o convênio assinado entre o Itamaraty, o Governo da Bahia, o Ministério da Educação e Cultura e a Universidade da Bahia. Núcleo central do acervo: os primeiros lotes de objetos africanos adquiridos pelo Itamaraty (mais de 300 peças), reunidos nas Embaixadas em Lagos e Abidjan
1975	'Arte Gráfica Brasileira de Hoje'	Relatório MRE 1975, p. 272	Madri (Museu de Arte Moderna), Viena (Museu Albertina), Paris (Galliera) e Lisboa (Fundação Gulbenkian)	Quase 200 obras dos principais gravadores e de artistas brasileiros, inclusive uma sala especial de Osvaldo Goeldi

1975	Exposições de arte e grande mostra de tapeçaria	Relatório MRE 1975, p. 272	Montevideú, Uruguai e Buenos Aires, Argentina (museus, galerias e outras atividades no âmbito dos Centros de Estudos Brasileiros)		
1975	Exposição "28 Artistas do Brasil"	Relatório MRE 1975, p. 273	Bogotá, Medellin, Caracas, La Paz, Lima e Quito	140 obras de pintura, desenho e gravura	
1975	Exposições individuais	Relatório MRE 1975, p. 273	Capitais dos países andinos		
1975	Diversas mostras de artistas brasileiros	Relatório MRE 1975, p. 273	Assunção, Paraguai (no Centro de Estudos Brasileiros)		
1975	Mostra de tapeçarias de Nicola e Douchez	Relatório MRE 1975, p. 273	Lisboa (Fundação Gulbenkian)	Tapeçaria	Nicola e Douchez
1975	Mostra dos gravadores Grassmann, Darel, Fayga e Abrano	Relatório MRE 1975, p. 273	Bruxelas, Estocolmo e Copenhague	Gravuras	Grassmann, Darel, Fayga e Abrano
1975	Festival de Spoleto	Relatório MRE 1975, p. 273		Exposição coletiva de gravadores brasileiros apresentada no Festival de Spoleto	
1975	Três individuais diferentes de Fayga Ostrower	Relatório MRE 1975, p. 273	Roma, Genebra e Washington		
1975	Apoio a artistas convidados por galerias	Relatório MRE 1975, p. 273		Auxílio financeiro do Itamaraty para artistas transportarem suas obras e imprimirem catálogos quando convidados por galerias no exterior	
1975	Outras exposições organizadas diretamente pelas Embaixadas	Relatório MRE 1975, p. 273			

1975 Publicação sobre arte e cultura encomendada à Editora Abril Relatório MRE 1975, p. 277

1975 'Revista de Cultura Brasileira' Relatório MRE 1975, p. 277

1975 Revista "Brasil Cultura" Relatório MRE 1975, p. 277

1975 Coleção "Iniciação à Cultura Brasileira" (slides) Relatório MRE 1975, p. 277

1975 Bienal de São Paulo Relatório MRE 1975, p. 278

Para suprir a falta de publicações em idiomas estrangeiras sobre as artes e a cultura brasileira, está sendo produzido pela Editora Abril, por encomenda do Itamaraty, uma publicação de 128 páginas, com ilustrações e em cores, que deverá conter um panorama abrangente da criação artística brasileira

Publicada regularmente pela Embaixada de Madrid e distribuída a todas as Missões Diplomáticas brasileiras nos países de língua espanhola.

Começou a ser publicada em caráter regular pela Embaixada em Buenos Aires, em espanhol

Coleção de 496 slides coloridos, divididos em cinco álbuns, acompanhados de textos didáticos sobre arquitetura, escultura, pintura, gravura e conjuntos urbanos brasileiros. Foram distribuídos a 50 Embaixadas

Concessão de subvenção anual de 100 mil cruzeiros, instituição do Grande Prêmio Itamaraty, no valor de 12.500 dólares, formulação dos convites oficiais aos países, gestões junto às autoridades aduaneiras para a obtenção de facilidades para a entrada das obras de arte, e pagamento de passagens internacionais e hospedagens para três membros do júri da premiação

1975	Apoio ao Museu Afro-Brasileiro de Salvador	Relatório MRE 1975, p. 280	Salvador, Bahia	Museu criado de acordo com o convênio assinado entre o Itamaraty, o Governo da Bahia, o Ministério da Educação e Cultura e a Universidade da Bahia.	Segundo o Relatório, o Itamaraty havia enviado Pierre Verger à África para adquirir as peças de artesanato que constituiriam o núcleo central do acervo
1975	PROGRAMADO PARA O FUTURO: Festival Folclórico Norte-Americano	Relatório MRE 1975, p. 35			Programou-se a participação nacional em dois importantes festivais, a serem realizados em breve, ambos diretamente relacionados com a presença da arte negra no Brasil: o "II Festival Mundial de Artes Negras de Lagos", e o Festival Folclórico Norte-Americano, com o tema "A Diáspora Africana".
1974	'Arte Gráfico Brasileiro de Hoy"	Relatório MRE 1974, pp. 180-184	Madri (Museu de Arte Contemporânea), Barcelona e Bilbao. Em 1975, deve seguir para Viena (Museu Albertina), Paris (Galliera) e Lisboa (Fundação Gulbenkian)		Mostra panorâmica de gravura e do desenho brasileiros, com mais de 200 obras
1974	Exposição "28 Artistas do Brasil"	Relatório MRE 1974, p. 180	Bogotá, Cali, Medellin, Caracas, La Paz, Lima, Quito e talvez outras cidades andinas	Organizada pelo crítico Marc Berkowitz	
1974	Bienal da Gráfica de Florença	Relatório MRE 1974, p. 180	Florença, Itália		
1974	IV Festival Internacional de Pintura de Cagnes-sur-Mer	Relatório MRE 1974, p. 180, 187	Cagnes-sur-Mer, França		De 6 de julho a 30 de setembro
1974	Bienal da Pequena Escultura de Budapeste	Relatório MRE 1974, p. 180	Budapeste, Hungria		

1974	Diversas exposições de arte infantil	Relatório MRE 1974, p. 180			
1974	Desenhos de Jule Barreto	Relatório MRE 1974, p. 183	Barcelona, Espanha (Ateneu Barcelones)	Exposição de desenhos, de 15 a 28 de junho	Jule Barreto
1974	Fotografias da "Sociedade Fluminense de Fotografias"	Relatório MRE 1974, p. 183	Espanha	Exposição de fotografias, de 11 a 22 de junho	
1974	Exposição de Gravura de Siegrid Stefanow	Relatório MRE 1974, p. 183	Barcelona, Espanha (Real Círculo Artístico)	Exposição de gravura, em fevereiro	Siegrid Stefanow
1974	Exposição de tapeçaria de Renot	Relatório MRE 1974, p. 183	Espanha (Instituto Francês)	Exposição de tapeçaria, de 15 a 28 de janeiro	Renot
1974	Exposição de tapeçaria de Jussara	Relatório MRE 1974, p. 183	Barcelona (Camarotes Granados)	Exposição de tapeçaria, na primeira quinzena de março	Jussara
1974	Exposição de pinturas de Josette	Relatório MRE 1974, p. 184	Barcelona, Espanha (Ateneu Barcelones)	Exposição de pinturas, de 28 de maio a 5 de junho	Josette
1974	Exposição de gravuras	Relatório MRE 1974, p. 184	Espanha (Sala de Exposição do Banco Mercantil e Industrial)	Exposição de gravuras, em outubro	Noélia de Paula e Gilberto Jimenez
1974	Exposição de gravuras	Relatório MRE 1974, p. 184	Espanha (Sala Gandí)	Exposição de gravuras, em novembro	Antônio Carlos Maciel
1974	Exposição do artista Áquila Rocha Miranda	Relatório MRE 1974, p. 184	Espanha (Galeria Seiquer)	Exposição do artista, em abril	Áquila Rocha Miranda
1974	Exposição de artistas brasileiros na Suíça	Relatório MRE 1974, p. 185	Montreux (Galeria "Art et Lumière")	De 29 de agosto a 14 de setembro	
1974	Exposição de artistas brasileiros na Suíça	Relatório MRE 1974, p. 185	Genebra (Galerie Ziegler)	De 12 de setembro a 12 de outubro	
1974	Exposição "A Alma Brasileira"	Relatório MRE 1974, p. 185	Ascona, Suíça		
1974	Exposição de tapeçarias de Renot	Relatório MRE 1974, p. 185	Suíça (Galeria Triptyque)	De 12 de março a 16 de abril	Renot
1974	Exposição de Roni Brandão	Relatório MRE 1974, p. 185	Genebra, Suíça (Galeria Laurent)	Em fevereiro	Roni Brandão
1974	Exposição fotográfica dos Irmãos Franceschi	Relatório MRE 1974, p. 185	Suíça		Irmãos Franceschi
1974	Exposição Portinari	Relatório MRE 1974, p. 185	Suíça (Palácio das Nações)		
1974	Tapeçaria de Carlos Morais	Relatório MRE 1974, p. 185	Milão, Itália (Galeria de Arte do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)	Exposição de tapeçaria, em outubro	Carlos Morais

1974	Mostra do pintor Domenico Chiaudero	Relatório MRE 1974, p. 185	Milão, Itália (Galeria de Arte do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)	Mostra do pintor, em maio	Domenico Chiaudero
1974	Mostra da pintora Waltraud Heins	Relatório MRE 1974, p. 185	Milão, Itália (Galeria de Arte do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)	Mostra da pintora, em abril	Waltraud Heins
1974	Mostra de esculturas de Calabrone	Relatório MRE 1974, p. 186	Milão, Itália (Galeria de Arte do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)	Mostra de esculturas, em janeiro	Calabrone
1974	Exposição de Lívio Abramo	Relatório MRE 1974, p. 186	Nova Orleans, EUA (Museu de Arte de Nova Orleans)	Exposição de Lívio Abramo, em junho/julho	Lívio Abramo
1974	Exposição de gravadores brasileiros	Relatório MRE 1974, p. 186	Nova Orleans, EUA (Donna Art Center Gallery da Loyola University)	Exposição de gravadores brasileiros, de 15 de fevereiro a 8 de março	
1974	Retrospectiva de Lívio Abramo	Relatório MRE 1974, p. 186	Assunção, Paraguai	Retrospectiva de Lívio Abramo, em abril	Lívio Abramo
1974	Exposição de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1974, p. 186	Assunção, Paraguai	Exposição de Marcelo Grassmann, em maio	Marcelo Grassmann
1974	Mostra do Acervo do MAM de São Paulo	Relatório MRE 1974, p. 186	Assunção, Paraguai	Mostra do acervo do MAM de SP, em junho	
1974	Exposição de Faya Ostrower	Relatório MRE 1974, p. 186	Assunção, Paraguai	Exposição de Faya Ostrower, em setembro/outubro	Faya Ostrower
1974	Representação brasileira na IV Bienal Internacional da Gráfica de Florença	Relatório MRE 1974, p. 186	Roma, Itália (Exposição na Emabaixada)	Em outubro	
1974	Exposição Francisco Domingos da Silva	Relatório MRE 1974, p. 186	Roma, Itália (Exposição na Emabaixada)	Em maio	Francisco Domingos da Silva
1974	Exposição de Domenico Calabrone	Relatório MRE 1974, p. 187	Roma, Itália (Exposição na Emabaixada)	Em março	Calabrone
1974	Exposição de pintura e desenho de Luiz Áquila da Rocha Miranda	Relatório MRE 1974, p. 187	Paris, França (Galeria Debret)	Exposição de pintura e desenho de Luiz Áquila da Rocha Miranda	Luiz Áquila da Rocha Miranda
1974	Exposição da pintora Iracema Arditti	Relatório MRE 1974, p. 187	Paris, França (Musée de Laval)	Exposição de 38 obras da pintora Iracema Arditti, em junho	Iracema Arditti

1974	Exposição de desenhos, esculturas e talhas de José Barbosa	Relatório MRE 1974, p. 187	Paris, França (Galeria Debret)	Exposição de desenhos, esculturas e talhas de José Barbosa, em janeiro	José Barbosa
1974	Exposição de "gouaches" de Antônio Buca	Relatório MRE 1974, p. 188	Paris, França (Galeria Debret)	Exposição de "gouaches" de Antônio Buca, em março	Antônio Buca
1974	Exsosição itinerante de gravura brasileira	Relatório MRE 1974, p. 188	Sul e Sudoeste dos EUA (Galerias de arte de cinco universidades)	Exsosição itinerante de gravura brasileira, de fevereiro a junho	
1974	Exposição de Lívio Abramo	Relatório MRE 1974, p. 188	Washington, EUA (BACI - Brazilian-American Cultural Institute)	Exposição de Lívio Abramo, em março	Lívio Abramo
1974	Exposição do artista Leirner	Relatório MRE 1974, p. 188	Washington, EUA (BACI)	Exposição do artista Leirner, em março	
1974	Exposição de tapeçaria de Gilda Carneiro de Mendonça	Relatório MRE 1974, p. 189	Washington, EUA (BACI)	De 29 de março a 26 de abril	Gilda Carneiro de Mendonça
1974	'Revelações Óticas do Barroco em Minas Gerais"	Relatório MRE 1974, p. 189	Washington, EUA	Em junho	Clarival do Prado Valladares
1974	Exposição de Maria Helena Grembecki	Relatório MRE 1974, p. 189	Washington, EUA		Maria Helena Grembecki
1974	Exposição do gravador Wilson Georges Nassif	Relatório MRE 1974, p. 189	Beirute, Líbano	Exposição do gravador Wilson Georges Nassif	Wilson Georges Nassif
1974	Exposição de gravuras de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1974, p. 189	Damasco, Síria	Exposição do gravador Wilson Georges Nassif	Wilson Georges Nassif
1974	Exposição de gravuras de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1974, p. 189	Ancara, Turquia	Exposição de gravuras de Marcelo Grassmann	Marcelo Grassmann
1974	Exposição de gravuras de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1974, p. 189	Nova Delhi, Índia	Exposição de gravuras de Marcelo Grassmann	Marcelo Grassmann
1974	Exposição de gravuras de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1974, p. 189	Washington, EUA (BACI)	Exposição de Marcelo Grassmann, de 18 de outubro a 8 de novembro	Marcelo Grassmann
1973	Filme documentário sobre arquitetura (em finalização)	Relatório MRE 1973, p. 162		Filme-documentário realizado pelo Secretário Raul de Smandek, "Arquitetura, do Barroco a Brasília", parte de uma série de 5 filmes sobre temas diversos	Diretor: Secretário Raul de Smandek

1973	Encomenda de 5 cópias da série de 13 filmes sobre escritores [e, talvez, artistas] contemporâneos	Relatório MRE 1973, pp. 163, 170			Encomenda de série de 13 filmes sobre escritores e artistas, produzidos por Fernando Sabino [e, talvez, David Neves, já que o Relatório é contraditório], para Centros de Estudo e Leitorados em universidades estrangeiras	Produtores: Fernando Sabino [e, talvez, David Neves, já que o Relatório é contraditório]
1973	Encomenda de série sobre Nordeste	Relatório MRE 1973, p. 163			Encomenda de série do Nordeste, de Tomás Farkas	Produtor: Tomás Farkas
1973	Encomenda de documentário "O Espírito Criador do Povo Brasileiro", sobre a exposição da coleção Abelardo Rodrigues	Relatório MRE 1973, pp. 163, 170			Documentário "O Espírito Criador do Povo Brasileiro", sobre a exposição da coleção Abelardo Rodrigues	Realizadores: cineastas Fernando Duarte e Wladimir de Carvalho
1973	Conclusão de documentário "O Itamaraty em Brasília" (em montagem final)	Relatório MRE 1973, pp. 163, 170			Documentário "O Itamaraty em Brasília"	Diretor: David Neves
1973	Exposição do acervo do Museu de Arte Sacra de SP	Relatório MRE 1973, pp. 163-164, 172	Washington, EUA (Renwick Museum)	Realizada em cooperação com o Governo paulista	Exposição de acervo do Museu de Arte Sacra de SP em janeiro. Acompanhou concerto de música barroca mineira, com a Orquestra da National Gallery of Arts e o Coral da Catholic University of America	
1973	Exposição do acervo do Museu de Arte Sacra de SP	Relatório MRE 1973, p. 164	Lisboa, Portugal (Fundação Gulbenkian)		Exposição de acervo do Museu de Arte Sacra de SP, em maio	
1973	Retrospectiva de Roberto Burle Marx	Relatório MRE 1973, pp. 164, 172	Paris, França (Museu Galliera Pietrina)		Retrospectiva de Roberto Burle Marx	Roberto Burle Marx
1973	Retrospectiva de Roberto Burle Marx	Relatório MRE 1973, pp. 164, 172	Lisboa, Portugal (Fundação Gulbenkian)		Retrospectiva de Roberto Burle Marx, em janeiro	Roberto Burle Marx
1973	Exposição de arte popular brasileira (ex-votos, esculturas e pinturas)	Relatório MRE 1973, pp. 164, 173	Paris, França		Exposição de arte popular brasileira (ex-votos, esculturas e pinturas), em junho	Artistas que representaram o Brasil na Trienal de Bratislava
1973	Exposição "Ex-Votos do Sertão"	Relatório MRE 1973, p. 164	Genebra, Suíça (Museu de Etnologia)		Exposição "Ex-Votos do Sertão", em agosto	
1973	Bienal de Paris	Relatório MRE 1973, p. 164	Paris, França		O Itamaraty ocupou-se parcialmente da representação brasileira à Bienal de Paris	

1973	'Panorama da Gravura e do Desenho no Brasil" (em organização)	Relatório MRE 1973, p. 164	Madri, Espanha (Museu de Arte Contemporânea) (prevista)	Término do trabalho de seleção e organização da exposição "Panorama da Gravura e do Desenho no Brasil", a maior do gênero, com 200 obras, a ser inaugurada em abril de 1974 em Madri, com previsão de itineragem para Barcelona, outras 2 cidades espanholas, Lisboa, Viena e Paris	
1973	XII Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1973, p. 165			
1973	Exposição do Museu de Arte de São Paulo no Itamaraty, em Brasília	Relatório MRE 1973, p. 165-166			
1973	Exposição do Museu de Abidjã, no MAM (Rio de Janeiro)	Relatório MRE 1973, p. 166	Rio de Janeiro (MAM), com previsão de itinerância para Brasília (Itamaraty) e SP (Masp)	Exposição de arte de museu da Costa do Marfim no MAM Rio com previsão de itinerância para Brasília (Itamaraty) e SP (Masp)	
1973	Encomenda de fotos de Marcelo Gautherot para distribuição no exterior	Relatório MRE 1973, p. 171		Encomenda de 30 coleções de mais de 300 fotografias, selecionadas, com motivos brasileiros, acompanhadas dos negativos.	Marcelo Gautherot
1973	Aquisição de álbuns "Franz Post", "Profile of the New Brazilian Art", "Dois Escultores" e 4500 exemplares do álbum confeccionado pela Champion Papers	Relatório MRE 1973, p. 172		Aquisição de álbuns "Franz Post", "Profile of the New Brazilian Art", "Dois Escultores" e 4500 exemplares do álbum confeccionado pela Champion Papers	Franz Post e outros
1973	Exposição do pintor Paulo da Rocha	Relatório MRE 1973, p. 173	Barcelona (janeiro) e Valença (julho), Espanha	Exposição do pintor Paulo da Rocha em duas cidades espanholas	Paulo da Rocha
1973	Exposição de Farence de Andrade	Relatório MRE 1973, p. 173	Barcelona, Espanha	Exposição de Farence de Andrade, em maio	Farence de Andrade
1973	Exposição de Carlos de Moraes	Relatório MRE 1973, p. 173	Barcelona, Espanha	Exposição de Carlos de Moraes, em junho	Carlos de Moraes
1973	Exposição de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1973, p. 173	Barcelona (julho) e Madri (junho), Espanha	Exposição de Marcelo Grassman em duas cidades espanholas	Marcelo Grassmann

1973	Exposição coletiva em Londres	Relatório MRE 1973, p. 173	Londres, Reino Unido	Exposição coletiva em Londres, em agosto	Isa Aderne Vieira, Isabel Braga, Joaquim de Souza e Leonardo Alencar
1973	Exposição de Betty King	Relatório MRE 1973, p. 173	Nova Orleans, EUA	Exposição de Betty King, em maio	Betty King
1973	Exposição fotográfica sobre arquitetura brasileira	Relatório MRE 1973, p. 173	Nova Orleans, EUA	Exposição fotográfica sobre arquitetura brasileira, em abril	
1973	Exposição de Alcide Cruz	Relatório MRE 1973, p. 173	Londres, Reino Unido	Exposição de Alcide Cruz, em junho	Alcide Cruz
1973	Exposição de Maria Helena Grembecki	Relatório MRE 1973, p. 173	Madri, Espanha	Exposição de Maria Helena Grembecki, em junho	Maria Helena Grembecki
1973	Exposição fotográfica dos Irmãos Franceschi	Relatório MRE 1973, p. 173	Paris, França	Exposição fotográfica dos Irmãos Franceschi, em maio	Irmãos Franceschi
1973	Exposição "10 Primitivos Brasileiros"	Relatório MRE 1973, p. 173	Genebra, Suíça	Exposição "10 Primitivos Brasileiros", em abril	
1973	Exposição de Marco Paulo Alvim	Relatório MRE 1973, p. 173	Paris, França	Exposição de Marco Paulo Alvim, em janeiro	Marco Paulo Alvim
1973	Exposição de Axe Leskoschek	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição de Axe Leskoschek, em outubro	Axe Leskoschek
1973	Exposição de primitivos baianos	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição de primitivos baianos, em agosto	
1973	Exposição de Hansen-Bahia	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição de Hansen-Bahia, em maio	Hansen Bahia
1973	Exposição de Mira Schendel	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição de Mira Schendel, em janeiro	Mira Schendel
1973	Exposição de Gilvan Bezevri	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição de Gilvan Bezevri, em fevereiro	Gilvan Bezevri
1973	Exposição coletiva em Washington	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição coletiva em Washington, em março	Tomie Ohtake, Mario Bueno, Tomaz Ianelli e Pietrina Checcacci
1973	Exposição de Checcacci	Relatório MRE 1973, p. 173	Washington, EUA	Exposição em Washington, em março	Pietrina Checcacci
1973	Exposição coletiva em Washington	Relatório MRE 1973, p. 174	Washington, EUA	Exposição coletiva em Washington, em maio	Vera Chaves Barcellos, Nakakuko e Newton Cavalcanti
1973	Exposição de Arcângelo Ianelli	Relatório MRE 1973, p. 174	Washington, EUA	Exposição de Arcângelo Ianelli, em novembro	Arcângelo Ianelli
1973	Exposição coletiva de artistas brasileiros residentes na França	Relatório MRE 1973, p. 174	Paris, França	Exposição coletiva de artistas brasileiros residentes na França, em julho	
1973	Exposição de xilogravuras brasileiras	Relatório MRE 1973, p. 174	Milão, Itália	Exposição de xilogravuras brasileiras, em junho	

1973	Exposições de Zorávia Bettiol e Vasco Prado	Relatório MRE 1973, p. 174	La Paz (jun), Lima (ago), Bogotá (set) e Quito (nov)		Exposições de Zorávia Bettiol e Vasco Prado	Zorávia Bettiol e Vasco Prado
1973	Exsposição de desenhistas e gravadores brasileiros	Relatório MRE 1973, p. 174	Assunção, Paraguai		Exsposição de desenhistas e gravadores brasileiros	
1973	Exposição de Lothar Chareux	Relatório MRE 1973, p. 174	Assunção, Paraguai		Exposição de Lothar Chareux	
1973	Exposição de gravadores brasileiros	Relatório MRE 1973, p. 174	Roma, Itália		Exposição de gravadores brasileiros	
1973	Exposição de Paulo Rossi Osir	Relatório MRE 1973, p. 174	Roma, Itália		Exposição de Paulo Rossi Osir	Paulo Rossi Osir
1973	Exposição de Marcelo Grassmann	Relatório MRE 1973, p. 174	Roma, Itália		Exposição de Marcelo Grassmann	Marcelo Grassmann
1972	Seleção do acervo do Museu de Arte Sacra de SP / Sesquicentenário da Independência	Relatório MRE 1972, p. 150	Buenos Aires Museu de Arte Hipano-Americana) e Nova York (Renwick Gallery)	Secretaria de Cultura de SP (que arcou com quase todo o custo, de aproximadamente US\$ 100 mil)	Seleção do acervo do Museu de Arte Sacra de SP: obras de estatuária (inclusive Aleijadinho e Frei Agostinho da Piedade), ourivesaria, pintura e mobiliário sacro.	Aleijadinho, Frei Agostinho da Piedade e outros
1972	Quatro cópias de exposição documental sobre o Cinquentenário da Semana de Arte Moderna	Relatório MRE 1972, p. 150	Leitorados na França, Itália, Alemanha, Lisboa, Madri, países sul-americanos, Japão e EUA	Apoio financeiro da Secretaria de Cultura de SP e colaboração, no planejamento e execução, do IEB - USP	Quatro cópias de uma exposição documental sobre o modernismo, em comemoração ao Cinquentenário da Semana de Arte Moderna	
1972	Bienal de Veneza	Relatório MRE 1972, p. 152	Veneza, Itália		Participação brasileira na Bienal: Franz Weissmann e os dois principais premiados da anterior Bienal de SP: Paulo Roberto Leal e Humberto Spíndola	Franz Weissmann, Paulo Roberto Leal e Humberto Spíndola
1972	Bienal de Gravura de Florença	Relatório MRE 1972, pp. 152-153	Florença, Itália		Participação brasileira: Emanuel Araujo, Gilvan Semico, Fayga Ostrower e Eduardo Cruz, além de outros convidados diretamente pela Bienal (Ruth Bess Courvoisier, Arthur Luiz Piza e Iazid Thame). Sala especial em homenagem a Marcelo Grassmann	Emanuel Araujo, Gilvan Semico, Fayga Ostrower, Eduardo Cruz, Ruth Bess Courvoisier, Arthur Luiz Piza, Iazid Thame e Marcelo Grassmann

1972	Trienal de Arte Insítica de Bratislava	Relatório MRE 1972, p. 153	Bratislava (Thecoslováquia, atual Eslováquia)		Para o festival de arte primitiva, Brasil enviou 150 ex-votos, esculturas de G.T.O. e cerca de 70 quadros de 11 pintores	G.T.O., Nelson Pereira dos Santos, Ivo Magalhães Lisboa, Waldomiro de Deus, Francisco Domingos da Silva, Maria Antonia do Santíssimo, Euclides Francisco Amancio, Amadeu Lorenzato, Gerson Alves de Souza, Eli Heil, Paulo Pedro Leal
1972	Trienal de Xilogavura de Capri	Relatório MRE 1972, p. 154	Capri, Itália		Para a trienal de xilogravura, o Itamaraty, responsável pela organização da representação brasileira, indicou 7 artistas. Outros 6 brasileiros foram convidados diretamente pela Trienal.	Itamaraty: Maciej Babinsky, Hansen Bahia, Zoraíva Bettiol, Vera Barcellos Chaves, Odetto Guersoni, Paulo Menten e Anestor Tavares. Selecionados pela Trienal: Dorothy Bastos, Newton Cavalcanti, Rubem Grilo, Izar do Amaral Berlinck, Conceição Piló e Perez Solá.
1972	Exposição de Burle Marx (abertura em 15.jan.1973)	Relatório MRE 1972, p. 154	Lisboa, Portugal (Fundação Gulbenkian)		A mais completa apresentação da obra de Burle Marx, organizada pelo MRE, conta com projetos paisagísticos, fotografias em cor e p&b, quadros, desenhos, arranjos de plantas vivas, a tapeçaria gigantesca do Paço Municipal de Santo André, esculturas em papier maché, slides e filmes	Roberto Burle Marx
1972	Exposição "Brasília e o Palácio Itamaraty"	Relatório MRE 1972, p. 156	Montevidéu, Buenos Aires, Rosário, Assunção, La Paz e Lima	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Exposição "Brasília e o Palácio Itamaraty"	
1972	Mostra "Gravadores e Desenhistas do Brasil"	Relatório MRE 1972, p. 156	Buenos Aires (Galeria Rubbers) e Córdoba	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Mostra "Gravadores e Desenhistas do Brasil"	

1972	Semana do Brasil em Quito	Relatório MRE 1972, p. 157	Quito, Equador	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Semana do Brasil inclui exposições "Arquitetura no País do Sol" e "O Livro Brasileiro"	
1972	Visita de Burle Marx a Quito	Relatório MRE 1972, p. 157	Quito, Equador	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Visita de Burle Marx, a convite da prefeitura de Quito, para projetar o Parque da Independência	Roberto Burle Marx
1972	'Salão da Independência" do Equador	Relatório MRE 1972, p. 157	Quito, Equador	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Participação brasileira teve Tomie Ohtake, Luis Áquila Rocha Miranda, Tomás Ianelli e C. Lemos	Tomie Ohtake, Luis Áquila Rocha Miranda, Tomás Ianelli e C. Lemos
1972	Exposições e cursos de serigrafia de Iazid Thame	Relatório MRE 1972, p. 157	Colômbia (Bogotá, Cali, Medellín e Barranquilla)	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Exposições e cursos de serigrafia de Iazid Thame	Iazid Thame
1972	Exposição documental sobre a Independência	Relatório MRE 1972, p. 157	Paris (Galeria Debret)	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Livros, gravuras e documentos sobre a Independência	
1972	Exposição de álbum e originais de Charles Lendseer	Relatório MRE 1972, p. 157	Londres, Lisboa e Washington	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Exposição de álbum e originais de Charles Lendseer	Charles Lendseer
1972	Exposição coletiva em Londres	Relatório MRE 1972, p. 157	Londres, Reino Unido	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Obras de Gilda Azevedo, Anatol Wladislaw, Isabel Pons e fotografias sobre Amazônia de Michel Freeman	Gilda Azevedo, Anatol Wladislaw, Isabel Pons e Michel Freeman
1972	Dois números da "Revista de Cultura Brasileira"	Relatório MRE 1972, p. 157	Madri, Espanha	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Dois números da revista da embaixada em Madri	
1972	Exposição "O Barroco do Sertão Brasileiro"	Relatório MRE 1972, p. 157	Lisboa, Portugal	Promovidas pelas Embaixadas e Consulados		
1972	Festival de Artes Criativas do Caribe-Caribefesta	Relatório MRE 1972, p. 157		Promovidas pelas Embaixadas e Consulados	Inclui exposição de artes plásticas, livros e conjunto folclórico	
1971	Localização de 3000 cópias do livro "L' Art au Brésil" que estavam na embaixada de Berna desde 1967	Relatório MRE 1971, p. 145			Obra (livro) de apresentação luxuosa, em papel de excelente qualidade e ilustrações em cores muito boas. Contém ensaios escritos por especialistas sobre a evolução das diversas artes no Brasil e termina por uma descrição dos museus brasileiros.	

1971	Projeto de publicação de folheto sobre cultura brasileira	Relatório MRE 1971, pp. 145-146		Foi proposta associação com o Instituto Nacional do Livro, INL	Conteúdo do folheto: literatura, artes plásticas, arquitetura, meios de comunicação. A ser baseado no "Cultural Aspects 1971", já existente, editado pelo INL e Câmara dos Editores.	
1971	Projeto de série de 5 curtas-metragens sobre a "História das Artes Brasileiras" (projeto de Pietro Maria Bardi)	Relatório MRE 1971, p. 147		A ser negociado entre MRE, Embrafilme e Secretaria de Cultura de SP.	Projeto de série de 5 curtas-metragens sobre a "História das Artes Brasileiras" (projeto de Pietro Maria Bardi)	
1971	Comentário geral sobre o ano de 1971 na difusão cultural	Relatório MRE 1971, pp. 148-149			MRE relata terem havido mais de 100 manifestações artísticas, porém faz uma crítica: excessiva concentração na Europa Ocidental e EUA. Para o ano de 1972, pretende-se ampliar a ação cultural na América Latina, área de prioridade para a atuação diplomática do Brasil. Para tanto, planejam-se realizações importantes [e orçamento comparável ao das embaixadas europeias] em Buenos Aires, culminando na exposição de arte sacra	
1971	Trienal de Nova Délhi	Relatório MRE 1971, p. 149	Nova Delhi, Índia		Representação brasileira composta por desenhos de Mira Schendel (Medalha de Ouro da Trienal), gravuras de Rossini Perez (todas elas vendidas) e pintura de Daja	Mira Schendel, Rossini Perez e Daja
1971	Quadrienal de Cenografia e Arquitetura Teatral de Praga	Relatório MRE 1971, p. 149	Praga, Thecoslováquia (atual Rep. Tcheca)		Representação brasileira composta por cenários de Hélio Eichbauer (RJ) e José Armando Ferrara (TV Cultura SP), e por Agostinho Olavo Rodrigues (comissário adjunto)	Hélio Eichbauer e José Armando Ferrara
1971	Bienal dos Artistas Jovens de Paris	Relatório MRE 1971, p. 149	Paris, França		Brasil presente em 4 seções da Bienal: artes plásticas, cenografia, música e cinema	Wanda Pimentel, Cláudio Paiva, José Tarcísio e Carlos de Moraes, além dos cenógrafos Hélio Eichbauer e José Armando Ferrara

1971	Exposição Internacional de Escultura Contemporânea	Relatório MRE 1971, p. 150	Paris, França (Museu Rodin)		Representação do Brasil incluiu obras de Lazar Segall ("Maternidade" e dois desenhos) e Mário Cravo ("Germinação" e dois desenhos)	Lasar Segall e Mário Cravo
1971	XI Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1971, p. 150	São Paulo		Colaboração ativa na organização da Bienal de SP (facilitação de transporte e desembaraço alfandegário, gestões para garantir a participação de países), além do pagamento de Cr\$ 100 mil (contribuição orçamentária 1970-1971) e Prêmio Itamaraty (US\$ 10 mil), concedido ao espanhol Rafael Canogar, e do custeio de passagens de críticos e artistas	
1971	Retrospectiva de Di Cavalcanti	Relatório MRE 1971, p. 150	São Paulo	MAM de São Paulo	Itamaraty cooperou com MAM SP na organização da retrospectiva, mediante empréstimo de tela pertencente ao acervo da Embaixada de Montevidéu e a obtenção e transporte de obras cedidas pelo Museu Nacional de Arte Moderna de Paris e Instituto de Arte Litúrgica (Roma)	Di Cavalcanti
1971	Bienal de Desenho Industrial do MAM RJ	Relatório MRE 1971, pp. 150, 151	Rio de Janeiro (MAM) e Brasília	MAM Rio e Fundação Cultural do Distrito Federal	Contribuição de Cr\$ 50 mil, além de arcar com parte dos gastos de transporte (Cr\$ 4 mil) dos materiais dos países escandinavos apresentados em Brasília, sob os auspícios do Itamaraty e da Fundação Cultural do Distrito Federal	
1971	Exposição de Artesanato Equatoriano	Relatório MRE 1971, p. 151	Brasília (salão do Touring Club)	Embaixada do Equador	Colaborou na organização de exposição de artesanato equatoriano	
1971	Mostra "Arquitetura no País do Sol"	Relatório MRE 1971, p. 152	São José (Costa Rica), Georgetown (Guiana) e Port-of-Spain (Trindade e Tobago)		Mostra "Arquitetura no País do Sol"	

1971	Mostra "Arquitetura Contemporânea do Brasil"	Relatório MRE 1971, p. 152	Guatemala	Instituto de Arquitetos do Brasil	Mostra "Arquitetura Contemporânea do Brasil"	
1971	Exposição de 12 gravadores brasileiros	Relatório MRE 1971, p. 152	Lausanne (Suíça) e Atenas (Grécia)		Exposição de 12 gravadores brasileiros	
1971	Exposição de pinturas de Sérgio Telles	Relatório MRE 1971, p. 152	Lisboa, Portugal		Exposição de pinturas de Sérgio Telles	Sérgio Telles
1971	Exposição de pinturas de Mariza Dias Costa	Relatório MRE 1971, p. 152	Lisboa, Portugal		Exposição de pinturas de Mariza Dias Costa	Mariza Dias Costa
1971	Exposição "Brazilian Children Paint India"	Relatório MRE 1971, p. 152	Nova Delhi, Índia		Exposição "Brazilian Children Paint India"	
1971	Colóquio sobre Arte Contemporânea Brasileira	Relatório MRE 1971, p. 152	Barcelona, Espanha		Colóquio sobre Arte Contemporânea Brasileira	
1971	Exposição de gravuras de Isabel Pons	Relatório MRE 1971, p. 152	Barcelona, Espanha		Exposição de gravuras de Isabel Pons	Isabel Pons
1971	Semana do Brasil em Alicante	Relatório MRE 1971, p. 152	Alicante, Espanha	Consulado em Barcelona	Semana do Brasil em Alicante: exposições de pintura, conferências e filmes	
1971	Semana Ibero-Americana, em Valladolid	Relatório MRE 1971, p. 153	Valladolid, Espanha	Embaixada em Madri	Semana Ibero-Americana, em Valladolid: pintura e conferências	
1971	Semana do Brasil em Madri	Relatório MRE 1971, p. 153	Madri, Espanha	Círculo Cultural Medina	Semana do Brasil em Madri: pintura, conferências e filmes	
1971	Exposição de pinturas do Secretário Sérgio Telles	Relatório MRE 1971, p. 153	Milão, Itália (Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)		Exposição de pinturas do Secretário Sérgio Telles	Sérgio Telles
1971	'Seleção de Artistas Equatorianos na X Bienal de São Paulo"	Relatório MRE 1971, p. 153	Quito, Equador			
1971	Trabalhos em cobre batido de Ottmar Belshwingert	Relatório MRE 1971, p. 153	La Paz, Bolívia (CEB)		Trabalhos em cobre batido de Ottmar Belshwingert	Ottmar Belshwingert
1971	Festival Pan-Americano de Arte, em Cali	Relatório MRE 1971, p. 153	Cali, Colômbia		Contribuição à participação brasileira no Festival Pan-Americano de Arte, em Cali	
1971	Exposição de Pintores Primitivos de São Paulo	Relatório MRE 1971, p. 153	Washington (Instituto Cultural Brasileiro-Americano) e Universidade de Indiana		Exposição de Pintores Primitivos de São Paulo	
1971	Exposição de desenhos de Gisela Eichbaum	Relatório MRE 1971, p. 153	Washington (Instituto Cultural Brasileiro-Americano e na American University)		Exposição de desenhos de Gisela Eichbaum	Gisela Eichbaum

1971	Exposição de tapeçarias de Nicola e gravuras de Ghersoni	Relatório MRE 1971, p. 153	Washington (União Pan-Americana)	DDC	Exposição de tapeçarias de Nicola e gravuras de Ghersoni	Nicola e Ghersoni
1971	Exposição de pinturas de Leonardo Alencar	Relatório MRE 1971, p. 153	Londres (Gallery Petit)		Exposição de pinturas de Leonardo Alencar	Leonardo Alencar
1971	Exposição de pinturas de Antonio Maia na Semana do Brasil em Benidorm	Relatório MRE 1971, p. 153	Benidorm, Espanha	Consulado de Barcelona	Exposição de pinturas de Antonio Maia na Semana do Brasil em Benidorm	Antonio Maia
1971	Exposição de 10 pintores brasileiros no 1o Congresso de Artes Plásticas da América Latina	Relatório MRE 1971, p. 153		Consulado de Barcelona	Exposição de 10 pintores brasileiros no 1o Congresso de Artes Plásticas da América Latina	
1971	Exposição de Carla Boschetti e Lourdes Cedran	Relatório MRE 1971, p. 153	Milão, Itália (Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)		Exposição de Carla Boschetti e Lourdes Cedran	Carla Boschetti e Lourdes Cedran
1971	Exposição da pintora Wega	Relatório MRE 1971, p. 153	Londres (Drian Gallery)		Exposição da pintora Wega	Wega
1971	Exposição do pintor Abelardo Zaluar	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Gallery Petit)		Exposição do pintor Abelardo Zaluar	Abelardo Zaluar
1971	Exposição do pintor Robin MacGregor	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Zaydeer Gallery) e Liverpool		Exposição do pintor Robin MacGregor	Robin MacGregor
1971	Exposição dos primitivos Batista e Mady	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Galeria da Embaixada)		Exposição dos primitivos Batista e Mady	Batista e Mady
1971	Exposição do pintor Antonio Maia	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Elvaston Gallery)		Exposição do pintor Antonio Maia	Antonio Maia
1971	Exposição de Nina Barr	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Galeria da Embaixada)		Exposição de Nina Barr	Nina Barr
1971	Exposição de xilogravuras de Hansen Bahia	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Elvaston Gallery)		Exposição de xilogravuras de Hansen Bahia	Hansen Bahia
1971	Exposição de pinturas de José de Dome	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Galeria da Embaixada)		Exposição de pinturas de José de Dome	José de Dome
1971	Exposição coletiva de 12 artistas brasileiros	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Elvaston Gallery)		Exposição coletiva de 12 artistas brasileiros	12 artistas brasileiros
1971	Exposição de tapeçaria de Renot e cerâmicas pernambucanas	Relatório MRE 1971, p. 154	Londres (Elvaston Gallery)		Exposição de tapeçaria de Renot e cerâmicas pernambucanas	Renot e ceramistas pernambucanos
1971	Participação brasileira no Festival de York	Relatório MRE 1971, p. 154	York, Reino Unido		Participação brasileira no Festival de York: exposições de Faya Ostrower e Renot, recitais, filmes e conferências	Faya Ostrower e Renot

1971	Exposição "Arte Barroca Brasileira" (espetáculo audiovisual)	Relatório MRE 1971, p. 154	Paris (Galeria Debret)	Embaixada em Paris e Prefeitura de Saint Cloud	Exposição "Arte Barroca Brasileira" (espetáculo audiovisual)	
1971	Exposição do pintor Jorge Mori	Relatório MRE 1971, p. 154			Exposição do pintor Jorge Mori	Jorge Mori
1971	Exposição de arquitetura de Wilson Reis Neto	Relatório MRE 1971, p. 154	Marselha, França		Exposição de arquitetura de Wilson Reis Neto	Wilson Reis Neto
1971	Exposição de pinturas de Antônio Maia	Relatório MRE 1971, p. 154	Paris (Galeria Debret)		Exposição de pinturas de Antônio Maia	Antônio Maia
1971	Exposição de gravura popular do Nordeste	Relatório MRE 1971, p. 154	Paris (Galeria Debret)		Exposição de gravura popular do Nordeste	
1971	Exposição de cenografia de Hélio Eichbauer	Relatório MRE 1971, p. 155	Paris (Galeria Debret)		Exposição de cenografia de Hélio Eichbauer	Hélio Eichbauer
1971	Retrospectiva de Antônio Bandeira	Relatório MRE 1971, p. 155	Paris (Galeria Debret)		Retrospectiva de Antônio Bandeira	Antônio Bandeira
1971	Exposição "Arte Barroca Brasileira"	Relatório MRE 1971, p. 155	Universidade de Rennes		Exposição "Arte Barroca Brasileira"	
1971	Exposição "Arte Barroca Brasileira" e pinturas de Julieta Jekel	Relatório MRE 1971, p. 155	Poitiers, França		Exposição "Arte Barroca Brasileira" e pinturas de Julieta Jekel	Julieta Jekel e arte barroca
1971	Exposição de gravadores brasileiros na Finlândia	Relatório MRE 1971, p. 155	Helsinque, Turku e Tampere, Finlândia		Exposição de gravadores brasileiros na Finlândia	Fayga Ostrower, Luís Artur Piza Rossini Perez, Thereza Miranda, Eduardo Sued e Ana Letícia
1971	Exposição do pintor Antônio Henrique Amaral	Relatório MRE 1971, p. 155	Londres (Elvaston Gallery)		Exposição do pintor Antônio Henrique Amaral	Antônio Henrique Amaral
1971	Exposição das pintoras Daja e Elizabeta	Relatório MRE 1971, p. 155	Roma (Galeria da Embaixada)		Exposição das pintoras Daja e Elizabeta	Daja e Elizabeta
1971	Exposição de arquitetura de Wilson Reis Neto	Relatório MRE 1971, p. 155	Roma (Galeria da Embaixada)		Exposição de arquitetura de Wilson Reis Neto	Wilson Reis Neto
1971	Exposição de pinturas e desenhos de Bellá Paes Leme	Relatório MRE 1971, p. 155	Washington (Instituto Cultural Brasileiro-Americano)		Exposição de pinturas e desenhos de Bellá Paes Leme	Bellá Paes Leme
1971	Exposição da pintora Olga Lebedeff Rocha	Relatório MRE 1971, p. 155	Washington (União Pan-Americana)		Exposição da pintora Olga Lebedeff Rocha	Olga Lebedeff Rocha
1971	Exposição de Sérgio Campos Mello	Relatório MRE 1971, p. 155	Nova Jersey, EUA		Exposição de Sérgio Campos Mello	Sérgio Campos Mello
1971	Exposição dos primitivos Batista e Mady	Relatório MRE 1971, p. 155	Miami, EUA		Exposição dos primitivos Batista e Mady	Batista e Mady

1971	Exposição do primitivo Francisco Domingos da Silva	Relatório MRE 1971, p. 155	Milão, Itália (Centro Cultural Ítalo-Brasileiro)	Exposição do primitivo Francisco Domingos da Silva	Francisco Domingos da Silva
1971	Exposição do pintor Arlindo Castellani	Relatório MRE 1971, p. 155	Nova York, EUA	Exposição do pintor Arlindo Castellani	Arlindo Castellani
1971	Exposição de gravuras de Isabel Pons	Relatório MRE 1971, p. 155	Genebra, Suíça	Exposição de gravuras de Isabel Pons	Isabel Pons
1971	Exposição de Arte afro-brasileira	Relatório MRE 1971, p. 155	Londres, Reino Unido	Exposição de Arte afro-brasileira	
1971	Viagem do escultor Franz Weissman à Exposição Internacional de Escultura ao Ar Livre	Relatório MRE 1971, p. 156	Antuérpia, Bélgica	Viagem do escultor Franz Weissman à Exposição Internacional de Escultura ao Ar Livre	Franz Weissman
1970	Exposição "ABC 70" (Arte Brasileira Contemporânea)	Relatório MRE 1970, p. 163	Milão, Brescia, Berna, Genebra e Barcelona	Exposição "ABC 70" (Arte Brasileira Contemporânea)	
1970	Exposição Arquitetura Barroca	Relatório MRE 1970, p. 163	Londres, Reino Unido	Exposição Arquitetura Barroca	
1970	35a Bienal de Veneza	Relatório MRE 1970, p. 163	Veneza, Itália	35a Bienal de Veneza	Roberto Burle Marx e Mary Vieira, pelo menos
1970	Conferência de Burle Marx	Relatório MRE 1970, p. 164	Brasília	Conferência de Burle Marx	Roberto Burle Marx (tema de conferência)
1970	Exposição África-Arte Negra	Relatório MRE 1970, p. 164	Brasília	Exposição África-Arte Negra	
1970	Exposição de cenários teatrais da Tchecoslováquia	Relatório MRE 1970, p. 164	Brasília	Exposição de cenários teatrais da Tchecoslováquia	
1970	Exposição da Representação da Iugoslávia na X Bienal de SP	Relatório MRE 1970, p. 164	Brasília	Exposição da Representação da Iugoslávia na X Bienal de SP	
1969	Individual no Exterior: Wanda Pimentel (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Paris	Individual no Exterior: Wanda Pimentel (pintura)	Wanda Pimentel
1969	Individual no Exterior: Manabu Mabe (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Lisboa, Portugal	Individual no Exterior: Manabu Mabe (pintura)	Manabu Mabe
1969	Individual no Exterior: Erika Steimberger (objetos)	Relatório MRE 1969, p. 146	Ottawa, Canadá	Individual no Exterior: Erika Steimberger (objetos)	Erika Steimberger
1969	Individual no Exterior: Wakabayashi (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Washington	Individual no Exterior: Wakabayashi (pintura)	Wakabayashi
1969	Individual no Exterior: Rosina Becker do Valle (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Lisboa, Portugal	Individual no Exterior: Rosina Becker do Valle (pintura)	Rosina Becker do Valle
1969	Individual no Exterior: Grupo Seibi (pintura e desenho)	Relatório MRE 1969, p. 146	Copenhague	Individual no Exterior: Grupo Seibi (pintura e desenho)	Grupo Seibi

1969	Individual no Exterior: Afranio e Pindaro Castello Branco (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Copenhague	Individual no Exterior: Afranio e Pindaro Castello Branco (pintura)	Afranio e Pindaro Castello Branco
1969	Individual no Exterior: Antonio Maia (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Washington	Individual no Exterior: Antonio Maia (pintura)	Antonio Maia
1969	Individual no Exterior: Nina Barcinsky (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Paris	Individual no Exterior: Nina Barcinsky (pintura)	Nina Barcinsky
1969	Individual no Exterior: Gilda Azevedo (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Paris	Individual no Exterior: Gilda Azevedo (pintura)	Gilda Azevedo
1969	Individual no Exterior: Atelier Livre de Artes Plásticas (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Paris	Individual no Exterior: Atelier Livre de Artes Plásticas (pintura)	Atelier Livre de Artes Plásticas
1969	Individual no Exterior: Antonio Dias (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Nova York, EUA	Individual no Exterior: Antonio Dias (pintura)	Antonio Dias
1969	Individual no Exterior: Emílio Castelar (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 146	Washington	Individual no Exterior: Emílio Castelar (pintura)	Emílio Castelar
1969	Individual no Exterior: Hélio Oiticica (objetos)	Relatório MRE 1969, p. 147	Londres	Individual no Exterior: Hélio Oiticica (objetos)	Hélio Oiticica
1969	Individual no Exterior: Sônia Ebling (esculturas)	Relatório MRE 1969, p. 147	Nova York, EUA	Individual no Exterior: Sônia Ebling (esculturas)	Sônia Ebling
1969	Individual no Exterior: Sebastião Januário (pintura)	Relatório MRE 1969, p. 147	Quito, Equador	Individual no Exterior: Sebastião Januário (pintura)	Sebastião Januário
1969	Individual no Exterior: Farnese de Andrade e Januário (pinturas e desenho)	Relatório MRE 1969, p. 147	Tegucigalpa, Honduras	Individual no Exterior: Farnese de Andrade e Januário (pinturas e desenho)	Farnese de Andrade e Januário
1969	Individual no Exterior: Isa Aderne Vieira (gravura)	Relatório MRE 1969, p. 147	Montevideu	Individual no Exterior: Isa Aderne Vieira (gravura)	Isa Aderne Vieira
1969	Individual no Exterior: Fayga Ostrower (gravura)	Relatório MRE 1969, p. 147	Munique, Alemanha	Individual no Exterior: Fayga Ostrower (gravura)	Fayga Ostrower
1969	Individual no Exterior: Wilson Reis Netto (arquitetura)	Relatório MRE 1969, p. 147	Paris	Individual no Exterior: Wilson Reis Netto (arquitetura)	Wilson Reis Netto
1969	Individual no Exterior: Waldemar Cordeiro (objetos)	Relatório MRE 1969, p. 147	Roma	Individual no Exterior: Waldemar Cordeiro (objetos)	Waldemar Cordeiro
1969	Coletiva no exterior: Gravura Brasileira	Relatório MRE 1969, p. 147	Haia	Coletiva no exterior: Gravura Brasileira	
1969	Coletiva no exterior: Gravura Brasileira	Relatório MRE 1969, p. 147	Nova York, EUA	Coletiva no exterior: Gravura Brasileira	
1969	Coletiva no exterior: Lirismo Brasileiro (pintura primitiva)	Relatório MRE 1969, p. 147	Lisboa, Madri e Paris	Coletiva no exterior: Lirismo Brasileiro (pintura primitiva)	

1969	Coletiva no exterior: Três Aspectos da Pintura Contemporânea Brasileira	Relatório MRE 1969, p. 147	América Latina	Coletiva no exterior: Três Aspectos da Pintura Contemporânea Brasileira	
1969	Coletiva no exterior: Três Aspectos do Desenho Contemporâneo Brasileiro	Relatório MRE 1969, p. 147	América Latina	Coletiva no exterior: Três Aspectos do Desenho Contemporâneo Brasileiro	
1969	Coletiva no exterior: Três Aspectos da Gravura Contemporânea Brasileira	Relatório MRE 1969, p. 147	América Latina	Coletiva no exterior: Três Aspectos da Gravura Contemporânea Brasileira	
1969	Coletiva no exterior: Gravura Brasileira	Relatório MRE 1969, p. 147	Camberra, Austrália	Coletiva no exterior: Gravura Brasileira	
1969	Coletiva no exterior: Arquitetura no País do Sol	Relatório MRE 1969, p. 147	Europa e África	Coletiva no exterior: Arquitetura no País do Sol	
1969	Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1969, p. 147	São Paulo	Bienal de São Paulo	
1969	I Bienal de Gravura em Florença	Relatório MRE 1969, p. 147	Florença, Itália	I Bienal de Gravura em Florença	
1969	VI Bienal de Paris	Relatório MRE 1969, p. 147	Paris	VI Bienal de Paris	
1969	Salão Internacional de Humorismo	Relatório MRE 1969, p. 147	Bruxelas	Salão Internacional de Humorismo	
1969	Salão Internacional de Pintura Infantil	Relatório MRE 1969, p. 147	Nova Delhi, Índia	Salão Internacional de Pintura Infantil	
1969	Salão Internacional de Arte Infantil	Relatório MRE 1969, p. 147	Tóquio, Japão	Salão Internacional de Arte Infantil	
1967	v Bienal de Paris	Relatório MRE 1967, pp. 237-238	Paris	v Bienal de Paris, a "Bienal dos Jovens", apenas com artistas com menos de 35 anos. Doze brasileiros participaram, dos quais 2 em arquitetura e 1 em música	Pintura: Rubens Gerchman (7 obras), Francisco Liberato (5) Objetos: Hélio Oiticica (6) Escultura: Gastão Manoel Henrique (5), Avatar Moraes (4) Desenho: Regina Maria da Motta Vater (6) Gravura: Maria Bonomi (8), José Lima (8), Anna Bella Geiger (8)
1967	IX Bienal de Tóquio	Relatório MRE 1967, p. 238	Tóquio, Japão	IX Bienal de Tóquio, da qual participaram 4 artistas brasileiros	Rubens Gerchman (6 pinturas), Nelson Leirner (3), Maurício Nogueira Lima (3) e Hélio Oiticica (3 obras)

1967	VII Bienal Internacional de Gravuras - Liubliana	Relatório MRE 1967, p. 239	Liubliana (Iugoslávia, atual Eslovênia)	VII Bienal Internacional de Gravuras - Liubliana, da qual participaram 10 gravadores brasileiros	Lívio Abramo, Edith Behring, Maria Bonomi, Roberto de Lamônica, Fayga Ostrower, Arthur Luiz Piza, Isabel Pons, Anna Bella Geiger, José Lima, Wilma Martins
1967	I Bienal Internacional de Gravura em Caracas	Relatório MRE 1967, p. 239	Caracas, Venezuela	I Bienal Internacional de Gravura em Caracas, da qual participaram 3 gravadores brasileiros	Roberto de Lamônica, Fayga Ostrower, Isabel Pons
1967	Trienal de Gravura em Cor - Grenchen (Suíça)	Relatório MRE 1967, p. 239	Grenchen, Suíça	Trienal de Gravura em Cor - Grenchen (Suíça), da qual participaram 2 gravadores brasileiros	Anna Bella Geiger (3 gravuras), Marília Rodrigues (3)
1967	I Quadrienal de Cenários e Arquitetura Teatral de Praga	Relatório MRE 1967, pp. 239-240	Praga, República Tcheca	I Quadrienal de Cenários e Arquitetura Teatral de Praga, da qual participaram 4 brasileiros	Arquitetura: Fábio Penteadó, Rino Levi, Afonso Eduardo Reidy Cenografia: Aldo Calvo
1967	IX Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1967, p. 240	São Paulo	IX Bienal de São Paulo: concessão do Grande Prêmio "Itamaraty" (10 mil dólares), aberto a todos os artistas nacionais, inclusive aos que conquistaram prêmios regulamentares em 1965	
1967	Individual no Exterior: Freda Jardim (mosaicos)	Relatório MRE 1967, p. 240	Varsóvia, Polônia	Individual no Exterior: Freda Jardim (mosaicos)	Freda Jardim
1967	Individual no Exterior: Almir Mavignier (serigrafia e cartazes)	Relatório MRE 1967, p. 240	Munique (salão da Chancelaria do Consulado-Geral)	Individual no Exterior: Almir Mavignier (serigrafia e cartazes)	Almir Mavignier
1967	Individual no Exterior: Oswaldo Teixeira (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Nova York (setor de Promoção Comercial do Consulado)	Individual no Exterior: Oswaldo Teixeira (pintura)	Oswaldo Teixeira
1967	Individual no Exterior: Sérgio Telles (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Nova York (setor de Promoção Comercial do Consulado)	Individual no Exterior: Sérgio Telles (pintura)	Sérgio Telles
1967	Individual no Exterior: Orlando Teruz (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Paris (Galeria Debret)	Individual no Exterior: Orlando Teruz (pintura)	Orlando Teruz
1967	Individual no Exterior: Emílio Castelar (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Washington (BID)	Individual no Exterior: Emílio Castelar (pintura)	Emílio Castelar

1967	Individual no Exterior: Maria Helena Andrés (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Washington (BID)	Individual no Exterior: Maria Helena Andrés (pintura)	Maria Helena Andrés
1967	Individual no Exterior: Emeric Marcier (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Tóquio (Kaigado Gallery)	Individual no Exterior: Emeric Marcier (pintura)	Emeric Marcier
1967	Individual no Exterior: Wega Nery (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Washington (OEA)	Individual no Exterior: Wega Nery (pintura)	Wega Nery
1967	Individual no Exterior: José Paulo Moreira da Fonseca (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Hamburgo, Alemanha	Individual no Exterior: José Paulo Moreira da Fonseca (pintura)	José Paulo Moreira da Fonseca
1967	Individual no Exterior: José Paulo Moreira da Fonseca (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Francfort, Alemanha	Individual no Exterior: José Paulo Moreira da Fonseca (pintura)	José Paulo Moreira da Fonseca
1967	Individual no Exterior: Jenner Augusto (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Paris (Galeria Debret)	Individual no Exterior: Jenner Augusto (pintura)	Jenner Augusto
1967	Individual no Exterior: Jenner Augusto (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Bruxelas (Musée d'Ixelles)	Individual no Exterior: Jenner Augusto (pintura)	Jenner Augusto
1967	Individual no Exterior: Arcangelo Ianelli (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Berlim (Galeria Kreuzberg)	Individual no Exterior: Arcangelo Ianelli (pintura)	Arcangelo Ianelli
1967	Individual no Exterior: Maria Helena Andrés (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Washington (B.A.C.I.)	Individual no Exterior: Maria Helena Andrés (pintura)	Maria Helena Andrés
1967	Individual no Exterior: Raul Porto (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Tóquio (Kaigado Gallery)	Individual no Exterior: Raul Porto (pintura)	Raul Porto
1967	Individual no Exterior: Raul Porto (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Washington (União Pan-Americana)	Individual no Exterior: Raul Porto (pintura)	Raul Porto
1967	Individual no Exterior: Dália Antonina (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Washington (União Pan-Americana)	Individual no Exterior: Dália Antonina (pintura)	Dália Antonina
1967	Individual no Exterior: Sanson Flexor (pintura)	Relatório MRE 1967, p. 241	Tóquio (Kaigado Gallery)	Individual no Exterior: Sanson Flexor (pintura)	Sanson Flexor
1967	Individual no Exterior: Marília Rodrigues (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Fredrikstad, Noruega (Sociedade de Arte)	Individual no Exterior: Marília Rodrigues (2 gravuras)	Marília Rodrigues
1967	Individual no Exterior: Isabel Pons (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Madri (Galeria Nebli)	Individual no Exterior: Isabel Pons (66 gravuras)	Isabel Pons
1967	Individual no Exterior: Fayga Ostrower (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Santiago (Galeria Pátio)	Individual no Exterior: Fayga Ostrower (41 obras)	Fayga Ostrower
1967	Individual no Exterior: Fayga Ostrower (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Roma (Galeria da Embaixada)	Individual no Exterior: Fayga Ostrower	Fayga Ostrower
1967	Individual no Exterior: Isabel Pons (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	México (Sala da Casa de La Paz)	Individual no Exterior: Isabel Pons	Isabel Pons

1967	Individual no Exterior: René Lúcio (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Montevideu (Chancelaria da Embaixada)	Individual no Exterior: René Lúcio (gravura)	René Lúcio
1967	Individual no Exterior: René Lúcio (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Paris (Galeria Debret)	Individual no Exterior: René Lúcio (gravura)	René Lúcio
1967	Individual no Exterior: Maria Bonomi (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Assunção (Missão Cultural Brasileira)	Individual no Exterior: Maria Bonomi (gravura)	Maria Bonomi
1967	Individual no Exterior: Zoravia Bettiol (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Washinton (B.A.C.I.)	Individual no Exterior: Zoravia Bettiol (gravura)	Zoravia Bettiol
1967	Individual no Exterior: Vera Chaves Barcellos (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Washinton (B.A.C.I.)	Individual no Exterior: Vera Chaves Barcellos (gravura)	Vera Chaves Barcellos
1967	Individual no Exterior: Lívio Abramo (gravura)	Relatório MRE 1967, p. 242	Assunção (Missão Cultural Brasileira)	Individual no Exterior: Lívio Abramo (82 gravuras)	Lívio Abramo
1967	Individual no Exterior: Madeleine Colaço (tapeçaria)	Relatório MRE 1967, p. 242	Paris (Galeria Debret)	Individual no Exterior: Madeleine Colaço (tapeçaria)	Madeleine Colaço
1967	Coletiva no Exterior: "Arquitetura no país do sol" (paineis fotográficos)	Relatório MRE 1967, pp. 242-243	Gand (jan), Mouscron (fev), Bruxelas (mar), Mons (abr), Antuérpia (mai), Estocolmo (jun), Liège (jun); Santiago (jun), Washington (OEA, ago); Luanda (fev), Lourenço Marques (jun)	Coletiva no Exterior: "Arquitetura no país do sol" (paineis fotográficos)	

					Desenho: listados no campo "DESCRIÇÃO" ao lado
				Coletiva no Exterior: "Gravura e desenho brasileiro contemporâneo"	Gravura: Dora Basilio, Edith Behring, Maria Bonomi, Newton Cavalcanti, Miriam Chiaverini, Darel Valença Lins, Farnese de Andrade, Anna Bella Geiger, Marcelo Grassmann, Hermano José Guedes, Roberto de Lamônica, Roberto Magalhães, Walter Gomes Marques, Vera Bocaiuva Mindlin, Fayga Ostrower, Rossini Perez, Anna Letycia Quadros, Moacyr Rocha, Marília Rodrigues, José Assumpção Souza, Zita Viana de Barros
1967	Coletiva no Exterior: "Gravura e desenho brasileiro contemporâneo"	Relatório MRE 1967, p. 243-244	Bruxelas		
				Desenho: Antônio Henrique Amaral, Maciej Babinsky, Helena Maria Beltrão de Barros, Italo Cencini, Wesley Duke Lee, Fernando Lemos, Aldemir Martins, Rita Rosenmayer, João Suzuki, Abelardo Zaluar	
1967	Coletiva no Exterior: "10 Pintores Brasileiros Modernos"	Relatório MRE 1967, p. 244	Cidade do México (Palácio de Belas Artes) e Monterrey	Coletiva no Exterior: "10 Pintores Brasileiros Modernos"	Gilda Azevedo, Vilma Pasqualini, Antônio Maia, Inge Roesler, Benjamin Silva, Thomaz Ianelli, Carlos Scliar, Inimá de Paula, Marília Gianetti Tôrres, José Paulo M. da Fonseca (cada um com 5 obras)
1967	Coletiva no Exterior: "Arte de hoje no Brasil"	Relatório MRE 1967, p. 244	Assunção (Missão Cultural Brasileira)	Coletiva no Exterior: "Arte de hoje no Brasil" (pintores, escultores, desenhistas e gravadores brasileiros)	
1967	Exposição Internacional de Pintura Infantil	Relatório MRE 1967, p. 244	Nova Delhi, Índia	'Desenhos infantis': 22 desenhos de crianças da Escolinha de Arte do Brasil	
1967	Coletiva no Exterior: "Arte gráfica em cores no Brasil"	Relatório MRE 1967, p. 245	Munique (Galeria "Bucholz")	Coletiva no Exterior: "Arte gráfica em cores no Brasil"	Vera Chaves Barcellos, Roberto de Lamônica, Isabel Pons, Maria Bonomi, Fayga Ostrower

1967	Coletiva no Exterior: "Gravura e Escultura do Brasil"	Relatório MRE 1967, p. 245	México (Sala da Casa de La Paz)		Coletiva no Exterior: "Gravura e Escultura do Brasil"	Gravura: Isabel Pons Escultura: Lygia Clark, Fernando Jackson, Francisco Stockinger, Maurício Salgueiro
1967	Coletiva no Exterior: Antônio Dias e Roberto Magalhães	Relatório MRE 1967, p. 245	Paris (Galeria Debret)		Coletiva no Exterior: Antônio Dias e Roberto Magalhães	Antônio Dias e Roberto Magalhães
1967	Coletiva no Exterior: "Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1967, p. 245	Berna (Galeria Dobiachofsky)		Coletiva no Exterior: "Gravadores Brasileiros"	Roberto de Lamônica, Sérvulo Esmeraldo, Marília Rodrigues, José Lima, Anna Bella Geiger, Edvaldo Ramosa
1967	Coletiva no Exterior: "Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1967, p. 245	Belgrado (Casa da Juventude)		Coletiva no Exterior: "Gravadores Brasileiros"	Faya Ostrower, Maria Bonomi
1967	Revista de arquitetura "Acrópole"	Relatório MRE 1967, p. 248			No começo do ano de 1967, o MRE fez 50 assinaturas da revista, para distribuição no exterior	
1967	Revista "Revista de Cultura Brasileira"	Relatório MRE 1967, p. 248		Publicada pela Embaixada em Madri	Graças ao apoio substancial do MRE, pôde ser mantida a tiragem a ser distribuída em todos os países de língua espanhola	
1967	Prevista para 1968: "Os Pintores Holandeses do Príncipe Maurício de Nassau"	Relatório MRE 1967, p. 252	Rio de Janeiro (prevista)	Embaixada da Holanda	Prevista para 1968: "Os Pintores Holandeses do Príncipe Maurício de Nassau"	
1967	VISITA ILUSTRE: SS.AA.II. Os Príncipes Herdeiros do Japão	Relatório MRE 1967, pp. 375-376	Brasília		'o Setor competente do Ministério das Relações Exteriores organizou a visita ao Brasil de Suas Altezas Imperiais os Príncipes Herdeiros do Japão, realizada em maio de 1967. [...] No dia de sua chegada a Brasília, foi-lhes oferecido, pelo Presidente da República e Senhora Costa e Silva, jantar no Palácio Itamaraty, seguido de círculo diplomático e recepção às altas autoridades do país e à sociedade."	

1967	VISITA ILUSTRE: Secretário de Estado do Vaticano e comitiva	Relatório MRE 1967, pp. 376-377	Brasília	Em agosto de 1967, visita de S. Em. Rev. o Cardeal Amleto Giovanni Cicognani, Secretário de Estado de Sua Santidade, Legado Pontifício para entrega da Rosa de Ouro ao Santuário de Aparecida.
1967	VISITA ILUSTRE: Rei da Noruega e comitiva	Relatório MRE 1967, pp. 377-378	Brasília	Em setembro de 1967, visita oficial de Sua Majestade Olavo V, Rei da Noruega, e comitiva. Na noite do dia 8/9/1967, o Presidente da República e Senhora Costa e Silva ofereceram jantar em sua honra no Palácio Itamaraty, seguido de círculo diplomático e recepção às altas autoridades, sociedade e corpo diplomático.
1967	VISITA ILUSTRE: Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal e Senhora Franco Nogueira NÃO FICA ABSOLUTAMENTE CLARO QUE SE TRATA DO PALÁCIO EM BRASÍLIA, porém, parece-me que sim	Relatório MRE 1967, pp. 378	Brasília	Em outubro de 1967, foram homenageados com recepção no Palácio Itamaraty, oferecida pelo Ministro das Relações Exteriores e Senhora Magalhães Pinto.

1967	VISITAS ILUSTRES AO LONGO DE 1967 RECEBIDAS EM FESTIVIDADES REALIZADAS NO ITAMARATY	Relatório MRE 1967, pp. 378-379	Brasília	'No desempenho de sua incumbência de organizar as festividades realizadas no Itamaraty, o Cerimonial ocupou-se em 1967 de 61 almoços oferecidos a personalidades nacionais e estrangeiras e organizou as seguintes festividades: em 3 de abril - taça de champagne oferecida ao Corpo Diplomático; 22 de maio - jantar oferecido a SS.AA.II. os Príncipes Herdeiros do Japão, seguido de recepção; 6 de junho, coquetel oferecido à Seção argentina da CEBAC; 9 de junho - jantar oferecido ao Senhor e Senhora Hans Peter Juda; 12 de julho - coquetel oferecido ao Senhor Sagawodo, Ministro da Agricultura da Costa do Marfim; 11 de agosto - recepção oferecida aos membros da Jornada Luso-Brasileira;	
1966	'Gravura e Artesanato Popular do Nordeste"	Relatório MRE 1966, p. 205	Assunção (Galeria do SEPRO)	'Gravura e Artesanato Popular do Nordeste"	
1966	'Arte de Hoje no Brasil"	Relatório MRE 1966, p. 205	Assunção (Galeria do SEPRO)	'Arte de Hoje no Brasil"	
1966	'Pintura Brasileira Contemporânea"	Relatório MRE 1966, p. 205	Belgrado (Museu de Arte Moderna da Nova Belgrado)	'Pintura Brasileira Contemporânea"	
1966	José Paulo Moreira da Fonseca (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 205	Bonn (Salão do Ibero Clube)	José Paulo Moreira da Fonseca (pintura)	José Paulo Moreira da Fonseca
1966	'Arte Brasileira Contemporânea"	Relatório MRE 1966, p. 205	Bonn (Salão do "Beethovenhalle"	'Arte Brasileira Contemporânea"	
1966	Arcangelo Ianelli (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 205	Bonn (Salão da "Stadthalle")	Arcangelo Ianelli (pintura)	Arcangelo Ianelli
1966	'Arquitetura no País do Sol") (paineis fotográficos)	Relatório MRE 1966, p. 206	Bruxelas (Centro Cultural da Cidade de Malines)	'Arquitetura no País do Sol") (paineis fotográficos)	
1966	'Arte Brasileira Contemporânea"	Relatório MRE 1966, p. 206	Bruxelas (Palácio de Belas Artes)	'Arte Brasileira Contemporânea"	
1966	Cícero Dias (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 206	Bruxelas (Museu de Ixelles)	Cícero Dias (pintura)	Cícero Dias

1966	'Artistas Brasileiros Contemporâneos"	Relatório MRE 1966, p. 206	Buenos Aires (Museu de Arte Moderna)	'Artistas Brasileiros Contemporâneos"	
1966	'Arquitetura Brasileira"	Relatório MRE 1966, p. 206	Carcas (FAU da Universidade Central da Venezuela)	'Arquitetura Brasileira"	
1966	'10 Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 206	Copenhague (Court Gallery)	'10 Gravadores Brasileiros"	
1966	'10 Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 206	Helsique (Salão do Teneum)	'10 Gravadores Brasileiros"	
1966	José de Dome (pinturas)	Relatório MRE 1966, p. 206	Lima (Galeria Cândido Portinari)	José de Dome (pinturas)	José de Dome
1966	'Arte do Índio Brasileiro"	Relatório MRE 1966, p. 206	Lisboa (Sociedade Nacional de Belas Artes)	'Arte do Índio Brasileiro"	
1966	Sérvulo Esmeraldo (gravuras)	Relatório MRE 1966, p. 207	Lisboa (Sociedade de Gravadores)	Sérvulo Esmeraldo (gravuras)	Sérvulo Esmeraldo
1966	Noêmia Guerra (pintura) e Ljuba (escultura)	Relatório MRE 1966, p. 207	Londres (Alwin Gallery)	Noêmia Guerra (pintura) e Ljuba (escultura)	Noêmia Guerra e Ljuba
1966	Dora Basílio (gravuras)	Relatório MRE 1966, p. 207	Londres (Zwemer Gallery)	Dora Basílio (gravuras)	Dora Basílio
1966	'Artistas da Bahia"	Relatório MRE 1966, p. 207	Madri (Ministério da Educação)	'Artistas da Bahia"	
1966	Isabel Pons (gravura)	Relatório MRE 1966, p. 207	Madri (Galeria Nebli)	Isabel Pons (gravura)	Isabel Pons
1966	'Arte Contemporânea Brasileira"	Relatório MRE 1966, p. 207	México (Museu de Arte Moderna)	'Arte Contemporânea Brasileira"	
1966	'Gravura Brasileira"	Relatório MRE 1966, p. 207	Universidade de Guanajate, México	'Gravura Brasileira"	
1966	'Arte Brasileira Contemporânea"	Relatório MRE 1966, p. 207	Montevidéu (Museu Nacional de Belas Artes)	'Arte Brasileira Contemporânea"	
1966	'Oito Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 207	Montevidéu	'Oito Gravadores Brasileiros"	
1966	'Pintores Primitivos Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 207	Moscou (Museu de Arte Oriental)	'Pintores Primitivos Brasileiros"	
1966	'Exposição Alberto Santos Dumont"	Relatório MRE 1966, p. 207	Oslo ("Norsk Teknisk Museum")	'Exposição Alberto Santos Dumont"	
1966	'Artistas Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 208	Paris (Galeria Debret)	'Artistas Brasileiros"	
1966	Exposição "Brésil Imprévu"	Relatório MRE 1966, p. 208	Paris (Maison Jansen)	Exposição "Brésil Imprévu"	

1966	'Arte Brasileira Contemporânea"	Relatório MRE 1966, p. 208	Panamá (Museu de Belas Artes)	'Arte Brasileira Contemporânea"	
1966	Freda Jardim (mosaicos)	Relatório MRE 1966, p. 208	Roma (Galeria da Casa do Brasil)	Freda Jardim (mosaicos)	Freda Jardim
1966	Maria Polo e Pedro Correia de Araújo (pintura e joias)	Relatório MRE 1966, p. 208	Roma (Galeria da Casa do Brasil)	Maria Polo e Pedro Correia de Araújo (pintura e joias)	Maria Polo e Pedro Correia de Araújo
1966	Enrico Bianco (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 208	Roma (Galeria da Casa do Brasil)	Enrico Bianco (pintura)	Enrico Bianco
1966	Domenico Clabrone (joias)	Relatório MRE 1966, p. 208	Roma (Galeria da Casa do Brasil)	Domenico Clabrone (joias)	Domenico Clabrone
1966	'Arte Contemporânea Brasileira"	Relatório MRE 1966, p. 208	São José da Costa Rica (Salão do Ministério da Educação)	'Arte Contemporânea Brasileira"	
1966	'Paineis Fotográficos de Arquitetura"	Relatório MRE 1966, p. 208	Salvador (Associação de Arquitetos de Salvador)	'Paineis Fotográficos de Arquitetura"	Afonso Eduardo Reidy
1966	'Arte Brasileira Contemporânea"	Relatório MRE 1966, p. 208	Salvador (Salão da Biblioteca Nacional)	'Arte Brasileira Contemporânea"	
1966	Duchez e Nicola (tapetes)	Relatório MRE 1966, p. 209	Santiago (Galeria da Missão)	Duchez e Nicola (tapetes)	Duchez e Nicola
1966	'Quatro Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 209	Santiago (Galeria da Missão)	'Quatro Gravadores Brasileiros"	
1966	'Gravuras do Rio Grande do Sul"	Relatório MRE 1966, p. 209	Tóquio (Chancelaria da Embaixada)	'Gravuras do Rio Grande do Sul"	
1966	'Gravuras do Rio Grande do Sul"	Relatório MRE 1966, p. 209	Osaka (Galeria Nakamiya)	'Gravuras do Rio Grande do Sul"	
1966	'Gravuras do Rio Grande do Sul"	Relatório MRE 1966, p. 209	Sakata (Galeria do Museu de Arte Homma)	'Gravuras do Rio Grande do Sul"	
1966	'Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 209	Tóquio (Ministério da Educação)	'Gravadores Brasileiros"	
1966	Sanson Flexor e Raul Porto (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 209	Tóquio (Galeria Isogaya)	Sanson Flexor e Raul Porto (pintura)	Sanson Flexor e Raul Porto
1966	'Pintores Primitivos Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 209	Varsóvia (Ministério da Educação)	'Pintores Primitivos Brasileiros"	
1966	José Paulo Moreira da Fonseca	Relatório MRE 1966, p. 209	Viena (Galeria Peithnerlichtenfels)	José Paulo Moreira da Fonseca	José Paulo Moreira da Fonseca
1966	'Seoane" (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 209	Universidade de Indiana, EUA	'Seoane" (pintura)	Seoane

1966	Maria Cecília Gismondi (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 209	Washinton (B.A.C.I.)	Maria Cecília Gismondi (pintura)	Maria Cecília Gismondi
1966	'Raquel Strosberg" (gravuras)	Relatório MRE 1966, p. 210	Universidade de Wisconsin, EUA	Raquel Strosberg (gravuras)	Raquel Strosberg
1966	'Ludos de Guignard"	Relatório MRE 1966, p. 210	Universidade do Kansas, EUA	'Ludos de Guignard"	Guignard?
1966	'Artistas Mineiros" (desenho e gravura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Universidade de Fairleigh Dickinson, de Rutherford, EUA	'Artistas Mineiros"	
1966	'Pintores Baianos"	Relatório MRE 1966, p. 210	Banco Nacional de Filadélfia, EUA	'Pintores Baianos"	
1966	'Seoane" (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Washinton (B.A.C.I.)	'Seoane" (pintura)	Seoane
1966	'Artistas Mineiros"	Relatório MRE 1966, p. 210	Washinton (B.A.C.I.)	'Artistas Mineiros"	
1966	'Gravadores Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 210	Washinton (B.A.C.I.)	'Gravadores Brasileiros"	
1966	'Anésia Pacheco Chaves" (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Washinton (B.A.C.I.)	'Anésia Pacheco Chaves" (pintura)	Anésia Pacheco Chaves
1966	'Raquel Strosberg" (gravura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Talladega College, Alabama, EUA	'Raquel Strosberg" (gravura)	Raquel Strosberg
1966	'Abraham Palatnik"	Relatório MRE 1966, p. 210	Dusseldorf, RFA (Galeria Hella Nebelung)	'Abraham Palatnik"	Abraham Palatnik
1966	'Artistas Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 210	Houston, EUA (Kiko Galleries)	'Artistas Brasileiros"	
1966	'Isabel Pons" (gravura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Milão (Galeria do Centro Cultural)	'Isabel Pons" (gravura)	Isabel Pons
1966	'Ana Letícia" (gravura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Milão (Galeria do Centro Cultural)	'Ana Letícia" (gravura)	Ana Letícia
1966	'lanelli" (desenho)	Relatório MRE 1966, p. 210	Milão (Galeria do Centro Cultural)	'lanelli" (desenho)	lanelli
1966	'Dora Basílio" (gravura)	Relatório MRE 1966, p. 210	Milão (Galeria do Centro Cultural)	'Dora Basílio" (gravura)	Dora Basílio
1966	Bernik (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 211	Milão (Galeria do Centro Cultural)	Bernik (pintura)	Bernik
1966	Sérvulo Esmeraldo (gravuras)	Relatório MRE 1966, p. 211	Milão (Galeria do Centro Cultural)	Sérvulo Esmeraldo (gravuras)	Sérvulo Esmeraldo
1966	Edival Ramosa (desenho)	Relatório MRE 1966, p. 211	Milão (Galeria do Centro Cultural)	Edival Ramosa (desenho)	Edival Ramosa
1966	'José Paulo Moreira da Fonseca"	Relatório MRE 1966, p. 211	Munique (Galeria da Missão)	'José Paulo Moreira da Fonseca"	José Paulo Moreira da Fonseca

1966	'Arcangelo Ianelli"	Relatório MRE 1966, p. 211	Munique (Galeria da Missão)	'Arcangelo Ianelli"	Arcangelo Ianelli
1966	'Gravadores Brasileiros Contemporâneos"	Relatório MRE 1966, p. 211	Maillot Hall, Cornew University, EUA	'Gravadores Brasileiros Contemporâneos"	
1966	'Artistas Brasileiros"	Relatório MRE 1966, p. 211	Amel Gallery, EUA	'Artistas Brasileiros"	
1966	Danilo di Prete (pintura)	Relatório MRE 1966, p. 211	Florença, Itália	Danilo di Prete (pintura)	Danilo di Prete
1966	Roberto de Lamonica (gravura)	Relatório MRE 1966, p. 211	Trieste, Itália (Galeria Feltrineli)	Roberto de Lamonica (gravura)	Roberto de Lamonica
1966	I Exposição Internacional de Desenho Infantil	Relatório MRE 1966, p. 211	Atenas, Grécia	I Exposição Internacional de Desenho Infantil	
1966	II Salão Internacional de Galerias Pilôto	Relatório MRE 1966, p. 211	Berna, Suíça	II Salão Internacional de Galerias Pilôto (participação da Galeria Bonino)	
1966	I Festival Mundial de Artes Negras	Relatório MRE 1966, p. 212	Dacar, Senegal	I Festival Mundial de Artes Negras. 1o Prêmio ao escultor Agnaldo dos Santos	Agnaldo dos Santos e outros
1966	II Bienal Internacional de Arte Universitária	Relatório MRE 1966, p. 212	Madri, Espanha	II Bienal Internacional de Arte Universitária, participação de Suzana Mentz (desenho) - Medalha de Bronze	Suzana Mentz
1966	'Salão de Maio"	Relatório MRE 1966, p. 212	Paris	'Salão de Maio" (participação de Antonio Dias)	Antonio Dias
1966	XVIII Congresso INSEA	Relatório MRE 1966, p. 212	Praga	XVIII Congresso INSEA (part. da Escolinha de Arte do Brasil)	
1966	XXXIII Bienal de Veneza	Relatório MRE 1966, p. 212	Veneza, Itália	XXXIII Bienal de Veneza (prêmio de gravura para Artur Luiz Piza e prêmio especial para Agostinho de Freitas - pintor ingênuo)	Artur Luiz Piza e Agostinho de Freitas
1966	II Bienal Americana de Gravura	Relatório MRE 1966, p. 212	Santiago, Chile	II Bienal Americana de Gravura (prêmio internacional a Roberto De Lamonica e melhor representação ao Brasil)	Roberto De Lamonica [e outros?]
1966	'Exposição Internacional de Desenhos Infantis"	Relatório MRE 1966, p. 212	'Shikoya Department Store", Japão	'Exposição Internacional de Desenhos Infantis" - part. da Escolinha de Arte do Brasil	
1966	V Bienal de Gravura de Tóquio	Relatório MRE 1966, p. 213	Tóquio, Japão	V Bienal de Gravura de Tóquio	Ana Letícia, Gilvan Samico, Fayga Ostrower
1966	I Bienal de Gravuras (Cracóvia)	Relatório MRE 1966, p. 213	Cracóvia, Polônia	I Bienal de Gravuras (Cracóvia) - 3o prêmio a Isabel Pons	Isabel Pons
1966	I Bienal Internacinal de Cartazes	Relatório MRE 1966, p. 213	Varsóvia?, Polônia	I Bienal Internacinal de Cartazes - prêmio a Almir Mavignier	Almir Mavignier
1966	"V Bienal de Arte Cristã"	Relatório MRE 1966, p. 213	Palácio de Salzburgo, Áustria	"V Bienal de Arte Cristã" - part. do Brasil (Emeric Marcier)	Emeric Marcier

1966	'Art in Latin America Since Independence"	Relatório MRE 1966, p. 213	Austin, Texas, EUA	'Art in Latin America Since Independence"	
1966	XVII Mostra Internacional de Arte	Relatório MRE 1966, p. 213	Florença?, Itália	XVII Mostra Internacional de Arte	
1966	'Bienal de Gravuras de Lugano"	Relatório MRE 1966, p. 213	Lugano [via Milão?]	'Bienal de Gravuras de Lugano"	Walter Marques, Marcelo Grassmann e Darel Valença
1966	'Prêmio Internacional Marinetti para Pesquisas Plásticas de Expressão Cinética"	Relatório MRE 1966, p. 213	Paris (Museu de Arte Moderna)	'Prêmio Internacional Marinetti para Pesquisas Plásticas de Expressão Cinética". 1o prêmio à escultora Mary Vieira	Mary Vieira
1965	Livro "Quem É Quem" [nas Artes e Letras do Brasil Contemporâneo]	Relatório MRE 1965, p. 265		Divisão de Difusão Cultural [do Departamento Cultural] elaborou o livro "Quem é quem" nas Artes e Letras do Brasil Contemporâneo, contendo biografias das principais personalidades no campo da literatura, músicas, artes plásticas, cinema e teatro, para uso das Missões e Repartições consulares	
1965	Documentário "VIII Bienal de São Paulo"	Relatório MRE 1965, p. 266		Divisão de Difusão Cultural produziu dois documentários em curta-metragem, um sobre "Esportes no Brasil" e outro sobre a VIII Bienal de São Paulo, com cópias em inglês, francês, castelhano e alemão, a serem enviadas ao exterior em 1966	

1965	Celebração do convênio entre o MRE e a Fundação Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1965, pp. 266-267, 282	Pelo convênio, Itamaraty contribuirá com Cr\$ 100.000.000, para a realização de cada Bienal (Cr\$ 50.000.000 a cada ano), comprometendo-se a Bienal, em contrapartida, a ceder cerca de 50 obras dos artistas nacionais participantes [que tivessem merecido o prêmio de aquisição], as quais serão distribuídas às Missões e Repartições consulares brasileiras, passando a integrar seu acervo cultural ["e, ao mesmo tempo, estará assegurando aos artistas um mercado potencial e uma divulgação notável"]
1965	Verba cultural às Representações para o ano de 1965 (Circular no. 5459): mais autonomia e iniciativas mais amplas	Relatório MRE 1965, p. 267	"O convênio recém-concluído acertou, em definitivo, a interferência do Itamaraty nas Bienais futuras."
1965	Revista "Habitat"	Relatório MRE 1965, p. 271	'A Divisão de Difusão Cultural, pela Circular no. 5459, criava condições inovadoras de atuação externa, ao dotar as nossas Representações de uma verba cultural para o exercício do ano findo. Alocando essa verba, cujo montante variava de acordo com a importância do Pôsto, outro não foi o objetivo da Secretaria de Estado, senão o de dar maior autonomia e permitir uma iniciativa mais ampla às Missões diplomáticas e Repartições consulares na programação de suas atividades culturais dentro de suas respectivas jurisdições"

duas assinaturas da revista Habitat ,
entre outras sobre cultura brasileira

1965	Livros de arte remetidos ao Exterior	Relatório MRE 1965, p. 272		MEC, Instituto Nacional do Livro, Biblioteca Nacional	150 exemplares de "L' Architecture Religieuse Baroque au Brésil" e 150 de "Aleijadinho", ambos de Germain Bazin, 10 exemplares do álbum "Frans Post"	
1965	'Revista de Cultura Brasileira'	Relatório MRE 1965, p. 274		Publicada pela Embaixada em Madri	Revista de divulgação da embaixada em Madri ganhou auxílio do Departamento de Difusão Cultural	
1965	Fotografias e Diapositivos sobre Arquitetura Contemporânea Brasileira e Artes Plásticas	Relatório MRE 1965, pp. 278-279			Fotografias e Diapositivos sobre Arquitetura Contemporânea Brasileira e Artes Plásticas, para remessa ao exterior	
1965	IV Bienal dos Jovens, em Paris	Relatório MRE 1965, p. 280	Paris		IV Bienal dos Jovens, em Paris, realizada em setembro	Antônio Dias e Roberto Magalhães, pelo menos
1965	VIII Bienal de Tóquio	Relatório MRE 1965, p. 280	Tóquio		VIII Bienal de Tóquio, realizada em maio	Wesley Duke Lee, pelo menos
1965	Bienal Americana de Grabado	Relatório MRE 1965, p. 280	Santiago		Bienal Americana de Grabado	Roberto de Lamônica, pelo menos
1965	Exposição de arte contemporânea (200 peças)	Relatório MRE 1965, p. 280	Londres e Viena		Exposição de arte contemporânea (200 peças), em pintura, gravura e escultura	
1965	Exposições coletivas nas principais cidades europeias e americanas	Relatório MRE 1965, p. 281	Europa e Américas	Missões diplomáticas trabalhando em conjunto com setor de artes plásticas do Departamento de Difusão Cultural e um comissário	Exposições coletivas nas principais cidades europeias e americanas. Cada uma é aproveitada em 3 ou 4 grandes centros.	
1965	Dezenas de exposições individuais (mais de 40)	Relatório MRE 1965, p. 281			Dezenas de exposições individuais, organizadas pelo setor de artes plásticas. Foram enviadas aos Centros Culturais do Brasil no exterior, ou a galerias que convidaram o artista diretamente	

1965	PREOCUPAÇÃO DO SETOR DE ARTES PLÁSTICAS: OBTER PRÊMIOS INTERNACIONAIS PARA O BRASIL	Relatório MRE 1965, p. 281			'O setor de artes plásticas, ao remeter estas exposições para o exterior, tem sempre em vista a obtenção do maior sucesso e divulgação possíveis. Faz-se necessário considerar cuidadosamente que tendência ou que ramo de atividade artística agrada a tal centro cultural, naturalmente sempre considerando, em primeiro lugar, a qualidade do que se envia. [...]
1965	Doação de um quadro à Organização Pan-Americana de Saúde	Relatório MRE 1965, p. 282			Através do setor de artes plásticas, foi feita a doação de um valioso quadro à Organização Pan-Americana de Saúde
1965	SOBRE O GABINETE DE BRASÍLIA	Relatório MRE 1965, p. 474			'Convém salientar que a sede do Gabinete do Senhor Ministro de Estado esteve localizada, durante o ano de 1965, no 7o andar do Ministério da Marinha, enquanto trabalhava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP, na recuperação do 2o andar do Ministério da Saúde, sede original do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, até agosto de 1964. Por esse motivo, as instalações se caracterizaram por um caráter de transitoriedade, em razão do esperado retorno à sede original."
1964	XXXII Bienal de Veneza	Relatório MRE 1964, p. 175	Veneza, Itália		XXXII Bienal de Veneza
1964	III Bienal de Córdoba	Relatório MRE 1964, p. 175	Córdoba, Argentina		III Bienal de Córdoba
1964	IV Bienal Internacional de Gravuras em Tóquio	Relatório MRE 1964, p. 175	Tóquio, Japão		IV Bienal Internacional de Gravuras em Tóquio
1964	I Arte Gráfica Internacional em Montreal	Relatório MRE 1964, p. 175	Montreal, Canadá		1a Arte Gráfica Internacional em Montreal
1964	II Festival de Caricatura em Montreal	Relatório MRE 1964, p. 175	Montreal, Canadá		II Festival de Caricatura em Montreal

1964	Vários certames de arte infantil internacional	Relatório MRE 1964, p. 175	Tóquio (Japão), Praga (Tchecoslováquia), Montreal (Canadá) e outros		Grande Prêmio da ONU em Praga	
1964	Balanço geral do ano de 1964: 129 exposições de pintura, escultura e gravura	Relatório MRE 1964, p. 175	Vários países	Divisão de Difusão Cultural, Missões Diplomáticas, galerias e museus	América Latina: 48 exposições América do Norte e Canadá: 17 Europa: 53 Ásia: 9 Norte da África: 2	
1964	Cursos de gravura de Fayga Ostrower	Relatório MRE 1964, p. 176	EUA		Cursos de gravura de Fayga Ostrower	Fayga Ostrower
1964	Cursos de gravura de Roberto de Lamônica	Relatório MRE 1964, p. 176	EUA		Cursos de gravura de Roberto de Lamônica	Roberto de Lamônica
1964	Conferências de Burle Marx sobre arquitetura e paisagismo	Relatório MRE 1964, p. 176	Alemanha, Inglaterra e EUA		Conferências de Burle Marx sobre arquitetura e paisagismo	Roberto Burle Marx
1964	Exposição "Phases"	Relatório MRE 1964, p. 176	São Paulo (Museu de Arte Contemporânea)	MAC SP	Exposição "Phases", solicitada pelo Museu de Arte Contemporânea de São Paulo	
1964	Exposição de Antônio Saura	Relatório MRE 1964, p. 176	Rio de Janeiro (MAM)	MAM RJ	Exposição de Antônio Saura, da qual a Divisão de Difusão Cultural pagou transporte e seguro	Antônio Saura
1964	Exposição de Rose Brue	Relatório MRE 1964, p. 176	Rio de Janeiro (MAM)	MAM RJ	Exposição de Rose Brue, da qual a Divisão de Difusão Cultural pagou transporte e seguro	Rose Brue
1964	Exposição de Millares	Relatório MRE 1964, p. 176	Rio de Janeiro (MAM)	MAM RJ	Exposição de Millares, da qual a Divisão de Difusão Cultural pagou transporte e seguro	Millares
1964	Exposição de Joseph Albers de Lima	Relatório MRE 1964, p. 176	São Paulo (Museu de Arte Contemporânea)	MAC SP	Exposição de Joseph Albers de Lima, da qual a Divisão de Difusão Cultural pagou transporte	Joseph Albers de Lima
1964	Várias exposições do pintor Cargalheiros	Relatório MRE 1964, p. 176	Várias cidades do Brasil		Várias exposições do pintor Cargalheiros, sendo que Divisão de Difusão Cultural ajudou a promover a vinda do pintor	Cargalheiros
1964	Exposição de Arquitetura Finlandesa	Relatório MRE 1964, p. 176	São Paulo		Exposição de Arquitetura Finlandesa, cujo transporte Santos-São Paulo foi pago pela Divisão de Difusão Cultural	
1964	Participação do Museu de Arte Moderna na Bienal de Veneza	Relatório MRE 1964, p. 176	Veneza, Itália		Participação do Museu de Arte Moderna [não especificado] na Bienal de Veneza, dentro da mostra "Museus do Mundo"	

1964	Bienal de Córdoba	Relatório MRE 1964, p. 176	Córdoba		Paritipação brasileira na Bienal de Córdoba: "Alunos do Atelier de Gravura do Museu de Arte Moderna"	
1964	Exposição "Forma e Espaço", em Buenos Aires	Relatório MRE 1964, p. 176	Buenos Aires		Exposição "Forma e Espaço", enviada para o II Salão da Fundação Construtiva de Concreto, em Buenos Aires, aparentemente. Vide explicação em "Observação", ao lado	
1964	Exposição "Arte Mexicana Contemporânea"	Relatório MRE 1964, pp. 176-177	Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre	Governo mexicano	Exposição enviada pelo Governo do México, e a Divisão de Difusão Cultural programou as exposições.	
1964	Exposição "Arqueologia" (romena)	Relatório MRE 1964, p. 177		Embaixada romena	Exposição "Arqueologia" (romena)	
1964	Exposição de Arte Negra do Senegal	Relatório MRE 1964, p. 177		Senegal	Exposição de Arte Negra do Senegal	
1964	Envio de reproduções de quadros brasileiros e livros de arte brasileira	Relatório MRE 1964, p. 177			Envio de reproduções de quadros brasileiros e livros de arte brasileira	
1964	'Aleijadinho" (documentário curto)	Relatório MRE 1964, p. 181		Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico do MEC	'Aleijadinho", curta documental em cores (em produção). Roteiro do arq. Lúcio Costa, direção a cargo do cineasta David E. Neves	Lúcio Costa (roteiro), David E. Neves (direção)
1964	Projeto de cooperação em documentário curto "Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro"	Relatório MRE 1964, p. 181			Projeto de cooperação em documentário curto "Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro"	José Sanz (direção)
1964	Projeto de cooperação em documentário curto 'Heitor dos Prazeres'	Relatório MRE 1964, p. 181			Projeto de cooperação em documentário curto 'Heitor dos Prazeres'	Antônio Carlos Fontoura (direção)
1964	Filme sobre o artista "Bruno Giorgi"	Relatório MRE 1964, p. 182			Filme sobre o artista "Bruno Giorgi", produzido em 1964	
1964	Filme sobre o artista "Augusto Rodrigues"	Relatório MRE 1964, p. 182			Filme sobre o artista "Augusto Rodrigues", produzido em 1964	

	MUDANÇAS NO MINISTÉRIO: antiga Divisão Cultural foi transformada em Departamento Cultural e de			
1961	Informações, integrado por três Divisões, a saber: de Difusão Cultural, de Cooperação Cultural e de Informações	Relatório MRE 1961, p. 159		
1961	Facilitação de viagens de professores brasileiros para conferências no exterior	Relatório MRE 1961, p. 165	Facilitação de viagens de professores brasileiros para conferências no exterior: arquiteto Henrique Mindlin (fev, conferências no Royal College of Arts, Londres, sobre arquitetura barroca brasileira, arquitetura contemporânea e Brasília), Lúcio Costa (abr, seminário "O Novo Humanismo Científico e Tecnológico, no MIT), [...]	Arquitetos Henrique Mindlin, Lúcio Costa, Frei Mansueto Kohnen, Mário Barata e outros
1961	Assinaturas de revistas e aquisição de exemplares para divulgação no exterior	Relatório MRE 1961, p. 174	Assinaturas de revistas e aquisição de exemplares para divulgação no exterior: 1200 assinaturas de "Módulo", cuja edição contém artigos em inglês, espanhol e francês, e distribuídos 650 exemplares do número especial de "Acrópole" sobre Brasília, 3000 exemplares da revista "Continente" sobre cidades brasileiras e [...]	
1961	Fotografias e Diapositivos sobre Brasília, arquitetura moderna, arte barroca, obras do Aleijadinho e indústria brasileira	Relatório MRE 1961, pp. 174-175	Coleções de fotos enviadas para missões diplomáticas em Berna, Madri, Roma, Quito, Londres, Pretória, Jacarta, México, Tóquio, Bruxelas, Vaticano, Ottawa, Beirute e repartições consulares em Zurique, Hong-Kong, e Houston	
1961	VI Bienal de Artes Plásticas e Teatro, de São Paulo	Relatório MRE 1961, pp. 175-176	Museu de Arte Moderna de SP	VI Bienal de Artes Plásticas e Teatro, de São Paulo

1961	II Bienal dos Jovens, em Paris	Relatório MRE 1961, p. 176	Paris	Assessoria de críticos nacionais	O Itamaraty organizou, assessorado por críticos nacionais, a participação brasileira à II Bienal dos Jovens	Pintor Flávio Tanaka venceu um dos sete prêmios internacionais
1961	Mostra Internacional de Arte Sacra, em Trieste	Relatório MRE 1961, p. 176	Trieste, Itália	Consulado em Trieste	Mostra Internacional de Arte Sacra, em Trieste	Emiliano Di Cavalcanti venceu "Medalha de Ouro"
1961	Exposição de arte brasileira (MAM RJ) na Europa Ocidental	Relatório MRE 1961, p. 176	Hamburgo, RFA, última parada, após apresentação em diversas cidades e capitais da Europa Ocidental	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro	Exposição de arte brasileira (organizada pelo MAM RJ) na Europa Ocidental, em diversas cidades e nas capitais de França, Espanha, Portugal, Holanda e Alemanha. Visão de conjunto do panorama artístico brasileiro contemporâneo	
1961	Apresentação da seleção de pintura da representação brasileira na XXX Bienal de Veneza	Relatório MRE 1961, p. 176	Belgrado, Iugoslávia (atual Sérvia)		Apresentação da seleção de pintura da representação brasileira na XXX Bienal de Veneza	
1961	Coletiva "A Face e a Obra"	Relatório MRE 1961, p. 176	Lima, Peru		Coletiva "A Face e a Obra", de cerca de 30 artistas nacionais	
1961	Retrospectiva de Lasar Segall	Relatório MRE 1961, p. 176	Berlim (RFA) e Varsóvia (Polônia)		Retrospectiva de Lasar Segall	Lasar Segall
1961	Individuais de Arnaldo Pedroso d'Horta e Aldemir Martins (desenhos)	Relatório MRE 1961, pp. 176-177	Roma (Casa do Brasil)		Individuais de Arnaldo Pedroso d'Horta e Aldemir Martins (desenhos)	Arnaldo Pedroso d'Horta e Aldemir Martins
1961	Tapeçaria de Genaro Carvalho	Relatório MRE 1961, p. 177	Buenos Aires		Tapeçaria de Genaro Carvalho	Genaro Carvalho
1961	Tapeçaria de Gina Prado	Relatório MRE 1961, p. 177	Washington, EUA (Galeria de Arte da União Pan-Americana)		Tapeçaria de Gina Prado, inspirada em trabalhos de artistas latino-americanos	Gina Prado
1961	Esculturas de Bruno Giorgi	Relatório MRE 1961, p. 177	Lima (Peru) e Santiago (Chile)		Esculturas de Bruno Giorgi	Bruno Giorgi
1961	Pinturas e desenhos de Ione Saldanha	Relatório MRE 1961, p. 177	Santiago (Chile)		Pinturas e desenhos de Ione Saldanha	Ione Saldanha
1961	Pinturas de Manabu Mabe	Relatório MRE 1961, p. 177	Buenos Aires (Argentina) e Montevideu (Uruguai)		Pinturas de Manabu Mabe	Manabu Mabe
1961	Exposição de gravuras brasileiras na Europa Ocidental	Relatório MRE 1961, p. 177	Amsterdão (Museu Municipal), Bruxelas, Gand e Bruges (Bélgica)		Exposição de gravuras brasileiras na Europa Ocidental	

1961	Exposição e curso dos gravuristas Roberto de Lamônica e Edith Behring	Relatório MRE 1961, p. 177	Lima, Peru (Escola de Belas Artes)		Exposição e curso dos gravuristas Roberto de Lamônica e Edith Behring	Roberto de Lamônica e Edith Behring
1961	Exposição e curso da gravadora Ana Letycia	Relatório MRE 1961, p. 177	Santiago, Chile (Centro de Cultura Brasileira)		Exposição e curso da gravadora Ana Letycia	Ana Letycia
1961	Exposição de gravura contemporânea brasileira	Relatório MRE 1961, pp. 177-178	EUA (circulando)	Smithsonian Institute	Exposição de gravura contemporânea brasileira	
1961	Aquisição de gravuras pela Biblioteca do Congresso dos EUA	Relatório MRE 1961, p. 178	Washington (EUA)	Biblioteca do Congresso dos EUA (adquirente)	11 gravuras de artistas brasileiros adquiridas para o acervo permanente	
1961	Exposição "Panorama Cultural do Brasil" (gravuras e livros)	Relatório MRE 1961, p. 178	Panamá, Guatemala e Costa Rica (São José)	Revista "Leitura"	Exposição "Panorama Cultural do Brasil" (gravuras e livros)	
1961	Grande exposição de arquitetura brasileira	Relatório MRE 1961, p. 178	Quito (Equador), Lima (Peru) e Santiago (Chile)		Grande exposição de arquitetura brasileira (barroca, contemporânea e Brasília)	
1961	Retrospectiva de Roberto Burle Marx	Relatório MRE 1961, p. 178	Buenos Aires (Argentina)		Retrospectiva da arquitetura paisagística de Roberto Burle Marx, aberta em nov, que deverá percorrer toda a América Latina	Roberto Burle Marx
1961	Exposição "Brasília, the Birth of a Capital"	Relatório MRE 1961, p. 178	Chicago, EUA (circulará)	Smithsonian Institute	Exposição "Brasília, the Birth of a Capital" nos EUA	
1961	Exposição sobre Brasília	Relatório MRE 1961, p. 178	Estocolmo (Suécia), Oslo (Noruega) e Copenhague (Dinamarca)		Exposição sobre Brasília nos países escandinavos e outros	
1961	Exposição sobre arquitetura brasileira	Relatório MRE 1961, p. 178	Jakarta (Indonésia)		Exposição sobre arquitetura brasileira na Indonésia	
1961	Exposição de arquitetura moderna brasileira	Relatório MRE 1961, p. 179	Lobito e Benguela (Angola)		Exposição de arquitetura moderna brasileira em Angola	
1961	Exposição de cerâmica popular	Relatório MRE 1961, p. 179	Milão (Itália)		Exposição de cerâmica popular na Itália	
1961	Exposição de cerâmica popular	Relatório MRE 1961, p. 179	Ayacucho (Peru)		Exposição de cerâmica popular no Peru	
1961	Exposição de gravura popular	Relatório MRE 1961, p. 179	Paris, França (Biblioteca Nacional) e Basileia, Suíça (Kunst-Museum)	Embaixada em Paris e Universidade do Ceará	Exposição de gravura popular	

1961	Exposições de arte e de livros infantis	Relatório MRE 1961, p. 179	Ancara, Tel-Aviv, Washington, Ottawa, Buenos Aires e Rosário	'Escolinha de Arte do Brasil' e Museu de Arte Moderna do RJ	Exposições de arte e de livros infantis
1961	Filme "Arte do Brasil de Hoje"	Relatório MRE 1961, p. 179			Filme "Arte do Brasil de Hoje": cópias do filme com versão em japonês foram remetidas para Missões e Consulados
1961	Patrimônio: construção da sede do MRE em BSB	Relatório MRE 1961, p. 210			'Mereceu atenção especial do Patrimônio o assunto da construção da sede do Ministério das Relações Exteriores em Brasília. O setor sugeriu a criação de uma Comissão de Alto Nível para o exame dos assuntos com base nos trabalhos fornecidos por um Grupo Executivo, devidamente aparelhado para a tarefa. A proposta mereceu aprovação. A Comissão criada para apresentar um anteprojeto no prazo de 45 dias, presidida pelo Embaixador Câmara Canto, contou com a colaboração do Ministro Wladimir Murinho, e terminou seus trabalhos no prazo estipulado."
1961	Patrimônio: "BAIRRO DIPLOMÁTICO DE BRASÍLIA"	Relatório MRE 1961, pp. 210-211			'O Patrimônio já esteve em contato com a Novacap para tratar do problema de ampliação do bairro diplomático de Brasília, que deverá comportar um mínimo de 120 lotes. Além do problema de ampliação, sugeriu que as relações entre a Novacap, a Prefeitura de Brasília e as Missões diplomáticas fossem estabelecidas por intermédio do Itamaraty."

1961	Patrimônio: DESAPROPRIAÇÕES	Relatório MRE 1961, p. 211			'As desapropriações, decretadas para liberação e isolamento da área do Palácio Itamaraty, prosseguiram, sendo a União imitada na posse dos imóveis de ns. 163 e 165, da rua Senador Pompeu."
1961	Cerimonial: lançamento da pedra fundamental da nova Embaixada do Uruguai	Relatório MRE 1961, p. 333			'A última visita oficial realizada em 1961 foi a do Senhor Eduardo Victor Haedo, Presidente do Conselho Nacional de Governo do Uruguai. [...] Em Brasília, foi recebido pelo Congresso Nacional, em sessão solene, visitou o Supremo Tribunal Federal e lançou a pedra fundamental da Embaixada do Uruguai."
1960	Viagens de Arquitetos Brasileiros ao Exterior	Relatório MRE 1960, pp. 36-37	Espanha, Itália e URSS	Instituto de Arquitetos do Brasil	Para a maior divulgação da nova arquitetura, a Divisão Cultural, além de patrocinar a ida da Delegação do Brasil ao Congresso da Federação Pan-Americana de Arquitetos em Buenos Aires, e o envio da nossa exposição àquele certame, facilitou o comparecimento de arquitetos nas seguntes reuniões internacionais: [...]
1960	Subvenções concedidas a entidades culturais estrangeiras	Relatório MRE 1960, p. 37	Diversas entidades		Arquitetos: Henrique Mindlin, Edmundo Corona, Ícaro de Castro Mello e Rino Levi Centro de Estudos Brasileiros de Munique, Associação dos Amigos do Brasil de Manágua, Institutos Lusos-Brasileiros de Coimbra e de Lisboa, Curso de Assuntos Brasileiros da Universidade de Kobe, Instituto Ítalo-Brasileiro de Roma, Centro Cultural Ítalo-Brasileiro de Milão, Colégio Pio-Brasileiro em Roma, Comitê Nacional Brasileiro da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar, [...]

1960	Distribuição da revista "Acrópole" (arquitetura)	Relatório MRE 1960, p. 41			Foram adquiridos 1000 exemplares dos números de luxo, em inglês e francês, sobre a construção de Brasília, para distribuição a personalidades, especialmente arquitetos estrangeiros
1960	Distribuição de outras revistas	Relatório MRE 1960, p. 42			Revistas "Anhembi", "Arquitetura e Engenharia", "Brasília", "Brasil Moderno", "Habitat", dentre outras, foram assinadas pelo setor de Divulgação
1960	Fotografias de Brasília (inauguração)	Relatório MRE 1960, p. 42			No período de inauguração da nova Capital, foram fornecidas às Missões diplomáticas cerca de 3.500 fotografias para distribuição à imprensa.
1960	Exposição de Lasar Segall	Relatório MRE 1960, p. 43	Amsterdan, Holanda		Exposição de Lasar Segall Lasar Segall
1960	Exposição de Arquitetura Moderna Brasileira: Brasília	Relatório MRE 1960, p. 43	Barcelona, Espanha		Exposição de Arquitetura Moderna Brasileira: Brasília
1960	Exposição das obras que fizeram a participação brasileira na XXX Bienal de Veneza	Relatório MRE 1960, p. 43	Belgrado (Iugoslávia, atual Sérvia)		Exposição das obras que fizeram a participação brasileira na XXX Bienal de Veneza
1960	Exposição de Arquitetura Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 43	Bogotá, Colômbia		Exposição de Arquitetura Brasileira
1960	Exposição de Gravuras Brasileiras	Relatório MRE 1960, p. 43	Bogotá, Colômbia		Exposição de Gravuras Brasileiras
1960	Exposição "O Menino e seu mundo"	Relatório MRE 1960, p. 43	Buenos Aires, Argentina	Escolinha de Arte	Exposição "O Menino e seu mundo"
1960	Inauguração do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires	Relatório MRE 1960, p. 43	Buenos Aires, Argentina		Inauguração do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires
1960	I Certame Latino-Americano de Xilogravura	Relatório MRE 1960, p. 43	Buenos Aires, Argentina		I Certame Latino-Americano de Xilogravura
1960	Exposição sobre Brasília	Relatório MRE 1960, p. 43	Cairo, Egito		Exposição sobre Brasília
1960	Exposição de Arquitetura Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 43	Caracas, Venezuela		Exposição de Arquitetura Brasileira
1960	Panorama cultural da revista "Leitura"	Relatório MRE 1960, p. 43	Caracas, Venezuela		Panorama cultural da revista "Leitura" (livros, revistas, gravuras, fotografias etc.)

1960	Exposição de Lasar Segall	Relatório MRE 1960, p. 43	Copenhague, Dinamarca, Dusseldorf e Hamburgo (RFA)		Exposição de Lasar Segall	Lasar Segall
1960	Exposição de gravuras brasileiras	Relatório MRE 1960, p. 43	Jerusalém, Israel		Exposição de gravuras brasileiras	
1960	Exposição de gravuras de Rossini Perez	Relatório MRE 1960, p. 43	La Paz, Bolívia		Exposição de gravuras de Rossini Perez	Rossini Perez
1960	Exposição de gravuras de Ana Letycia	Relatório MRE 1960, p. 43	La Paz, Bolívia		Exposição de gravuras de Ana Letycia	Ana Letycia
1960	Exposição de gravuras de Rossini Perez	Relatório MRE 1960, p. 43	Lima, Peru		Exposição de gravuras de Rossini Perez	Rossini Perez
1960	Exposição de Arte Moderna Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 43	Lisboa, Portugal		Exposição de Arte Moderna Brasileira	
1960	Desenho e Gravura (preto e branco)	Relatório MRE 1960, p. 43	Lugano, Suíça		VI Mostra Internacional de Desenho e Gravura (preto e branco)	
1960	Exposição de Arte Moderna Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 43	Madri, Espanha		Exposição de Arte Moderna Brasileira	
1960	II Bienal Interamericana de Pintura, Escultura e Gravuras	Relatório MRE 1960, p. 44	México		II Bienal Interamericana de Pintura, Escultura e Gravuras: quadros e gravuras, além de duas salas especiais (Di Cavalcanti e O. Goeldi)	Di Cavalcanti, O. Goeldi, dentre outros
1960	Exposição de Iberê Camargo	Relatório MRE 1960, p. 44	Montevideu, Uruguai	Instituto Uruguaio- Brasileiro de Cultura	Exposição de Iberê Camargo (quadros)	Iberê Camargo
1960	Exposição de Lasar Segall	Relatório MRE 1960, p. 44	Oslo, Noruega		Exposição de Lasar Segall	Lasar Segall
1960	Exposição de Arte Infantil	Relatório MRE 1960, p. 44	Otawa, Canadá		Exposição de Arte Infantil	
1960	Exposição de Arte Moderna Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 44	Paris, França		Exposição de Arte Moderna Brasileira	
1960	Exposição de Arquitetura Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 44	Quito, Equador		Exposição de Arquitetura Brasileira	
1960	Panorama cultural da revista "Leitura"	Relatório MRE 1960, p. 44	Quito, Equador		Panorama cultural da revista "Leitura"	
1960	Exposição sobre Brasília	Relatório MRE 1960, p. 44	Santiago, Chile		Exposição sobre Brasília	
1960	Exposição de gravuras brasileiras	Relatório MRE 1960, p. 44	Tel-Aviv, Israel		Exposição de gravuras brasileiras	
1960	Exposição de Arte Moderna Brasileira	Relatório MRE 1960, p. 44	Utrecht, Holanda		Exposição de Arte Moderna Brasileira	
1960	Exposição sobre Brasília	Relatório MRE 1960, p. 44	Viena, Áustria		Exposição sobre Brasília	
1960	Exposição da "Gravura Moderna Brasileira"	Relatório MRE 1960, p. 44	Washington, EUA		Exposição da "Gravura Moderna Brasileira"	

1960	Curso de gravura de Rossini Perez	Relatório MRE 1960, p. 44	La Paz, Bolívia		Curso de gravura de Rossini Perez	Rossini Perez
1960	Curso de gravura de Iberê Camargo	Relatório MRE 1960, p. 44	Montevidéu, Uruguai		Curso de gravura de Iberê Camargo	Iberê Camargo
1960	Doação de quadros à Pinacoteca de La Paz	Relatório MRE 1960, pp. 44-45	La Paz, Bolívia	Senhores Sérgio da Rocha Miranda, Antônio Soares Sampaio e Antônio Sanchez Galdeano	Doação de esculturas, gravuras e pinturas de 24 dos mais representativos artistas brasileiros, que constituíram o acervo permanente da "Sala Brasil" daquela Pinacoteca	
1960	Bienal de São Paulo	Relatório MRE 1960, p. 45	São Paulo, Brasil		Interlocução com Missões Diplomáticas e organizadores da Bienal para realização do evento	
1960	XXX Bienal de Veneza	Relatório MRE 1960, p. 45	Veneza, Itália	Embaixada em Roma	Divisão Cultural vem articulando com a Embaixada os planos para a construção do Pavilhão Permanente do Brasil	
1960	Filme "Arte no Brasil de Hoje"	Relatório MRE 1960, pp. 46-47			Filme "Arte no Brasil de Hoje" foi remetido em francês para Embaixadas em Paris e Roma, em espanhol para Buenos Aires, La Paz, Bogotá e Montevidéu, em inglês para Londres, Washington e consulado em Nova Iorque	
1960	Críticos de arte em seminário internacional sobre o tema	Relatório MRE 1960, p. 51	Varsóvia, Polônia		Críticos de arte Mário Pedroza e Mário Barata foram ao VII Congresso de Críticos de Arte, em Varsóvia	
1960	Aulas de Lúcio Costa em Harvard	Relatório MRE 1960, p. 51	Cambridge, EUA (Harvard)		Aulas de Lúcio Costa em Harvard	Lúcio Costa (arquiteto)
1960	Cerimonial: visita do Presidente Eisenhower, dos EUA, e lançamento da pedra fundamental da nova Embaixada	Relatório MRE 1960, pp. 53-54	Brasília		Visita do Presidente Dwight Eisenhower, dos EUA, em fevereiro. Inaugurou Monumento Comemorativo da sua visita e lançou a pedra fundamental da nova Embaixada em Brasília	
1960	Mudança, Instalação e Funcionamento do MRE em Brasília	Relatório MRE 1960, pp. 213 e seg.				

1959 Congresso Extraordinário da
Associação Internacional dos Críticos de Arte
Relatório MRE 1959, pp. 8,
Brasília

1959 Visita do Chanceler do
Equador e compromisso para
construir nova embaixada
Relatório MRE 1959, p. 26

1959 Divisao das verbas da
Divisao Cultural
Relatório MRE 1959, p. 30

1959 Folhetos sobre Brasilia e
"Brazil Builds Brasilia"
Relatório MRE 1959, pp. 37-38

1959 Assinaturas de revistas para
divulgação no exterior
Relatório MRE 1959, p. 38

Na Declaração Conjunta firmada em 8 de dezembro de 1959, o Chanceler brasileiro e o Chanceler equatoriano concordaram, finalmente, em promover, no mais breve prazo possível, a construção em Brasília e Quito dos edifícios das Embaiadas nos terrenos doados reciprocamente pelos dois Governos

A verba dos Serviços Educativos e Culturais foi dividida em 3 itens, na subconsignacao 1-6-13, a saber: 1- Intercambio Cultural, - Ajuda a estudantes brasileiros no exterior, 3- Servicos de difusao cultural no exterior
Folheto tipo-sanfona em port., ing. e esp. sobre Brasilia e um outro, "Brazil Builds Brasilia", foram impressos no Brasil para farta distribuicao no exterior
A Divisao tomou assinaturas e fez ampla distribuicao, no exterior, das revistas Módulo, Habitat, Brazilian American Survey, Brasil Moderno e Revista brasileira de politica internacional

1959	Aquisição de exemplares de revistas estrangeiras que publicaram numeros especiais sobre o Brasil	Relatório MRE 1959, p. 38		<p>A Divisao patrocinou e adquiriu separatas de revistas estrangeiras que publicaram numeros especiais sobre o Brasil, L'Architecture d'aujourd 'hui, França, Mundo Hipanico, de Madri, Arquitetura Meicana, do Méico, Revita de la Camara de los Exportadores, da Argentina, The statist, de Londres, La vie urbaine e Revue de l'EDREC, da França, Free World Forum, de Washington, edição de maio da Reader's Digest, que contém artigo de John dos Passos sobre Brasilia</p>
1959	Filmes institucionais para envio ao exterior	Relatório MRE 1959, pp. 39-40		<p>Versoes francesa e espanhola de Arte sacra em Ouro Preto, de Ricardo Malheiro; encomendado ao produtor Paul stiller dois filmes, em versao inglesa e alema, sobre o "Desenvolvimento economico do Brasil" e "Arquitetura Brasileira", coloridos; patrocinada e filmagem de um documentario eperimental colorido, em ingles, de Eugene Feldman, sobre Brasilia; foi feita uma versao curta e em ingles do documentario "Brasilia", da P.P.Producoes, filme que deverá servir de base 'a divulgacao cinematografica da nova capital</p>
1959	Quatro exposições itinerantes de arquitetura brasileira; Primeira	Relatório MRE 1959, p. 41	Viena,	<p>Trata-se, originalmente, de Eposicao montada em 1057, para a Interbau de Berlim, e acrescida posteriormente de uma mostra de jardins de Burle Marw, que foi apresentada na suíça e na Italia</p>
1959	Quatro exposições itinerantes de arquitetura brasileira; segunda	Relatório MRE 1959, p. 41	Lisboa, Madri e Barcelona	<p>Exposicao sobre Brasilia, apresentada pela primeira vez no edificio da Unesco em Paris. Paineis fotograficos e maquetes dos Palacios</p>

1959	Quatro exposições itinerantes de arquitetura brasileira; Terceira	Relatório MRE 1959, p. 41	Méico e Cuba		Exposicao de Arquitetura Brasileira, a mais importante de todas em volume (duzentos painéis fotográficos, fotos coloridas, maquetes de Brasília e um modelo de um dos profetas de Aleijadinho). Conjunto divide-se em 4 partes (barroco, arquitetura contemporânea, elementos arquitetônicos e Brasília).	
1959	Quatro exposições itinerantes de arquitetura brasileira; Quarta	Relatório MRE 1959, pp. 41, 45	Japão e Paquistão		De conteúdo semelhante à terceira exposição, porém menor. Apresentada em Tóquio e mais duas cidades japonesas. dali, foi remetida para Karachi, no Paquistão, país que também elaborou um projeto de mudança de sua capital.	
1959	Grande exposição de artes plásticas (60 artistas)	Relatório MRE 1959, p. 42	Munique, Alemanha (Haus der Kunst), Viena (Academia de Belas Artes) e Leverkusen, Alemanha	MAM, RJ	Grande exposição de artes plásticas (60 artistas) - 145 pintura a óleo, 59 gravuras, 12 desenhos e 28 esculturas, de mais de 60 artistas brasileiros	
1959	Retrospectiva de Lasar Segall	Relatório MRE 1959, p. 42	Paris e Bruxelas			
1959	Exposição Iberê Camargo	Relatório MRE 1959, p. 42	Washington (União Pan-Americana)		Exposição Iberê Camargo	Iberê Camargo
1959	Exposição Portinari	Relatório MRE 1959, p. 42	Nova York		Exposição Portinari	Portinari
1959	Bienal de SP	Relatório MRE 1959, p. 42		Museu de Arte Moderna de SP	Itamaraty colaborou na organização da representação estrangeira na V Bienal de SP	
1959	Bienal de SP	Relatório MRE 1959, p. 42	Paris	Museu de Arte Moderna de SP	Itamaraty colaborou na organização da representação brasileira na V Bienal de Paris	
1959	Planos de construção do Pavilhão Brasileiro em Veneza	Relatório MRE 1959, p. 42	Veneza		O arquiteto Henrique Mindlin foi convidado a apresentar planos e projeto de pavilhão brasileiro na Bienal de Veneza.	
1959	Retrospectiva de Alexandre Calder	Relatório MRE 1959, pp. 45-46	Rio (MAM)		Retrospectiva de Alexandre Calder	Alexandre Calder

1959	Visita do Presidente da Indonésia e entrega de terreno	Relatório MRE 1959, p. 48	Presidente Sukarno visitou Rio, BSB e SP. Em Brasília, foi homenageado pelo Presidente da República com um almoço no Alvorada, seguido da cerimonia de entrega do terreno em que construída a futura sede da Missão diplomática da Indonésia
1959	Visita do Príncipe dos Países Baixos e visita ao terreno	Relatório MRE 1959, p. 49	Visita do Príncipe dos Países Baixos ao Brasil. Em Brasília, visitou as obras da nova capital e o terreno da futura Embaixada dos Países Baixos, seguido de almoço com o Presidente no Alvorada, onde plantou uma árvore.

ANEXO 01

DADOS TÉCNICOS DAS OBRAS DE INTEGRAÇÃO ARQUITETÔNICA DO PALÁCIO DO ITAMARATY

Dados retirados de: BRAGA, Andréa da Costa; FALCÃO, Fernando A. R. “Palácio Itamaraty”. Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 1997. p. s/n.

Fonte das figuras: Google Imagens.

Fonte das plantas do edifício: L'Architecture D'aujourd'hui nº.171, 1974. s/p; BOTEY, Josep. Oscar Niemeyer. Barcelona: Gustavo Gili, 1996, p. 141.

PLANTA TÉRREO

PLANTA 1º. PAVIMENTO

Fig. 1: Bruno Giorgi

Fig. 2: Mary Vieira

Fig. 3: Athos Bulcão

Fig. 4: Franz Weissmann

Fig. 5: Athos Bulcão

Fig. 6: Alfredo Volpi

PAISAGISMO DE BURLE MARX

Fig. P1: Espelho d'água externo

Fig. P2: Jardim aquático, Térreo

Fig. 7: Pedro Correia de Araújo

Fig. 8: Roberto Burle Marx

Fig. 9: Sérgio de Camargo

Fig. 10: Rubem Valentim

Fig. 11: Emanuel Araújo

Fig. 12: Maria Martins

Fig. 13: Victor Brecheret

Fig. 14: Alfredo Ceschiatti

PAISAGISMO DE BURLE MARX

Fig. P3: Jardim 2º. pavimento

PLANTA 2º. PAVIMENTO

PLANTA SUBSOLO

Fonte das figuras: Google Imagens. Fonte das plantas do edifício: L'Architecture D'aujourd'hui n°.171, 1974. s/p; BOTEY, Josep. Oscar Niemeyer. Barcelona: Gustavo Gili, 1996, p. 141.

Fig. 1 - Autor: Bruno Giorgi [1905-1993]. Localização: espelho d'água. Descrição: "Meteor": escultura em mármore carrara medindo 4,00m de diâmetro executada em bloco único de mármore que pesa 4 toneladas. Compõe-se de cinco elementos com curvas conjugadas entre si que criam espaços vazios. Ano da obra: 1967

Fig. 2 - Autora: Mary Vieira [1927-2001]. Localização: Térreo. Descrição: Escultura cinética composta por 230 placas de alumínio que se movimentam ao redor de um eixo apoiado em pedestal cilíndrico e criam configurações variadas. A escultura, denominada "Ponto de encontro", é circundada por 3 bancos executados em 18 blocos de mármore maciço. Ano da obra: 1969.

Fig 3 - Autor: Athos Bulcão [1918-2008]. Localização: Térreo. Descrição: Parede com relevos em mármore branco, cuja textura de trapézios verticais que se sucedem de forma ritmada. Ano da obra: 1966.

Fig. 4 - Autor: Franz Weissmann. Localização: Térreo. Descrição: Escultura em metal composta pela combinação de quadrados com círculos vazados internamente que se repetem, lembrando uma coluna infinita e denominada "Transfiguração". Ano da obra: 1957-58.

Fig 5 - Autor: Athos Bulcão [1918-2008]. Localização: Segundo-pavimento. Descrição: Treliza divisória composta por montantes verticais e de madeira intercalados por peças de ferro pintadas em vermelho, branco e preto, estabelecendo uma modulação variada. Ano da obra: 1967

Fig. 6 - Autor: Alfredo Volpi [1886/1988]. Localização: Segundo pavimento. Descrição: Único afresco existente em Brasília, "O Sonho de Dom Bosco", é composto por formas figurativas de arcos e triângulos em preto, branco e vermelho dispersas sobre fundo azul. Mede 3,36m x 4,65m. Ano da obra: 1967

Fig. 7- Autor: Pedro Correia de Araújo [1874-1955]. Localização: Terceiro pavimento – “Sala Dom Pedro I”. Descrição: lustres em bronze, prata e cristal de rocha lapidada, denominado “Revoada dos Pássaros”. É composta por enorme disco com 110 braços, 1500 kg e iluminado por uma única lâmpada de 1000 watts. Ano da obra: 1967

Fig. 8 - Autor: Roberto Burle Marx [1900-1994]. Localização: terceiro pavimento – “Sala Brasília”. Descrição: Tapeçaria em lã denominada Vegetação do Planalto Central. 4,15m por 2,50m. Ano da obra: 1965.

Fig. 10 – Autor: Sérgio de Camargo [1930-1990]. Localização: Auditório, subsolo. Muro Estrutural: relevo, blocos de concreto e tinta vinílica, 4,45 x 26 m. Ano da obra: 1965-1966

Fig. 11 - Autor: Rubem Valentim [1922-1991]. Localização: Subsolo – Foyer do auditório. Descrição: Pannel em madeira recortada e esmaltada de branco, 13,45m de comprimento por 3,30m de altura. Baseado na representação de objetos simbólicos retirados dos cultos afro-brasileiros. Ano da obra: 1965-1966.

Fig. 12 - Autor: Emanuel Araújo [1940-]. Localização: Subsolo – Foyer do Auditório. Descrição: Relevo em madeira pintada de branco, medindo 11,17m de comprimento por 2,70m de altura. Trata-se de uma composição abstrata-geométrica. Ano da obra [1965-1966].

Fig. 13 - Autora: Maria Martins [1894-1973]. Localização: Jardim do segundo pavimento. Descrição: escultura em bronze polido medindo 1,65x2,0048x1,08m, denominada “Canto à Noite”. Ano da obra: 1967.

Fig. 14 - Victor Brecheret [1894-1955]. Localização: Jardim do segundo pavimento. Descrição: Escultura em gesso, medindo 1,30m x 2,75m x 0,65m. A última obra executada pelo escultor. Ano da obra: 1955.

Fig. 15 - Autor: Alfredo Ceschiatti [1918-1989]. Localização: Jardim do segundo pavimento. Descrição: escultura em bronze medindo 2,25m x 1,27m x 0,58m, denominada “As duas Amigas”. Ano da obra: 1968.

A publicação de Braga, citada anteriormente, não contempla o painel de Paulo Werneck, cujo projeto de mural para o Itamaraty data de 1960 segundo catálogo de do artista organizado por Carlos Martins (MARTINS, 2008, p. 93):

“[Paulo Werneck] Palácio do Itamaraty, Brasília, 1960, mosaico vitrificado, arquitetura: Oscar Niemeyer.”

Portanto, uma obra a ser considerada dentro do escopo desta pesquisa. Com as informações obtidas até agora, não foi possível localizar precisamente a obra no Itamaraty. Será feito uma verificação já programada na viagem de pesquisa.

ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES CARTAS DO CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO MASP

1978 – Itamaraty. Caixa 12. Pasta 70, subpasta 4: carta enviada

“24 de janeiro de 1978

Sr. Celso Amorim

Divisão de Difusão Cultural

Itamaraty

Brasília D.F.

Prezado Amigo,

Como telefonei, visto que os artistas aos quais pedi uma gravura não compareceram, escolho na minha coleção 4 gravuras de:

Roberto Magalhães (Rio de Janeiro, 1940-)

Guilherme de Faria (São Paulo, 1942-)

Otávio Araujo (Terra Roxa, SP, 1926-)

Darel Valença Lins (Palmares, PE, 1924-)

A gravura do Zélio foi doada por ele, e peço o favor de agradecê-lo; o endereço é:

Zélio Alves Pinto, rua dr. José Manoel 87-01232 – São Paulo

Cordialmente,

P. M. Bardi,”

1978 – Itamaraty. Caixa 12. Pasta 70, subpasta 4: carta enviada

“31 de janeiro de 1978

Sr. Celso Amorim

Divisão de Difusão Cultural do

Ministério das Relações Exteriores

Palácio do Itamaraty

70.000 – Brasília D.F.,

Prezado Amorim,

Em resposta à seu telegrama com o qual me pede fotos de alguns artistas brasileiros, estou enviando as dos pintores, juntando também 1 foto da Tarsila e 1 do Di Cavalcanti (que não podem ser esquecidos numa enciclopedia).

Para os arquitetos a escolha dos nomes é insignificante. Aqui se desconhecem esses nomes. Pode ser que se trate de elementos cariocas ou de outros estados.

Penso que seria interessante conhecer melhor as intenções da Enciclopedia Italiana, para remeter uma documentação completa dos artistas brasileiros.

Cordialmente,

P.M. Bardi

Diretor.”

1978 – Itamaraty. Caixa 12. Pasta 70, subpasta 4: carta enviada

“14.4.1978 São Paulo

Sr. Eduardo Costa de Farias
Divisão de Difusão Cultural
Do Ministério das Relações Exteriores
Palacio do Itamaraty
Brasília D.F.

Prezado Senhor,

em resposta as solicitações telefônicas e como prometido, estou enviando material divulgativo sobre o Masp, a ser publicado na revista Art Gallery: 3 fotos – xerox de uma introdução a um livro sobre o museu e suplemento do Diário de São Paulo com matéria dedicada ao Museu.

Anexo, enviamos também texto sobre o modernismo e nota sobre Guilherme de Faria.

Estamos a espera de uma comunicação desta Divisão Cultural para começar as práticas necessárias para o envio das 3 esculturas a Bienal de Budapest.

Estamos a disposição e esperamos poder continuar nossa colaboração.

Cordialmente

P.M. Bardi

Diretor”

1978 – Itamaraty. Caixa 12. Pasta 70, subpasta 2: Telegrama enviado

24.01.78 (telegrama)

NNNN

24 2155

ZCZC SPO950/025

SPCR CO SPSX124

SAOPAULOTELEXADODEBRASILIADF 18404 124 24 2135

ILMO SR PIETRO MARIA BARDI

MUSEU DE ARTE MODERNA DE MODERNA DE SÃO PAULO

AV PAULISTA 1578

SAOPAULO

CULTURA FOTOGRAFIAS DE OBRAS

DE ARTISTAS BRASILEIROS

173/TENHO O PRAZER DE INFORMAR VOSSA SENHORIA QUE A EMBAIXADA DO BRASIL EM ROMA RECEBEU PEDIDOS DE MATERIAL FOTOGRÁFICOS DE OBRAS DE DIVERSOS ARTISTAS BRASILEIROS PARA FINS DE ILUSTRAÇÃO DA PRÓXIMA EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA ITALIANA TRECCANI. TENDO EM VISTA A IMPORTÂNCIA DA PUBLICAÇÃO MUITO AGRADECERIA A VOSSA SENHORIA EXAMINAR A POSSIBILIDADE DE REMETER FOTOGRAFIAS DE OBRAS DOS SEGUINTE ARTISTAS: ARQUITETO S. DE SOUZA, M. MAGNOLI, WIT OLAFF PROCHNIK, DAVID LIBESKIND, DOS ESCULTORES SÉRGIO DE CAMARGO ET VITOR BRECHERET DOS PINTORES ABRAÃO PALATINIK ANTONIO BANDEIRA CÍCERO DIAS ET LASAR SEGALL CORDIAIS SAUDAÇÕES

CELSO L. N. AMORIM CHEFE DA DIVISÃO DE DIFUSÃO CULTURAL

1978 – Itamaraty. Caixa 12. Pasta 70, subpasta 4: carta enviada

“Em 15 de julho de 1977.

Ilustríssimo Senhor

Secretário Eduardo Farias

Divisão de Difusão Cultural

Ministério das Relações Exteriores

70.000 Brasília, D.F

Prezado Senhor Secretario:

Por indicação do Conselheiro Romeu Zero, que está de partida para o novo posto em Washington, D. C., vimos solicitar à V.Sa. os seus bons ofícios no sentido de nos informar sobre o que segue:

Em fevereiro do corrente ano encaminhamos um ofício à Sua Excelencia, o Embaixador Francisco de Assis Grieco informando-o sobre a realização – em projeto – de uma exposição de ‘bonsai’, a árvore-anã cultivada tradicionalmente no Japão, a ter lugar no próximo ano de 1978, quando se comemora o 70º aniversário da imigração japonesa para o Brasil. Como até o presente não obtivemos nenhuma resposta, vimos solicitar-lhe a gentileza de nos informar se há alguma possibilidade de se concretizar esta mostra.

Em anexo estamos enviando à V.Sa. uma cópia xerox do ofício acima referido para sua melhor informação a respeito. Outrossim, estamos também enviando à V.Sa. uma cópia da carta que enviamos ao sr. Tomiji Ono, tratando do mesmo tema, o qual é encarregado do Depto. De Projetos Especiais do jornal ‘The Mainichi Newspaper’ de Toquio. O jornal é a entidade que se encarregará de organizar e enviar esta mostra ao Brasil, sem ônus para o Museu.

Agradecendo as suas atenções, aproveitamos a oportunidade para apresentar à V.Sa. os nossos protestos de estima e consideração.

Cordialmente,

P.M.Bardi

Diretor”

1973 – Exposição Image du Brésil – A. Caixa 8. Pasta 47

“São Paulo, 20 maio 1973
MASP – 177.73

Ilmo. Sr.
Dr. Renato Soeiro
Ministério da Educação e Cultura
Rua da Imprensa, 16 5º andar
Rio de Janeiro – GB

Caro Soeiro,

O Brasil vai apresentar em outubro uma exposição da História da Cultura e Arte Brasileira, que acompanhará a Exposição Brasil Export. '73 em Bruxelas.

O Ministro Pratini de Moraes e o Comissário da Brasil Export. '73, Cel. Walter Faustini, me encarregaram de organizar esta manifestação que se realizará num ambiente idôneo do (no?) centro da capital belga.

Em anexo, estou lhe enviando o projeto da Exposição, sobre o qual gostaria de saber seu parecer e possivelmente o do Ministro Jarbas G. Passarinho, pois trata-se de um assunto que interesse de perto à cultura brasileira.

De outro lado, é indispensável a colaboração do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pois penso ser necessário inserir nesta mostra algumas dobras de arte pertencentes a museus nacionais, além daqueles de grandes coleções particulares já obtidas.

Peço-lhe portanto, caro Soeiro, de me dizer como lhe parecem as minhas idéias e pedidos.

Saudações,

P. M. Bardi, diretor”

“9 de julho, 1974

Ilmo Sr.
Piero Toldi
Mercedes-Bens do Brasil
Promoção de Vendas
A/C. Rua da Consolação, 65 – 4º. Andar

Prezado Senhor Piero,

Vimos pelo presente, agradecer o empréstimo do filme ‘Caravana a Transamazonia’ cedido gentilmente pela Mercedes-Bens do Brasil e que foi utilizado durante projeções na exposição ‘Image du Brésil’, em Bruxelas, organizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo durante o mes de novembro de 1973.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

P.M. Bardi
Diretor

PMB/if”

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“Juin 10, 1974

M. Jean Adhémar
Rédacteur en chef
Gazette des Beaux Arts
140, Faubourg Sain Honoré
75008 – Paris

Cher Monsieur,

Merci pour votre lettre du 4 juin.

Je vais vous envoyer deux copiès de la brochure ‘Image du Brésil’. Si par hasard vous êtes interresse à avoir quelques fotos des illustrations, je pourrais vous le envoyer.

Tous mês compliments pour la ‘Gazette’, dont je suis um ancien lecteur.

Mês amitiés.

P;M. Bardi
Directeur

PMB/if”

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“19 março, 1974

Ilmo. Sr.
Dr. Renato Soeiro
Diretor do Departamento de
Assuntos Culturais do Ministério
Da Educação e Cultura.
Rua da Imprensa nº 16 / 5º andar.
Rio de Janeiro, GB

Caro Soeiro,

Comunico por intermédio desta que com a entrega das duas peças ao Museu da Inconfidência (Aleijadinho e Athaíde), feitas no sábado dia 16 do corrente, por mim pessoalmente ao diretor do referido Museu, tôdas as obras confinadas para a exposição ‘Imagem do Brasil’ em Bruxelas foram devolvidas regularmente.

Aproveito para lhe agradecer também em nome do Coronel Faustini o companheiro da Export 73.

Agradecendo pela atenção e compreensão, coloco-me a inteira disposição de V.Sa.
Cordialmente,

P. M. Bardi
diretor.”

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“novembro 19, 1973

Ilmo. Sr.
João Marino
Av. Lopez Azevedo, 265
São Paulo

Caro Marino,

As peças que o Senhor importou para formar a ‘Imagem do Brasil’ foram o ponto alto da exposição que, apesar das contestações políticas, demonstram a história e a cultura de um país indo para frente.

Mais uma vez agradeço-lhe pela sua importante colaboração.

abraço”

[carta sem assinatura ou papel timbrado]

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“novembro 5, 1973

Ilmo. Sr.
Arquiteto Luis saia
Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico Nacional
Rua Baronesa de Itú
São Paulo – Capital

Prezado Senhor,

Com a presente vimos esclarecer a V.Sa. a posição deste Museu com referência à Feira Brasileira de Exportação – Brasil Export '73 – que se realiza neste mês em Bruxelas, Bélgica, patrocinada pelo Governo Brasileiro através de seu Ministério da Indústria e do Comércio.

O Museu de Arte de São Paulo 'Assis Chateaubriand' recebeu o honroso convite de sua Excelência o Ministro Marcus Vinicius Prattini de Moraes através do Coronel Walter José Faustini, diretor executivo da Feira Brasileira de Exportação, para organizar, paralelamente à manifestação da Indústria Brasileira, - e como seu complemento – uma exposição para mostrar ao público europeu, geralmente desinformado das coisas do Brasil, do que se fez e do que se faz em nosso país no campo da arte e da cultura.

A este Museu coube pura e simplesmente elaborar e executar o projeto que recebeu o título 'Imagem do Brasil' narrando os cinco séculos de nossa evolução no campo específico da arte e da cultura.

Para tanto contamos com a colaboração do Ministério da Educação e Cultura através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do qual V.Sa. é digno e competente delegado em nosso Estado.

Com referência aos documentos da CACEX (Licença de Exportação e Importação) do material que compõe a exposição não coube a este Museu mas à firma EUDMARCO – Comissão de Despachos S/A. especializada no ramo, contratada pelo Ministério da Indústria e do Comércio, para cuidar desse setor.

Todas as nossas iniciativas com relação a exposição deste Museu no exterior, que visam tão somente a divulgar o nome do Brasil no estrangeiro, são sempre realizadas dentro das normas e regulamentos estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Agradecendo a atenção de V.Sa. e certo de sua compreensão relativa a questão exposta, subscrevemo-nos.

Cordialmente,
Edmundo Monteiro
Diretor Vice-Presidente”

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“outubro 13, 1973

Prezado amigo,

O Museu de Arte também em nome de Sua Excelência o Ministro Marcus Vinicius Pratini de Moraes, da Indústria e Comércio, e do Cel. Walter José Faustini, Comissário da Brasil Export '73, vem com a presente agradecer a V.Sa. pelo empréstimo de obras de sua propriedade, colaborando assim para o sucesso da Exposição 'Imagem do Brasil' a ser inaugurada em Bruxelas.

As obras que V.Sa. nos confiou foram cuidadosamente manipuladas e embaladas por técnicos especializados do nosso Museu, os quais também cuidarão da reembalagem e do retorno das mesmas.

Agradecendo mais uma vez a gentileza e atenção de V.Sa. aproveitamos o ensejo para reiterar os protestos de elevada estima e consideração.

Cordialmente,

P. M. Bardi, diretor”

[verso]

“Esta carta foi enviada para:

Franco Terranova – Rua Barão da Torre 220 Rio
Dr. Eduardo Alvim Correa – Rua Monte Alegre 293 Santa Tereza Rio
Lula Cardoso Ayres – Av. Boa Viagem 5092 Recife
Amim Brunetti Atta e Jaime Pereira Largo do Machado 11/1203
Pedro Luiz de Toledo Piza Rua João brícola 39 3º SP
Francisco Carlos Cuoco Rua Padre João Manoel 1163 ap. 101
Rossini Perez Rua Prof. Gastão Bahiana 58 ap. 402 Rio
Renzo Pagliari Rua Suécia 212 SP
Paulo R. Vasconcellos Rua Joaquim Nabuco 998
Hércules Barsotti Rua Haddock Lobo 1672
Willys de Castro “ “
René Sansson Rua Benjamin Constant 1660
Crisaldo Moraes e Paulo Wladimir Rua Cons. Nébias 1245 ap. 201 SP
Décio D. Ambrósio Rua Oliveira Mello 385 casa 4
Dr. Renato Magalhães Gouveia Viaduto 9 de Julho 164 sala 76 7º
Indústrias Villares Auto Estrada de Interlagos 4455
Arcanjo Ianelli Rua Correia Dias 538
Eng. João Marino Av. Lopes Azevedo 265
Alícia Guglieno Rossi – Rua Fernão Cardim 377*

John Graz Rua Joaquim Antunes 489"

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

"dezembro 20, 1973

Ilustríssimo Senhor
Dr. Erick de Carvalho
DD. Presidente da Varig
Aeroporto Santos Dumont
Rio de Janeiro – GB

Senhor Presidente

As magníficas relações de amizade que unem, há longo tempo, a empresa sob sua presidência e este Museu, obrigam-me a levar ao seu conhecimento fatos que ocorreram nesses dias envolvendo o conceituado nome da VARIG:

1. No dia 15 de dezembro p.passado, chegou ao aeroporto de Viracopos, Campinas, uma aeronave da Varig, vôo RG 571 procedente de Frankfurt sobre o Meno, trazendo os volumes com material de arte que compôs a exposição 'Imagem do Brasil' da Brasil Export '73, realizada em Bruxelas, sob o patrocínio do Governo Brasileiro através do Ministério da Indústria e do Comércio e organizada pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand;
2. Por se tratar de peças valiosíssimas e insubstituíveis, pertencentes não somente a este Museu como também dos principais museus brasileiros e colecionadores particulares que emprestaram obras de seus respectivos acervos para prestigiar essa iniciativa de nosso Governo, fui pessoalmente a Viracopos a fim de dar toda a assistência ao pessoal da VARIG no manuseio dos volumes que seriam descarregados;
3. Os museus que cooperaram, além dos colecionadores particulares, foram: Museu de Arte sacra do Governo do Estado de São Paulo, Pinacoteca do Estado, Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, Fundação Raymundo O. de castro Maya, Rio; Museu Nacional de Belas Artes, Rio; Museu da Inconfidência, Ouro Preto, MG. etc.
4. Em Viracopos fui atendido pelo pessoal da VARIG da maneira mais cordial e gentil possível, uma característica dessa empresa. O funcionário que me atendeu, cujo nome não me ocorre no momento, garantiu-me que todas as caixas seriam transportadas para São Paulo em caminhão da própria empresa, fechado e selado para a inspeção alfandegária no recinto deste Museu conforme solicitação à Inspetoria da Receita Federal em Congonhas;
5. Na segunda-feira, dia 17, fui ao Aeroporto de Congonhas a fim de verificar em que local estaria estacionado o caminhão da VARIG contendo as obras de arte. Devo-lhe informar que não existia o referido caminhão. Procurei por toda a área e, para meu espanto e preocupação, encontrei todas as caixas amontoadas ao relento,

sujeito às chuvas e sol intenso, o que tem ocorrido nesses dias de dezembro em São Paulo;

6. Se o funcionário da VARIG em Viracopos tivesse me informado que não poderia garantir que os volumes permaneceriam fechados no caminhão eu teria tomado as providências para proteger as obras de arte contra intempérie. Realmente foi um caso de puro desinteresse para o assunto, o que é profundamente lamentável pois colocou em risco a perda de um patrimônio cultural da Nação sem possibilidade alguma de substituição;
7. Para completar o descaso: não havia nenhum funcionário da VARIG que pudesse auxiliar na remoção daqueles volumes para local mais protegido. Tive que me improvisar de carregador, com um assistente do Museu e dois trabalhadores que lá se encontravam, e transferimos as caixas para local protegido de chuva;
8. Não sei qual o relacionamento existente entre a Comissária de Despachos Eudmarco S/A e a VARIG, pois aquela companhia demonstrou a mais completa irresponsabilidade com referência ao cuidado para com os volumes e respectivo desembarço alfandegário. A EUDMARCO S. A., firma contratada para cuidar da exportação e importação de todo o Material da Brasil Export '73, foi alertada em tempo e devidamente sobre a importância do material que a VARIG estava trazendo de retorno de Bruxelas para este Museu.
9. Certos da providencia de Vossa Senhoria junto aos funcionários que não souberam se comportar à altura de suas respectivas responsabilidades, e também no cuidado para com a imagem da VARIG, pois foi a empresa escolhida pelo Governo Brasileiro para transportar o material da Brasil Export '73, aproveitamos o ensejo para reiterar os nossos sentimentos de elevada estima e consideração.

P. M. Bardi
diretor"

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“outubro 8, 1973

Ilmo. Sr.
Rudá de Andrade
Museu da Imagem e do Som
São Paulo – Capital

Prezado Rudá,

Em anexo, estou enviando-lhe os negativos de Oswald de Andrade que já utilizamos.
Agradeço a sua atenção.

Cordialmente,
P. M. Bardi”

1973 – Exposição Image du Brésil – B. Caixa 8. Pasta 47

“São Paulo, 25 de junho de 1973

Ilmo. Sr.
Sergio marques de Sousa
Avenida Rio Branco, 103
Rio de Janeiro – GB

Prezado senhor,

Cabe-me informa-lo que fui incumbido, pelo ministro Pratini de Moraes, da Indústria e Comércio, e pelo Comissário Geral Walter José Faustini, de organizar em Bruxelas, concomitantemente à Brasil Export '73, uma exposição dedicada à História, Cultura e Arte Brasileira, que proporcionará no exterior o panorama moral da nação.

Essa exposição conta já com a contribuição de museus nacionais, estaduais, municipais e privados, entidades culturais, industriais e comerciais e de colecionadores particulares, sendo todas as peças cedidas devidamente seguradas, com apólices 'all risk'.

A mostra será distribuída numa área de 3.000 m², num edifício totalmente independente ao Palais du Centenaire, onde se realizará a Brasil Export '73, o Manhattan Center, recentemente construído na capital belga.

As suas instalações contam com salas de exposições equipadas com tôdas as facilidades técnicas contemporâneas, incluindo também um cinema para projeções de películas audiovisuais.

Outro atrativo da manifestação será a abertura, no próprio recinto, de um departamento de vender de objetos e publicações de arte no Brasil, tais como gravuras, múltiplos, jóias, livros, reproduções, discos, cassetes, etc.

Na mostra, naturalmente será apresentada uma síntese da arquitetura e engenharia brasileiras.

Nesta seção gostaria de apresentar a maquete de uma ponte pelo Senhor projetada. Gostaria que seu escritório selecionasse uma ponte, preparasse os desenhos necessários e me enviasse todo o material, pois a maquete será executada aqui em São Paulo às nossas despesas.

A maquete será em acrílico, para dar senso de unidade às demais apresentadas (cinco ou seis ao todo).

Tenho certa urgência à respeito desse material, pois a maquete deverá começar a ser executada imediatamente.

Certo de contar com sua sempre cordial colaboração, agradeço antecipadamente, enviando os meus votos de estima e consideração.

Atenciosamente,
P. M. Bardi”

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 10 – Texto

Expo. Brasília, 1973

Texto traduzido

(anotações acima a lápis)

“A exposição que o Museu de Arte Moderna de São Paulo Assis Chateaubriand apresenta em Brasília, na sede do Ministério das Relações Exteriores tem para nós um significado de relevo, pois consagra os esforços e as atuações em campo nacional e internacional que vimos desenvolvendo há vinte e seis anos ininterruptamente.

Fundado em 1947 pelo jornalista Assis Chateaubriand, mantido e promovido pelos ‘Diários Associados’, nosso empreendimento será inscrito nos anais museográficos como um centro de ação cultural caracterizado por uma dinâmica que supera e transforma o sistema corrente de museu.

A sua sede foi, por dois decênios, a dos ‘Diários Associados’ e desde 1968 está instalado no grande edifício projetado pelo Arquiteto Lina Bardi e inaugurado por sua Alteza Real, a Rainha Elizabeth II da Inglaterra durante a sua visita ao Brasil.

O plano traçado pelo seu inesquecível iniciar, em cuja memória hoje o Museu leva seu nome, representou um ato de audácia: o acreditar nas afirmações da Nação, como de resto testemunham todos os seus empreendimentos patrióticos, desde a campanha da aviação até à da puericultura.

Vencendo a incredulidade do ambiente, polemizando, procurando adesões e meios com energia que lhe era peculiar, o Senador Assis Chateaubriand conseguiu, em breve tempo, valendo-se do conselho e da direção do professor P. M. Bardi, formar a mais importante coleção de arte ocidental do após guerra.

Poucos anos depois uma parte dessa coleção era apresentada, suscitando surpresa e admiração, na l’Orangerie do Louvre em Paris; Tate Gallery de Londres, Inglaterra; Palais de Beaux-Arts de Bruxelas, Bélgica; Centraal Museum de Utrecht, Holanda; Kunsthauss de Dusseldorf, Alemanha; Kunstmuseum de Berna, Suíça; Palazzo Reale de Milão, Itália; Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque e Art Museum de Toledo nos Estados Unidos.

Graças à determinação e à clarevidência de Chateaubriand o Brasil esteve sempre presente, e ainda hoje continua, através de notáveis manifestações e de um constante intercâmbio com outros países, a marcar presença na vida artística internacional. As Embaixadas credenciadas em Brasília e os institutos culturais estrangeiros sediados em São Paulo e no Rio de Janeiro mantêm com o Museu as mais estreitas relações no campo do intercâmbio cultural, sempre procurando promover os seus mais importantes eventos em conjunto com esta entidade.

Recentemente realizamos exposições, festivais de cinema, concertos, cursos e congressos em colaboração com entidades dos Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Portugal, Hungria, Romenia, Tchecoslováquia, Polónia, Argentina, Uruguai, Paraguai e Japão.

Contemporaneamente à mostra de Brasília o Museu, colaborando com o Governo Brasileiro, está apresentando a exposição que organizou – ‘Imagem do Brasil’ – para o Ministério da Indústria e Comércio em Bruxelas na Brasil Export 73’. Trata-se de um amplo panorama da nossa história, cultura e arte e que se apresenta como apoio e complemento da nossa exposição comercial e industrial.

Este ano o intercambio internacional teve seu ponto alto na exposição de 45 obras de sua coleção em cinco cidades do Japão, a convite da empresa 'Matsuzakaya' e do grande jornal 'Mainichi Shimbun', e com o apoio do Governo Brasileiro através do Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Educação e Cultura e do Governo do Estado de São Paulo.

Os anfitriões japoneses, 'Matsuzakaya' e 'Mainichi Shimbun', através de seus respectivos presidentes, Senhores Suzusaburo Ito e Mitsuharu Yamamoto, deram amplo e total apoio à divulgação da ação do Brasil no campo da arte e da cultura através deste empreendimento que foi, sem dúvida, a nossa maior façanha no exterior: um total de 510.000 visitantes devidamente registrados prestigiaram as exposições realizadas e mais de 150.000 exemplares do catálogo, em sucessivas tiragens, foram vendidos.

A exposição que agora é apresentada no Itamaraty conta com as mesmas obras que visitaram o Japão porém enriquecida com uma rara pela, de um colecionador particular que concordou em cedê-la para esse evento: um retrato de 'Don Sebastian de Orleans e Bragança', um membro ligado à família Brasileira e único brasileiro retratado pelo genial artista espanhol Goya. 'Don Sebastian de Bourbon e Bragança', nascido no Rio de Janeiro, foi Infante de Espanha.

A presença da coleção de arte do Brasil despertou no Japão enorme interesse e a sua inauguração foi prestigiada pelo Príncipe e Princesa Takamatsu, irmão do Imperador do Japão.

Durante a temporada em terras japonesas a exposição recebeu visitas dos Príncipes Herdeiros Akihito e Princesa Mitiko, do Primeiro Ministro Kakuei Tanaka além do pessoal do corpo diplomático estrangeiro sediado em Tóquio.

A exposição que agora se realiza em Brasília é a primeira após o retorno das obras e marcará, temos certeza, a intensificação das atividades culturais na capital do país e sua repercussão, em todo o território nacional, beneficiará o desenvolvimento de um amplo trabalho no campo da cultura e da arte em todo o solo brasileiro.

Aos amigos japoneses que promoveram a ida da nossa coleção ao Japão, fortalecendo através da arte e da cultura, os laços de amizade que unem nossos países, os nossos agradecimentos pelo carinho, pelo interesse e pela vontade de conhecer o trabalho que se desenvolve no Brasil no campo da arte, trabalho também que o Museu vem desenvolvendo há um quarto de século tendo como interesse supremo os interesses culturais da Nação Brasileira.

Edmundo Monteiro
Diretor Vice-Presidente do
Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand"

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 1 – Projeto

“Propoe-se a criação do ~~Museu~~ Centro das Artes de Brasília – MCAB – sob o patrocínio do Ministério das relações Exteriores. Visa o Itamaratí com esta iniciativa assegurar o processo de humanização da Capital do DF um elemento básico e propulsor, garantido à entidade facilidades, perspectivas e possibilidades que os órgãos do Ministerio podem conseguir na área internacional.

~~O edifício~~ A construção do ~~Museu~~ Centro surgirá no Eixo Monumental, no setor reservado às atividades culturais. Definido o total da área necessária, o projeto deverá prever a possibilidade de um desenvolvimento progressivo determinado peloas exigências do programa que se propõe executar e desenvolver

[anotação a mão] *O edificio deverá obedecer a um critério inovador no campo da comunicação, conservação e elaboração dos problemas e (?) pertinentes ao programa, tendo em molde marcadamente modernos e tais de afirmar a vivência e a originalidade de um conceito brasileiro em quanto à cultura em geral e as artes em particular.*

[circulado e marcado com um X o parágrafo inteiro] Na primeira fase do ~~MCAB~~ limitar-se-á a constituir um núcleo ~~museológico~~ e arquitetônico, destinado a ser ampliado, mas desde o começo funcional.

O Itamaratí designará um alto funcionário de seus quadros ao qual caberá a responsabilidade de orientar e acompanhar o trabalho de organização em base ao programa e cronograma fixado. Ao mesmo tempo em que as obras de construção procederem, deverá ser focalizado o plano de atividades, serem estabelecidas as bases para a constituição do cerço e travados contatos internos e externos para a divulgação, promoção e afirmação da iniciativa.

O Itamaratí constituirá uma comissão que reunirá, ao redor do seu Representante e dos colaboradores por estes escolhidos, Representantes do MEC e da Fundação Nacional (e da prefeitura do DF ?)

Funcionários e colaboradores técnicos, remunerados ou não, são de escolha do Ministério das Relações Exteriores.

Os recursos destinados ao ~~Museu~~ Centro serão provenientes de fundos e verbas governamentais, auxílios e doações públicas ou de particulares, assim como operações que, a critério da Comissão aparecem oportunas.

As obras doadas ao acervo do Museu serão guardadas e/ou expostas a critérios da Diretoria Artística do Museu, que poderá incorporá-la definitivamente ao patrimônio da entidade cinco anos depois de te-las recebidas de livres de qualquer vinculo ou condição: com excepção das que passarem a integrar dito acervo em virtude de permuta, doação em caráter oficial ou aquisição, conforme resultar de ata de tombamento.

O Itamaratí dará estrutura definitiva ao Museu à conclusão da fase inicial do programa.

[anotado à mão ao final do texto] *Infelizmente a palavra Museu perdeu seu significado e se identifica com museu de pintura. Escolheria nomes mais próprios à iniciativa, como: Centro de Artes de Brasília CAB; Laboratório das Artes de Brasília LAB*

Sugestões várias para aceleração do programa

- sugerir disposições que facilitem a doação em vida ou post mortem de coleções de obras de arte ou museológicas (inspiradas às leis e normas vigentes em muitos países que permitem acertos de natureza fiscal nestes casos, isenções etc.)

- ação junto aos competentes departamentos dos governos estrangeiros para que doem, ao mais jovem Museu da mais jovem capital, uma expressiva obra a lembrança da instalação das representações diplomáticas em Brasília e a significar o início de um intercâmbio.

Análoga ação junto a determinados artistas particularmente ligados ao Brasil (que visitaram o B., que participaram de concursos ou manifestações aqui, que ganharam na Bienal de São Paulo etc.)

Análoga ação junto aos Museus Brasileiros e aos artistas nacionais de maior destaque, para facilitar a formação de um acervo nacional.

Doação do Itamaraty de obras de arte oriundas de fundos ou prêmios de aquisição, doações etc., como exemplo de uma campanha de âmbito nacional.

- constituição, através de doações, de grupos de materiais destinados a eventuais permutas com entidades estrangeiras que os requeiram como condição (Estados, particulares, colecionadores, entidades etc.)

- Através das Representações diplomáticas, remessa de livros e periódicos de arte de cada país para a biblioteca do MAB.

- Estudo junto à Unesco para um efetivo apoio na formação e atividade do Museu.

- Ação junto às principais firmas nacionais interessadas ao mercado internacional, para que participem exemplarmente da campanha pro-MAB.

- iniciativas destinadas a atrair os habitantes do DF ao Museu que nasce a fim de que a integração deles à vida da entidade proceda natural e facilmente.

- Campanhas de imprensa, rádio, tv.”

Observações: não há assinatura no documento. Junto aos textos há uma proposta de fases do programa do projeto.

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 1 – Projeto

“1ª redação [anotado à mão]

- 1.- Considerando que a capital carece de uma instituição que espelhe a realidade e as possibilidades brasileiras no campo das artes, e ao mesmo tempo as irradie internacionalmente, propõe-se-lha criá-la.
- 2.- A denominação poderia ser Centro das Artes de Brasília, contemplando-se as atividades das artes como uma unidade, fora dos esquemas que as seccionam em partes isoladas, abrindo-as a um processo de comunicação, ensino, conservação e documentação interligados, como sugerem os resultados obtidos pelo Museu de Arte nos seus vinte e cinco anos de atividade.
- 3.- Indica-se a realização do CAB no Eixo Monumental, reservado às atividades culturais, com forma e espírito marcadamente atuais, tais de afirmar a vivência e a originalidade de uma inventiva nacional que supere as maneiras geralmente imitadas das tradicionais sempre estrangeiras, atuando com intenções e práticas inovadoras, e ambicionando propor um protótipo de instituição a ser imitado.
- 4.- Determinados e aprovados a estrutura estatutária e administrativa, e o programa técnico do empreendimento, dever-se-ia ater-se à elaboração do projeto arquitetônico, previsto a ser realizado por etapas construtivas, sendo os núcleos aproveitados e postos em função um por vez assim que ultimados.
- 5.- O projeto deve refletir as mais avançadas conquistas no setor de novos materiais e da montagem de elementos pré-fabricados, criando na própria arquitetura um propósito de atualidade, e a afirmação da capacidade da indústria nacional, também por quanto se refere ao equipamento maquinário.
- 6.- O Centro será pensado como um laboratório de pesquisas e de comunicação dos problemas históricos e vivos das artes, nas interferências nos campos por elas hoje abrangidos.
- 7.- O Centro será organizado com idéias e métodos didaticamente inovadores, também na constituição e conservação dos materiais museográficos e na comunicação baseada nos aparelhamentos tele-eletrônicos.
- 8.- À criação do Centro devem participar, além dos órgãos competentes do Govêrno, a classe empresarial e os particulares através de doações, encorajados por um sistema a ser estudado de facilidades fiscais, para concentrar na instituição a promoção de um espírito público nacional.”

Observações: não há assinatura no documento. Junto aos textos há uma proposta de fases do programa do projeto.

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 14 – Cartas enviadas

“Em 22 de março de 1973
MASP 142.73

À
Marilena Chiarelli
Caixa Postal, 07-0813
QI 3/3 Casa 22 SHI SUL
BRASILIA D.F.

Prezada Marilena Chiarelli:

Conforme o Luiz já deve ter-lhe informado, o nosso Museu pretende neste ano, a partir do segundo semestre, por em prática a realização de manifestações culturais aqui programadas, em cidades tanto no interior de São Paulo como nas capitais do estado.

Evidentemente Brasília não poderia ficar de fora.

Vimos consultar-lhe se lhe interessaria ficar como nosso representante em Brasília. Numa primeira fase, como experiência para, mais tarde, conforme os resultados de nossos trabalhos, como efetiva e com remuneração.

Para iniciarmos com chave de ouro pretendemos organizar em Brasília a apresentação das 45 obras que se encontram em exposição no Japão.

O local precisa ser escolhido com muito cuidado. Dizem que o Itamaraty possui um excelente local.

Sugermis entrar em contato com os Ministérios da Educação e Cultura, das Relações Exteriores e também com os do Transporte pois serão esses Ministérios com os quais poderemos iniciar os nossos trabalhos.

Como não pretendemos ficar somente nesta apresentação, creio que seria muito bom iniciarmos um trabalho de pesquisa junto à população de Brasília, especialmente de estudantes.

Seguimos para o Japão amanhã, dia 23, e à nossa volta retomaremos o assunto. Você poderia ir, desde já, tomando as seguintes providências:

- a) Verificar quais locais onde se realizam exposições
- b) Quais os auditórios para conferências e audições de música
- c) Salas de teatro e de cinema equipamento existente

Pense também num questionário para mandarmos imprimir aqui e enviar a você para recolher as informações.

No Ministério das Relações Exteriores você poderá procurar o Secretário Rubens Ricupero, Chefe da Divisão de Difusão Cultural, com o qual o Luiz já tocou sobre a apresentação da coleção do Museu à volta do Japão.

Em anexo uma credencial para que lhe atendam nos seus pedidos de informações.

Até a volta e aguardamos sua resposta.

Cordialmente,
P.M. Bardi
Diretor”

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 14 – Cartas enviadas

“Em 2 de maio de 1973
MASP 169.73

À
Marilena Chiarelli
Caixa Postal, 07-0813
QI 3/3 Casa 22 SHI SUL
BRASILIA D.F.

Cara Marilena,

Recebi sua carta (23/4) e agradeço-lhe muito pelo seu interesse e atenção para com o nosso Museu.

Como você sabe, o Luíz encontra-se no Japão e é ele que sabe todos os detalhes da idéia de levar a Exposição de parte do acervo do Museu, que atualmente encontra-se em Osaka, para Brasília.

Penso, que levar esta exposição para Brasília seria muito complicado, pois se trata de um seguro tão vultoso que calculo que nenhuma instituição possa arcar aqui no Brasil.

De qualquer jeito as obras chegarão em julho aqui em São Paulo conforme contrato e o seguro, aí então será possível tomar uma decisão, aguarde notícias.

Abraço,
P.M. Bardi”

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 14 – Cartas enviadas

“julho 31, 1973

Ilmo. Sr.
Yasuyuki Suzuki
DD. Consul do Japão
Av. Brig. Luiz Antonio 277 9º
São Paulo – Capital

Senhor Consul,

O Museu de Arte de São Paulo ‘Assis Chateaubriand’ receberá a visita dos representantes da organização Matsuzakaya e do jornal ‘Mainichi Shimbun’, organizadores da Exposição das 45 obras do Museu no Japão, apresentadas, com extraordinário sucesso, em Tóquio, Nagoya, Osaka, Shizuoka, e Kita-Kyushu.

O Museu oferecerá aos hóspedes um almoço no Nacional Club, dia 6 de agosto próximo, às 13 horas, ocasião na qual os amigos japoneses entregarão ao Museu uma importante doação.

Gostaríamos de contar com a prestigiosa presença de Vossa Senhoria para esse encontro de confraternização e de cultura entre o Brasil e o Japão.

Aproveitamos o ensejo para reiterar os nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

P.M. Bardi, diretor”

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 14 – Cartas enviadas

Agosto 28, 1973

Exma. Sra.
Corina Leitão
Casa Civil da Presidência da República
Brasília – DF

Prezada Senhora,

Temos o grato prazer de informar à Vossa Senhoria através do portador desta, Sr. Luiz Sadaki Hossaka, administrador do Museu, que de acordo com a determinação do Sr. Edmundo Monteiro, o Museu de Arte de São Paulo 'Assis Chateaubriand' está tomando as providências necessárias para organizar a projetada exposição de parte do acervo em Brasília, em cooperação com o Governo Federal.

O Sr. Edmundo Monteiro encontra-se atualmente em viagem a Europa e tão logo retorne vamos decidir, com sua presença, todos os problemas de ordem técnica relativos à exposição a qual, estamos muito satisfeitos em podermos apresentar na capital do País.

O interesse do Governo Federal e o acervo do nosso Museu demonstra o cuidado que as nossas autoridades dedicam aos problemas de arte e de cultura e a sua repercussão, em todo o território nacional dinamizará, temos certeza, as atividades em todas as unidades da Federação.

Agradecendo as suas atenções aproveitamos o ensejo para reiterar os nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Cordialmente,

P.M. Bradi, diretor"

1973 – Masp em Brasília. Caixa 10. Pasta 54. Subpasta 14 – Cartas enviadas

Em 30 de outubro de 1973.

Senhor Governador:

Vimos a presença de Vossa Excelência a fim de expor e solicitar o que se segue: o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand recebeu o honroso convite do Governo Federal, através do Palácio do Planalto, para apresentar em Brasília, a partir do dia 19 de novembro p. futuro, a exposição das 45 obras de sua coleção recentemente expostas nas principais cidades do Japão.

A presença deste Museu no Distrito Federal virá contribuir para potencializar os movimentos de arte e cultura não só da Capital do País como em todo o território nacional devido à repercussão do acontecimento.

Este Museu, ao longo de seus vinte e seis anos de atividades ininterruptas, vem realizando um trabalho pioneiro na divulgação dos assuntos e problemas de arte não só no Estado de São Paulo, sua sede, como em diversas unidades da Federação e também no Exterior onde tem divulgado o que o povo brasileiro vem fazendo nesse campo tão especializado do saber humano.

Em virtude de ser esta entidade uma instituição cultural sem fins lucrativos, todas as suas atividades somente são possíveis graças à contribuição de particulares, por meio de doações, e do Poder Público através de subvenções, como é o caso do Governo de Vossa Excelência que muito tem feito para a continuidade de nossa tarefa.

Para que possamos levar essas obras de arte à Brasília, em atenção ao Governo Federal, necessitamos efetuar um seguro contra fogo sobre as mesmas e, nessas condições, vimos consultar Vossa Excelência sobre a possibilidade de o Governo do Estado de São Paulo contribuir com este Museu responsabilizando-se em efetuar o referido seguro.

Agradecendo as atenções de Vossa Excelência, subscrevemo-nos

Cordialmente,
Edmundo Monteiro
Diretor Vice-Presidente

A
Sua Excelência
Dr. Laudo Natel
DD. Governador do Estado de São Paulo
Palacio dos Bandeirantes
Capital”